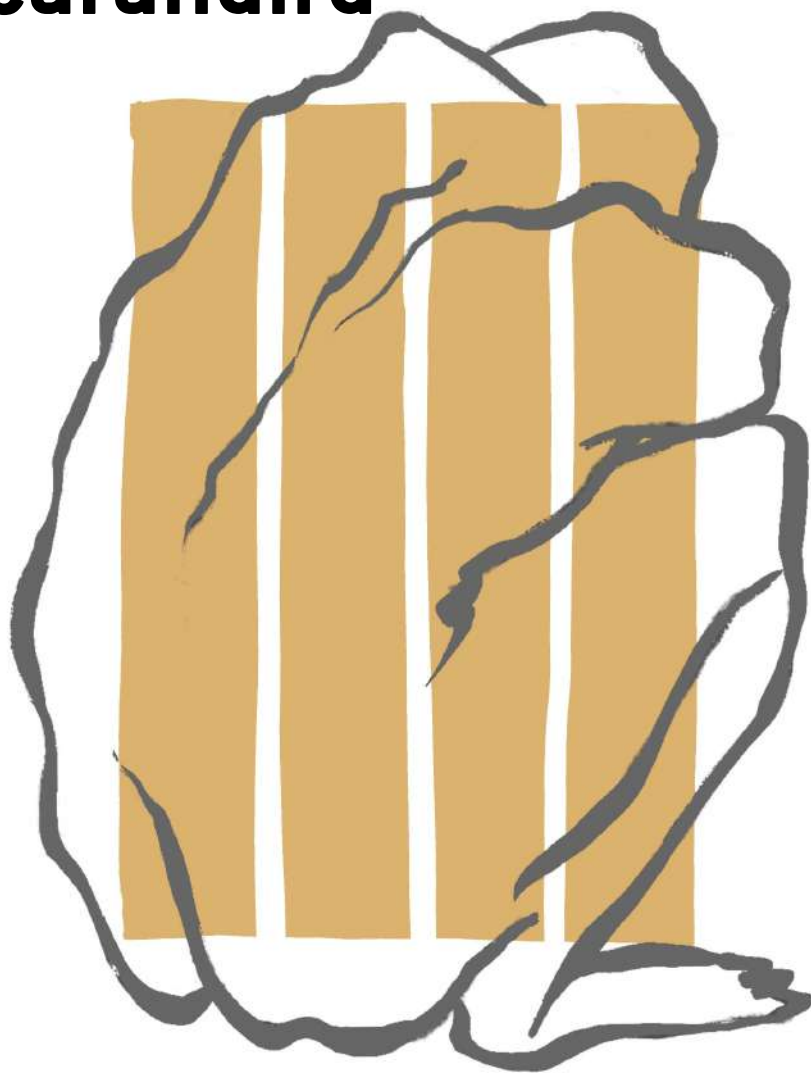


**carandiru**



**patrimônio e memórias**



*Trabalho desenvolvido para a disciplina de TFG  
II da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo.*

Aluna: Laura Basilio Yamashita  
Orientação: Profª Drª Flávia Brito do Nascimento  
São Paulo  
2022



## resumo

---

O presente trabalho consiste em um estudo do Complexo Penitenciário do Carandiru, localizado na Zona Norte da cidade de São Paulo, investigando-o sob a chave do patrimônio cultural e da memória.

Durante muitos anos voltada à segurança pública, a área abrigou uma penitenciária modelo da década de 20, sendo motivo de orgulho para o poder público. Com o agravamento do problema carcerário, o Complexo sofreu mudanças, adições e abandonos ao longo dos anos, sendo palco de um massacre que marcou a história recente do país.

Em 2002, o governo estadual decretou a desativação e demolição parcial das unidades prisionais, transformando a área no Parque da Juventude - projeto do escritório Aflalo Gasperini, escolhido a partir de um concurso efetuado em 1998.

As formas de perpetuação das diferentes narrativas do massacre e da penitenciária e as diferentes maneiras de se lidar com esse passado são campos de conflito de interesses, relações de poder, apagamentos e exclusões. O presente trabalho se propõe, então, a estudar a trajetória do complexo ao longo dos anos, compreendendo sua história, as ações de patrimonialização e de memorialização e as formas com que a memória da antiga Casa de Detenção e dos eventos dolorosos ali decorridos permeiam o imaginário dos usuários do Parque da Juventude.

Palavras chave: Complexo Penitenciário do Carandiru | Patrimônio Prisional | Parque da Juventude | Memórias difíceis.

## abstract

---

The present work consists in an analysis of the Carandiru Penitentiary Complex, located in the north section of São Paulo, investigating it under through the lenses of cultural heritage and memory.

Throughout many years dedicated to public security, the area harbored a model penitentiary from the 1920s, being a source of pride for the public power. Due to the aggravation of mass incarceration, the Complex underwent changes, additions and abandonments over the years, being the scenery of a massacre that marked the late history of the country.

In 2002, the state government enacted the deactivation and partial demolition of the prison units, transforming the area into the Parque da Juventude - a project by the firm Aflalo/Gasperini architects, chosen from an architecture competition held in 1998.

The ways in which are perpetuated the narratives of the massacre and of the penitentiary and the different manners of dealing with the past are fields of conflict, susceptible to power relations, erasures and exclusions. The present study proposes, therefore, investigating the the complex over the years, understanding its history, the initiatives for promoting preservation and supporting public memory and the ways in which the remembrance of the old Detention Center and the painful events that took place in there engrain the imagination of the visitors in Parque da Juventude.



# agradecimentos

---

À minha mãe, que carrega o mundo - e um pouco mais - nas costas.

Ao meu pai, meu parceiro aberrante de discussões excêntricas.

Ao Rafael e à Daniella, que me apoiaram na minha impetuosa mudança de carreira.

À professora Flávia Brito, que me orientou com muita paciência e sensibilidade.

Aos servidores públicos, técnicos de acervos e funcionários dos órgãos de patrimônio e de outras instituições consultadas, que se mostraram solícitos frente a minha procura e que forneceram o material necessário para esse trabalho.

Aos meus velhos amigos, que acompanharam e que apoiaram meu inusitado retorno à Universidade.

Aos meus queridos amigos da FAU - Laura de Haro, Ana Júlia Haick, Beatriz Barbosa, Eliza Portas, Gabrielle Gusmão, Marco Christini, Nathália Pimenta e Talitha Freire - que transformaram todos os perrengues em risadas.

Ao meu amor, que me conforta, todos os dias, na sabedoria do seu silêncio.



# índice

---

**12** prefácio

**20** o complexo penitenciário do carandiru: da instituição modelo ao país das calças bege

1. O bairro de santana e as origens da zona norte de São Paulo
2. A Penitenciária do Estado e o modelo de civilidade
3. A Casa de Detenção e o fim do Carandiru

**78** a patrimonialização do complexo penitenciário do carandiru: tombamento, ações de preservação e a memória da dor

1. O tombamento do Complexo Penitenciário
2. O Museu Penitenciário Paulista e a memória institucional
3. O Espaço Memória Carandiru e o cotidiano carcerário
4. Direitos humanos, patrimônios prisionais e memorialização do cárcere

**164** o parque da juventude: um sonho de liberdade, entre a lembrança e o esquecimento

1. A reurbanização da área do Carandiru: Concurso Nacional de Plano Diretor
2. Plano Diretor – Parque Carandiru – Centro de Valorização do Homem
3. O Parque da Juventude
4. Memórias do Carandiru
  - 4.1. Perfil dos entrevistados
  - 4.2. O que te vem à mente quando pensa no Parque da Juventude?
  - 4.3. O que te vem à mente quando pensa na palavra Carandiru?
  - 4.4. A Penitenciária Feminina
  - 4.5. O que você acha do Parque da Juventude?
5. O elefante na sala: precisamos falar sobre o Carandiru

**231** referências bibliográficas

**256** caderno de anexos



- Símbolos são importantes - diz o mais alto. - Só porque carregamos esses rifles e usamos uniformes de exército, fomos designados a cumprir o papel de sentinelas deste local. E papéis, eles também são definidos por símbolos.

- E você? Tem alguma coisa semelhante, algo que o simbolize?

- pergunta o robusto.

Sacudo a cabeça e nego:

- Não tenho. Não tenho nada. A única coisa que tenho são lembranças.



## prefácio

---

Não é tarefa simples falar sobre algo tão doloroso. A tendência é evitarmos assuntos difíceis.

Não vieram nem com facilidade e nem com fluidez as palavras aqui depositadas, mas me pareceu urgente a necessidade de desenterrarmos essa discussão.

A minha primeira memória do Carandiru é de passar em frente a casa de Detenção, aos sábados, na volta do almoço semanal de família no shopping Center Norte.

Ainda não sabia ler, e então lembro de ter perguntado à minha mãe o que era aquele lugar, cercado de muros altos e pálidos, onde, por vezes, testemunhei uma grande quantidade de pessoas aglomeradas na calçada. Eu não lembro exatamente de como me foi explicado que ali era um presídio, mas, na minha condição de criança, apenas relevei e continuei meus devaneios olhando a paisagem da janela do carro.

Já um pouco mais velha, me lembro de ver a cerimônia e o discurso do então governador do Estado, Geraldo Alckimin, no momento da implosão dos pavilhões da Casa de Detenção Flamínio Favero. Nunca havia antes visto uma implosão. E me impressionou a forma como aqueles edifícios, sólidos, próximos uns aos outros, foram apagados em uma nuvem contida de fumaça.

Lembro também de uma história que minha avó me contou. De um vizinho, da época em que morava em São Carlos. “O fulano ficou preso no Carandiru!” Esse vizinho, descendente de chineses, havia sido condenado



pelo assassinato de outro morador do bairro, um crime motivado por vingança. O motivo? A morte seu querido cachorro.

Nasci e cresci na Zona Norte de São Paulo, em Santana, e, durante toda a minha infância, pouco conheci do restante da cidade. Escola, cursos, casas de amigos, festas e qualquer outro tipo de demanda eram todos restritos ao bairro.

Depois de adulta, conhecendo todo tipo de pessoa, de todo tipo de lugar, deixei de frequentar Santana. E toda vez que alguém me perguntava: “Zona Norte de São Paulo? O que tem por lá?”, as minhas opções de resposta sempre foram “Hospital do Mandaqui”, “Campo de Marte” ou “Anhembi” - respostas que muitas vezes não diziam nada para o meu interlocutor.

Nunca havia passado pela minha cabeça responder “o Carandiru” ou até mesmo “o Parque da Juventude”. E se nem alguém que nasceu antes da desativação do complexo, moradora da região desde o nascimento, que passava toda a semana em frente ao edifício, é capaz de mobilizar, em primeiro momento, qualquer tipo de lembrança sobre ele, o quanto da memória daquele lugar já não foi enterrada junto aos escombros dos pavilhões?

Durante esse trabalho, conheci pessoas que trabalham para manter vivas as memórias daqueles que passaram pelo presídio. Vi egressos do sistema que ressignificaram suas experiências, e que hoje se dedicam à disseminação do conhecimento e ao combate ao preconceito e à estigmatização daqueles que cumpriram suas penas.

Em visita ao Museu Penitenciário, perguntei a então técnica responsável pelo acervo, se as pessoas se interessavam e a procuravam para saber de algo ali, não para fins de pesquisa e ensino propriamente, mas por outros motivos, pessoais ou por pura curiosidade mesmo. E ela me contou que, havia pouco tempo, um rapaz a tinha procurado, com o nome do pai que ele nunca conheceu ou sequer viu, já falecido na época.

O rapaz sabia apenas que o seu pai estivera preso no Carandiru, entre determinados anos, e nada mais. A técnica, então, consultando os livros de matrícula - assim chamados os livros em que constam os registros dos indivíduos recebidos na Casa de Detenção - encontrou o sujeito. Pouco ali havia sobre ele, mas dizia que, ao chegar à Detenção, trajava calça jeans, camiseta verde e tênis, e tinha consigo alguns objetos dos quais não me recordo.

Mesmo com as informações escassas obtidas a partir da procura, o rapaz ficou extremamente feliz e agradecido. Agora, imaginava seu pai como um homem que vestia calça jeans, camiseta verde e tênis. E só de poder dispor dessa imagem de seu pai, tinha a sensação de estar mais próximo dele.

É muito difícil falar sobre uma realidade que não é a minha. Sou extremamente privilegiada e nunca experimentei a sensação da privação, do preconceito, da pobreza, do desprezo e do abandono do Estado.

Mas a realidade do cárcere - e das condições subumanas a qual essas pessoas são submetidas - é a realidade compartilhada por muitos brasileiros. É uma realidade que, apesar de todas as tragédias, continua se reproduzindo, com pouca mobilização da opinião pública e com total descaso dos nossos dirigentes, que muito se beneficiam desse silêncio.

Nada que é varrido para baixo do tapete é solucionado. Existe um preço alto a se pagar por cada um desses apagamentos. São muitos ainda os Carandirus espalhados pelo Brasil e são inúmeros os ciclos de violência que se perpetuam alimentados por nossa isenção e indiferença.

Qual o poder que a memória, dos eventos e das pessoas que ali viveram, tem na nossa formação como seres humanos e na nossa experiência como sociedade?

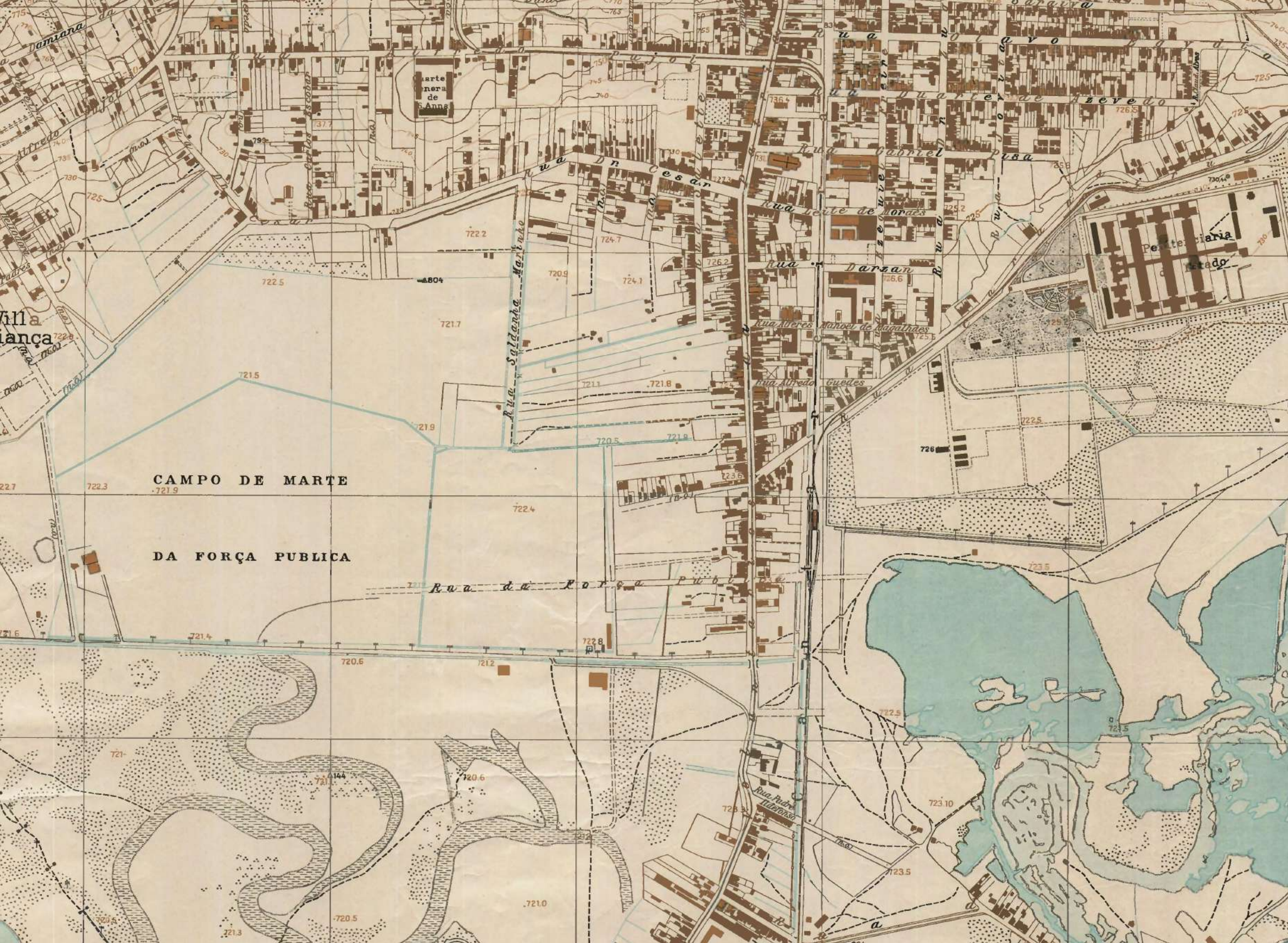
Meu objetivo aqui não é chegar a uma conclusão ou a um julgamento de certo ou errado: esse é, a partir daqui, um trabalho em contínua construção. O intuito é de mobilizar discussões e de despertar o pensamento crítico sobre o nosso espaço e as suas transformações, sobre as dinâmicas de memória e de apagamento e sobre o papel da patrimonialização como um instrumento de reflexão social.

Sua estrutura é composta em três capítulos: o primeiro busca resgatar o histórico do Complexo Penitenciário do Carandiru, desde a Penitenciária do Estado até a desativação da Casa de Detenção; o segundo busca estudar as estratégias de patrimonialização e memorialização e entender os discursos correntes em cada uma das iniciativas levantadas; o terceiro e último procura estudar o Parque da Juventude, do concurso até sua implantação, investigando as formas como a memória - especialmente a ligadas ao trauma - permeia ou não esse espaço.



Peço licença para os ex-moradores da  
Casa de Detenção  
que carregam as cicatrizes do trauma  
que carregam o estigma do cárcere  
que ali perderam suas vidas.







Os caminhões rodando, as carroças rodando,  
Rápidas as ruas se desenrolando,  
Rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos...  
E o largo coro de ouro das sacas de café...  
Na confluência o grito inglês da São Paulo Railway...  
Mas as ventaneiras da desilusão! a baixa do café!  
As quebras, as ameaças, as audácias superfinais!  
Fogem os fazendeiros para o lar! . . . Cincinato Braga! ...  
Muito ao longe o Brasil com seus braços cruzados ...  
Oh! as indiferenças maternais! ...  
Os caminhões rodando, as carroças rodando,  
Rápidas as ruas se desenrolando,  
Rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos .  
E o largo coro de ouro das sacas de café! .  
Lutar!  
A vitória de todos os sozinhos! ...  
As bandeiras e os clarins nos armazéns abarrotados ...  
Hostilizar! ... Mas as ventaneiras dos largos cruzados! ...  
E a coroação com os próprios dedos!  
Mutismos presidenciais, para trás!  
Ponhamos os (Vitória!) colares de presas inimigas!  
Enguirlandemâ-nos de café-cereja!  
Taratá! e o pean de escárnio para o mundo!  
Oh! este orgulho máximo de ser paulistamente!

Paisagem nº4 | Mario de Andrade

# o complexo penitenciário do carandiru

---

## da instituição modelo ao país das calças bege

O final do século XIX e o início do século XX trouxeram consigo profundas transformações no modo de vida, sociabilidade, percepção e organização das cidades. O acelerado crescimento urbano, decorrente do processo de industrialização das últimas décadas, fez emergir uma série de novas questões referentes ao adensamento populacional, às estratégias de gerenciamento da produção, às demandas do espaço público e aos padrões de uso e ocupação do território. Com o mundo moderno, emerge uma nova sensibilidade com a questão social, tornando inadiável o compromisso com a organização e a realização de grandes reformas urbanas (SIMÕES, 2004, p. 84, ROLNIK, 1988, CAMPOS, 1995).

O contingente populacional crescente em São Paulo desde o final do século anterior já havia se tornado um grande motivo de preocupação para o Estado (SALLA, 1999, p. 188). Com um rápido crescimento, a cidade se consolidava como um importante centro urbano, e



a necessidade de remodelação e adequação à essa nova dinâmica se tornava cada vez mais inevitável: era necessário adaptar a cidade à uma nova configuração econômica, voltada à indústria e aos serviços, além de torná-la capaz de absorver a chegada de migrantes e imigrantes, de ex-escravos e da nova elite industrial que emerge (SALLA, 198, p. 188; ROLNIK, 1988).

As novas dinâmicas sociais e econômicas movimentaram um conjunto de questões vinculadas à crença no progresso e na ciência, que se manifestaram de formas diversas na cidade. Empreende-se, então, uma série de grandes reformas urbanas, que contavam com a abertura de novas vias, canalização de rios e córregos, implementação de um sistema de iluminação pública, construção de habitações sociais e de vilas operárias e verticalização dos edifícios (SALLA, 1999, p. 188; CAMPOS, 1995, p.95).

E essas transformações significativas, que tiveram como palco principal o espaço público, refletiram-se igualmente em questões de ordem social. Muitas instituições foram alvo de reestruturações, marcando o início - tardio, em relação à Europa - da chamada *era moderna do controle social* (SALLA, 1999, p. 188; SEGAWA, 1987, p.31).

A sociedade burguesa se utilizou do poder disciplinar como um instrumento para o estabelecimento do novo capitalismo industrial, fazendo da ordenação espacial da cidade do século XIX o mote dos novos objetivos políticos e econômicos (SEGAWA, 1987, p. 13).

As mudanças operadas foram sistêmicas e contemplaram esferas diversas, compreendendo, dentre outros, o sistema sanitário, o de abastecimento hídrico, o sistema educacional público e privado, o sistema judicial, o sistema policial e o sistema penitenciário (SEGAWA, 1987,p.5),

No Brasil, a ruptura com a herança imperial e a efervescência das novas ideias republicanas foram definitivas para a reorganização das Instituições e do Estado como um todo: a recém-nascida e ainda frágil República se dispôs a encaminhar o país para o progresso, fundamentando-se na ciência e na razão. E, nessa empreitada, as práticas de controle social - através da implantação de uma série de novas instituições, dentre as quais se destaca a penitenciária - ocuparam uma posição chave (SEGAWA, 1987, p 06, SALLA, 1999, p. 147).



[01] Trecho do jornal A Província de São Paulo, do dia 05 de maio de 1888.



Sempre chamou a atenção o fato de a República no Brasil ter efetivado e desenvolvido modificações na estrutura jurídico-administrativa que se materializaram em artefatos arquitetônicos. Saneamento das cidades, construção de edificações atendendo à programas educacionais, sanitários, administrativos e militares revelavam um projeto de reequipamento institucional subordinado à introdução de novo repertório cultural, científico e tecnológico entre nós. Escolas, quartéis, fóruns e cadeias, penitenciárias, hospitais, palácios governamentais, abastecimento de água, rede de esgotos, etc. foram obras que, via de regra, estavam presentes entre as prioridades das administrações ao longo do período usualmente conhecido como primeira República ou República Velha. (SEGAWA, 1987,p. 5)

Sob essa nova perspectiva republicana, lidar com o crime se tornou mais complexo do que apenas uma questão de repressão. Para combater a criminalidade, seria necessário garantir aos indivíduos infratores uma oportunidade de *regeneração* e ressocialização, a fim de que pudessem não apenas retornar à sociedade como também fazê-lo de maneira produtiva.

A construção da civilização passava necessariamente pela modernidade penal, pela construção de prisões que recuperassem o indivíduo, que o reconduzissem, pela disciplina, pelo trabalho, pelo arrependimento, como ser útil, para a sociedade (SALLA, 1999, p.24).

Até então, os edifícios destinados ao confinamento eram frequentemente utilizados como um instrumento de coibição, garantindo apenas um cumprimento do pagamento da pena decretada - e servindo, muitas vezes, como um instrumento de poder arbitrário da sociedade colonial (SALLA, 1999, p. 34).

Portanto, vinculada à necessidade pungente de se ampliar a capacidade do sistema prisional, as penitenciárias - assim como outras instituições de controle implementadas, como os manicômios e casas de menores abandonados - respondiam diretamente a esse anseio das elites de retirarem das ruas esse contingente solto das ruas - contingente esse que não se encaixava no novo modelo de sociedade (SALLA, 1999; SEGAWA, 1987).



No início da década de 1890, o Senador estadual de São Paulo, Paulo Egydio de Oliveira Carvalho, foi um dos primeiros a defender a criação de novas instituições voltadas à repressão ao crime e ao tratamento do indivíduo infrator, colocando o Estado como principal motor do progresso da sociedade (SALLA, 1999, p. 154). E, como resultado da pressão pública para a construção de um novo estabelecimento prisional, a lei nº967-A, de 24 de novembro de 1905, disponibilizou crédito de mil e oitocentos contos de réis para a compra de um terreno e construção do novo edifício, possibilitando a substituição da antiga Penitenciária da Avenida Tiradentes por uma nova Penitenciária (SALLA, 1999, p. 178).

Em 27 de dezembro de 1907, foi aprovada uma nova lei, a lei nº1117-A, providenciando a verba para a sua construção. A Secretaria de Justiça e Segurança Pública passou para a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas as diretrizes para a construção do edifício, incluindo capacidade para 1200 detentos, salas de aula e de oficinas, uma biblioteca, uma farmácia, uma enfermaria, um auditório, um refeitório, alojamentos para funcionários e uma residência para o diretor. O novo edifício deveria, além de tudo, atender também às disposições do novo Código Penal e Sanitário, oferecendo aos detentos condições dignas de cumprimento da pena (SALLA, 1999, p. 1978).

O terreno adquirido pelo governo era de propriedade do senhor Antônio Maria da Silva, correspondendo a uma área de 20 alqueires de uma chácara, no bairro rural de Santana. Em Mensagem encaminhada ao Congresso Legislativo, em julho de 1909, o Presidente do Estado, Albuquerque Lins, esclarecia que aquela área fora a escolhida por *já dispor o bairro de bondes, luz elétrica e água, além de ser atravessado pelo Tramway da Cantareira* (SALLA, 1999, p. 1978).

1. O bairro de Santana e as origens da zona norte de São Paulo

Ao se iniciar o século XIX, São Paulo conserva ainda o seu ar provinciano, com suas modestas casas de taipa de pilão, enormes quintais mal fechados, seus becos e terreiros. E, com uma topografia em que rio e vales constituem um traço peculiar, tem várias pontes de madeiras, muitas vezes em estado bastante precário, a desafiar a Câmara e a população. Problema que, no século XX, fará os urbanistas planejares e construir viadutos como solução para os frequentes congestionamentos de trânsito, a encurtar distâncias e melhorar comunicações entre o centro e os bairros, abrindo largas avenidas sem cruzamentos (TORRES, 1971, p. 51).

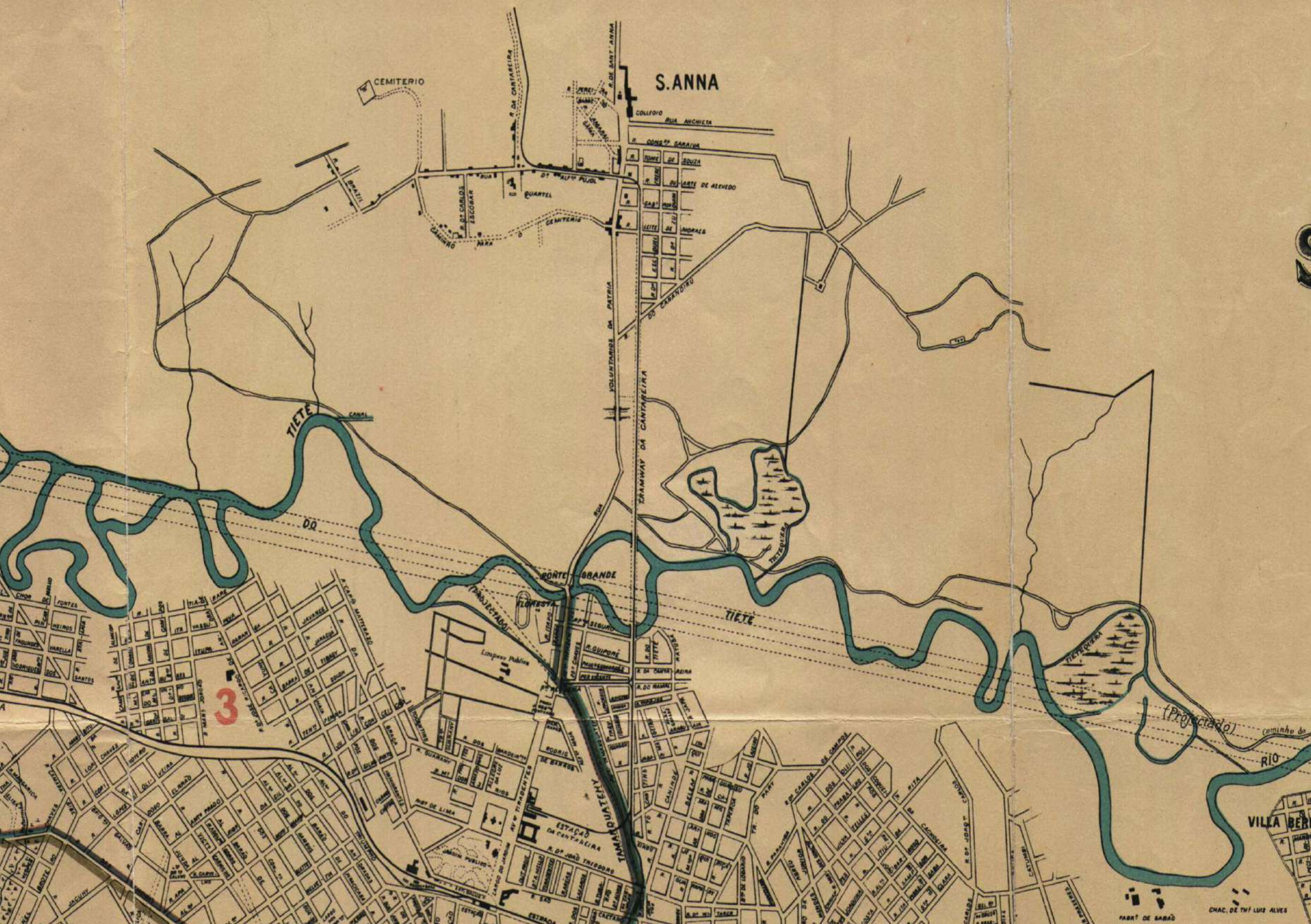
O trecho da zona norte da cidade, para além do rio Tietê, teve uma dinâmica de ocupação mais lenta, diferente das áreas centrais. As enchentes periódicas do rio Tietê, que tornava as grandes planícies inundadas, se constituía como uma importante barreira entre a colina e as regiões ao norte, dificultando a apropriação e uso daquelas terras (TORRES, 1971 p. 14).

Ao longo do curso do Tietê, desde a época colonial até hoje, se formaram dois principais núcleos de ocupação: nas margens esquerdas, da periferia da área central da cidade até a várzea, Santa Ifigênia, Campos Elísios, Bom Retiro e Luz; na vertente direita, para além do rio até a Serra da Cantareira, Santana, Freguesia do Ó, Casa Verde e Tucuruvi (TORRES, 1971, p. 14).

As margens direitas, porque eram frequentemente separadas do centro urbano pelas enchentes da várzea do rio, mantiveram durante mais tempo um aspecto rural, além de desenvolverem, com o isolamento, características únicas (TORRES, 1971, p. 15).

A expansão urbana na direção norte foi mais tardia do que nas direções a Santos, ao Rio de Janeiro e ao interior







[02] Reprodução da *Planta Geral da Capital de São Paulo*, feita sob a direção do Dr. Gomes Cardim, - Intendente de Obras, em 1987. A rua Voluntários da Pátria, paralela ao Tramway da Cantareira, é a principal via articuladora entre o centro urbano e o bairro de Santana. A partir da Rua Carandiru - hoje, Rua General Ataliba Leonel -, surgem as travessas Leite de Moraes, Gabriel Piza, Duarte de Azevedo, Tomé de Souza, Conselheiro Saraiva e Rua Anchieta. Na porção esquerda do bairro, estão o Cemitério e a Rua Alfredo Pujol, onde se localiza o Quartel do Exército - hoje, Colégio Militar. Ao norte, se localiza o Colégio Santana. Do início da ocupação até os dias atuais, o traçado e o nome das ruas foi praticamente inalterado, dando apenas margem à expansão do bairro e das adjacências.

do estado. Mesmo após a inauguração das estações do Brás, da Luz e da linha férrea, o ritmo de crescimento foi lento e se delimitou, até o fim do século XIX e início do século XX, mais aos arredores da estação da Luz (TORRES, 1971, p.16).

Na direção norte, passavam os caminhos para Atibaia, Bragança, para o sul de Minas e para o interior - como Campinas e Jundiaí- que levavam para a região central os produtos das chácaras e dos sítios de além do Tietê e também de outros povoados ao norte (TORRES, 1971, p.16; SILVA, 2021, p. 09).

As origens do bairro de Santana remontam à doação de uma sesmária ao Colégio da Companhia de Jesus, em 1673, por herdeiros locais. Denominada como *Fazenda do Tietê* ou *Fazenda de Santana*, contava, em meados do século XVIII, com 300 cabeças de gado bovino, 10 cavalos e com a capacidade de fornecer leite a toda a cidade, além de mandioca, legumes e frutas (TORRES, 1971 p.18).

Com a política pombalina de expulsão da Companhia de Jesus da colônia, a Fazenda de Santana - juntamente à outras propriedades da região - passou às mãos do Império, continuando sua produção agrícola de milho, feijão, mandioca, algodão e aguardente, contando também com alguns serviços de sapataria, carpintaria, olaria e construção civil que atendiam a localidade. (TORRES, 1971, p. 24) De maneira geral, a maioria da

população que ocupava a porção além do Tietê era pobre, apesar de haver também algumas famílias de maior poder econômico (TORRES, 1971, p. 25).

Com a condição física do terreno nas várzeas do Tietê e alagamentos frequentes, a população mais pobre era atraída para a região devido aos menores preços das propriedades - que eram bastante precárias. Em contraste, haviam também alguns grandes casarões, resultado do enriquecimento de algumas famílias graças às lavouras de café (TORRES, 1971, p. 25).

O antigo casarão da Fazenda Santana se tornou, em 1893, o Quartel - uma construção de taipa que permaneceu até 1916, quando é construído o Quartel do Exército, na atual Av. Alfredo Pujol (hoje, CPOR, Centro de Preparação de Oficiais da Reserva). Os usos desse edifício foram bastante variados ao longo da evolução do bairro, servindo, posteriormente, de núcleo educacional, Hospital, cemitério de variolosos e Colônia de Imigrantes - recebendo grande contingente de italianos a mando do Governo Provençal (TORRES, 1971, p.73; SILVA, 2021, p.16-17).

Durante os três primeiros séculos de ocupação, a região do além-Tietê foi inteiramente dependente do transporte animal, devido à sua topografia íngreme e a sua coleção de ladeiras e, até o final do século XIX, também não contava com as infraestruturas de melhoramento das quais gozava outros trechos da cidade, como iluminação pública, água e esgoto (TORRES, 1971, p. 51, SILVA, 2021, p. 16).

Apesar de se constituir como uma barreira nos primeiros anos de ocupação, foi justamente o rio Tietê um dos fatores determinantes para o desenvolvimento do bairro de Santana. Com o surgimento do Clube de Regatas de São Paulo e do clube Espéria, junto à Ponte Grande, em 1905, surgem uma série de atividades comerciais ligadas ao lazer na região (TORRES, 1971, p. 91). Além disso, os barqueiros da região utilizavam o rio para transporte de mercadorias, pessoas se deslocavam através de suas águas, trabalhadores extraíam de suas margens areia e argila e competições de nado e remo traziam vida aos arredores do Tietê (SILVA, 2021, p.22-30).

Foi, no entanto, a instalação da linha férrea alguns anos antes, em 1893 - o Tramway da Cantareira - que impulsionou de vez o desenvolvimento e crescimento do bairro, transformando as dinâmicas locais e integrando o bairro definitivamente ao restante da cidade (TORRES, 1971, p. 81).



Era uma vez um rio ...  
 Porém os Borbas-Gatos dos ultra-nacionais esperiamente!  
 Havia nas manhãs cheias de Sol do entusiasmo.  
 as monções da ambição  
 E as gigânteas vitórias  
 As embarcações singravam rumo do abismal Descaminho...  
 Arroubos ... Lutas ... Setas...Cantigas ... Povoar!  
 Ritmos de Brecheret! ...E a santificação da morte!  
 Foram-le os ouros! ... E o hoje das turmalinas ..  
 - Nadador! Vamos ,partir pela via dum Mato-Grosso?  
 -lo! Mai!.,. (Mais dez braçadas  
 Quina Migone. Hat Stores. Meia de Seda) .  
 Vado a pranzare con la Ruth.

Mário de Andrade | Tietê

Do momento da escolha da localização da nova Penitenciária do Estado, Santana, além de contar com a infraestrutura de transporte capaz de levar as matérias primas, manufaturados, presos e soldados ao novo edifício, era longe o suficiente do centro urbano e dos olhares da elite, isentando-os do convívio e do risco de possíveis fugas dos detentos. Além disso, também se concluíam na época os estudos para extensão de uma linha do Tramway até o bairro do Guapira, onde havia o Hospital de Lázaros e o Asilo de Lázaros – na época ainda em construção (SALLA, 1999, p. 179; SEGAWA, 1987, 302).



[03] Comitiva do Imperador Dom Pedro II passa pela Ponte Grande, em 1865. Foto: Militão Augusto de Azevedo| Acervo *O Estado de São Paulo*. Construída por volta de 1700, a ponte foi determinante para o desenvolvimento da região norte, além do rio Tietê, por permitir a ultrapassagem do rio, na época chamado de rio Guaré. Ligava a região da Luz à Rua Voluntários da Pátria, principal eixo da zona norte. Foi substituída pela atual Ponte das Bandeiras, inaugurada em 1942, parte do plano de Avenidas Prestes Maia. (SILVA, 2021, p.09)





[04] Clube de Regatas de São Paulo. Foto: Guilherme Gaensly | Acervo do Museu Paulista da USP.

[05] Jornal O Estado de São Paulo, de 07 de julho de 1909, notícia a implementação da Nova Penitenciária no bairro de Santana, descrevendo o processo de escolha do terreno e os requisitos projetuais. No período em que o Brasil, e especialmente, São Paulo, passava por intensas transformações, a Penitenciária se consolidava como o exemplar de desenvolvimento e progresso almejado pelas elites paulistanas. O cartão postal de uma sociedade modelar que caminhava em direção ao empreendimento moderno.

## NOTÍCIAS DIVERSAS

### A NOVA PENITENCIÁRIA

**Em Sant'Anna — Aquisição de uma propriedade — O que vai ser a nova penitenciária — Um grande estabelecimento industrial — Concorrência pública para os projectos e plantas — Tres premios aos melhores trabalhos.**

O governo do Estado, no louvavel empenho de modificar o systema penitenciario até agora adoptado, cogita de ha muitos mezes da instalação de um estabelecimento modelo e que corresponda ao adiantamento do nosso Estado, ao mesmo tempo que permita a administração o cumprimento das disposições legais doCodigo Penal Brasileiro.

Para a realisação do grande empreendimento, sob as vistas do sr. dr. Washington Luis, secretario da justiça e da segurança publica, têm sido determinadas simultaneas providencias no sentido de se estabelecer a escolha do local, em condições favoraveis ao genero de construção a que se destina o imprescindivel melhoramento no ramo da administração publica, confiado ao titular daquella pasta.

Nos diferentes bairros da capital foram examinados varios terrenos por profissionais, sem que, entretanto, se chegasse a uma solução, ou por falta de condições de resistencia do terreno indispensavel á construção, ou por má collocação em lugares de communicações deficientes.

Um dos bairros que melhores vantagens, offerencia, era, sem duvida, o de Sant'Anna, quer pelas suas condições de salubridade e de hygiene, quer pelas suas communicações feitas com muita regularidade pelo serviço do Tramway da Cantareira.

Depois de varias sondagens de terrenos em pontos differentes, foi finalmente escolhida a chacara de propriedade do sr. dr. Antonio Maria da Silva.

O engenheiro chefe do primeiro districto, sr. dr. Augusto Lefèvre, depois de percorrer recentemente as terras daquella propriedade, apresentou á Secretaria da Agricultura o resultado das suas pesquisas e das suas observações, mencionando estar a mesma situada no bairro de Sant'Anna, abrangendo uma extensa area de 502 mil metros quadrados, limitando a sua confrontação com as estradas do Carandiru e do Corredor, ou Corôa, e proximo á estação do tramway, 500 metros aproximadamente.

Quanto á natureza e condições do terreno, observou o engenheiro do primeiro districto que as sondagens effectuadas accusaram condições de resistencia necessarias para a construção que se tem em vista, salvo, porém, na varzea, onde encontre uma camada de 2,640 em turfa, sobre um lecol de areia fina. A area

destinada á construção em grande parte em matto e outra em pomar bom formado, attinge a uma altura de 5,0 em media, do nivel dos trilhoes no pontilhão junto á Parada 3.

Os meios de comunicação são diversos: 1.º pelo «Tramway da Cantareira» com a construção de um ramal de cerca de 500 metros; 2.º pela estrada do Carandiru, que bifurca com a rua Voluntarios da Patria, em uma distancia approximada de 800 metros; 3.º pela estrada da Corôa, que tambem se bifurca nara rua Voluntario da Patria, nas proximidades da Ponte Grande.

O abastecimento de agua poderá ser feito facilmente, visto passar proximo a linha do Cabaçu e quanto á iluminação, não ha difficuldade na instalação, podendo ser feita a gaz ou á electricidade, cujas ligações poderio ser estabelecidas na rua Voluntarios da Patria, em uma distancia approximada de 800 metros.

A propriedade que conta excellente e moderna construção para moradia tem ainda um esplendido pomar o muitas terras para cultura.

A situação do terreno, um extenso planalto, domina grande panorama da cidade.

O predio já existente, dispondo de todo o conforto, será destinado á residencia do director do estabelecimento.

A aquisição de toda a propriedade, será feita pela quantia de 200 contos de réis, devendo a escriptura ser assignada por estes dias.

O que será a nova penitenciaria de todo o Estado, não nos cabe descrevel-a nos limites destas ligeiras informações. Entretanto, para que se possa ter uma idéa das bases adoptadas para a execução do grandioso plano, basta reproduzirmos, o officio que o sr. Washington Luis, dirigiu não ha muito tempo ao sr. dr. Candido Rodrigues, secretario da agricultura:

«Tenho a honra de solicitar de v. exa. as necessarias providencias para ser levantada uma planta com orçamento, para a construção da Penitenciaria de S. Paulo, de accordo com as indicações que passo a dar. Esse estabelecimento deve ter capacidade para alojar mil e duzentos presos, pois que a tanto ascende na hora actual, em S. Paulo, o numero de condemnados, como v. exa. terá occasião de ver pela estatística minuciosa que tenho a honra de enviar. Apesar de que na fixação do numero acima indicado já se contou com o provavel acrescimo de condemnações porque nessa penitenciaria só serão recolhidos os presos condemnados a mais de um anno de prisão e nem todos que figuram na lista enviada têm que purgar as suas penas por tal tempo, manda a previdencia, entretanto, que se projete immediatamente uma parte a construir, logo que maior augmento de população carceraria o exija, afim de guardar-se a homogeneidade architectonica, e de não se impedir os fins industriaes e de não se attentar contra as condições hygienicas do futuro estabelecimento. Obedecendo ao regimen penitenciario estabelecido em

linhas geraes no nosso codigo penal, essa penitenciaria, destina-se ao cumprimento da prisão cellular com trabalho obrigatorio e devem pois ser construidas cellulas para isolamento durante os primeiros tempos — periodo que será determinado em regulamento posterior — e depois para segregação das oficinas para o trabalho em commun durante o dia. E como esse trabalho deve ser previdente, remunerador e compensador, apprendendo cada preso um officio se já não o tiver, ou aperfeiçoando-se naquelle que já possuir, as oficinas devem ser já as de alfaiataria, sapataria, papelaria e typographia e mercearia, nas quaes possa o Estado mandar fazer as obras para as necessidades publicas, e mesmo concorrer com a industria particular. A disposição dos edificios deverá deixar o espaço no terreno para a horticulura.

Attendendo-se a que o elemento educativo terá grande preponderancia no regimen penitenciario que se vae iniciar aqui, deverá ter o estabelecimento salas para aulas, para pequena bibliotheca e para celebração das ceremonias do culto externo segundo os sentimentos religiosos dos presos; deve ter tambem as accommodações necessarias para um serviço sanitario, taes como pharmacia, sala de operações, enfermarias, para as doenças communs e cellulas sanatorias para as doenças incuraveis e contagiosas, e tambem todas as dependencias necessarias, taes como latorio, padaria, dispensa, refeitórios, lavadouros, latrinas, banheiros, alojamento para vigilantes; enfermeiros, guardas, etc. Numa das extremidades do estabelecimento devem existir os alojamentos necessarios para uma guarda permanente que será composta de umas 150 praças.

Lôra, porém, proximo, deverá ficar a casa destinada ao director da penitenciaria, com commodos e dependencias para uma vivenda de familia.

Tenho ainda a honra de solicitar de v. exa. que, antes de approvar definitivamente a planta escolhida, se sirva ouvir a respeito esta Secretaria para que ella se pronuncie na parte que lhe couber.»

Agora, de accordo com as bases assentadas e de outros alvites que tem sido lembrados em conferencias com os srs. drs. Candido Rodrigues e Washington Luis, a Secretaria da Agricultura está ultimando as condições da concorrência publica que se abrirá por estes dias, para apresentação dos projectos e plantas destinadas á construção.

Será constituído um jury de profissionais, encarregado de julgar os trabalhos, dando premios aos tres melhores projectos apresentados, dos quaes posteriormente, será um delles escolhido.

Hoje, pela manha, o sr. dr. Washington Luis fará uma visita á chacara que vae ser adquirida.



2. A Penitenciária do Estado e o modelo de civilidade

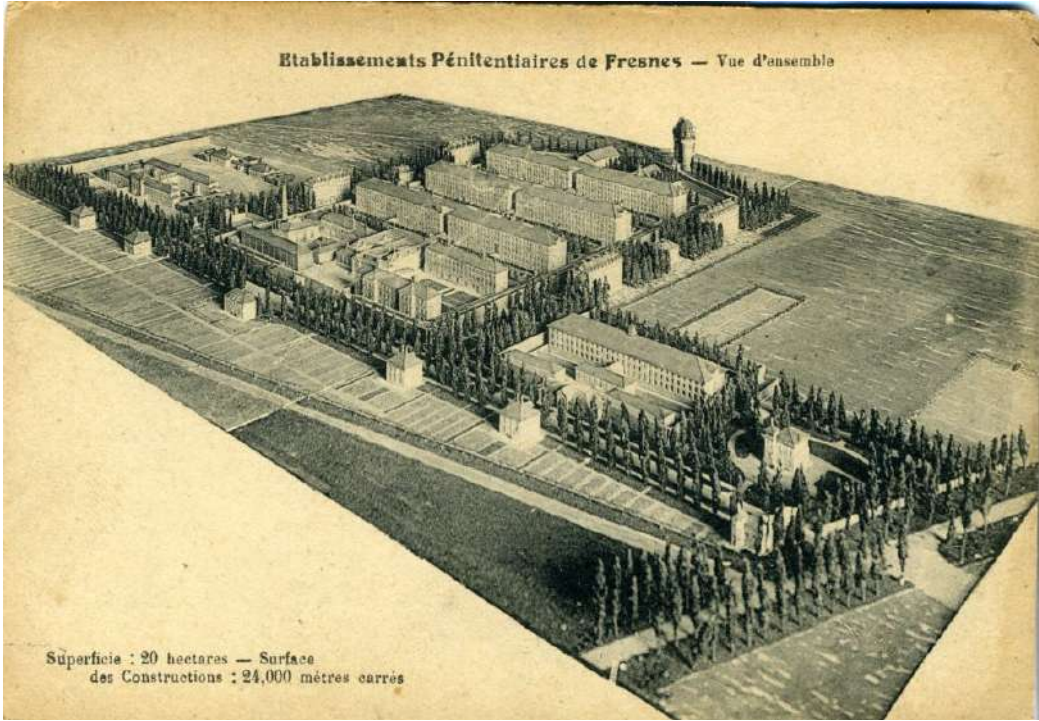
A Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas foi a responsável pela condução do concurso para o projeto da nova Penitenciária, recebendo, ao total, 10 projetos. Dentre esses, apenas 4 seguiram as diretrizes já citadas anteriormente, sendo eles denominados: Amazonas, Bandeirantes, Chillon e *Laboravi Fidenter* (SALLA, 1999, p. 180).

O concurso culminou com a escolha do projeto de Samuel das Neves, o *Laboravi Fidenter*, justificando-se, principalmente, pelo padrão de organização dos pavilhões e pela presença de oficinas amplas e diversas de trabalho. Segundo a comissão, previa-se um custo inicial da obra em torno de 7347:12\$400 réis, estimativa que foi ultrapassada conforme se estenderam os anos de construção (SALLA, 1999, p. 180).

A principal referência adotada no projeto foi a Prisão Fresnes (1898), na França, de Henri Poussin, uma tipologia que contava com pavilhões alinhados paralelamente a um eixo central. O esquema formado pelos diversos módulos paralelos, interligados pela circulação central, com celas individuais em seus braços, ficou conhecido como *Poste telegráfico* (LIMA, 2005, p. 03; BIANCHINI, 2018, p. 51).

Todos os serviços adicionais, como cozinha, enfermaria, administração e oficinas, se localizavam em anexos, isolados. Tratava-se de um sistema considerado bastante inovador para a época, pretendendo substituir a configuração mais tradicional e popular do Panóptico, adotada por outras Casas de Correção em São Paulo e no Rio de Janeiro (ENGBRUCH, SANTIS, 2012).

A execução da Penitenciária do Estado foi, então, realizada sob supervisão do escritório de Ramos de Azevedo, envolvido em outros grandes empreendimentos



[06] Cartão postal da prisão de Fresnes. Acervo do *Musee d'histoire de la justice, des crimes et des peines*, da coleção de Christian Carlier.

públicos - como o Teatro Municipal e o Palácio das Indústrias - e privados - como os palacetes da elite cafeeira paulista.

A partir do projeto, constam algumas modificações efetuadas ao longo do processo de construção. Estava previsto inicialmente, por exemplo, um pavilhão para mulheres que, no momento da conclusão da obra, teve uma outra atribuição - provavelmente, pelo estigma da época de se manter homens e mulheres encarcerados dentro do mesmo complexo (SALLA, 1999, p. 181).

O estabelecimento tem a forma retangular, limitado por uma muralha com respectivo caminho de ronda, medindo 408m de comprimento por 238m de largura, com um perímetro de 1298m. Ao ingresso principal corresponde o edifício da "portaria", que está disposto externamente ao muro do perímetro.



É' collocada hoje com toda a solennidade a primeira pedra da Penitenciária de S. Paulo. Este estabelecimento, cuja vastidão lhe dá um caracter nobre e monumental, representa de facto para o nosso progresso social um verdadeiro monumento.

O Estado de S. Paulo, lançando o fundamento do seu edificio penitenciario, cumpre de uma forma scientifica e humanitaria o nosso codigo de justiça, ao passo que praticamente executa uma solução moderna e perfeita de um dos mais difficeis problemas do hygienic social.

Em torno desta questão universal, que vem desde os elementos primigenios do direito de punir, e acompanha a historia da humanidade desde as suas mais remotas origens, têm-se agrupado numerosos estudos, theorias, systemas, que hoje constituem corpo doutrinario de muitas sciencias.

Com effeito, são as sciencias anthropologicas que compõem a historia natural do homem, as sciencias philosophicas e sciencias que concorrem para a historia da familia humana, especializando-se modernamente na criminologia, penologia, na psychiatria, na hygiene especial, nos preceitos e praticas da assistencia publica.

Estabeleceu-se, como uma conquista da sabedoria humana, o tipo natural e scientifico do homem criminoso; a esta nova concepção, correspondeu uma nova legislação penal.

Para albergar, pois, um quadro de tal magnitude e complexidade, houve que criar um vasto edificio e uma architectura especial. Os antigos tipos carcerarios foram pouco a pouco abolidos, as velhas formulas do castigo foram condemnadas; para a nova jurisprudentia que requer a punição e conjuntamente a correção e regeneração do homem criminoso, houve que construir uma nova morada; a nova lei reclama um novo templo.

É' esta nova casa de Justiça e Humanidade que o governo do Estado de S. Paulo hoje inicia, fundando o seu primeiro alicerce.

A organização do programma e do plano deste monumental edificio tem entre nós a sua pequena historia.

Não foi, de facto, o resultado de um rapido trabalho. A complexidade do magno problema e a somma de questões que se parcelam em torno da sua solução, explicam as hesitações e delongas na sua realisação pratica. Confessaremos, porém, que não foram de mauos effeitos essas tentativas; com ellas muito se estudou e se aprendeu.

O governo presidido pelo dr. Rodrigues Alves havia confiado ao dr. Ramos de Azevedo o estudo do projecto para a Penitenciária de São Paulo; este estabelecimento tinha então, segundo o programma official, o caracter de Casa de Detenção e juntamente da prisão celular; isto é, a função do edificio carcerario. O architecto realizou um estudo minucioso e completo; apresentou em 1901 o seu plano com todos os accessorios e orçamento detalhado. Este plano, porém, ficou sem realisação, aguardando o local apropriado e o opportuno momento financeiro.

Oito annos passados, em 1909, o governo actual, adquirindo um novo e vasto terreno, annuncia o concurso para o projecto da Penitenciária, com

um programma mais lato, acrescentando-lhe o caracter de casa correccional e regeneratoria, com officinas proprias, de forma que o encarcerado possa ser acompanhado e educado até a sua rehabilitação moral.

O novo programma baseia-se nos modernos estatutos penitenciarios, com o regimen de isolamento cellullar, do trabalho em commun, e da condemnação e liberdade condicio-naes. O plano geral abrange um estabelecimento penitenciario completo, segundo os preceitos humanitarios e scientificos os mais modernos e perfeitos.

Este certamente interessou durante algum tempo o nosso meio, até seu julgamento; a elle concorreram com distincção os nossos profissionaes, e foi uma manifestação brilhante de competencia e estudo.

O projecto escolhido adoptou os principios fundamentaes do plano primitivo; seguiu as normas modelares para a construção destas vastas habitações collectivas; applicou o systema de pavilhões isolados e parallelos. Foi justamente premiando o seu autor, o dr. Samuel das Neves.

Por ultimo, o governo do Estado confiou o dr. Ramos de Azevedo a organizar os planos constructivos da Penitenciária e a chefiar a sua construção. De accordo com o governo, e seguindo logicamente o mesmo dispositivo dos pavilhões parallelos, é organizado um novo plano, fazendo modificações nos projectos anteriores, ampliando e melhorando.

É' augmentada a área occupada pelo estabelecimento; a sua forma polimetrica passa a ser rigorosamente rectangular; os pavilhões são dispostos em linhas parallelas, não alternadas; são reformados os meios e vias de comunicação e accesso, de sorte a relacionar facilmente os serviços internos e externos das officinas com os depositos de materias e armazens de manufacturas; pelo mesmo systema é tornado mais expedito o serviço de abastecimento, preparo e distribuição das rações, assim como o serviço interno da limpeza; é projectado um pavilhão cellullar para mulheres com independentesecção hospitalar; são ampliadas umas e reduzidas outras secções, de accordo com a sua respectiva importância, dentro do plano geral e harmonico do estabelecimento penitenciario. A descripção completa deste vasto plano, com especificação de todas as suas partes, seria demasiado longa para uma noticia corrente de gazeta. Resumiremos esse relatório em palavras singelas e poucas, sem de dar ao nosso publico uma idea do edificio monumental que hoje festivamente se inicia.

O estabelecimento tem a forma rectangular, limitado por uma muralha com respectivo caminho de ronda, medindo 408 metros de comprimento, por 233 metros de largura, e um perimetro de 1.292 metros.

As ingressos principal correspondendo ao edificio da portaria, que está disposto externamente ao muro de perimetro. Consta de dois corpos, separados pelo vestibulo, tendo capacidade para 50 praças de guarda, respectivo commandante e subalternos, casa para viaturas, cavallaria e outras dependencias.

A seguir, um grande pátio central conduzindo ao edificio da administração, e dois pátios laterais

reservados para o serviço de abastecimento e movimento de materias e manufacturas, os quaes servem respectivamente dois grandes armazens com dois pavimentos e quatro salas.

Ao centro está a casa de administração com tres pavimentos; no pavimento terreo a arrecadação de objectos pertencentes aos detidos, salas de desinfecção e depositos; no primeiro andar: gabinetes do director, secretarias, sala de cellulas transitorias para recepção dos presos, banhos de desinfecção, gabinetes anthropometricos e photographicos, lucutorios; no segundo andar as salas do archivo.

Ao lado deste edificio ficam: á esquerda o pavilhão destinado ás mulheres, com dois pavimentos e 60 cellulas; quatro salas de trabalho e rouparia; á direita, duas construções especíes, sendo uma para a cozinha a vapor, com as suas dependencias para o preparo e distribuição das rações, outra para a padaria e lavanderia mecanica com seus fornos e geradores.

Prolonga-se segundo o eixo longitudinal, em continuação da casa de administração, a grande galeria central, que serve seis pavilhões collocados parallelamente segundo tres linhas orthogonaes. Cada pavilhão tem quatro andares e 200 cellulas; o total é de 1.200 cellulas, destinadas aos homens. O pavimento terreo é occupado por cellas de trabalho, de correção, e quartos de banho. Os pavimentos altos comprehendem as cellulas de habitação, as salas de officinas e depositos. A cada pavilhão ficam appensos dois pátios de arejamento com dez compartimentos.

A galeria do eixo prolonga-se ainda, passando dois espaços destinados a futuros pavilhões, e termina no grande amphitheatro com capacidade para 150 cabines, destinado a praticas religiosas, conferencias e lições.

Ao fundo, dentro de uma área especial, devidamente isolada, fica o hospital, composto de dois pavilhões parallelos para 40 cellulas, com seu parque central, compartimentos de arejamento e dependencias para pharmacia, sala de consultas, operações, enfermaria especial, installações para electrotherapia e hydrotherapia. Ao lado direito deste hospital haem dois pavilhões cellulares destinados á enfermagem de mulheres e hospital de isolamento com dependencias proprias; ao lado esquerdo está o necrotério com a sua sala de autopsias.

Além das galerias principais, nos eixos dos diversos pavilhões, ha um caminho externo de serviço, circundando o estabelecimento e ligando todos os edificios, destinado ao aprovisionamento das officinas, retirada de productos e outros serviços. Todas estas vias de comunicação têm a sua linha ferrea, ligando todos os pavilhões e suas dependencias até os respectivos ascensores e montacargas. A simples inspecção do plano geral indica a facil disposição das comunicações, questão das mais importantes em um estabelecimento composto de numerosas secções, espalhadas em uma extensa área, e no qual se alberga uma quantiosa população.

Não foram citados em detalhe as installações referentes aos serviços sanitarios e de hygiene proprias das vastas habitações collectivas, dispositivos para iluminação e ventilação.

A seguir, um grande pátio central conduzindo ao edificio da administração, e dois pátios laterais reservados para o serviço de abastecimento e movimento de materias e manufacturas, os quaes servem respectivamente dois grandes armazéns.

Ao centro, está a casa de administração com três pavimentos [...]

Ao lado desse edificio ficam: à esquerda, o pavilhão destinado às mulheres, com dois pavimentos [...]; à direita, duas construções especiais, sendo uma para a cozinha a vapor [...], outra para a padaria e lavanderia mecânicas...

Prolonga-se segundo o eixo longitudinal, em continuação da casa de administração, a grande galeria central, que serve seis pavilhões colocados parallelamente segundo três linhas ortogonais. Cada pavilhão tem quatro andares e 200 células: o total é 1200 células, destinadas aos homens. O pavimento térreo é occupado por células de trabalho, de correção, e quartos de banhos. Os pavimentos altos comprehendem as células de habitação, as salas de oficinas e depósitos. A cada pavilhão ficam apenas dois pátios de arejamento com dez compartimentos

A galeria do eixo prolonga-se, ainda, passando dois espaços destinados a futuros pavilhões, e termina no grande anfiteatro com capacidade para 150 cabines, destinado à práticas religiosas, conferências e lições.

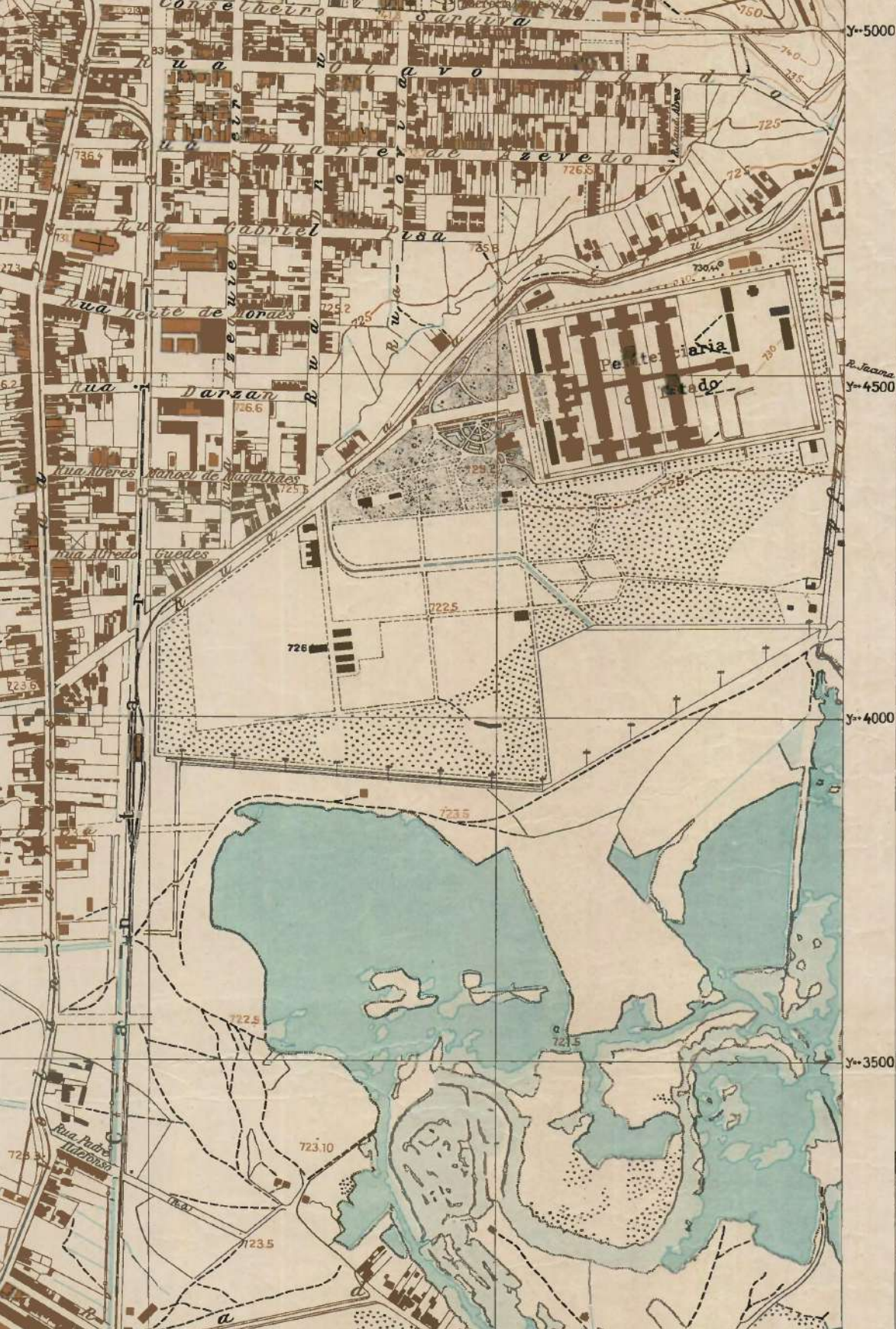
Ao fundo, dentro de uma área especial, devidamente isolada, fica o hospital, composto de dois pavilhões paralelos para 40 células, com seu parque central, com compartimentos de arejamento e dependências para farmácia, sala de consultas, operações, enfermaria especial, instalações para eletroterapia e hidroterapia. Ao lado direito deste hospital, ficam dois pavilhões celulares destinados à enfermaria das mulheres e hospital de isolamento com dependências próprias; ao lado esquerdo está o necrotério com suas salas de autópsias.

Além das galerias principais, nos eixos dos diversos pavilhões, há um caminho externo de serviço, circundando o estabelecimento e ligando todos os edificios, destinado ao aprovisionamento das oficinas, retirada de produtos e outros serviços. Todas estas vias de comunicação têm a sua linha férrea ligando todos os pavilhões e duas dependências até os respectivos ascensores e montacargas. A questão das mais importantes em um estabelecimento composto de numerosas seções, espalhadas em uma extensa área, e no qual de alberga uma quantiosa população [...]

A área total perimétrica é de 97750 m2, sendo de 20250 metros quadrados a superfície coberta por construções, e 77230 m2 a área dos espaços livres, abrangendo pátios e jardins interiores; a proporção destes é, pois, considerável e uma condição fundamental de salubridade. A orientação do estabelecimento segundo o seu maior eixo é nascente-poente, com uma ligeira declinação para leste, de forma que os pavilhões ficarão orientados aproximadamente norte-sul; a insolação é, pois, completa, e a disposição relativamente aos ventos reinantes é a mais satisfatória possível (RSJPSP:38-8 in SEGAWA, 1987, p 308)

[07] Trecho da reportagem de capa do Estado de São Paulo, de 13 de maio de 1911, sobre a inauguração da nova Penitenciária. De caráter nobre e monumental, o edificio é descrito como a solução para as novas questões penais e sociais colocadas no início do século XX. A reportagem descreve o programa e a disposição dos estabelecimento.





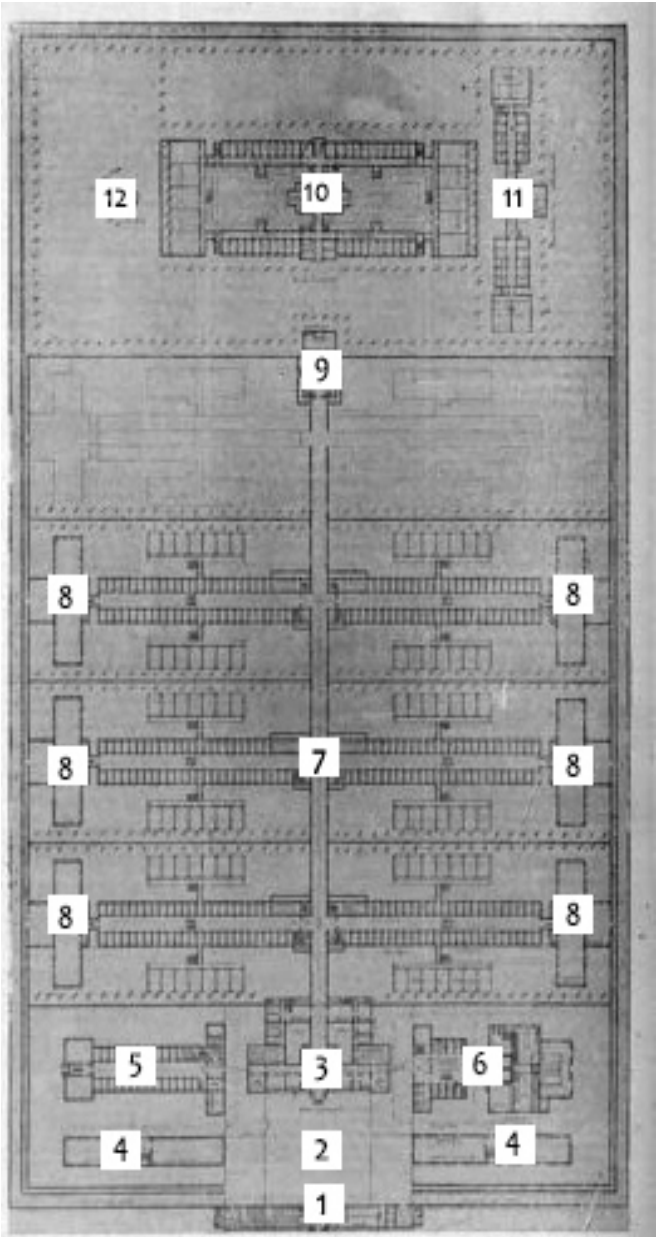
[08] Mapa Topográfico do Município de São Paulo | SARA Brasil, folha 37, 1930. Implantação da Penitenciária do Estado, com entrada voltada para a Rua Carandiru (atual Av. Gen. Ataliba Leonel) e fundos para a Rua Carajás (hoje, Av. Zaki Narchi). As várzeas do Tietê se constituíam como uma barreira natural entre o perímetro da penitenciária e a cidade além-Tietê.



[09] Elevação de um dos pavilhões da Penitenciária do Estado, obtida no acervo do Museu Penitenciário Paulista.



[10] Planta da Penitenciária do Estado, publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em 13 de maio de 1911. A parte dos fundos do complexo, o núcleo hospitalar, não foi construída ao final, e o pavilhão destinado às mulheres recebeu outra atribuição.



[11] Fotografia do interior dos pavilhões, com os corredores das celas. Cada pavilhão conta com 4 andares, sendo o térreo destinado às atividades diversas - oficinas, banho, trabalhos. Fonte: Acervo do Museu Penitenciário Paulista.



**Penitenciária do Estado**

- 1 Portaria
- 2 Pátio central
- 3 Administrativo
- 4 Armazéns
- 5 Pavilhão feminino
- 6 Cozinha, padaria, lavanderia
- 7 Eixo central
- 8 Pavilhões masculinos
- 9 Anfiteatro
- 10 Hospital e farmácia
- 11 Enfermaria de mulheres e isolamento
- 12 Necrotério

Desde o início, o trabalho e a produtividade foram os elementos fundamentais na concepção da Penitenciária. A sua organização funcional e o seu ritmo de produção industrial ditavam a rotina de disciplinamento do detento como trabalhador, expressando a capacidade da instituição - e, simbolicamente, do Estado - de não apenas de conter o crime e regenerar o criminoso, mas torná-lo apto ao convívio e produtivo para a sociedade (SEGAWA, 1987, p. 31, SALLA, 1999).

O presídio começou a receber os detentos em 31 de julho de 1920, no momento da inauguração, mesmo com algumas partes do projeto ainda não finalizadas. O número de funcionários era bastante reduzido, e muitas tarefas eram realizadas pelos próprios detentos. Apenas no ano seguinte foram realizadas as nomeações para os cargos mais elevados (SALLA, 1999, p. 198).

A partir do momento da sua implantação, a Penitenciária do Estado foi, durante um período prolongado, considerada uma instalação modelo. Com sua organização notável e profissionais capacitados, foi uma instituição inovadora, sem precedentes no país, e motivo de orgulho (BIANCHINI, 2018, p. 48).





[12] Ateliê de artes da Penitenciária, acervo do Museu Penitenciário Paulista. A noção da arte e do trabalho como redentores é muito presente até hoje na narrativa da memória institucional da Penitenciária. O Museu Penitenciário Paulista possui uma seção inteiramente dedicada à produção artística dos detentos.

A relativa autossustentabilidade do edifício e a sua estrutura administrativa eram bastante atrativas para a opinião pública, o que acabou transformando o presídio em uma espécie de atração turística. A Penitenciária, que foi considerada uma das maiores construções do governo de São Paulo do início do século, atraiu uma série de figuras públicas nacionais e internacionais, além de um grande contingente de curiosos (PEDROSO, 2012).

A referida penitenciária passou a ser considerada como o grande centro penal do mundo, ficando aberta à visitação pública – tornando-se uma atração turística para os jovens estudantes de direito e medicina, curiosos em conhecer a famosa penitenciária cujo modelo tornara-se uma referência. O que pode ser constatado mais tarde, quando foi verificado o nível de reincidência dos presos daquele estabelecimento: apenas 4% do total dos presos voltaram a cometer crimes; isto é, dos 5.500 presos que passaram por lá entre 1920 e 1944, 110 foram reincidentes (PEDROSO, 2012).

Em 1941, a demanda por um setor feminino levou à adição de uma Casa de Detenção Feminina, seguindo os mesmos princípios da anterior, mas com dimensões um pouco mais reduzidas. As mulheres eram também compelidas ao trabalho em lavanderias e oficinas de costura – voltadas para o próprio estabelecimento e para algumas repartições oficiais (BIANCHINI, 2018; PEDROSO, 2012).

[13] Interior da cela da Penitenciária. Acervo do Museu Penitenciário Paulista. As celas foram projetadas como um recinto individual, mas, conforme agravou-se o problema da população carcerária, passou a receber mais e mais pessoas.



Em consonância com o imaginário da época e com os recentes avanços científicos do campo da biologia, da psicologia e da psicanálise, a Penitenciária expressava um aspecto clínico, aproximando o preso do papel de paciente e de objeto de estudo. A abordagem cientificista envolvia o estudo individual de cada detento – coletando dados acerca das características físicas, comportamentais e psicológicas –, a partir do qual se formulava um diagnóstico e um tratamento personalizado, objetificando ao fim a *regeneração* daquele indivíduo (SALLA, 1999, p. 185; SEGAWA, 1987, p. 271).

Quando foi inaugurada, em 1920, muitas pessoas não chamavam a Penitenciária do Estado de presídio, prisão, ou mesmo penitenciária, mas referiam-se a ela como Instituto de Regeneração. Isto se explica porque no próprio frontispício do edifício foi colocada a frase de Herculano de Freitas: “Instituto de Regeneração – aqui, a bondade, a disciplina e o trabalho resgatam a falta cometida e reconduzem o homem à comunhão social”. Mas encontra justificativa também na preocupação que se teve, e não foram poucas as vezes, de associar a sua limpeza, a sua organização e disciplina mais a uma instituição educativa do que efetivamente a um presídio (SALLA, 1999, p. 298).

No Museu Penitenciário Paulista, existe uma seção do espaço expositivo dedicado à Biotipologia Criminal, intitulada *A medição dos corpos, de Lombroso aos biotipologistas*. Ali, estão dispostos alguns instrumentos de medição, fichas criminais e de matrícula - com destaque para a de João Acácio Pereira da Costa, o Bandido da Luz Vermelha - e algumas imagens da cabeça e face de alguns detentos, que parecem tiradas de dentro de uma espécie de câmara. Toda a seção, parece destacar a seriedade e solidez do Poder Público e seu compromisso com a ciência e com a busca de técnicas avançadas para *diagnóstico* e *cura* do crime. Assim como no restante do espaço expográfico, o museu falha em contextualizar e em provocar as reflexões necessárias aos visitantes. Fica muito presente a atribuição da causa do crime como biológica, mas pouco evidente as falhas de atuação do Estado e as questões sociais.

Tamanha a influência dos ideais cientificistas e da abordagem clínica do crime que a Casa de Detenção, a ser construída na década de 50, seria denominada Casa de Detenção Flaminio Favero - o primeiro presidente do Conselho Regional de Medicina.



*Penitenciária de S. Paulo  
Hospital (Curativos)*

[14] Enfermaria da Penitenciária do Estado. Acervo do Museu Penitenciário Paulista.





A narrativa oficial de uma instituição modelo, presente nas reportagens de jornal, nos testemunhos da época e nas memórias do Museu Penitenciário Paulista, esconde também uma série de violências, tragédias, arbitrariedades e silêncios. Pouco ou quase nenhum relato parte do ponto de vista dos detentos (SALLA, 1999, p. 197).

O objetivo final, a *regeneração a qualquer custo*, tornava permissível a elaboração e implementação de uma série de métodos cientificistas para condução dos encarcerados, justificando uma série de abusos. De certa forma, a Penitenciária se transformou em um laboratório de experimentação com aqueles indivíduos, quase qualquer ação era justificável em razão de um ideal de moralidade (SALLA, 1999, p. 201).

[15] Alfaiataria da Penitenciária do Estado, acervo do Museu Penitenciário Paulista. Para o funcionamento do sistema de trabalho, houve um investimento massivo na compra de maquinário para atividades como sapataria e alfaiataria. O ritmo de produção era industrial, capaz de fornecer calçados, uniformes, mobiliário, colchões, vassouras e utilitários diversos para o próprio estabelecimento e para outras partições governamentais. (SALLA, 1999, p. 197)

[16] Reportagem de 30 de julho de 1933, acervo do jornal *O Estado de São Paulo*. A Penitenciária é tida como modelo de estabelecimento entre os círculos acadêmicos.

## Impressões de uma visita á Penitenciaria de S. Paulo

RIO, 20 (IL.) — O professor João C. Granbery apresentou, ao Circulo Brasileiro de Sociologia, o seguinte relatório sobre a Penitenciaria de S. Paulo:

"Visitando S. Paulo pela primeira vez, e satisfazendo assim um desejo ha muito tempo alimentado, aproveitei a oportunidade para ver a sua notavel penitenciaria. Informaram-me que aquella instituição é uma das mais bellas penitenciarias do mundo, e certamente não fiquei desapontado. Não posso imaginar coisa alguma mais completa e melhor organizada. Devido á grande gentileza do distincto director dr. Accacio Nogueira, eu e meus amigos passamos por toda a instituição, observando com vivo interesse todas as phases da vida interna. A Penitenciaria existe ha 14 annos; presentemente tem 1.008 presos. O asseio é perfeito. Cada preso tem seu proprio quarto e muito confortavel. Cada quarto recebe a luz do sol. Não ha soldados nem armas. Houve somente uma tentativa de fuga. Ha, na instituição, escola, musica, arte, cinema, clinica e capella. A moral é extraordinaria. A boa vontade domina tudo. Ha a impressão dos dentes e das gengivas de todos os individuos encarcerados. Disse-nos o sr. Ernesto Cerf Filho, nosso guia: "Quando entra um prisioneiro, tratamos primeiro do seu corpo, depois do seu coração."

Naturalmente todos os presos trabalham, muitas vezes sustentando suas familias. Fazem coisas para o proprio estabelecimento. A instituição faz todas as suas despesas e alguma renda para o Estado. Surge, então, em nosso espirito se é possível applicar com exito a sciencia ao campo das actividades humanas. Sem duvida é difficil, mas não é impossivel, pois na Penitenciaria de S. Paulo temos um facto concreto da applicação da sciencia á vida social."



A imposição de um pesado silêncio sobre estes cenários do cotidiano da Penitenciária foi uma estratégia eficaz na conservação, por certo tempo, de uma imagem de presídio sem máculas, a ser copiado em outras partes do país. Mas, ao mesmo tempo, tal emudecimento ocultava o desespero de indivíduos que ali se viam enjaulados e a obstinação de outros, com suas indisciplinas, com seus desafios, em não se curvar à imponência daquele edifício gigantesco e monstruoso, nem à arrogância de alguns dirigentes que se punham seguros da justeza de suas ações (SALLA, 1999, p. 297).

## PENITENCIARIA

Referindo-se á serie de irregularidades que vinham se registrando na Penitenciaria do Estado, tornadas publicas no sabado ultimo, o sr. Cantidio Sampaio fez uma cri-

tica á direção do presidio, salientando que "á guisa de humanização da pena ela levou á mais completa anarquia o sistema carcerario do Carandiru. Jamais o criminoso gozou ali de tantas prerrogativas e autoridade! Os mais perigosos fascinas foram, desde logo, transformados em elementos de absoluta confiança dos novos diretores. A mais inverossimel acusação contra um funcionario, desde que partida de um detento, era liminarmente aceita como incontestavel".

Prosseguiu, afirmando que a rebelião preparada tinha o carater de protesto contra a exoneração dos diretores que lá instituíram "a anarquização da pena. Para os reclusos, foi realmente um duro golpe. Nenhuma diretoria lhes foi mais generosa, complacente e farta em be-nesses. Até dinheiro podiam fabricar..."

Concluindo, reclamou rigoroso inquerito a respeito da administração do sr. João Ranali.

O sr. Cld Franco também tratou do assunto reclamando a solução definitiva do problema penitenciario em São Paulo, dentro de normas humanas, mas no mais absoluto respeito á ordem.

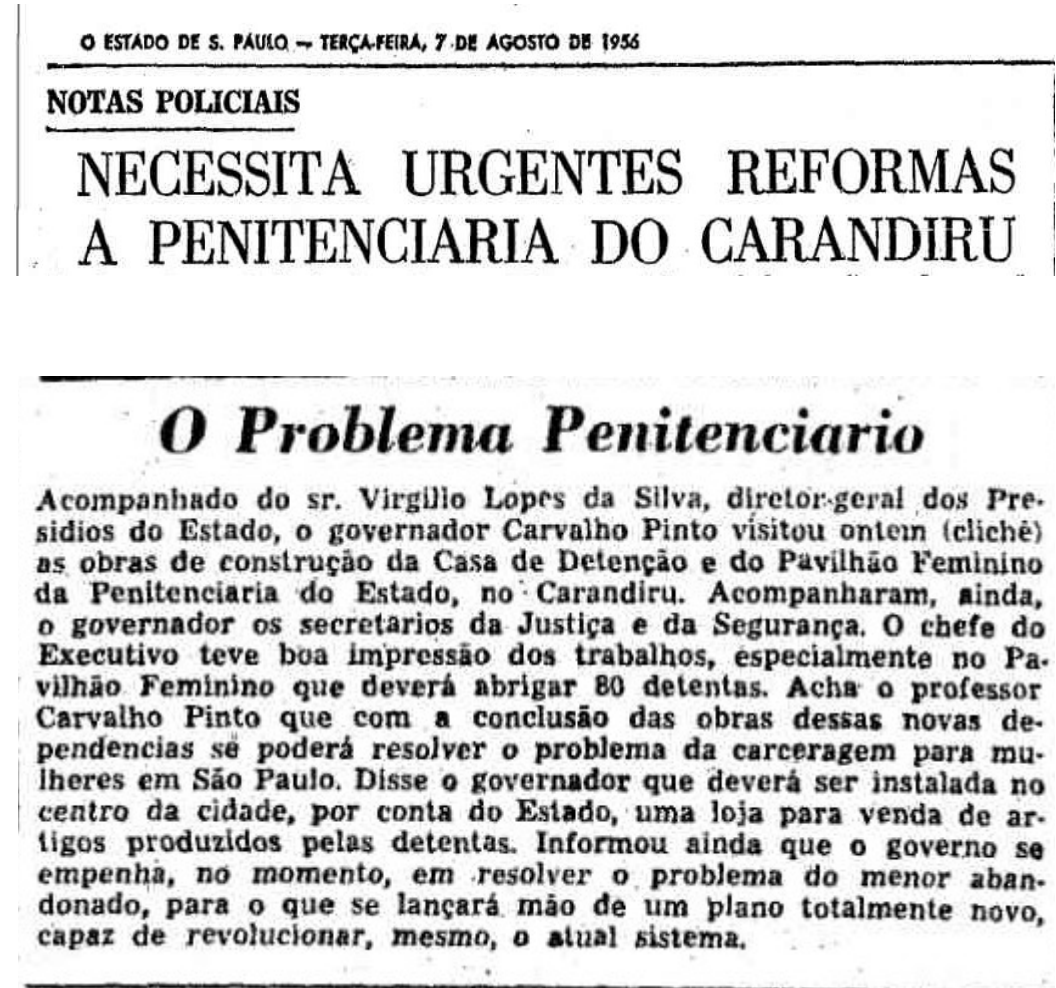
[17] Reportagem de 07 de agosto de 1956, acervo do jornal *O Estado de São Paulo*. Aqui é reproduzido o discurso de Cantídio Sampaio, militar e deputado da UDN, posteriormente, ferrenho defensor da ditadura militar. É importante ressaltar que o discurso de regeneração e ressocialização da penitenciária não era unanimidade e que, assim como se verifica hoje, existem também aqueles que consideram a vida no presídio como uma regalia.



A verdade é que naquele espaço ocorriam os mesmos tipos de incidentes, violências e transgressões de qualquer outro sistema penitenciário do Brasil e no mundo. De maneira semelhante, ocorriam também práticas de abuso de autoridade, corrupção, trocas de favores e irregularidades por parte do corpo de funcionários (SALLA, 1999, p. 202). Mas o deslumbramento com a monumentalidade do edifício, a crença e o desejo do progresso, e a fé inabalável na ciência ofuscaram qualquer tipo de rumor que possa ter escapado das muralhas da Penitenciária.

Apenas a partir de 1930, surgem críticas ao funcionamento – pouco ou nada sobre a arquitetura ou aspectos físicos –, que começaram a ganhar espaço na opinião pública. Também houve críticas acerca da característica industrial do estabelecimento, argumentando-se ser mais prudente a implantação de um perfil laboral agrícola na Penitenciária, compatível não só com a ocupação prévia dos detentos, em sua maioria, lavradores, mas também com o perfil econômico do país. Mesmo com o desenvolvimento industrial crescente da cidade de São Paulo, o próprio estado continuava sendo majoritariamente agrícola, e, além disso, qualificar mão de obra para a indústria significava fixar esses indivíduos na cidade – que já sofria com problemas relacionados ao contingente populacional (SALLA, 1999, p. 305).

Mas, com o aumento progressivo da população carcerária e a demanda cada vez maior por mais espaços de detenção, o antigo edifício da Penitenciária do Estado já abrigava uma quantidade de pessoas muito superior à prevista inicialmente no projeto, sendo necessárias novas adições ao complexo.



[18] Manchete de 07 de agosto de 1956, acervo do jornal *O Estado de São Paulo*. A reportagem traz uma série de relatos de fugas, problemas administrativos e outras irregularidades na Penitenciária do Estado.

[19] Reportagem de 04 de dezembro de 1959, acervo do jornal *O Estado de São Paulo*. São relatados problemas de lotação não apenas na Penitenciária masculina, mas também no estabelecimento penal das mulheres.



**Apenas subsidiário o novo pavilhão da Casa de Detenção**

**A transferência de presos para o Carandiru**

ainda não fixada, novo pavilhão da Casa de Detenção, em terreno cedido pela Penitenciária do Estado no Carandiru. As novas instalações fazem parte do conjunto de nove pavilhões que compreenderão o grupo destinado a constituir, no futuro, a sede da Casa de Detenção em São Paulo. Caso o governo estadual conte com verbas e os serviços forem acelerados, dentro de dois anos poderão estar instalados no Carandiru mais 2 prédios, sendo então possível, talvez, a demolição do obsoleto casarão da avenida Tiradentes.

**O NOVO PAVILHÃO**

O novo pavilhão a ser inaugurado tem capacidade para cerca de 400 detentos, distribuídos por 68 celas de tamanho variável. O prédio foi inicialmente destinado a abrigar mulheres, mas, dada a situação da Casa de Detenção, resolveu o governo colocar ali homens, uma vez que cresce diariamente o número de presos; ainda antecorrem, era de 1.510 o total de presos no casarão da avenida Tiradentes.

Com a inauguração do pavilhão, a sede da Casa de Detenção não será transferida do local onde funciona atualmente, passando o novo edifício a funcionar apenas como mais um anexo dos serviços, da mesma maneira que o presídio da rua Hipódromo, que abriga atualmente cerca de 400 detentos.

**IMPROVAVEL A MELHORIA DA SITUAÇÃO**

As novas instalações não chegarão a desafogar sensivelmente o prédio da avenida Tiradentes; mesmo que sejam transferidos para o Carandiru os 400 presos que ali podem caber, ficarão ainda na sede da Casa de Detenção, em média, de 1.000 a 1.200 presos. Nada se sabe sobre o número de detentos que serão enviados para o novo pavilhão, mas, caso seja muito além da capacidade, terá como resultado, apenas, transferir a situação em que se encontra a sede da Casa de Detenção, para o prédio do Carandiru, sem proporcionar aos presos os requisitos mínimos exigidos, nem permitindo as novas instalações funcionamento condigno.

3. A Casa de Detenção e o fim Carandiru

Em 11 de setembro de 1956, sob o governo de Jânio Quadros, foi concluí-se a construção do primeiro pavilhão e da portaria da Casa de Detenção Flaminio Favero, como uma forma de contornar os problemas de aumento da população carcerária. Diferentemente da disposição da antiga Penitenciária do Estado, os novos edifícios foram projetados em uma configuração pavilionar: contando, com alguns pátios centrais, a nova tipologia valorizava acessos centralizados, em uma linguagem mais pragmática em comparação com a solução adotada no início do século (BIANCHINI 2018, p. 72).

No primeiro momento, a capacidade do complexo foi aumentada para 3250 detentos e, ao final da construção, o complexo era capaz de abrigar 6300 pessoas nos seus 7 pavilhões. As obras, no entanto, nunca foram finalizadas, visto que alguns setores previstos, como o pavilhão 3, nunca foram executados. Algumas dessas estruturas permanecem até hoje no Parque da Juventude, como será abordado mais para frente (SMC, 2005, p. 59).

O intuito inicial da Casa de Detenção era de servir, como um estabelecimento temporário para indivíduos que aguardavam julgamento. Entretanto, a partir da perpetuação dos ciclos de violência e da produção de desigualdade pelo Estado, o estabelecimento foi transformado em uma instituição para qualquer tipo de pena. As células, anteriormente individuais, passam a ser coletivas, e os encarcerados foram condenados a viver em celas superpopulosas. Na década de 90, a Detenção chegou a contar com 9000 pessoas (Secretaria Municipal de Cultura, 2005, p. 59; BIANCHINI, 2018; PEDROSO, 2012).

[20] Reportagem de 09 de maio de 1956, acervo do jornal O Estado de São Paulo. A reportagem traz informações sobre o novo pavilhão do Carandiru, posteriormente conhecido como Pavilhão 2.



*A detenção tem mais gente do que muita cidade. São mais de 7 mil homens, o dobrou ou triplo do número previsto nos anos 50, quando foram construídos os primeiros pavilhões. Nas piores fases, o presídio chegou a conter 9 mil pessoas.*

Drauzio Varella | Estação Carandiru



[21] Imagem aérea dos anos 2000 do perímetro do Complexo Penitenciário do Carandiru (SMDU/Geosampa). A Penitenciária do Estado se tornou a Penitenciária Feminina de Santana, em funcionamento até os dias atuais. O complexo contava também com o Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário, com o Centro de Observação Criminológica, com a Secretaria de Assistência Penitenciária e com o Presídio Feminino da Capital.

### Complexo Penitenciário do Carandiru

- 1** Casa de Detenção Flaminio Favero
- 2** Centro de Observação Criminológica
- 3** Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário
- 4** Secretaria de Assistência Penitenciária
- 5** Presídio Feminino de Santana (antiga Penitenciária do Estado)
- 6** Penitenciária Feminina da Capital
- 7** ACADEPEN





[22] Imagem aérea dos anos 2000 do perímetro do Complexo Penitenciário do Carandiru (SMDU/Geosampa). A Casa de Detenção localizava-se entre as Av. Ataliba Leonel. e Av. Cruzeiro do Sul - por onde era acessada. A numeração indicada corresponde ao número de cada um dos pavilhões.

Lá eu vivi o que muita gente não viveu em duas vidas. Os acontecimentos lá são tão violentos [...] Ali é que a vida pulsa de verdade.

Drauzio Varella para Mano Brown | Mano a Mano

Os pavilhões contavam com diferentes programas (administração, enfermaria, serviços), e dividiam os internos de acordo com grupos variados - levando em consideração a natureza das acusações, graus de reincidência, idades e zonas de domínio, entre outros (BIANCHINI, 2018; PEDROSO, 2012).

A Detenção é um presídio velho e mal conservado. Os pavilhões são prédios cinzentos de cinco andares (contando o térreo como primeiro), quadrados, com um pátio interno, central, e a área externa, com quadra e o campinho de futebol.

As celas ficam de ambos os lados de um corredor - universalmente chamado de galeria - que faz a volta completa no andar, de modo que as de dentro, lado I, têm janelas que dão para o pátio interno e as outras para a face externa do prédio, lado E.

Paredes altas separam os pavilhões, e um longo caminho asfaltado, amplo, conhecido como “Radial”, por analogia à movimentada avenida da zona leste da cidade, faz a ligação entre eles. [...]

No folclore do casarão há muitas menções às “ruas Dez”, palcos tradicionais de disputas violentas. Na verdade, rua Dez nada mais é do que o trecho da galeria oposto à gaiola de entrada do andar, do outro lado do quadrado, longe da visão dos guardas, que, para atingi-la, são obrigados a percorrer as galerias laterais, onde ficam expostos às visões dos olheiros estrategicamente dispostos nas duas esquinas da Dez, nos momentos mais agudos (VARELLA, 1999 p. 18).

O médico e cientista Drauzio Varella, a partir de 1989, realizou um trabalho na Casa de Detenção voltado ao estudo e prevenção do HIV, bastante prevalente entre os detentos na época. Esse convívio deu origem ao livro *Estação Carandiru*, que reteve muito da dinâmica da Detenção, além de retratar histórias daqueles que ali viveram.

O Pavilhão 02 era dedicado à entrada. Exercia a função de recepção para os recém-chegados, com registro e foto no setor do Controle Geral. No térreo, contava com a administração, setores de apoio e alguns serviços como alfaiataria, barbearia, fotografia e a rouparia - que preparavam o detento para a vida interna. Ao adentrar o complexo, era necessário passar por esse edifício de triagem, onde se aguardava alguns dias em celas dedicadas para então ser designado a um dos outros pavilhões (VARELLA, 1999 p.21).



O Pavilhão 4 era disposto de maneira simétrica ao 2 - separado dele pela divinéia, uma área de transição. Contava com uma população reduzida, em sua maioria, de celas individuais. Como originalmente seria destinado ao Departamento de Saúde, era onde ficava a Enfermaria Geral e onde eram acomodados os presos com doenças crônicas, infecções, doenças psiquiátricas ou com necessidades especiais. A dinâmica interna do presídio também exigiu a criação de um setor especial, chamado de *Masmorra*, onde ficavam os indivíduos marcados para morrer (VARELLA, 1999 p.25).

O Pavilhão 5 era oposto ao 4 e do lado do 2. Relata-se que era o mais degradado, com problemas de fiação, infiltrações e falta de iluminação. Era um dos pavilhões em que mais havia pessoas, com uma ocupação muito além da sua capacidade. No térreo, estavam dispostos a Carceragem, uma enfermaria, uma sala de aula com uma pequena biblioteca e um conjunto de celas destinadas aos detentos que eram flagrados cometendo algum delito interno - tráfico, porte de arma, desacato aos funcionários. Ali, passavam 30 dias completamente isolados e privados de sol. No segundo andar, viviam aqueles que compunham a Faxina, grupo responsável por fazer a limpeza e distribuir refeições a outros detentos. No terceiro andar, existiam as celas destinadas aos condenados por crimes sexuais e aos *justiceiros*. No quarto pavimento, moravam os expulsos dos outros pavilhões e as travestis. No último pavimento, havia a ala da Assembléia de Deus - muito influente - e o chamado Amarelo - um setor de segurança rígida, onde ficavam os jurados de morte (VARELLA, 1999 p.27).

O Pavilhão 6 se localizava entre o 4 e o 2, em posição central. No térreo, havia a Cozinha Geral, desativada em 1995, quando os detentos passaram a receber alimento de serviços terceirizados. No segundo andar, existia um auditório, onde, no passado, houve um cinema. Juntamente com o terceiro andar, possuía algumas salas de administração dedicadas à Vigilância, à Disciplina, ao Departamento de Esportes, ao Judiciário e à Diretoria de Valorização Humana. A partir do quarto e quinto andares, se distribuíam as celas e, no quinto andar, havia uma ala especial chamada de Medida Preventiva de Segurança - uma alternativa ao Amarelo, que lotou logo na sua abertura (VARELLA, 1999 p.30).

O Pavilhão 7 ficava ao lado do 4 e foi construído como um pavilhão dedicado ao trabalho. O térreo destinava-se aos setores de manutenção e ao Patronato

- que organizava trabalhos encomendados de fora. A partir do segundo andar, se distribuíam as celas, onde a população era bastante variada e, em sua maioria, trabalhava. O pátio do pavilhão 7 contava com uma quadra de esportes e com campinhos de futebol. Por sua localização, mais próximo à muralha, muitos detentos tentaram ali a fuga por meio de túneis (VARELLA, 1999 p.31).

O Pavilhão 8, ao lado do 9, também já operava, nos anos 90, muito além de sua capacidade. No térreo, além da ala administrativa, existiam uma capela católica, um templo da Assembléia de Deus, um templo da *Deus é Amor* e um Centro de Umbanda. As celas, a partir do segundo andar, abrigavam reincidentes, quase não havendo ali réus primários. No pátio, ficava a maior quadra de futebol do complexo, onde eram disputados os campeonatos. (VARELLA, 1999, p. 33).

[23] Interior de uma das celas da Casa de Detenção. Autora: Maureen Bisilliat. As memórias são complexas. A Detenção foi também casa de muitos.







[24] Imagem dos corredores e parte externa de uma das celas do pavilhão 5. Autor: Andreas Heiniger.

O Pavilhão 9, por fim, chegou a abrigar mais de 2000 indivíduos, sendo um dos mais populosos. Existiam algumas celas de triagem, por onde passavam alguns detentos a serem relocados, mas em sua grande maioria, os detentos que ali viviam eram réus primários. Juntamente com o pavilhão 8, era conhecido por frequentes confusões (VARELLA, 1999, p. 34).

As rebeliões na Casa de Detenção não eram incomuns. As violações aos direitos humanos, a corrupção carcerária, a violência cotidiana e a superlotação das celas resultavam em inúmeros conflitos, cujo episódio mais traumático se deu com a chacina do no dia 02 de outubro de 1992.



[25] Fotografia tirada em uma das inúmeras partidas de futebol dentro da Casa de Detenção. Autor: João Wainer.

O episódio, que ficou marcado pela morte oficial de 111 pessoas – mas a comissão dos detentos alegam mais de 250, entre os mortos e feridos (VARELLA, 1999, P. 295) - ganhou uma grande repercussão na mídia, estampando as principais capas de jornal e se tornando tema de produções musicais, filmes e livros.

Nesses 30 anos do Massacre, Houve grande dificuldade em se atribuir responsabilidades pelos assassinatos ali cometidos. Apesar dos esforços de setores civis, os processos de responsabilização criminal, civil e disciplinar foram todos interrompidos, anulados ou absolvidos até 2021, quando se retomou a condenação de 73 policiais (FERREIRA, MACHADO, 2012).



Cada detento uma mãe, uma crença  
Cada crime uma sentença  
Cada sentença um motivo, uma história de lágrima  
Sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio  
Sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo  
Misture bem essa química  
Pronto, eis um novo detento  
Lamentos no corredor, na cela, no pátio  
Ao redor do campo, em todos os cantos  
Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã  
Aqui não tem santo

Racionais MC'S | Diário de um Detento

[26] Reportagem de capa de 04 de outubro de 1992, do jornal *Diário Popular*, anunciando a morte oficial de 111 pessoas.

[27] Capa do caderno Cidades de 05 de outubro de 1992, acervo do jornal *O Estado de São Paulo*. O massacre foi amplamente coberto pela mídia da época, que, ao mesmo tempo que denunciava o abuso policial e o genocídio ocorrido, também não perdeu oportunidades de estampar as folhas com fotos explícitas das vítimas. Qual o valor dos corpos anônimos, expostos de maneira tão impiedosa?



O ESTADO DE S. PAULO

# Cidades

SEGUNDA-FEIRA - 5 DE OUTUBRO DE 1992

## Relatos revelam horror do massacre

Pessoas que estiveram com sobreviventes do Pavilhão 9 dão detalhes da matança; governo adiou anúncio sobre número de mortos



**Horror**  
Mais de 70 corpos de presos mortos estavam ontem em caixões nos corredores do necrotério do IML

Massacre e genocídio foram as palavras usadas, ontem, pelos parlamentares e representantes de comissões de defesa dos direitos humanos na saída da visita que fizeram à tarde à Casa de Detenção. "É a única conclusão a que podemos chegar depois de evidências como tiros dados nos colchões dos beliches, de baixo para cima, nas celas onde os presos foram encurralados sem defesa", disse o deputado federal José Genoino (PT). O número de mortos, de acordo dele, pode ser maior do que os 111 divulgados. Genoino segurava um punhado com mais de 20 balas recolhidas no Pavilhão 9. Ele foi o primeiro a deixar o presídio, às 17h20, 2h40 depois da entrada do grupo. "Nos contaram que ainda há corpos no poço do elevador, eliminados pelos policiais", contou Eduardo Suplicy, candidato do PT à Prefeitura. Segundo o deputado estadual Jamil Murad (PCdoB), a lista de mortos oficiais é dos que tinham familiares. "Mas há muitos desaparecidos e o número final pode ser de 160". Um cartaz colado numa das janelas pelos presos garantia que 280 pessoas foram mortas. Quem entrou no Pavilhão 9 ficou impressionado com o número de balas disparadas. Os presos disseram que não tinham armas de fogo e não houve rebelião. Nem sequer refém. "Foi abuso de poder e os colchões dos beliches, onde muitos procuram proteção, ficaram como panelas", explicou Genoino. O professor de Ciências Políticas da USP, Paulo Sérgio Pinheiro, membro da Comissão Teotônio Viçela de Direitos Humanos, fotografou os cadáveres do Pavilhão 9. "Os presos foram executados". A comissão criticou a ausência de peritos para apurar a situação. E no mínimo estranho o número de mortos ser maior que o de feridos, já que a PM entrou no presídio atraindo no escuro", disse Suplicy.

**Horror** — Os relatos dos parentes sobre a situação dos presos que testemunharam o massacre de sexta-feira são estardalosos. Eles contam ter visto muitos detentos feridos com o olho cego de pancadas. Outros tinham braços e pernas quebrados e hematomas pelo corpo todo. A maior parte dos ferimentos à cabeça eram no peito e na cabeça. Segundo parentes, alguns detentos tiveram os testículos arrastados pelos cachorros. Outros foram metralhados mesmo depois da rendição. Os sobreviventes foram dos a carregar os mortos. Os policiais diziam que os que tinham morrido estavam com AIDS e não queriam se contaminar. Quem não conseguia levar, era eliminado. O filho de 40 anos, filho da Casa de Detenção à procura do filho Cláudio de Carvalho, de 20, mandando por assalto a banco. Ela recebeu a sonha para visitar

Foi um genocídio. Esta foi a expressão usada por parlamentares e representantes de comissões de direitos humanos que visitaram ontem o Pavilhão 9 da Casa de Detenção, no qual morreram na sexta-feira 111 detentos, no maior massacre de presos da história do País. "Foram dados tiros nos colchões dos beliches, de baixo para cima, nas celas onde os presos foram encurralados sem defesa", afirmou o deputado federal José Genoino (PT). O número de mortos, de acordo com a comissão, pode ser maior do que o oficialmente divulgado. Parentes dos presos — que envolveram-se em vários incidentes com policiais durante todo o dia na Casa de Detenção — ouviram relatos estardalosos dos sobreviventes. Foi um horror. A maioria morreu com tiros no peito e na cabeça. Muitos tinham braços e pernas quebrados, outros foram metralhados depois de se renderem. Os sobreviventes tiveram de carregar os mortos. O governo estadual adiou a divulgação do número total de mortos em função da eleição à Prefeitura. O governo nega. O secretário de Segurança Pública, Pedro Franco de Campos disse que somente quando soube do número exato divulgou a informação. Era 16h30 do sábado, mais de 24 horas depois da entrada da PM no presídio. As entidades des de direitos humanos vão pedir a exonerção de Franco e do diretor do presídio, José Ismael Pedrosa. O deputado Jamil Murad (PC do B) vai propor a instalação de uma Comissão Especial de Inquérito (CEI). A imprensa internacional está dando grande destaque ao massacre.

**Comissão visita detentos e diz que houve genocídio**

**MARCELO FARIA DE BARROS**

Massacre e genocídio foram as palavras usadas, ontem, pelos parlamentares e representantes de comissões de defesa dos direitos humanos na saída da visita que fizeram à tarde à Casa de Detenção. "É a única conclusão a que podemos chegar depois de evidências como tiros dados nos colchões dos beliches, de baixo para cima, nas celas onde os presos foram encurralados sem defesa", disse o deputado federal José Genoino (PT). O número de mortos, de acordo dele, pode ser maior do que os 111 divulgados. Genoino segurava um punhado com mais de 20 balas recolhidas no Pavilhão 9. Ele foi o primeiro a deixar o presídio, às 17h20, 2h40 depois da entrada do grupo. "Nos contaram que ainda há corpos no poço do elevador, eliminados pelos policiais", contou Eduardo Suplicy, candidato do PT à Prefeitura. Segundo o deputado estadual Jamil Murad (PCdoB), a lista de mortos oficiais é dos que tinham familiares. "Mas há muitos desaparecidos e o número final pode ser de 160". Um cartaz colado numa das janelas pelos presos garantia que 280 pessoas foram mortas. Quem entrou no Pavilhão 9 ficou impressionado com o número de balas disparadas. Os presos disseram que não tinham armas de fogo e não houve rebelião. Nem sequer refém. "Foi abuso de poder e os colchões dos beliches, onde muitos procuram proteção, ficaram como panelas", explicou Genoino. O professor de Ciências Políticas da USP, Paulo Sérgio Pinheiro, membro da Comissão Teotônio Viçela de Direitos Humanos, fotografou os cadáveres do Pavilhão 9. "Os presos foram executados". A comissão criticou a ausência de peritos para apurar a situação. E no mínimo estranho o número de mortos ser maior que o de feridos, já que a PM entrou no presídio atraindo no escuro", disse Suplicy.

**Desespero**  
Primeira visita: sem informações sobre os presos, parentes tentaram invadir a Casa de Detenção

## Governo adiou a divulgação sobre mortos; secretário nega

**FAUSTO MACEDO**

O governador Luís Antônio Fleury Filho sabia, na noite de sexta-feira, das reais dimensões do massacre na Casa de Detenção, mas determinou que as informações fossem mantidas em sigilo para não prejudicar o desempenho eleitoral de Aloysio Nunes Ferreira e dos demais candidatos do PMDB. Na véspera da eleição, ao tomar conhecimento de que havia pelo menos uma centena de mortos, Fleury desencadeou um plano para "mascarar" a situação. No dia, apenas oito corpos foram levados ao Pronto-Socorro de Santana, na Zona Norte, para dar a impressão de que o choque não tinha sido tão violento. O diretor da Casa de Detenção, José Ismael Pedrosa, dominado pelos coronéis, saiu três vezes ao portão principal da cadeia, entre a noite de sexta-feira e a madrugada de sábado. Afirmou que não sabia o número de mortos. "Estou sendo sincero", gritou Pedrosa às famílias desesperadas. "Os coronéis é que estão sabendo de tudo." Os coronéis Ubiratan Guimarães, Luis Nakahara, Edson Farero e Hermes Bittencourt Cruz não quiseram dar informações. A única contagem que fizeram foi das armas supostamente encontradas em poder dos presos — 18 revólveres e 160 estiletes. Também anunciaram a invasão do Pavilhão 9 — já tinha

O secretário da Segurança, Pedro Franco de Campos, negou ontem a versão de que o governo estadual sonegou as informações sobre a morte de 111 presos, que só foi divulgada na tarde de sábado, mais de 24 horas depois do massacre. A demora se deveu, segundo ele, à necessidade de ter um balanço e não ficar divulgando informações desconstruídas. "Não houve sonegação", afirmou o secretário, que na manhã de sábado viajou de helicóptero para votar em Mogi-Mirim. Depois de retornar à capital, Pedro Franco de Campos disse ter se reunido imediatamente com o comando da PM, a fim de ter o quadro completo da situação. Acrescentou que as 15 horas passou as informações ao governador Fleury, antes de conceder a entrevista em que divulgou o número de mortos, às 16h45, 15 minutos antes do fechamento das urnas.

**Colaboração: Marcelo Faria**

Desespero  
Parente de detento no IML chora depois da identificação

É NO PONTO FRIO LIGUE JÁ. 260-5000



o filio, mas não localizou o rapado. Encontrou um amigo de Carvalho perguntou por ele. "Primeiro disse que não sabia, mas depois contou que meu filio fora morto."

**Cão** — "Muitos detentos tiraram a roupa para se resfriar e mesmo assim foram metralhados" contou Maria Salete. "Outros, já nus, foram obrigados a correr numa espécie de corredor polones." Quando passavam, eram atacados pelos cães. Alguns tiveram os testículos arrancados ou foram mordidos. A vendedora ambulante Marli Vieira teve o filho, Sandro Roberto Vieira, de 21 anos, morto durante o massacre. "Muitos detentos se esconderam debaixo dos colegas mortos para não serem metralhados." Segundo o que ouviu, os militares metralharam os presos indiscriminadamente e sempre aos grupos", revelou Marli Vieira. "Eles atiraram nos que se escondiam debaixo dos colchões e dos beliches e mataram todos os detentos que ainda estavam vestidos, pensando que eles tivessem armados." Todos os presos, segundo os parentes, foram amarrados em algemas que não tinham armas de fogo. Segundo uma mulher que não quis identificar os filhos derramados no chão em uma das escadas. Os detentos, na fuga, escorrevam, facilitando sua eliminação a tiros.

**Colaboração: Maria Fátima e Renato Leal**





O novo ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, disse que a reforma fiscal é uma das prioridades do governo brasileiro. O ministro vai fazer um Congresso a propósito do governo Collier, que servirá de ponto de partida para discussões. Vargas disse que será com dois articuladores para a operação do projeto. Segundo o ministro, o que ele quer renovar é o sistema de impostos. (A. G. 1, 12/10/68)





[30] Placa do Pavilhão 9 da Casa de Detenção Flaminio Favero, exposta no Museu Penitenciário Paulista. O único remanescente físico do edifício, implodido em 08 de dezembro de 2002. Foto do acervo pessoal.

[31] Reportagem de 18 de julho de 2005, acervo do jornal *O Estado de São Paulo*. =Em 4 segundos, Carandiru vira pó. Em um instante, os pavilhões 2 e 5 são implodidos por dinamite acionada pelo próprio governador. Qual o tamanho do desejo de apagamento das histórias dentro das paredes da Casa de Detenção?

a casa de detenção

C4 CIDADES/METROPOLE  
SEGUNDA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 2005 • O ESTADO DE S. PAULO

## Em 4 segundos, Carandiru vira pó

Implosão dos pavilhões 2 e 5 custou R\$ 2,5 milhões e precisou de 200 quilos de dinamite, acionados por Geraldo Alckmin

URBANISMO  
Mauro Mug

Em quatro segundos os pavilhões 2 e 5 da antiga Casa de Detenção, no Carandiru, vieram abaixo. Exatamente às 11 horas de ontem, o governador Geraldo Alckmin apertou o botão vermelho do detonador de 200 quilos de dinamite, provocando 1.500 explosões em série. A operação, que custou R\$ 2,5 milhões aos cofres do Estado, foi necessária para dar continuidade à construção do Parque da Juventude, uma área de 90 mil metros quadrados (*Leia ao lado*).

Depois do estrondo, uma enorme nuvem de poeira avermelhada cobriu o local - e todos que estavam lá. Políticos, secretários, repórteres, fotógrafos, policiais saíram correndo dos palanques à procura de abrigo.

Uma camada fina de pó cobria paletós e blusas, enquanto as pessoas tossiam, esfregavam os olhos ou tampavam o rosto com lenços e mangas de camisa. Funcionários da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo serviam copinhos com água para limpar a garganta.

Dez minutos antes da detonação, as pessoas que se encontravam nas plataformas e no mezanino da estação Carandiru do metrô foram retiradas e os acessos à estação, fechados.

Cinco minutos depois, a circulação dos trens entre as esta-

ções Santana e Tietê foi interrompida. Os curiosos puderam assistir à implosão num telão montado na Avenida Ataliba Leonel.

"Morei aqui há 30 anos e vi muita confusão, fugas, rebeliões. Espero que nessa vida fique mais tranqüila agora", brincou o aposentado Felício Chaves, de 78 anos.

Inaugurada em 1956, a Casa de Detenção chegou a abrigar 8.500 presos de uma só vez e se transformou no símbolo de superlotação carcerária e do desprezo aos direitos humanos. A

NÚMEROS

**4**  
segundos foi o tempo que durou a implosão

**200**  
quilos de dinamites foram usados

**10**  
mil metros cúbicos de entulho foram produzidos

**90**  
mil metros quadrados era a área ocupada pelos prédios

**R\$2,5**  
milhões foram gastos para implodir os Pavilhões 2 e 5

promessa inicial do governo era entregar o parque pronto em dezembro de 2003.

**HISTÓRIA**  
O marco do fim do Carandiru foi dezembro de 2002, com a implosão dos pavilhões 6, 8 e 9. O pavilhão 9, palco do massacre dos 111 presos no dia 2 de outubro de 1992, foi o primeiro a vir abaixo. Depois, desapareceram o 8 e o 6.

Hoje começam as obras do Parque Institucional. Segundo o governador, as obras devem durar 11 meses. A retirada do entulho deve demorar 4 meses. "Com a implosão, o Carandiru deixa de ser um péssimo modelo de sistema prisional para dar lugar ao charme de uma cidade grande, pois será transformado na mais completa área de lazer de São Paulo", afirmou o governador.

**DELÍVIO**  
No momento em que relacionava as melhorias que serão realizadas no parque, o governador foi interrompido por um repórter que queria saber sua opinião a respeito das declarações do ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares. "O delívio é em outro lugar, aqui é implosão", respondeu.



POEIRA - Depois do estrondo da implosão, nuvem avermelhada cobriu políticos, policiais e repórteres

**Obra para completar parque deve levar 11 meses**

Com a implosão dos Pavilhões 2 e 5 do antigo complexo prisional do Carandiru, o governo do Estado inicia hoje a última fase de obras do Parque da Juventude. Na área de 90 mil metros quadrados, antes ocupada pelos dois prédios, será erguido o Parque Institucional, que abrigará um Pavilhão de Exposições e um teatro.

Das sete unidades que compunham a Casa de Detenção, apenas os Pavilhões 4 e 7 serão mantidos, mas passando por grandes reformas. Os locais vão abrigar uma escola técnica estadual, uma unidade do Acesso São Paulo, o Instituto de Promoção da Saúde e o Núcleo de Artes Integradas. A previsão é que todas as obras sejam concluídas em 11 meses.

O parque começou a ser construído em dezembro de 2002, quando foram implodidos os antigos Pavilhões 6, 8 e 9. A primeira fase do projeto foi inaugurada em setembro de 2003: um parque esportivo de 36 mil metros quadrados, com 10 quadras esportivas, pistas de skate e de cooper, vestiários, lanchonete e estacionamento.

Em setembro do ano passado, foi entregue o Parque Central, uma área verde de 95 mil metros quadrados. Neste trecho, foi preservada a restiúta da vegetação nativa de mata atlântica. Um trabalho para despoluir o Córrego Carajás, que passa pelo parque, também foi iniciado e deve ser concluído junto com as outras obras.

A única lembrança concreta do Carandiru é a muralha do presídio. Ali os visitantes poderão refazer o caminho rotineiro dos vigias quando o presídio ainda funcionava. A penitenciária foi desativada no dia 15 de setembro de 2002, após 45 anos de atividades.

O investimento na área, incluindo as implosões dos pavilhões, deve ultrapassar a quantia de R\$ 60 milhões. Hoje, o parque recebe a visita de 50 mil pessoas por mês. M.M.



Após inúmeras violações aos direitos humanos, a Casa de Detenção foi desativada em 2002, e os pavilhões 6, 8 e 9 foram implodidos nesse mesmo ano – condição imposta no edital do concurso público para o projeto do Parque da Juventude. Em 2005, os pavilhões 02 e 05 foram também demolidos e os pavilhões remanescentes – 04 e 07 – se transformaram na ETEC Parque da Juventude – edifício que abriga o Espaço Memória do Carandiru, instituído pelo Decreto estadual no 52.112, de 30/8/2007.

O desejo para o novo espaço é de que se tornasse uma parque, local de integração e interação social, capaz de ressignificar o sofrimento e a exclusão. Inaugurado em 2003, o projeto vencedor do concurso, de autoria do escritório Aflalo e Gasperini, é um dos espaços mais frequentados da Zona Norte (BORGES, 2016, p. 18).

Mesmo após a desativação parcial do complexo - que será melhor retratada nos capítulos seguintes - muitas iniciativas mantêm viva a memória da Casa de Detenção. Grupos de rap, como o 509-E, que se originaram dentro dos muros da Detenção. Egressos do sistema, que ressignificaram sua experiência e relatam sua vivência das mais diferentes formas - como o Mano Brown, através da música, ou como Maurício Monteiro, através de seu canal do YouTube, *Prisioneiro 84901*. O médico Dráuzio Varella que, além do livro, *Estação Carandiru* (1999), compartilha sua vivência em vídeos e podcasts. Os alunos e professores da ETEC, que mantêm o Espaço Memória do Carandiru, organizando o espaço expositivo e reproduzindo histórias a eles confiadas.

O Carandiru ainda vive.

Carandiru, 20 de novembro de 1999.

Apenas mais um entre 365 dias iguais. Provando do veneno e do gosto amargo do sistema. Lágrimas de sangue se misturam na taça do ódio, abandono, sofrimento, lamentos. A fita não foi apaziguada, outra vez as escadas vão ser tingidas de vermelho, misericórdia é raridade! O amanhã pertence só a Deus, uma par de ferido, vários mortos ficaram pelo caminho, mas nossa vontade de vencer é bem maior. A gente não tá engrupido com a frase: "Vai melhorar".

500 anos, não temos motivos nenhum para comemorar.

Nosso governo é tão justo, que construiu mais presídios e menos escolas. Os preto aqui Afro-X e Dexter e uma par de manos que são considerados um perigo pra sociedade têm uma missão: contrariar mais uma vez a estatística e a justiça cega, mostrando principalmente a si próprio, que ser humano é capaz de regenerar-se.

509-E | Carta à Sociedade

[32] Grafite no exterior da ETEC Parque da Juventude, em menção à rua 10. Acervo pessoal.





# André du Rap narra a chacina em livro

*Sobrevivente  
escondeu-se sob os  
cadáveres dos colegas,  
fingindo-se de morto*

André du Rap, nascido José André de Araújo, faz aniversário no dia 2 de outubro. Era uma dos 2.076 detentos que cumpriam pena no pavilhão 9 em 1992. No dia em que completava os 21 anos, sobreviveu porque se escondeu sob os corpos dos colegas mortos. "Às vezes eu me vejo naquele dia, lembro de como começou, um amigo de cela falando, alguém dizendo: 'Ô, André, hoje é seu aniversário, mano! Segunda-feira eu vou embora, vou mandar um presente pra você aí, de lá de fora.' Esse amigo morreu na minha frente, tomou mais de 18 tiros de metralhadora na minha frente", conta ele, no livro-depoimento *Sobrevivente André du Rap (da Massacre do Carandiru)*, da Labortexto (232 págs., R\$ 24).

André, em liberdade desde abril de 2000, não acredita nas "estatísticas oficiais". Acha que muito mais gente foi morta naquele 2 de outubro, muito além dos 111. O livro é resultado de uma série de entrevistas concedidas por André ao jornalista e escritor Bruno Ze-

ni. A obra também traz depoimentos que André registrou sozinho e cartas que enviou de dentro da prisão.

A narrativa começa com a descrição do massacre de 2 de outubro. É o mais dramático momento do livro: algumas histórias são conhecidas, como o uso de cachorros para dominar os presos, os tiros a esmo dados pelos policiais, etc. Tudo, porém, ganha força porque é narrado por um sobrevivente da ação policial: "Foi um fato que aconteceu e está escrito na história do País", diz André. "A cena era horrorizante. Começamos a lavar o pavilhão, puxando com rodo aquele monte de sangue. Pedaco de carne, pedaco de companheiro seu, pedaco de ser humano ali no meio da água misturada com sangue, sangue de vários homens."

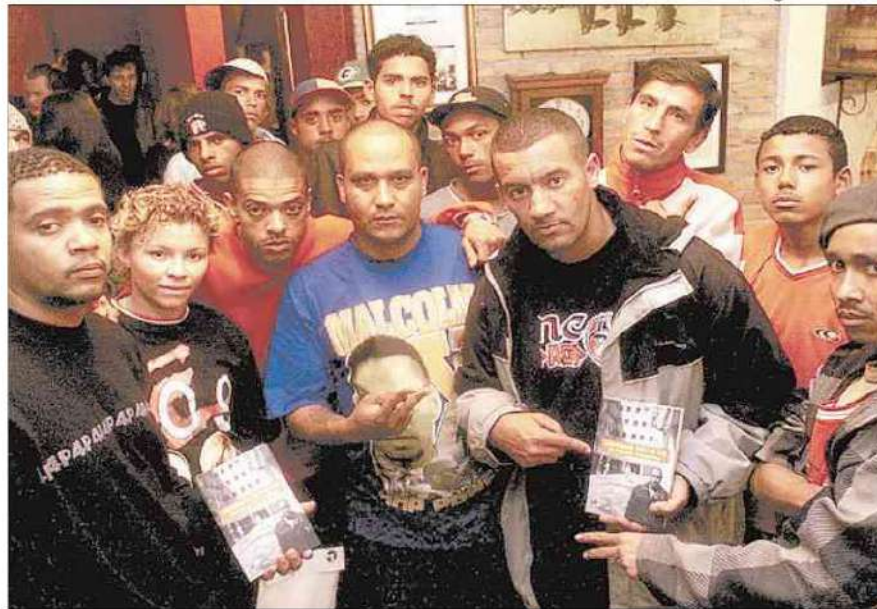
O livro, contudo, não se limita à descrição do que ocorreu há dez anos. André passa também por questões como o namoro na prisão, o aprendizado da profissão de alfaiate dentro do Carandiru, seus trabalhos anteriores à condenação, o estigma de ex-presidiário, a difícil relação com a Justiça e a mídia, a rotina da cadeia, a his-

tória que o levou à prisão e as trocas de cartas.

No Carandiru, André formou o grupo de rap União Racial da Aliança Rap. Já fora da prisão, de agosto de 2000 a agosto de 2001, coordenou uma oficina de hip-hop para crianças e adolescentes em Suzano, na Grande São Paulo, onde mora. Atual-

mente, faz trabalhos de grafiteagem e dá oficinas itinerantes de DJ e MC. Hoje, como outros sobreviventes, André deve participar do culto ecumênico que ocorre, às 18 h, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em homenagem aos mortos e pedindo punição dos policiais que participaram da ação. (H.C.S.)

Tiago Queiroz/AE



*André du Rap (de camiseta azul): a difícil relação com a Justiça*

## TRECHO

Vai fazer dois anos que eu estou em liberdade. Emprego, eu não consigo. Tenho profissão, já tinha aqui fora, aprendi outra lá dentro, mas aqui fora é sempre a mesma coisa. Toda vez que você chega numa firma, "Precisa-se de estampilha", "Precisa-se de ajudante-geral", você faz o teste, passa, quando chega na documentação, é rejeitado. Pegam o seu atestado de antecedentes, vêem que você é ex-presidiário, pronto: já olham com desconfiança. Na nossa sociedade, o ex-presidiário vai ser sempre ex-presidiário. A sociedade me colocou um carimbo: ex-presidiário. Me deram uma carteira de bandido. Para as companheiras, a mesma coisa. a mulher do preso é sempre mulher de presidiário, mulher de bandido.

Independentemente do erro que eu cometi, eu paguei por ele. Além da conta. Por lei, o réu primário, de uma pena de 12 anos, deve cumprir quatro. Eu cumpri dez. E num crime que eu não cometi. E para eu provar a minha inocência? Eu tenho dinheiro pra pagar um advogado? Não tenho. Outro dia um promotor me disse:

– Deixa isso pra lá que você não vai conseguir.

– Só falta um ano pra vencer a minha pena.





## MEMÓRIA

# Massacre do Carandiru influencia cultura até hoje

*Morte de 111 presos, em 1992, inspirou obras de músicos, escritores, cineastas e artistas plásticos*

HAROLDO CERAVALLO SEREZA

Um romance recém-lançado, chamado *SnuffMovie* (Marcos Fábio Katudjian, Casa Amarela), no meio da trama, traz uma referência ao dia 2 de outubro de 1992, data em que 111 presos da Casa de Detenção de São Paulo foram mortos pela ação da polícia paulista. Para o romancista estreante, o chamado Massacre do Carandiru teria sido exatamente um “snuff movie”, um filme em cujo final os “atores” são assassinados. Ou seja, uma megaprodução cinematográfica e uma megatragédia midiática.

Não se sabe se a indústria do snuff movie, aqui ou na Europa, existe de fato ou se é apenas uma “lenda urbana”. Mas a utilização do episódio no livro dá uma dimensão da marca dessas 111 mortes na cultura brasileira, uma temática que conquistou também muitos intelectuais e parte da classe média.

O massacre entrou na música de Caetano Veloso (*Haiti*: “E quando ouvir silêncio sorridente de São Paulo da chacina/ Cento e onze presos indefesos/ Mas presos são quase todos pretos/ Ou quase pretos ou quase brancos/ Quase pretos de tão pobres e pobres são como pobres”), explica o sucesso editorial de *Estação Carandiru*, do médico Drauzio Varella, é o grande tema da talvez mais conhecida música do grupo de rap Ra-



Visitantes vêem instalação de Siron Franco no Carandiru: cultura é uma forma de escapar do crime

cionais MC's: *Diário de um Detento*. Indiretamente, é possível observar ecos do massacre na literatura policial brasileira, bastante crítica em relação à instituição, em obras de autores como Marçal Aquino (*O Invasor*) e mesmo Luiz Alfredo García-Roza, criador do detetive Espinosa, protagonista de quatro livros (entre eles, *Uma Janela em Copacabana*). E, claro, na repercussão do livro (de Paulo Lins) e do filme (de Fernando Meirelles) *Cidade de Deus*. Deixa-se de mencionar, por questão de espaço, to-

dos os documentários sobre o sistema carcerário e sobre a periferia produzidos nos últimos dez anos.

Pormais que vozes como a do próprio Drauzio ainda achem que “os presos não têm formação suficiente para escrever livros” (revista *Cult*, edição 59), a realidade parece estar mais com o crítico literário Roberto Schwarz, que na mesma reportagem, afirmou: “Com tanta gente (*presa*), é natural que da nova organização social gerada nas prisões surjam artistas de relevo.”

Évelson de Freitas/AE

Mas não só os que passaram pela cadeia tiveram suas vidas e suas obras marcadas pelo massacre. “Naquela época, na favela, ninguém falava da cadeia”, conta Ferréz, autor do romance *Capão Pecado* e editor da revista *Literatura Marginal*. “E todo mundo daqui ou tinha amigo, ou conhecido ou parente lá.” Na época, Ferréz tinha 16 anos. “Fiquei sabendo da ação pela TV.”

Ferréz acredita que o massacre marcou a cultura da periferia. “Cada vez que acontece uma coisa as-

sim, a gente sente a opressão do Estado; sente que a gente não vale nada para o sistema; vimos o sistema mostrando suas facas.” A opinião de Ferréz mostra bem a ligação da população da periferia da cidade com a vida nos presídios e a emergência de um discurso que opõe claramente ricos e pobres, centro e periferia, sistema e excluídos.

Para essa geração de rappers, escritores, grafiteiros e artistas da periferia e do sistema prisional, a cultura é uma forma de escapar do crime e,

principalmente, uma forma de revelar e criticar a realidade. “O massacre do Carandiru foi o nosso 11 de Setembro, são o que o ataque às torres gêmeas foram para os EUA”, completa.

Aproveitando o a visitação aos pavilhões 2 e 7, dois ex-presidiários estão vendendo seus livros diante do portão de entrada do Carandiru: André du Rap, autor de *Sobrevivente André du Rap* (do Massacre do Carandiru, e Jocenir, de *Diário de um Detento: o Livro*.

André estava no pavilhão 9 quando a área do presídio foi invadida; Jocenir, não, mas foi ele quem escreveu a letra do rap dos Racionais. Vender os próprios livros é uma forma de ampliar a receita e se manter. Jocenir planeja escrever mais um livro sobre o sistema prisional e publicar histórias já prontas que não figuraram em *Diário de um Detento*. Desde o início do ano, ele mostra seu livro nas proximidades da Praça da República. Jocenir diz que abrir a visitação dos pavilhões 2 e 7 é fácil: “Quero ver eles abrirem o 5 e o 8.” No pavilhão 5, ficavam os travestis. No 8, os presos mais perigosos – “Onde todo dia tinha um morto.”

Sobre os dez anos do massacre, André protesta: “Cadê a punição? A Justiça só serve para nós”, diz ele, solto depois de cumprir dez anos. “Fui condenado por um homicídio, ele (*referindo-se ao coronel Ubiratan Guimarães*) foi por 102; eu fiquei preso dez anos; ele está solto”. André diz que, quando aparece na mídia, “está representando toda uma comunidade”. Também afirma que, quando critica o sistema, não está sendo polêmico: “Não sou polêmico, sou realista.”



Dois ladrões considerados passaram a discutir  
Mas não imaginavam o que estaria por vir  
Traficantes, homicidas, estelionatários  
Uma maioria de moleque primário  
Era a brecha que o sistema queria  
Avise o IML, chegou o grande dia  
Depende do sim ou não de um só homem  
Que prefere ser neutro pelo telefone  
Ratatatá, caviar e champanhe  
Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!  
Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo  
Quem mata mais ladrão ganha medalha de  
prêmio!  
O ser humano é descartável no Brasil  
Como modess usado ou Bombril  
Cadeia? Claro que o sistema não quis  
Esconde o que a novela não diz  
Ratatatá! Sangue jorra como água  
Do ouvido, da boca e nariz  
O Senhor é meu pastor  
Perdoe o que seu filho fez  
Morreu de bruços no salmo 23  
Sem padre, sem repórter  
Sem arma, sem socorro  
Vai pegar HIV na boca do cachorro  
Cadáveres no poço, no pátio interno  
Adolf Hitler sorri no inferno!  
O Robocop do governo é frio, não sente pena  
Só ódio e ri como a hiena  
Ratatatá, Fleury e sua gangue  
Vão nadar numa piscina de sangue  
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?  
Dia 3 de Outubro, diário de um detento



Senhora Presidente,

Todos sabemos que os órgãos preservacionistas governamentais, tanto o Iphan como os estaduais ou municipais, dentre o universo de nosso patrimônio da cultura material, protegem tão somente os artefatos ou bens de interesse artístico ou histórico; os demais ficam à mercê do tempo, do anonimato e seu desaparecimento nem é notado.

A determinação daquilo que seja histórico ou artístico é o problema latente quando tendem a prevalecer as decisões subjetivas ou políticas e daí a conveniência da deliberação coletiva, oportunidade em que as dúvidas são dirimidas com maior facilidade.

Essas reflexões são pertinentes quando estamos a tratar do complexo arquitetônico encabeçado pela velha Penitenciária do Carandiru. Ali está descartada a hipótese de estarmos diante de uma obra de arte. A arquitetura ali presente é simplesmente correta quanto examinamos o primitivo edifício da década dos anos vinte projetado por Samuel e Cristiano das Neves e modificado e construído pelo escritório de Ramos de Azevedo tendo em vista os modelos estrangeiros da época. O interesse artístico ou histórico das demais construções anexas é verdadeiramente desprezível, para não dizermos nulo. O ponto de vista histórico também é relativo, trata-se da primeira penitenciária paulista, feita para substituir o velho “presídio da Tiradentes”, do qual foi tombado pelo Condephaat o que restou de seu portão de entrada, merecedor de uma lápide alusiva aos presos políticos ali supliciados.

Aceitando a Penitenciária do Carandiru como documento histórico, sugerimos o seu tombamento simplesmente circunscrito ao seu perímetro, liberando da preservação oficial o seu terreno envoltório e, ao mesmo tempo, julgando mais que necessária a total demolição das construções satélites, inclusive a Casa de Detenção. No terreno liberado serão aceitas, adequadas ao paisagismo a ser estabelecido, novas construções ligadas ao lazer popular característicos de um parque público que os habitantes daquela região estão a carecer.

Essas exigências são pertinentes ao comparecer no texto da resolução de tombamento como regulamentação da área envoltória de um bem arquitetônico preservado pelo Conpresp, bem que, por sinal, deverá sofrer obras de requalificação com a assunção de novos programas, sejam de escolas, sejam de locais de reunião os mais variados, à semelhança do ocorrido com a Estação Julio Prestes, com a modernização do Espaço da Pinacoteca. Esse é nosso modo de pensar, que exponho a meus pares.

Carlos Lemos, Conselheiro Relator  
São Paulo, 11 de novembro de 2001

## a patrimonialização do complexo penitenciário do carandiru

### Tombamento, ações de preservação e a memória da dor

O campo dos valores não é um mapa em que se tenham fronteiras demarcadas, rotas seguras, pontos de chegada precisos. É, antes, uma arena de conflito, de confronto - de avaliação, valoração. Por isso, o campo da cultura e, em consequência, o do patrimônio cultural, é um campo eminentemente político. (MENESES, 2009)

O patrimônio é um campo de conflitos, estando sujeito a uma série de tensões. Determinar o que deve ser considerado patrimônio é, como toda outra escolha, fazê-lo em detrimento de outros bens, que serão, como apontado por Carlos Lemos em sua carta, *deixados à mercê* (CONPRESP, 2018, p. 102). Através do tombamento, o Estado, como o agente de seleção dos bens patrimoniais, avalia, a partir de um conjunto determinado de valores, o que deve ou não ser preservado – ocasionando, conseqüentemente, uma série de impasses (MENESES, 2009).



Os valores que orientam essa escolha - do que se pretende ou não preservar - são produtos de um determinado tempo histórico e de determinados grupos. Não são intrínsecos ou menos permanentes, sofrendo transformações ao longo do tempo (MENESES, 2006).

De maneira geral, pode-se dizer que as práticas patrimoniais tendem a favorecer heranças consideradas positivas, que atuam no sentido de autoafirmar conquistas ou celebrar sacrifícios realizados em prol do reconhecimento de um grupo ou de uma nação (DOLFF-BONEKÄMPER, 2002; MACDONALD, 2009, p.2).

Isso é, de alguma forma, bastante palpável para nós a nível individual: guardamos conosco, ao longo da vida, troféus e medalhas de competições de que participamos, fotografias tiradas em dias especiais, ingressos de cinema ou de eventos de que não queremos esquecer. Isso porque toda vez em que nos deparamos com esses pequenos vestígios, experimentamos, no presente, os sentimentos suscitados por eles. Sentimentos agradáveis, de reconforto e nostalgia, cuja melancolia deriva apenas da saudade.

Mas lembrar da dor é algo muito mais complexo. Nos envergonhamos dos nossos fracassos. Não gostamos de lembrar das nossas perdas, das vezes em que falhamos com outros e das pessoas que magoamos. Da mesma maneira, no campo do patrimônio, os eventos e remanescentes que não se encaixam nas narrativas de glória ou que não são considerados dignos de orgulho - os ditos patrimônios difíceis - são recorrentemente ignorados ou removidos do espaço público, a fim de se eliminar as evidências físicas daquilo que se pretende silenciar (DOLFF-BONEKÄMPER, 2002; MACDONALD, 2009, p.2).

Os patrimônios difíceis - também conhecidos como patrimônios sombrios, marginais ou da dor - remetem a locais de intrincada fruição e estão associados ao sofrimento, à exceção, ao encarceramento, à segregação, à punição, à morte. Tais patrimônios podem reunir a função de memorial ou de local de peregrinação com a finalidade de rememoração coletiva e de reconhecimento de direitos e de reparação (MENEQUELLO, 2020)

Preservar esses bens, por mais inquietante que seja, é tão essencial quanto olhar aqueles que devem ser celebrados e que são facilmente aceitos e reconhecidos como parte da história de uma nação ou de uma cidade. É reconhecer e constantemente lembrar o papel que o Estado

- seja por ação direta ou por negligência - e a sociedade exerceram naqueles eventos, assumindo a responsabilidade de se evitar sua repetição. Silenciar, ignorar ou destruir esses espaços é não apenas se eximir dessa responsabilidade, mas assumir um grande risco potencial da repetição das atrocidades e erros ali cometidos (MACDONALD, 2009, p. 2). Por maior que seja o desejo de se seguir em frente, defender o direito de memória nesses sítios de consciência é afirmar o dever do Estado de reconhecer o sofrimento vivido por determinados grupos.

O patrimônio edificado, como vestígio material, pode funcionar, nesse sentido, como um auxílio para a memória, encorajando as pessoas a lembrar certos eventos. E todo esse processo de construção desses monumentos, desde o momento da sua seleção, é capa de modelar a memória pública e a identidade coletiva (LADD, 1998, p.11).

Entender os agentes envolvidos e o processo de construção dessas narrativas de memória é, portanto, essencial como parte da reflexão sobre o passado e sobre o presente, assim como o reconhecimento desses lugares de memória como instrumentos de reparação, problematização e difusão do conhecimento. A quem interessa lembrar? E a quem interessa esquecer?

No Brasil, as discussões acerca dos sítios de memórias difíceis emergiram com maior força nas últimas décadas, com os tombamentos dos conjuntos do DOI-CODI e as discussões levantadas acerca das heranças e responsabilidades da Ditadura Militar (CYMBALISTA, 2017, p. 233). Nesse sentido, a memória política e a lembrança das violações e crimes do Estado nesses locais de encarceramento servem como instrumento de reflexão acerca da fragilidade da nossa jovem democracia e da violência institucionalizada do nosso passado recente.

Para além das memórias da ditadura, o chamado Patrimônio Prisional é um termo ainda em construção, sendo ainda uma questão sensível e relativamente nova no Brasil. E mais recente ainda é a ampliação do seu escopo para além da dimensão arquitetônica, partindo de uma perspectiva mais abrangente que envolve também aspectos imateriais, como a memória e cotidiano dos indivíduos ali presentes (RAHHAL, 2020; BORGES, 2017; BORGES, SANTOS, 2020).



Envolve a preservação da memória dos sujeitos envolvidos no cotidiano prisional: os sentenciados, seus familiares e os funcionários das instituições », problematizando a dimensão imaterial da experiência prisional, suas rotinas e suas práticas cotidianas. Envolve ainda a preservação dos acervos prisionais, documentais e/ou objetos tridimensionais: prontuários de presos, livros de registro, fotografias, cadeiras de identificação, uniformes, móveis e utensílios, incluindo aqui as « criações proibidas dos presos, vestígios por estes deixados durante o período de reclusão. (BORGES, 2017)

Até 2017, na lista de bens tombados e de processos em andamento do IPHAN, constavam 27 bens associados ao patrimônio carcerário, em sua maioria representantes do passado colonial e imperial – como antigas Casas de Câmara e Cadeia (BORGES, 2017). Ainda aqui, como anteriormente mencionado, a seleção desses bens de representação colonial integrou um discurso histórico da instituição, visando à autoafirmação e à construção de uma identidade nacional - uma prática que foi recorrente aos órgãos de patrimônio ao longo do século XX.

Durante o percurso desse trabalho, ao conversar com conhecidos, colegas e familiares - principalmente fora do contexto da Universidade -, não ouvi uma palavra de lamento sobre a demolição da Casa de Detenção, sobretudo porque o agora Parque da Juventude, que existe em seu lugar, é muito querido por todos que o frequentam. Mesmo todos tendo expressado horror acerca do ali ocorrido - especialmente com o episódio do Massacre - a questão parece relegada a um passado distante.

De certa forma, não ter mais a Casa de Detenção ao alcance dos olhos, parece trazer certo alívio. É como se o Brasil não sofresse com a superlotação carcerária e violência policial. Em uma conversa com uma moradora da Zona Norte, ela me disse: “Lembro-me de passar na frente do Carandiru (Casa de Detenção) de metrô. Era chocante. Os braços e pernas para fora das janelas, os lençóis, a sujeira. Eu vim de Brasília para São Paulo, nunca tinha visto nada igual”. Ter a Detenção no meio da cidade, vê-la todos os dias no trajeto cotidiano, era desconcertante. Mas o que os olhos não veem, o que é invisível, não existe.



[35] Imagem da fachada do edifício da Penitenciária do Estado, retirada da *Exposição de Motivos* do processo 1997-0.125.758.8. *Aqui, o trabalho, a disciplina e a bondade resgatam a falta cometida e reconduzem o homem à comunhão social.*

A destruição das estruturas prisionais certamente trouxe alívio àqueles que habitam os arredores do extinto estabelecimento penal. Mas, por outro lado, também implodiu uma parte da história de graves erros contra a humanidade, que poderia ser melhor preservada através da reforma dos pavilhões. (AMARAL, 2016)



# Bolsonaro avalia conceder indulto individual a policiais condenados

Mesmo usando figura jurídica da graça, alguns dos casos citados não são passíveis de perdão

Danielle Brant  
e Gustavo Uribe

**BRASÍLIA** O presidente Jair Bolsonaro avalia conceder graça, uma espécie de indulto individual, a policiais condenados. A possibilidade está em estudo pelo Palácio do Planalto e foi confirmada à *Folha* por assessores presidenciais. A ideia é que o benefício seja publicado até o final do ano.

No final de agosto, o presidente havia afirmado que pretendia indultar policiais “presos injustamente” no país “por pressão da mídia”.

Dois dias depois, em almoço com jornalistas, citou como exemplos agentes envolvidos nos massacres do Carandiru, em São Paulo, e de Eldorado dos Carajás, no Pará.

E mencionou também policiais a cusados – e absolvidos – pela morte de Sandro do Nascimento, responsável pelo sequestro do ônibus 174, no Rio.

Bolsonaro disse que daria o indulto aos que se enquadrassem nos critérios previstos em lei, sejam subordinados ou comandantes policiais condenados por crimes.

Diante das declarações do presidente, especialistas jurídicos e assessores palacianos viram ao menos dois problemas: em primeiro lugar, o indulto é um benefício de aplicação coletiva concedido a presos que tenham esgotado todas as possibilidades de recursos à sua condenação.

No caso do ônibus 174, não haveria por que conceder o indulto, considerando que os policiais foram absolvidos. No Carandiru, o julgamento que condenou os policiais foi anulado e um outro júri ainda está para ser marcado.

Há outro porém: os massacres de Carandiru e Carajás foram considerados homicídios qualificados, o que os torna crimes hediondos, não passíveis de ser indultados.



Policiais e parentes no Carandiru após massacre, caso citado por Bolsonaro como passível de perdão. Rogério Albuquerque - 3 out. 92/Folhapress

A saída encontrada pelo Palácio do Planalto foi estudar a concessão da graça presidencial, o que evitaria também uma terceira questão identificada – o indulto não poderia ser aplicado a categorias. Assim, todos que eventualmente se enquadrassem nos parâmetros estabelecidos pelo texto seriam beneficiados – até mesmo condenados por violência contra policiais.

A graça, assim como o indulto, é de competência do presidente e não pode ser concedida a condenados por crimes hediondos. Segundo a Lei de Execução Penal, a graça, indulto individual, pode ser pedida pelo preso, pelo Ministério Público, por conselho penitenciário, ou pela autoridade administrativa.

Os policiais que não se enquadrassem em critérios para a concessão de indultos coletivos, como cumprimento de parte da pena em crimes sem

grave violência, poderiam solicitar o benefício.

Dentro do governo, a possibilidade é vista como um experimento que pode dar certo, principalmente pela falta de regulamentação do benefício – os indultos natalinos são fixados por decretos.

Especialistas avaliam que, ainda assim, a concessão do indulto individual poderia ser contestada no STF (Supremo Tribunal Federal). “É preciso que os critérios tenham como base a razoabilidade e valores éticos. O STF poderia derrubar graças concedidas que ferissem esses princípios”, afirma o advogado Marcio Sotelo Felipe, ex-procurador geral do Estado de São Paulo. “Não pode afrontar valores que fundamentam a República”.

Outro risco apontado é o de a concessão da graça beneficiar, por exemplo, milicianos ou que seja vista como incentivo a abusos de autoridade

por policiais, afirma o advogado Luciano Santoro, sócio do Fincatti & Santoro. “É uma carta branca a policiais. E há dúvidas sobre a quais policiais se aplicaria: entraria a Polícia Legislativa? A Polícia Rodoviária Federal?”, questiona. Apesar de a graça ser mais factível, uma ala dentro do governo ainda se debruça sobre a ideia do indulto, mesmo com as restrições legais já identificadas por especialistas.

Para eles, decisão do ministro Alexandre de Moraes, do STF, sobre o indulto concedido pelo ex-presidente Michel Temer ampararia os planos de Bolsonaro. No final de 2017, Temer publicou indulto beneficiando condenados por crimes do colarinho branco.

Na decisão, Moraes, que foi acompanhado por seis ministros, reforçou a competência do presidente na concessão do indulto. Para o ministro, não cabe ao STF reescrever o de-

## Glossário

**Grça**  
Benefício individual concedido pelo presidente da República. Não pode ser dada a condenados por crimes hediondos

**Indulto**  
Benefício coletivo concedido pelo presidente. Também não pode ser dada a condenados por crimes hediondos

**Anistia**  
Concedida pelo Congresso Nacional com sanção presidencial. É um perdão a um fato criminoso, o que o torna um benefício coletivo. Também é vedada a condenados por crimes hediondos

creto, pois se o presidente tiver extrapolado as restrições previstas em lei, o texto se torna inconstitucional.

Assessores do presidente avaliam que o voto de Moraes dá lastro para o governo defender a posição do presidente de que o poder de conceder indultos e comutação de penas é absoluto. As limitações seriam as previstas na Constituição, como crimes hediondos, tortura, terrorismo e tráfico de drogas.

Outros pontos da decisão são menos pacificados, como o entendimento de que a Constituição não limita o momento em que o presidente pode conceder o indulto, “sendo possível isentar o autor de punibilidade, mesmo antes de qualquer condenação criminal”. No próprio governo, e parte da jurisprudência reforça a visão, há quem avalie que a graça ou indulto poderiam ser concedidos mesmo sem trânsito em julgado.

Isso porque, durante o processo, o magistrado pode entender que o acusado pode ser enquadrado em outros tipos penais. A concessão do benefício antes de condenação eliminaria a possibilidade.

O presidente da comissão especial de direito processual civil do CFOAB (Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil), Gustavo Badaró, considera que as declarações do presidente são “mais fumaça para gerar polêmica”.

“Com muita boa vontade, talvez ele pudesse indultar a pena antes do trânsito em julgado”, diz. “Ou ele poderia aprovar um projeto de lei que tirasse de determinado crime a natureza de hediondo. Deixando de ser hediondo, ele poderia indultar.”

Com a medida em estudo, Bolsonaro se alinharia a uma prática adotada pelo presidente americano, Donald Trump. Ele concedeu graças e indultos que já beneficiaram, por exemplo, um comentarista político, um xerife e, a pedido da socialite Kim Kardashian, uma condenada à prisão perpétua por narcotráfico.

Mesmo sem ser um perdão, a decisão abreviou a pena de Alice Marie Johnson, detida no Alabama sem direito a condicional após condenação por lavagem de dinheiro e venda de cocaína em uma quadrilha.

[36] Reportagem do dia 15 de setembro de 2019, acervo do jornal *Folha de São Paulo*. A importância de não se esquecer. Após todos os anos do Massacre, os processos de condenações dos responsáveis passaram por uma série de absolvições, anulações e disputas jurídicas, até que, em 2021, o STJ restabeleceu as condenações de 73 policiais envolvidos.



# Marcelo Biar: O novo Carandiru será em Bangu

por redação **Diário do Rio** 24 de março de 2020

**Marcelo Biar**, Presidente do instituto de direitos e igualdade



E se eu disser que um novo “massacre de Carandiru” pode acontecer em uma das unidades prisionais do Complexo de Gericinó, Bangu, no Rio de Janeiro, quem irá se importar? Quantos irão comemorar e quantos irão chorar? O choro será ouvido? Haverá empatia? Solidariedade? Ou será que o choro vai ser apenas daqueles que, historicamente, choram há 520 anos, silenciados pelo riso sádico de quem os faz chorar?

O Rio de Janeiro possui, aproximadamente, 58 mil presos. Há superlotação. Destes, cerca de 40% estão em prisão preventiva ou provisória. Não foram condenados. Embora este tipo de prisão esteja prevista na lei, é abusivo. Bangu 4, por exemplo, tem 3400 internos, quando a capacidade é de 900. E isso não é exceção, mas regra.

A água nos presídios do Rio de Janeiro é liberada de duas a quatro vezes por dia, por cerca de 20 minutos, para que o preso tome banho, beba, limpe sua cela e “banheiro”. Sim, os presos não possuem banheiros. Fazem suas necessidades no “buraco do boi”, que é um buraco no chão. Nos cubículos, como os presos chamam as celas, existem, em média, seis camas para 20 pessoas. Ou seja, 14 dormem no chão. Onde não há água para a higiene. A educação, prevista como obrigatória na lei de execução penal, não é ofertada nem à 20% dos internos. O trabalho ofertado a um número ínfimo.

A super lotação acirra tudo. As doenças se proliferam sem que o Estado tenha condições e vontade para dar o devido

atendimento. A tuberculose é um problema constante. Doenças de pele (claro), são comuns. E a maior de todas as doenças é o descaso do Estado. Eu poderia dar exemplos como o do jovem de 19 anos que foi preso com um tiro na perna e depois de quatro meses sem tratamento, perdeu a perna. Daquele rapaz que ao ser preso quebrou o braço e ficou neste estado por um mês, na cela, até que autoridades externas vissem e notificassem a administração. Poderia falar, também, do preso que levou um tiro que lhe atravessou a parte lateral do abdômen, sem que atingisse partes vitais e que, por isso, não foi atendido, convivendo por mais de um ano (quem sabe até hoje) com um buraco em seu corpo, protegido por uma fétida atadura.

A superlotação também atinge a visita e, consequentemente, ao preso familiar deste visitante. Visita prevista em lei como importante elemento de “ressocialização”, e submetida a doenças e falta d’água, ficam pelo chão porque não há espaço devido e digno para este convívio. Dado o volume de presos e, consequentemente, de visitantes, estes se aglomeram na porta dos presídios. Portas insalubres como a entrada do Complexo de Gericinó, onde corre um esgoto há mais de 4 anos. Centenas de familiares passam a noite dormindo no chão para conseguirem visitar seus entes que, a despeito de terem cometido algum delito, continuam recebendo seu amor.

O sistema penitenciário do Rio de Ja-

neiro é uma bomba relógio. A qualquer momento alguém se rebelará, ainda que individualmente. Este alguém será reprimido com força excessiva. Outro preso ao lado se identificará e, sem pensar, também se rebelará. Outros guardas surgirão e rapidamente será disparado o alarme. A rebelião estará decretada. Pelo Estado, diga-se de passagem. A tentativa de controlar a situação fará muitos mortos. A sociedade, em boa (ou má) parte, irá aplaudir. O governador vai apresentar como solução a construção de 10 presídios verticais de nove andares, com capacidade de 3500 presos, a um custo de 8 milhões cada um. 80 milhões no total. Sim, este projeto já existe e foi condenado por todos os setores da sociedade civil e especialistas.

Resumindo, o Estado promove o desrespeito à lei de execução penal, que determina condições de cumprimento de pena. E reprimirá a insatisfação, matará em nome da ordem, ganhará apoio de parte da sociedade (que se alimenta do ódio) e promoverá uma obra ineficaz de 80 milhões, no estilo dos grandes eventos, desta vez o show do encarceramento, e aumentará sua popularidade.

Não escrevo tudo isso para convencer aqueles que desejam a morte, que vivem do ódio. Escrevo para falar com os que ainda creem em uma sociedade melhor. Os que acreditam que uma sociedade baseada em direitos é melhor para todos.

O que faremos? Se este novo Carandiru acontecer, como se sentirão? E mesmo que não aconteça, como se sentem sabendo que 58 mil pessoas vivem sem água, banheiro, em suma, dignidade mínima. Como lidar com o fato de que cerca de 300 mil pessoas, familiares destes presos, também sofrem esta tortura?

O problema é de todos. Não podemos mais fingir a ignorância! Nas pautas por direitos, nos gritos das manifestações, nas plaquinhas de parlamentares no congresso, tem que haver o fim do encarceramento em massa e a reversão do quadro caótico que se encontram os presídios do Rio de Janeiro. Nosso silêncio não pode ser cúmplice de mais um massacre.

Na verdade, quando se fala de Direitos Humanos, não se tem uma agenda específica, não tem um corpo de direitos que não está na Constituição. Nós estamos falando da Constituição, de fazer valer aquilo que está na Lei de Execução Penal.

Fernando Salla | **Projeto Memória Oral do Museu Penitenciário Paulista**

[37] Reportagem do dia 24 de março de 2020, do *Diário do Rio*. O que aprendemos com o Carandiru?



O tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru, instituído pelo decreto nº38/CONPRESP/2018, representa, nesse sentido, um movimento bastante paradigmático. Fruto de um longo processo, constituiu-se como uma espécie de contrafluxo, um enfrentamento à vontade de apagamento das memórias dolorosas, da história controversa e daqueles silenciados pela violência do Estado.

O tombamento compreende um perímetro que se estende às confluências das Avenidas Cruzeiro do Sul com a General Ataliba Leonel e com a Av. Zaki Narchi, e compreende o Conjunto Arquitetônico da Penitenciária do Estado e o Edifício da Escola de Formação de Agentes Penitenciários - ambos datados da década de 20 -, os dois pavilhões remanescentes da Casa de Detenção Flaminio Favero - onde hoje se localiza a ETEC Parque da Juventude - e os fragmentos de Mata Atlântica da região.

A importância do tombamento dos remanescentes do Complexo Penitenciário representa não apenas um passo para a preservação de um exemplar fundamental da história prisional do Brasil ou de um referencial urbano de valor cultural e arquitetônico únicos. Advoga também a favor do direto de uma memória traumática, mas fundamental, de um massacre que perpetua na memória coletiva a ação desastrosa do sistema penal brasileiro.

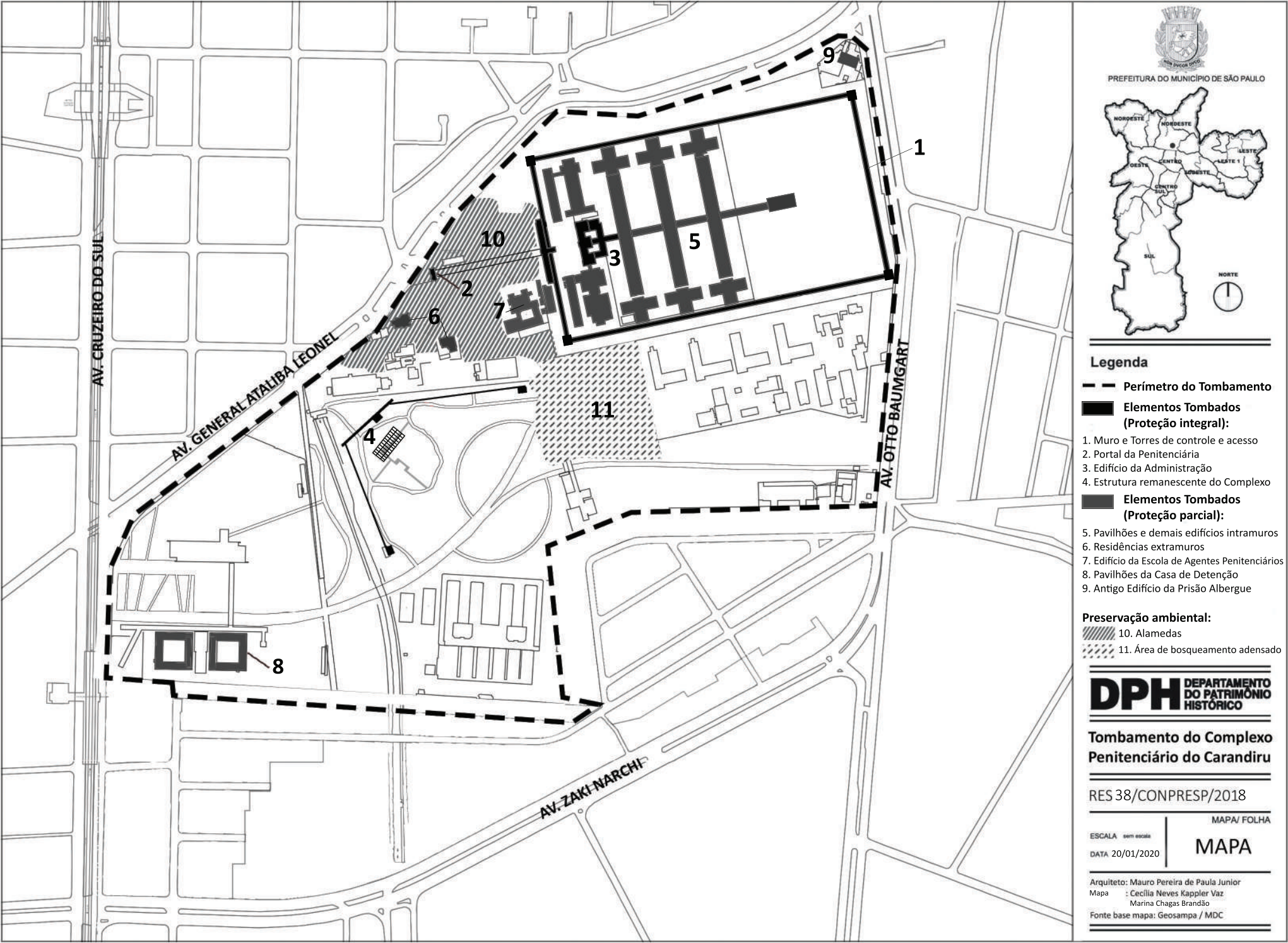
É uma denúncia e um testemunho de um passado não tão distante e de um conjunto de ações que se repetem no presente, visto que são inúmeros os assassinatos, os maus tratos e as violações dos direitos humanos nas prisões brasileiras. É um elemento de reflexão, um incômodo necessário, e uma advertência última das consequências da manutenção de um sistema punitivo, corrupto e falho. Mas é também resistência e lembrança dos indivíduos que ali viveram e perderam suas vidas - ou parte delas.

Este capítulo será dedicado ao estudo do processo de tombamento - documentos, discursos e discussões envolvidas - mas também de outras ações de memorialização e de patrimonialização encontradas durante o processo de pesquisa.











[39] Mapa do perímetro de tombamentos estabelecido pelo Decreto nº38/CONPRESP/2018, em 2019.

1. O tombamento do Complexo Penitenciário:

A consulta do processo de tombamento - nº 1997-0.125.758-8 - foi realizada no Departamento de Patrimônio Histórico, localizado na Rua Líbero Badaró, 346. O processo se constitui em um total de 05 fichários, contendo uma documentação diversa, bastante extensa e por vezes, bastante confusa.

No intervalo de quase 22 anos que abrange o primeiro estudo até a resolução final, houve um amplo debate envolvendo o terreno correspondente ao perímetro de tombamento, principalmente em torno de seus possíveis usos e sua destinação posterior à desativação da Casa de Detenção. As discussões levantadas à época do processo serão apresentadas nesse capítulo; entretanto, a concepção, execução e significados do Parque da Juventude - oficialmente inaugurado em 2003 - serão reservadas ao capítulo seguinte.

O processo se inaugura por iniciativa do próprio DPH, com a intitulada “Exposição de motivos”, documento elaborado pelos arquitetos Mauro Pereira de Paula Júnior e Pedro César Fernandes, da Divisão Técnica, fornecendo um detalhado histórico da Penitenciária do Estado e contextualizando a importância da sua preservação como um exemplar arquitetônico único.

A Penitenciária é apresentada como um edifício modelar, a solução última para as demandas do início do século, conforme abordado no capítulo anterior. Nesse documento, é dada uma breve premissa do projeto da Penitenciária do Estado - apenas citando a adição de outros edifícios ao longo dos anos - e anexados a planta da edificação e um conjunto de imagens que ilustram detalhes do edifício - como esquadrias, escadas, revestimentos e acabamentos. Toda a produção escrita e documentação fotográfica que acompanham expressam um direcionamento para o tombamento apenas da Penitenciária do Estado e

edifícios associados, sem menções significativas de proteção aos pavilhões da Casa de Detenção.

Nesse primeiro momento do processo, é bastante evidente a maneira como as justificativas do tombamento orbitam em torno do discurso da arquitetura. A preocupação é com a proteção da edificação, tida como um objeto único e exemplar, executada pelo escritório do renomado Ramos de Azevedo. Interessantemente, nessa mesma chave, é, ao longo do processo, tão forte a importância dada à arquitetura para o tombamento que o Ramos de Azevedo é recorrentemente citado como o autor do projeto, ao invés de Samuel das Neves - principalmente em reportagens, na literatura e nos documentos que circulam fora do meio acadêmico.

Em 23 de junho de 1997, é elaborada uma primeira Minuta de Resolução de abertura de tombamento, pela Seção Técnica de Crítica e Tombamento da Divisão de Preservação do DPH, que segue:

O Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP, no uso de suas atribuições legais e nos termos da Lei 10.032/85, com as alterações introduzidas pela Lei 10.232/86, resolve:

Artigo 1º - **Abrir processo de tombamento** do Complexo Penitenciário do Carandiru, visando preservar as características arquitetônicas e ambientais existentes.

[...] Artigo 4º- Para as intervenções localizadas na área definida pelos artigos 2º e 3º da presente Resolução, fica estabelecido o gabarito máximo de **15 (quinze) metros**

[...]

Artigo 6º- Ficam estabelecidas as seguintes recomendações para o desenvolvimento da instrução conclusiva do processo de tombamento:

a) que se proceda ao **aprofundamento das pesquisas relativas ao valor histórico, arquitetônico e ambiental desse conjunto** a serem desenvolvidas [...]

b) que o assunto seja tratado dentro de uma **visão urbanística mais abrangente**, analisando e, se necessário, ampliando o perímetro da área

c) que os estudos tratem de forma apropriada os elementos tão diferentes como condicionantes urbanísticos, edificações significativas, cobertura vegetal, condições concretas de permeabilidade entre outros, inclusive formas de reciclagem.



As incertezas em relação ao destino dos usos da área permeiam esse primeiro momento, à medida em que, concomitantemente, ocorria a desativação e demolição dos pavilhões da Casa de Detenção. Mesmo anterior à abertura do processo - que ocorre, oficialmente, apenas em 2001 - a Câmara Municipal debateu extensamente acerca da definição dos parâmetros de uso e ocupação do solo da área.

Vereadores de diferentes partidos protocolaram uma série de diferentes propostas de uso, exemplificadas na tabela abaixo, retirada das páginas do processo:

PL 410/95	PL 159/95	PL 570/96	PL 583/96	PL 763/96	PL 174/01	PL 178/01
<b>Vereador Faria Lima</b>	<b>Vereador Maurício Faria</b>	<b>Bancada do PSDB</b>	<b>Vereador Nelo Rodolfo</b>	<b>Vereadores Brasil Vita, Miguel Colasuonno e Nelo Rodolfo</b>	<b>Vereador William Woo</b>	<b>Vereador Beto Custódio</b>
Tranformação da área em Z4 (Zona Mista), podendo abarcar atividades diversas.	Manter Z8-003 dedicando 30% da área para parque público e 5% para uso insitucional. Manter área destinada a parque em um perímetro único, doando-a à prefeitura já equipada. Aproveitar loteamento resultante com parâmetros semelhantes à Z4.	Permitir usos diversos - exceto industrial -, exigência de canalização e abertura de via ao longo do córrego Carandiru. Aproveitar loteamento resultante com parâmetros semelhantes à Z4, mas exigindo maiores lotes e recuos.	Alterar a parcela de Z8 para Z16 - Zona de Lazer- permitindo a implantação de restaurantes, hotéis, cinemas, teatros e clubes de até 250m²	Alterar a parcela de Z8 para Z16 - Zona de Lazer - e transformar a área de Mata Atlântica em Z8-200 - área de preservação.	Manter Z8-003 dedicando 35% da área para parque público e 5% para uso insitucional. Área restante dedicada à Z-02 combinada a uma Operação Urbana.	Autorizar a criação da Universidade Popular do Município de São Paulo - convênio com o governo municipal, estadual ou federal. Considerar construções existentes no projeto.



ZONEAMENTO

# PPB e PSDB disputam área do Carandiru

Os tucanos apresentaram há duas semanas um projeto que permite construir um centro comercial e residencial no local, mas o partido do prefeito tem outra proposta para o terreno

FLÁVIO MELLO

As bancadas malufista e tucana na Câmara Municipal estão disputando politicamente a mudança de zoneamento do Complexo Prisional do Carandiru, que ocupa área de 425 mil metros quadrados na Zona Norte. O PSDB apresentou novo projeto de lei há duas semanas, que permite a construção de um grande centro comercial e residencial em 66% da área. O PTB reagiu e apresentou outra proposta: transformar o terreno num grande parque.

Pelo projeto da bancada tucana, 35% da área (148.758 metros quadrados) tem de ser doada para o município. Desse total, 127.500 metros quadrados (30%) serão usadas para um parque público a ser construído pelas empresas ou grupo de investimento que comprar o terreno do Estado e 5% (21.250 metros quadrados) serão para uso institucional — creches, hospitais ou escolas.

O comprador do terreno também estará obrigado a bancar as obras de canalização do Córrego Carandiru, entre as Avenidas Zaki Narchi e General Ataliba Leonel. O projeto propõe, no entanto, que no local serão admitidas várias categorias de uso. Isso significa que os empreendedores poderão construir shopping, prédios residenciais e comerciais e até escolas. É uma proposta de consenso, que contempla a preservação da Mata Atlântica e dos prédios com valor histórico existentes no local", afirmou o líder do PSDB na Câmara, vereador Aurélio Nomura.

Os tucanos contam com a simpatia da bancada do PT. O vereador Maurício Faria, que apresentou projeto substitutivo, no início do ano, garantindo a manutenção da área

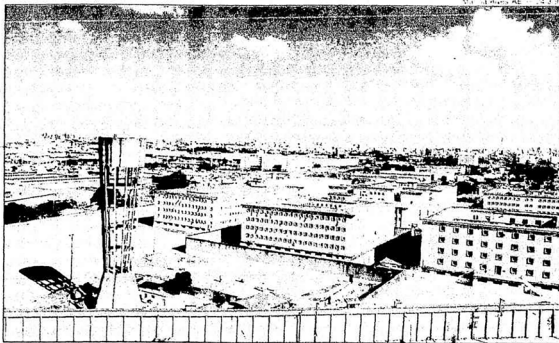
verde e das construções históricas, disse que a proposta do PSDB precisa de mudanças, mas é interessante.

**"Supervalorização"** — O projeto do PSDB provocou a reação imediata dos malufistas. Eles garantem que a proposta supervaloriza o terreno em benefício do Estado. "Estão querendo transformar a área numa super-Z-4, sem discutir o encaminhamento do projeto com os líderes dos outros partidos", afirmou o vereador Nelo Rodolfo (PPB).

Depois de conversar com associações de comerciantes e de moradores da Zona Norte, Rodolfo apresentou projeto que propõe a transformação de todo o terreno em parque público. Seu principal argumento é que a proposta do PSDB supervaloriza a área, pois permite todo o tipo de construção.

Os técnicos do PSDB rebatem a crítica. Segundo eles, os critérios para ocupação exigidos são o dobro dos estabelecidos pela Z-4, categoria que permite ao dono de um terreno construir quatro vezes a área total. Eles disseram que mantiveram a taxa de ocupação em 0,70% e o coeficiente de aproveitamento em três vezes a área total, porque o terreno fica perto do Campo de Marte e as construções não poderão exceder a altura máxima fixada pelo Ministério da Aeronáutica.

Segundo Rodolfo, existe verba para desativar o Carandiru e não há necessidade de alterar o zoneamento para o Estado obter recursos para construir novos presídios. O vereador Roberto Tripoli (PSDB), licenciado da Câmara, afirmou que a verba federal de R\$ 97 milhões é para demolir o complexo. Os vereadores do PSDB e do PT evitam falar abertamente, mas classificaram o projeto de Rodolfo de demagógico e político.



Complexo Prisional do Carandiru: novo uso para a área de 425 mil metros quadrados na Zona Norte

## Câmara retomou debate em março

PPB queria incluir proposta em pacote de alterações, retirado após denúncias do "Estado"

A discussão sobre a mudança de zoneamento do Complexo do Carandiru foi retomada em março, quando o vereador Paulo Roberto Faria Lima (PPB) apresentou projeto alterando o zoneamento de Z-4 (uso especial) para Z-4, que permite prédios residenciais, comerciais e de serviços. Não houve críticas, porque a desativação do Carandiru é um consenso, mas o vereador Maurício Faria (PT) preparou um substitutivo exigindo doação de área para um parque e outra para adequação do sistema viário.

O PPB queria aproveitar o interesse do governo no projeto para aprovar um "pacote" de mudanças de zoneamento. Há mais de cem propostas em condições de ser votadas e o

prefeito Paulo Maluf tinha enviado um projeto para mudar o zoneamento de 45 ruas de uso residencial.

Em seguida, o Estado revelou que o arquiteto Arnaldo Furquim Paoliello, representante suplente de Maluf na Comissão Normativa de Legislação Urbanística (CNLU), cobrava R\$ 3 mil para atuar na Câmara e na Prefeitura para aprovar polidos de

Operação Interligada — mecanismo que altera o zoneamento em troca do pagamento equivalente ao benefício. O arquiteto foi demitido e os projetos de zoneamento retirados.

A mudança do zoneamento do Carandiru é necessária, porque o governo do Estado terá de vender a área para construir presídios e transferir os detentos. (F.M.)

## Prefeitura quer incluir local em operação urbana

A Prefeitura quer discutir a mudança de zoneamento do terreno onde está localizado o Complexo Prisional do Carandiru, mas não da forma como pretendem a bancada do PSDB na Câmara e o vereador Nelo Rodolfo (PPB). A intenção da Secretaria Municipal de Planejamento (Semplan) é incluir o Carandiru na Operação Urbana da Zona Norte, o que poderia atrasar ainda mais uma decisão sobre o assunto.

"Acho que a mudança de zoneamento daquela área não pode ser feita de maneira isolada, por isso mandei incluí-la num estudo mais abrangente para a região de Santana", afirmou o secretário de Planejamento e da Saúde, Roberto Paulo Richter.

Os vereadores do PSDB são contra a operação urbana. Esse mecanismo permite a mudança do zoneamento numa determinada região, mas os compradores dos terrenos só poderão construir acima do limite anterior desde que paguem o valor correspondente pelo benefício.

De acordo com o vereador Aurélio Nomura (PSDB), a mudança de zoneamento proposta pelo partido já prevê uma contrapartida para a cidade. "Os paulistanos ganharão com a desativação do Carandiru, com o parque, o centro comercial e residencial e o fim da superlotação das delegacias com a transferência dos presos para outros presídios." (F.M.)

## FÉRIAS EM BARILOCHE

PADRÃO SOLETUR DE SERVIÇOS  
30 ANOS OPERANDO BARILOCHE

[40] Reportagem do Jornal *O Estado de São Paulo*, de 25 de junho de 1996, sobre as disputas políticas para decisão do destino da área do Carandiru. A alteração do zoneamento da área se constituiu como um ponto de amplas discussões.

Dentre abaixo-assinados, petições dos moradores da região e projetos de lei, são apresentadas diferentes visões para os usos da área. Alguns defendem apenas uso institucional e outros demandam a possibilidade de abertura de comércios - como proposto, inclusive, pelo próprio *Programa de Desativação do Complexo Penitenciário do Carandiru*, de autoria da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP).

Em particular, o documento expressa o alívio de se remover a Casa de Detenção do bairro de Santana, assim como o desejo de vincular seu uso à iniciativa privada e de fazer da área um parque.

[...] Serão implantadas cerca de 13700 novas vagas, vinculadas a uma Nova Política Penitenciária, com ênfase no despovoamento das prisões, na ressocialização do condenado e do internado e excepcionalmente voltada àquilo que se reporta às unidades de segurança máxima.

[...]

O bairro de Santana e todas áreas próximas deixarão de sofrer com a insegurança vinculada à presença do Carandiru.

Adicionalmente, todos os terrenos no entorno da área do Carandiru terão substancial valorização, tanto pela saída do Complexo Prisional, como pela implantação da operação de urbanização na área devidamente desocupada.

A operação de urbanização da área do Carandiru prevê a implantação de importante setor de comércios e serviços ampliando a importância que o bairro já apresenta como centro da Zona Norte. A operação ainda possibilita a localização na área de cerca de 30000 novos habitantes que gozarão das excepcionais vantagens de localização que a área oferece.

A operação urbana também prevê a incorporação de um **parque para usufruto do bairro**, com cerca de 58000m<sup>2</sup>, aproveitando a área com significativa cobertura vegetal existente junto à Penitenciária do Estado.

Com o equacionamento da parte do Programa de Desativação do Complexo do Carandiru correspondente à SAP, o programa deverá ser completado com a escolha das áreas onde se situarão as novas Penitenciárias e Serviços previstos pelo programa, e com a formulação de estratégia de implantação com a iniciativa privada, aí incluída a avaliação econômico-financeira do empreendimento.



# AGZN Destaca

## Adiadas, sem prazo definido, as transferências da Casa de Detenção

A desocupação da Casa de Detenção, prevista até então para o dia 31 de março e sua implosão para 21 de abril foram adiadas pelo governo do Estado. Na quinta-feira, a Secretaria da Administração Penitenciária divulgou nota informando que foram canceladas as transferências dos presos previstas para 13 e 15 de março, em virtude do aumento do número de detentos nos últimos dois meses (3.628), aliado à necessidade de reparos em celas do Cadeião de Pinheiros por prejuízos provocados pelos presos no sábado.

Segundo a Secretaria da Administração Penitenciária, todo o processo de desativação continua, embora ainda não estejam definidos os novos prazos para a desocupação e implosão. As transferências dos presos da Casa de Detenção (cerca de 7.500) vêm acontecendo desde de dezembro do ano passado. Hoje, a Casa de Detenção tem 1.800 presos. A maioria já foi transferida para as novas unidades prisionais, construídas no interior do Estado principalmente para atender essa demanda. Para esta segunda-feira, está prevista a inauguração das unidades Potim I e Potim II, completando o conjunto de 11 novas penitenciárias com capacidade para 770 presos cada uma.



*Casa de Detenção teve as transferências dos presos e sua desativação adiadas*

Foto: AGZN

[41] Reportagem do Jornal *Gazeta da Zona Norte* anexada ao processo, cuja data é indeterminada. Relatam-se problemas e o adiamento das transferências dos detentos devido a aumentos imprevistos da população carcerária e questões administrativas.

# Prefeitura quer tombar o Carandiru

ROGERIO GENTILE  
da Reportagem Lupa

O Prefeito de São Paulo quer tombar o Carandiru, maior complexo penitenciário da América Latina, localizada no bairro de Mesquita, na zona norte.

O DPH - Departamento de Patrimônio Histórico, órgão da prefeitura, elaborou relatório recomendando a preservação do conjunto.

O Conpresp (conselho municipal responsável pela preservação do patrimônio) vai decidir nas próximas semanas se abre ou não processo de tombamento.

"Sou a favor da proteção de parte do Carandiru, como a penitenciária, projetada pelo arquiteto Ramos de Azevedo", diz José Eduardo Ramos Rodrigues, representante da OAB no conselho.

O tombamento vai de encontro aos interesses do governo do Estado, que pretende implodir o complexo, que abriga 9.520 presos.

O governador Mário Covas quer, a partir de outubro de 98, transferir os presos para 21 presídios no interior. Covas planeja vender a área do Carandiru para obter recursos para construir os presídios.

Para isso, o governo precisa que a Câmara Municipal altere o zo-

nhamento da região. O presidente da Câmara, Nello Rodolfo (PPB), e contraria a venda do local.

Ele diz que o Carandiru, que possui 4 mil metros quadrados de Mata Atlântica, deveria ser transformado em parque. "A área tombada poderia ser um centro cultural", afirma Rodolfo.

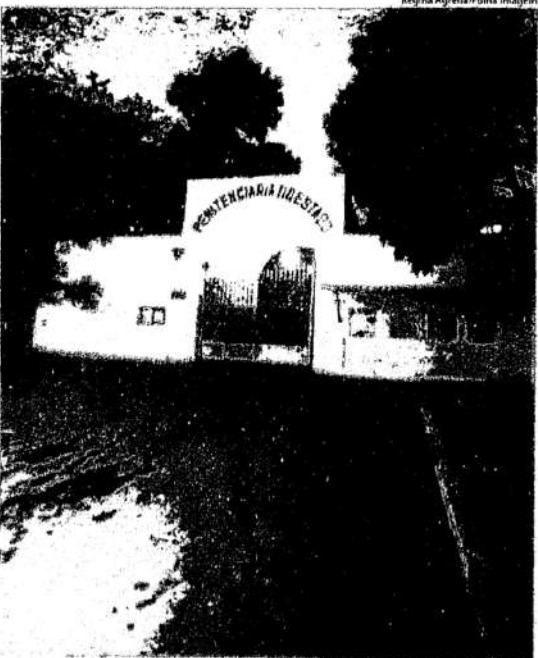
O secretário da Administração Penitenciária do Estado, João Benedito de Azevedo Marques, afirma que, há um ano e meio, foi feito um acordo com os vereadores.

"Um terço do Carandiru seria transformado em parque e o resto, vendido. Mas os vereadores recuaram." Segundo ele, a desativação do complexo é do interesse do país. "Se necessário, volto à Câmara para novas conversas."

No pavilhão 9 da Casa de Detenção ocorreu no dia 2 de outubro de 1992 o massacre de 111 presos.

Hoje, a Detenção abriga 6.565 presos, mas tem capacidade para 3.250. Além da Detenção, o Carandiru abriga a Penitenciária do Estado, a Penitenciária Feminina, o Centro de Observação Criminológica e o Hospital Central.

O governo dispõe de R\$ 20,9 milhões, repassados pela União, para os novos presídios. No total, as obras custarão R\$ 117,2 milhões.



*Entrada do prédio da Penitenciária do Estado, que pode ser tombada*

Regina Aguiar/Folha Imagem

[42] Reportagem do Jornal *Folha de São Paulo*, de 14 de outubro de 1997, sobre a recomendação de tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru.



E, em resposta às demandas que parecem emergir de diversas frentes, em 1998, a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/SP) e o Instituto de Engenharia lançam o *Concurso Nacional de Ideias para o Carandiru*, a fim de se determinar a destinação da área.

Dentre as premissas do concurso, estava a transformação da Casa de Detenção em centro de formação profissional - onde seriam oferecidos diversos cursos de capacitação - e restauração do edifício da Penitenciária do Estado e demais para atividades de lazer, educação e cultura.

Em abril de 1999, Roberto Aflalo foi condecorado com o primeiro lugar, seguido pela equipe do arquiteto Paulo Bastos e pela equipe do arquiteto Mario Biselli. As transformações projetuais ocorridas desde sua concepção até sua execução, bem como os usos e significados que o Parque da Juventude adquiriu serão abordadas no próximo capítulo.

Entre a maioria das alternativas levantadas, pareceu comum o desejo de se reservar pelo menos parte da área do Complexo para implementação de um parque. Desejo esse reforçado pelos próprios moradores da região, integrantes do *Movimento Pró Parque do Carandiru*, que encaminharam abaixo-assinado para a realização do parque. A incerteza que permaneceu acerca do destino da área, mesmo posterior à realização do concurso, motivou os moradores a encaminhar também solicitação para oficialização do tombamento para o CONPRES P:

[...] Esta solicitação é o primeiro passo para a concretização de um parque semelhante ao Parque do Ibirapuera, porém voltado à região Norte da cidade e contando com a preservação dos edifícios projetados por Ramos de Azevedo.

Por parte dos moradores, ao que se resume aos integrantes do *Movimento Pró-Parque do Carandiru*, não existe qualquer menção de se manter remanescentes da Casa de Detenção, permanecendo apenas o desejo de manter o edifício da Penitenciária do Estado. O grupo também protocolou, em 2002, o pedido para abertura de tombamento pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico), que será explorado posteriormente nesse capítulo.

# 2ª implosão no Carandiru fecha Metrô hoje

MARCOS SÉRGIO SILVA  
DA REDAÇÃO

Os pavilhões 2 e 5 da antiga Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru (zona norte), devem desabar hoje, às 11h, após uma implosão que contará com cerca de 200 kg de explosivos. A demolição deve alterar o tráfego na região e parar a linha 1 (azul) do Metrô por pelo menos 15 minutos.

O ato é tido pelo governo do Estado como o início da implantação da terceira fase do parque da Juventude. A primeira fase, com quadras poliesportivas, e a segunda (o jardim) foram entregues em 2003 e 2004, respectivamente. A implosão deve durar quatro segundos e será acionada, através das antigas muralhas que cercavam os pavilhões, pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB).

A estação Carandiru será fechada 15 minutos antes da implosão e só reabre após vitória de técnicos. A linha, interrompida às 10h55 entre Santana e Tietê, deve retornar dez minutos após a detonação. A via elevada por onde passam os trens do Metrô fica na chamada área de risco da implosão — um dos pavilhões, o 2, está ao lado da avenida Cruzeiro do Sul. Os vias devem ser bloqueadas às 7h pela CET (veja relação no quadro abaixo). A previsão é que elas reabram às 13h.

No lugar dos pavilhões 2 (cenário de parte do filme Carandiru) e 5 — a "massmorra" dos últimos dias do presídio — será levantado outro pavilhão, mas de exposições. A destruição custará R\$ 2,5 milhões, e a construção, R\$ 6,5 milhões — segundo o Estado, abaixo dos R\$ 28 milhões que seriam empregados na reforma dos dois edifícios. Apenas dois pavilhões serão mantidos, o 4 e o 7, e reformados por R\$ 41 milhões.

**A SEGUNDA IMPLOSIÃO DO CARANDIRU, MINUTO A MINUTO**

**7h** - A CET interrompe o tráfego nas avenidas Gal. Pedro Leon Schneider, Ataliba Leoncio e Cruzeiro do Sul e nas ruas Alfredo Guedes, Ezequiel Freire, Manuel dos Santos Neto, Uruapará e Antonio dos Santos Neto.

**10h45** - A circulação na estação Carandiru do Metrô, vizinha aos prédios, será suspensa.

**10h55** - Os trens deixam de circular na linha 1 do Metrô, a Azul.

**11h** - Horário previsto para que o governador Geraldo Alckmin acione a bomba que irá implodir os pavilhões 2 e 5 do Carandiru.

**11h04min45seg** - Se nada der errado, os prédios já estão demolidos — primeiro o pavilhão 2, depois, o 5.

**11h10** - A linha azul é liberada.

**Após implosão** - Previsão de liberação da estação Carandiru, após vistoria.

**13h** - Liberação das vias fechadas.

**COMO SERÁ A IMPLOSIÃO**

Pavilhões 2 e 5  
Cerca de 200 quilos de explosivos serão instalados. São três tipos de equipamento: cordel detonante (por onde os explosivos serão acionados), dinamite e a espoleta binel.

Pavilhões 6, 8 e 9 foram implodidos em dezembro de 2002.

60% dos explosivos estarão instalados no pavilhão 5.

**COMO SERÁ O PARQUE DA JUVENTUDE**

A dir., o parque da Juventude com a terceira fase concluída; à esq., o pavilhão de exposições.

O primeiro pavimento (térreo) concentra a maior parte dos pontos de detonação; depois, na ordem, o segundo e o terceiro. Não serão instaladas explosivos nos dois últimos. O cordel detonante passará por entre os pilares de sustentação do prédio, que deverão conter os explosivos.

## Projeto original não previa 2 demolições

DA REDAÇÃO

A implosão de hoje não estava prevista dois anos e meio atrás, quando os pavilhões 6, 8 e 9 cairam depois de injetados os 250 quilos de explosivos instalados em seus pilares e estruturas. Só o 4 e o 7 serão mantidos.

O governo do Estado diz que os planos mudam ou são adaptados de acordo com a necessidade ou os custos. A primeira decisão, de 2002, era a proposta pelo projeto vencedor de um concurso realizado em 1999. De autoria do escritório de arquitetos Aflalo & Gamberine, mantinha quatro dos sete pavilhões originais da Detenção.

"O custo de restaurar cada um desses prédios é alto. Como esse prédio é uma cadeia, é difícil você adaptar. Então estamos mantendo dois, para manter a arquitetura, a história de São Paulo", disse o governador Geraldo Alckmin.

[43] Reportagem do Jornal *Folha de São Paulo*, de 17 de julho de 2005. Mostra algumas mudanças no projeto ganhador do concurso e a preferência do governador pela demolição de dois dos quatro pavilhões previstos.



VISUAIS

# Instalação de Siron Franco no Carandiru

Obra do artista plástico no pátio do pavilhão 2 inaugura espaço cultural no antigo presídio

CAMILA MOLINA

Entre tantas janelas, sanitários, pias, grades, todos os restos do que foi o Complexo do Carandiru, marcado para ser demolido e se transformar em um espaço cultural, o artista Siron Franco idealizou uma instalação: dispor de modo retilíneo, enfileirado, portas de celas do presídio, todas marcadas com os desenhos feitos pelos presos. Essa obra, que poderá ser vista a partir de hoje na antiga Casa de Detenção, reúne 111 portas, ma-

neira de remeter de modo bem explícito ao massacre de 1992. A instalação foi montada no pátio do pavilhão 2, local onde os detentos tomavam sol. Siron

Franco não fez nenhum tipo de intervenção nos desenhos e colagens que remetem a ícones do imaginário e do cotidiano dos presos. Paisagens, imagens de santos e de Cristo, objetos, comentários e até uma menção ao terrorista Osama Bin Laden são alguns dos temas explorados pelos detentos nas portas que pesam cerca de 200 quilos e que foram retiradas das celas do pavilhão 5.

**S**ÃO 111  
PORTAS  
DE CELAS  
DESENHADAS

Foi também com uma instalação intitulada *Intolerância*, que Siron Franco inaugurou, no começo de julho, o Memorial da Liberdade abrigado no antigo prédio do Departamento de Ordem Pública e Social (Dops), em São Paulo. Agora, é também com uma instalação, *Portas*, que o artista plástico inaugura um novo espaço cultu-

ral, o Parque da Juventude, no recém-desativado Carandiru, já em processo de preparação para ser implodido.

Além dessa instalação, o público também poderá ver uma

exposição de fotografias e objetos, uma maneira de mostrar a história do que foi o maior presídio da América Latina. As visitas são gratuitas e só serão feitas pelos pavilhões 2 e 7, sempre com a presença de monitores da Secretaria de Estado da Cultura e da Administração da Penitenciária. Durante essas visitas, realizadas em grupos, é permitido usar câmeras fotográficas e filmadoras.

SERVIÇO

**Siron Franco.** De terça a domingo, das 10 às 16h30. **Parque da Juventude.** Avenida Cruzeiro do Sul, 2.630, tel. 6221-3001. **Até 20/10**



Detalhe da obra de Siron Franco: portas pesam cerca de 200 quilos e preservam desenhos deixados por milhares de detentos

[44] Reportagem do dia 21 de setembro de 2001, retirada do acervo do Jornal **O Estado de São Paulo**. No período anterior à demolição, o Pavilhão 9 recebeu a instalação do artista Siron Franco, se tornando um espaço dedicado à memória do Massacre.

A área do Complexo Penitenciário do Carandiru, de propriedade pública estadual, havia sido, desde 1993, transformada de classe de bens de Uso Especial para a classe de bens dominiais do Estado - de acordo com a Lei nº. 8524/93.

Na época classificada como *Zona de Uso Especial* (Z8-003), permitia atividades do tipo E3 - atividades de educação (faculdades, universidades), de lazer e cultura (auditórios para convenções, feiras, conferências, exposições, parque de diversões), saúde (hospitais, sanatórios), assistência social (albergues, centros de orientação profissional) e de culto (templos e igrejas) - e E4 - aeroportos, estações de telecomunicação, heliportos, monumentos históricos, parques de animais selvagens, parques públicos, penitenciária, quartéis. Poderia ser destinada aos mais diversos serviços públicos, mas não a atividades comerciais.

Os estudos de zoneamento realizados incluem os conduzidos pela Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPLA), a fim de se avaliar a necessidade de alterar ou não o zoneamento em favor das demandas. Por fim, concluiu-se que a Z8-003 seria a classificação mais compatível com os possíveis usos pretendidos, não havendo a necessidade de alteração.

A SEMPLA, entretanto, reforçou a necessidade de aprofundamento do estudo de tombamento a fim de se evitar o comprometimento desnecessário e a limitação de gabarito do entorno - a princípio, restrito a 15 metros de altura às edificações vizinhas.

Em 22 de agosto de 2001, a designada Comissão de Estudos destinada a fixar *Parâmetros de Ocupação Futura de Área Correspondente ao Complexo do Carandiru e de seus Equipamentos Após Desativação*, encaminhou ao DPH um relatório, de autoria do vereador Erasmo Dias, sugerindo uma série de ações a serem adotadas para tratamento da área, assim como a atualização das diretrizes para o tombamento:

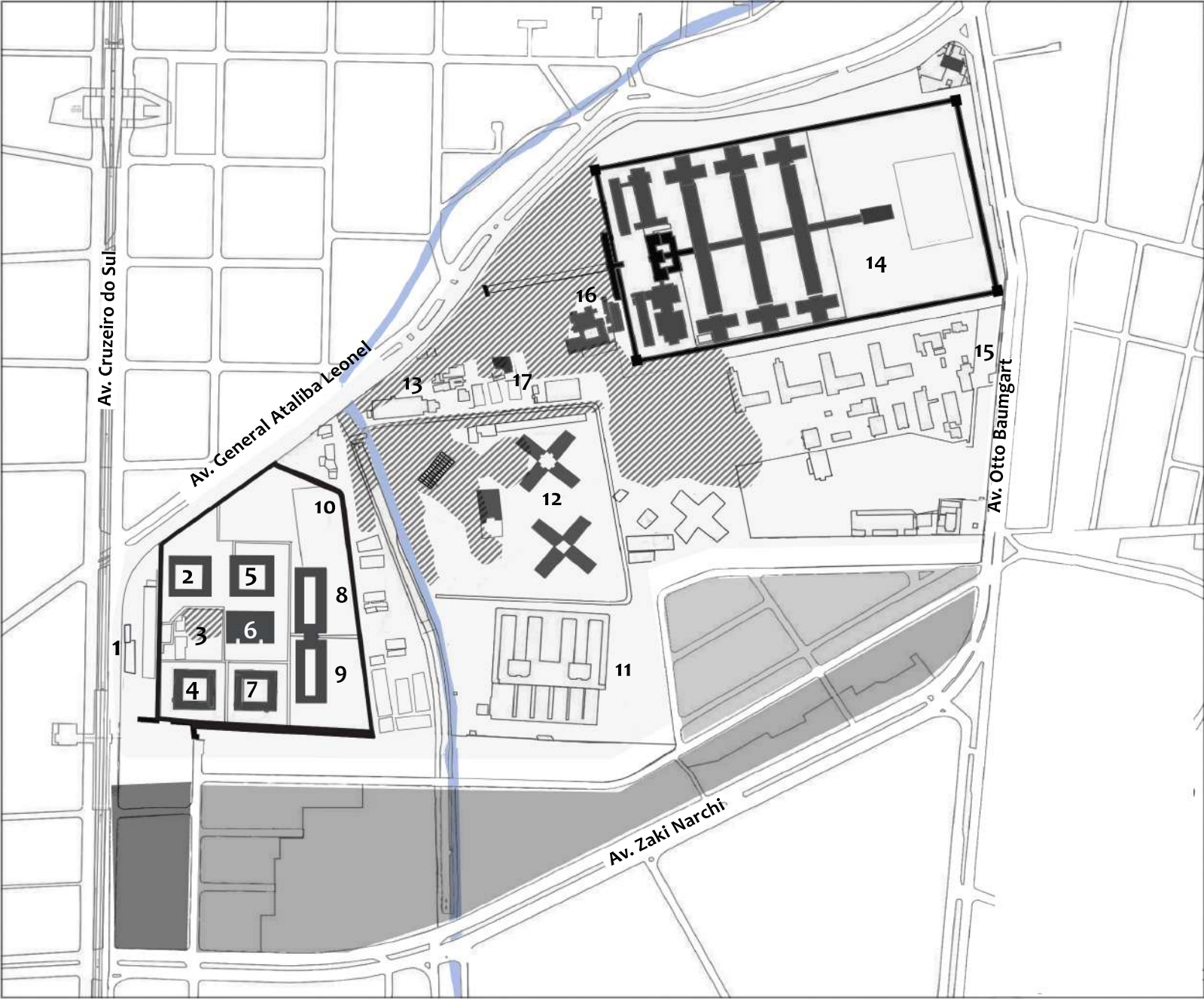
- [...] 1. preservação do **patrimônio ambiental**, representado pela cobertura vegetal existente, com criação de um parque;
- 2. implantação de um sistema de drenagem
- 3. a preservação do patrimônio histórico e cultural, em especial dos **edifícios projetados por Ramos de Azevedo**, a partir do pronunciamento do CONDEPHAAT e do CONPRESP
- 4. privilegiar a implantação de **programas socio-culturais** em parceria com instituições públicas como SESC, SENAI, SENAC e SEBRAE
- 5. harmonização e interligação com o entorno e atividades circunvizinhas
- 6. **reforçar o impedimento de utilização para fins habitacionais, comerciais ou de serviços**,
- 7. exclusão de qualquer aproveitamento de áreas edificadas no campo penitenciário.

Em Ofício encaminhado à Diretoria pela Seção Técnica de Crítica e Tombamento, em 02 de fevereiro de 2002:

O Departamento do Patrimônio Histórico em seu encaminhamento do processo de Abertura de tombamento para o Complexo Penitenciário do Carandiru propôs a manutenção integral dos seguintes elementos:

- Conjunto de edifícios da Penitenciária do Estado;
- Remanescente da Mata Atlântica





**Legenda**

**Complexo Penitenciário do Carandiru**

- 1 Entrada da Casa de Detenção
- 2 Pavilhão 02
- 3 Divinéia
- 4 Pavilhão 04
- 5 Pavilhão 05
- 6 Pavilhão 06
- 7 Pavilhão 07
- 8 Pavilhão 08
- 9 Pavilhão 09
- 10 Muralha da Casa de Detenção
- 11 Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário
- 12 Centro de Observação Criminológica (Centro de Classificação e Triagem)
- 13 Secretaria de Assistência Penitenciária
- 14 Presídio Feminino de Santana (antiga Penitenciária do Estado)
- 15 Penitenciária Feminina da Capital
- 16 Escola de formação de agentes penitenciários (ACADEPEN)
- 17 Casas do Administrador

- Cobertura vegetal (remanescentes Mata Atlântica)
- Córrego Carajás
- Z8-003
- Z2
- Z8-057
- Z4-009

Escala: sem escala  
 Data: 08/05/2022  
 Base: MDC/ Geosampa/ Mapa Res38/CONPF SP/2018



[45] Mapa da área do Complexo Penitenciário no início do ano 2000. A desativação da Casa da Detenção já havia se iniciado, mas a implosão dos Pavilhões não havia ainda sido efetuada. Segundo zoneamento da época, o coeficiente de Aproveitamento correspondente à Z8-003 era 2 e a taxa de ocupação 50%, não sendo permitidos novos lotes. A área total delimitada pelo perímetro era composta por 435000m², tendo cerca de 58000m² de remanescentes de Mata Atlântica.

- Torres de controle do Complexo Penitenciário;
- **Portal da Casa de Detenção;**
- Casa do Administrador

**Pretendemos para a continuidade dos trabalhos, averiguar a necessidade de preservação externa dos edifícios da Casa de Detenção.**

Do ponto de vista do Patrimônio Histórico, é possível afirmar que, qualquer ocupação para a área deva contemplar a integração do antigo espaço confinado ao seu entorno, providenciando a desobstrução visual e física proporcionada atualmente pelo Complexo Penitenciário.

Do ponto de vista urbanístico, parece-nos vital a reocupação daquela área com um projeto predominantemente de lazer, em função de estarmos diante da última oportunidade - última grande área da região - que possibilitaria prover as imediações do bairro de Santana de um parque público, reafirmando o local **como referencial urbano aos moldes do Parque do Ibirapuera, e não mais como símbolo da reclusão/exclusão social.**

Relativamente ao relatório final da “Comissão Especial de Estudos do Carandiru”, parece-nos que as diretrizes formuladas para uma futura reocupação do local convergem com a proposta encaminhada por este Departamento ao Conselho e refletem os anseios da população paulistana, portanto, conta com o nosso apoio. Merece menção o projeto desenvolvido pela equipe do arquiteto Roberto Aflalo, ganhador do Concurso Nacional de Ideias para o Carandiru, que se assemelha ao entendimento que temos de como deverá ser o procedimento, no caso da implantação de novo uso naquele local.

Desta forma, reiteramos a urgência na apreciação pelo CONPRESP do processo de abertura do tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru.

Nesse documento, fica, pela primeira vez, explícito o desejo de se preservar elementos da Casa de Detenção - o portal e o exterior das edificações. Na época da redação desse parecer, a desativação já havia sido concluída, mas nenhum dos pavilhões havia ainda sido demolido.

A Minuta de Resolução de abertura de processo de tombamento foi, finalmente, aprovada, em Sessão Ordinária 253ª do Colegiado do CONPRESP, em 13 de novembro de 2001, quatro anos após o primeiro estudo do órgão para tombamento. Ainda, do momento da sua abertura, a prioridade de proteção era dada à Penitenciária do Estado e seus anexos.

O conselho municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e nos termos da Lei nº10.032-85, com as alterações introduzidas pela Lei nº10.236/86, conforme decisão unânime dos Conselheiros presentes à 235ª Reunião Ordinária realizada em 13 de novembro de 2001, e considerando que o interesse artístico e histórico de elementos arquitetônicos e paisagísticos do denominado Complexo Penitenciário do Carandiru;

Resolve:

Artigo 1º - Fica aberto o processo de tombamento do Conjunto de Edifícios da Penitenciária do Estado de São Paulo, da Casa do Administrador e da Vegetação remanescente da Mata Atlântica, existentes no denominado Complexo Penitenciário do Carandiru, bairro de Santana, que corresponde à Quadra 09 - Setor 304, do cadastro imobiliário municipal e conforme o contido no Processo Administrativo nº 1997-0125758-8.

Existe um hiato na documentação<sup>1</sup> e, apenas em 2018 o processo parece ter sido de fato retomado de maneira expressiva. É em 2018 que ganha expressividade a preocupação não apenas com a preservação do edifício da Penitenciária do Estado, mas também com o destino dos pavilhões remanescentes da Casa de Detenção - representantes de uma memória dolorosa, mas fundamental da história recente do país. Segundo nova “Exposição de motivos”, de elaboração da Secretaria Municipal de Cultura”:

[...] Estamos diante do registro físico de um bem cultural que se destaca pela importância histórica, arquitetônica e de referencial urbano da cidade de São Paulo, que traz agregada a esse valor a participação de renomados arquitetos do porte de **Samuel das Neves e dos colaboradores do Escritório Técnico Ramos de Azevedo**, conforme observamos nas fotos juntadas a essa manifestação; o que nos leva a concluir pela preservação integral deste conjunto [...] Entretanto, não se pode **desconsiderar a referência urbana e histórica que durante meio século esses generosos cubos perfurados representaram e ainda representam para a população paulistana; soma-se a isso a memória histórica, triste, mas não menos importante, conhecida**

1. Com a inauguração do Parque da Juventude, em 2003, as transformações no território foram bastante significativas. O processo contém toda a documentação do Parque, relatórios técnicos e pareceres de obra - que não puderam ser abertos e consultados em decorrência da necessidade de conservação dessas folhas.



como “o massacre do Carandiru” que, traçando um paralelo, e guardadas as proporções, teria a mesma função da preservação dos Campos de Concentração da Segunda Guerra Mundial, ou seja, lembrar às gerações futuras o resultado desastroso de algumas ações da humanidade e contribuir para que não se repitam. [...] Fundamentados nestas duas constatações, referencial urbano e histórico, segue nossa indicação pela preservação do volume dos dois Pavilhões que hoje abrigam as duas Escolas Técnicas Estaduais - ETECs, no bairro do Carandiru, bem como de todas as estruturas edificadas remanescentes do antigo Complexo Penitenciário do Carandiru que foram incorporadas ao Parque da Juventude, **no intuito de registrar a dimensão do território que um dia foi totalmente ocupado pelo sistema prisional paulistano e/ou paulista e que agora irá incorporar o belíssimo Parque da Juventude.**

A partir de então, elabora-se uma nova resolução, mais completa, apresentada ao conselho durante a 666<sup>a</sup> Reunião Extraordinária de 12 de março de 2018. A resolução inclui no tombamento o conjunto da Penitenciária do Estado, os dois pavilhões da Casa de Detenção que foram transformados em ETEC e a Mata Atlântica remanescente.

[...] Considerando que o Complexo Penitenciário do Carandiru é fundamental para a preservação da **história prisional** no Brasil, ocupando lugar de destaque nesta trajetória;

Considerando que a **Penitenciária do Estado**, verdadeira cidadela para reclusos, foi ponto de partida para a constituição do Complexo Penitenciário do Carandiru e marcou época por se constituir no registro físico da aplicação das mais modernas teorias para regeneração de prisioneiros do início do século passado, integrando um sistema de instituições destinadas ao controle e saneamento social;

Considerando que inserido no Complexo Penitenciário do Carandiru foi implantada a primeira Prisão Albergue, cujo edifício resistiu ao tempo e hoje abriga o presídio da Polícia;

Considerando a amplitude da área ocupada pelo Complexo Penitenciário do Carandiru e a **indissociável relação entre os vários elementos naturais ou construídos que a constituem**;

Considerando a contribuição do conceituado arquiteto Samuel das Neves e daqueles que participaram do Escritório Técnico Ramos de Azevedo, inclusive o próprio, na proposta e execução da Penitenciária do Estado na década de 1920, que

resultou em um conjunto de edifícios executados com esmero, solidez e qualidade no acabamento/ornamentação semelhante ao destinado a edifícios como o da Eletrotécnica, que pertenceu à Escola Politécnica da USP e hoje abriga o Arquivo Histórico Municipal/DPH/PMSP;

**Considerando que os generosos cubos, os pavilhões da Casa de Detenção, são referências urbanas há mais de meio século e representam para a população paulistana e brasileira a memória histórica, triste, mas não menos importante, conhecida como o Massacre do Carandiru, e que tem a função de perpetuar às gerações futuras, o resultado desastroso desta ação do homem e contribuir para que não se repita;**

Considerando o valor cultural, especialmente histórico, arquitetônico e de referencial urbano, do Complexo Penitenciário do Carandiru, onde se destaca o conjunto edificado da Penitenciária do Estado, os dois Pavilhões remanescentes da antiga Casa de Detenção, partes da Muralha e a Mata Atlântica;

Considerando que o Bairro de Santana carece de áreas livres arborizadas da mesma grandeza daquela tratada no presente estudo e que a preservação dos remanescentes significativos do Complexo Penitenciário do Carandiru, agrega um diferencial histórico indissociável para o novo papel de caráter socio cultural e esportivo pretendido para este espaço numa ação preventiva à regeneração e

Considerando o contido no Processo Administrativo Nº 1997-0.125.758-8

Resolve:

Artigo 1º - Tombar o Complexo Penitenciário do Carandiru constituído pelo Conjunto Arquitetônico da Penitenciária do Estado, Edifício da Escola de Formação de Agentes Penitenciários e antigas Residências do Administrador (em sua configuração da década de 20), pelo antigo Edifício da Prisão Albergue (atual Prisão da Polícia), pelos dois pavilhões e obras civis remanescentes da Casa de Detenção (em sua configuração na década de 50) e pela Mata Atlântica, em sua configuração na década de 1920, localizado na confluência das Avenidas Cruzeiro do Sul com General Ataliba Leonel e Zaki Narchi, no bairro de Santana[...]

Nível de preservação INTEGRAL - preservação das características arquitetônicas e dos elementos que as compõem como materiais de revestimentos, desenhos de caixilharia, coberturas (estrutura e telhas), demais componentes arquitetônicos e metodologia construtiva:

1. Administração;
2. Oficinas;
3. Cine/Teatro;



- 4. Área do campo de futebol;
- 5. Áreas destinadas à horticultura;
- 6. Muralhas e Torres de controle;
- 7. Edifício da Escola de Agentes Penitenciários;
- 8. Portal da Penitenciária do Estado à Avenida General

Ataliba Leonel

Nível de preservação PARCIAL - Preservação das características externas, ambiência e partes ou elementos internos

- 1. Pavilhões da Penitenciária do Estado e seu sistema de circulação (túnel):

As partes ou elementos internos s serem preservados dos Pavilhões e do “túnel” são: escadarias, guarda corpos, pisos, soleiras, exemplar de cela.

- 2. Residências Extra-muralha:

Preservação das características arquitetônicas originais, circulação vertical e acabamentos especiais que caracterizem o momento arquitetônico da edificação;

- 3. Pavilhões da Casa de Detenção:

Preservação das características arquitetônicas originais, tais como envazaduras, etc.

- 4. Antigo edifício da Prisão Albergue:

Preservação das características arquitetônicas externas originais, tais como envazaduras, etc.

Nível de Preservação Ambiental - preservação da ambiência e/ou geometria da circulação

- 1. Alamedas onde se distribuem as Residências extre muralha e o edifício da Escola de Agentes Penitenciários.

Deverão ter seus elementos arbóreos preservados integralmente

- 2. Mata Atlântica, densa vegetação existente no lote

Deverá ter seus elementos arbóreos preservados integralmente

- 3. Áreas livres da Penitenciária do Estado e Áreas Verdes intra muralhas ou extra muralha limitadas pelas avenidas

[...]

Artigo 4º- Com a vista a garantir a harmonia existente entre o conjunto arquitetônico tombado e seu entorno imediato, fica definido a **altura máxima de 15 metros** com 30% de área permeavel arborizada para os imóveis pertencentes à área de proteção (área envoltória) do lote descrito [...]

As informações levantadas até então indicam uma tendência de se ampliar o escopo do tombamento: inicialmente restrito ao conjunto da Penitenciária do

Estado, parece haver agora o interesse de proteger também os remanescentes da Casa de Detenção, como parte da memória dolorosa vinculada às violações dos direitos humanos cometidas na instituição, em especial, no episódio do Massacre.

Em carta do dia 19 de março de 2018, apresentada durante a 667ª Reunião Extraordinária, as relatoras do IAB, Mariana Boghosian Al Assal e Anna Beatriz Ayrosa Galvão, defendem o tombamento completo do conjunto, reforçando a necessidade do entendimento da área como um lugar de memória. Ainda, manifestam-se também a favor de um estudo para tombamento dos acervos do Museu Penitenciário e do Espaço Memória Carandiru, entendendo serem peças fundamentais na manutenção da memória do cotidiano carcerário.

[...] Note-se o papel paradigmático que o conjunto denominado Complexo Penitenciário do Carandiru possui como lugar de memória, quer seja em âmbito local ou municipal, quer seja em âmbito nacional, ao operar como referencial simbólico e como vestígio material de condutas assumidas em relação ao encarceramento ao longo do século XX. Como os estudos que acompanham o processo relatam de forma bastante completa, os vestígios materiais ainda existentes remontam por uma lado à história do presídio modelo - que se tornaria referência internacional segundo os mais modernos conceitos em sua época do entendimento do encarceramento como alternativa para a “regeneração” e reintegração à sociedade -; e por outro trazem a tona as memórias ainda dolorosas e polêmicas do trauma social que entrou para a história recente como “massacre do Carandiru”.

Note-se que tal leitura vai de encontro com algumas das discussões recentes do campo do patrimônio e memória que, sobretudo a partir da década de 1980, destacam a importância fundamental da preservação de sítios entendidos como espaços de “memória dolorosa”, traumática, ou “lugares de memória e consciência”procurando destacar a sua fundamental importância para a construção futura de novas visadas da História sob outras perspectivas, e seu potencial pedagógico com vistas à tolerância e à afirmação dos direitos humanos.”

Dessa maneira, e tendo também em vista o extenso material acerca das recentes intervenções empreendidas na Penitenciária do Estado que evidenciam **não haver incompatibilidade entre a preservação e seu uso atual**, nos



posicionamos à favor do tombamento nos termos encaminhados pelo corpo técnico do DPH. Gostaríamos ainda de **sugerir o estudo para abertura de processo de tombamento de dois acervos**, já sob a guarda do Estado, que viriam a reforçar a compreensão das dinâmicas e do cotidiano que ali habitou em dois momentos distintos: o acervo do **Museu Penitenciário** e o acervo do **Espaço Memória Carandiru** (criado pelo decreto nº52.112 de 30 de agosto de 2007, pelo então governador José Serra). Tais acervos podem ser entendidos como vestígios materiais de grande relevância que poderiam contribuir significativamente tanto com a memória do complexo, quanto como contribuições na reflexão contemporânea do encarceramento como instância de reintegração.

Acompanhando a leitura do processo, esperava-se que, no momento do tombamento, a Resolução compreendesse o Complexo como um todo, de acordo com a Minuta apresentada anteriormente. Na ocasião da 666ª Reunião, foi apresentada ao conselho essa Minuta integral, contendo todos os elementos estudados e levantados até então, para que pudesse ser votado, em reunião seguinte, o tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru.

Entretanto, o conselheiro representante da Secretaria Municipal de Justiça, Orlando Corrêa da Paixão, propõe o tombamento definitivo de apenas alguns dos elementos dentre os originalmente levantados. A representante do IAB, Mariana Al Assal, mostrou preocupação, e solicitou uma melhor análise dos elementos excluídos, apresentando, na reunião seguinte, a carta reproduzida aqui anteriormente - sugerindo, em resumo, o tombamento do complexo todo, sob pena de que não se haveria a noção e entendimento completos dos significados do conjunto caso algum dos elementos fosse deixado de fora.

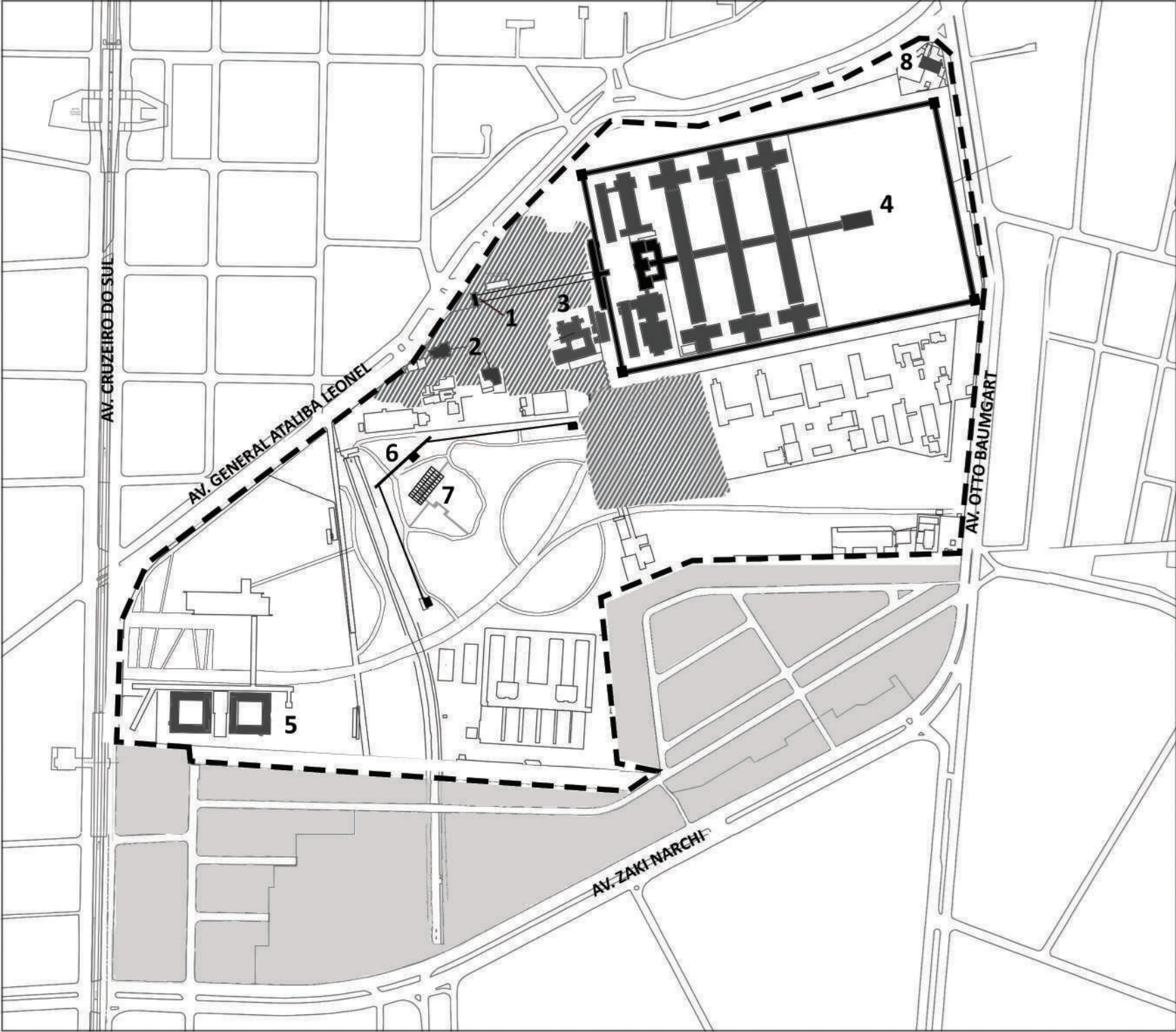
Surpreendentemente, a Folha de votação da 667ª Reunião Extraordinária, do dia 19 de março de 2018, registrou - com 6 votos favoráveis e 3 contra - o tombamento parcial do Complexo, deferindo apenas os itens 1, 5, 6, 7 e 8 do mapa de tombamento, sem área envoltória: 1. Alameda e Portal da Penitenciária do Estado, 5. Pavilhões da Casa de Detenção, 6. Remanescentes da Muralha da Penitenciária do Estado, 7. Estruturas Remanescentes da Penitenciária do Estado. 8. Edifício da Prisão Albergue - deixando de fora o conjunto da Penitenciária do Estado, que foi o mote inicial da abertura do processo, em 1997.


[...] A conselheira Mariana Rolim concorda com a ideia de se estudar a abertura de tombamento desses acervos. O conselheiro relator também concorda (Orlando Correa da Paixão) aderindo em seu relato a essa proposta, porém mantém sua posição em relação ao tombamento definitivo de apenas alguns itens do complexo Carandiru, sendo: 1, 6, 7 e 8. O conselheiro Ronaldo Parente solicita esclarecimento quanto aos itens com proposta de exclusão. O arquiteto Mauro Pereira faz uma apresentação apontando em tela os itens constantes na minuta e no mapa de resolução. O conselheiro Orlando concorda em incluir o item 5 na sua proposta. O Conselho discute as propostas. O presidente encaminha para votação as duas propostas. É dado início à votação. 1) Por maioria dos votos dos Conselheiros presentes, com **voto contrário dos representantes do IAB, do CREA e da SMUL**, a proposta 1, seguindo relatório do conselheiro relator Orlando Corrêa, foi Deferida, não sendo necessária, portanto, a votação da Proposta 2 da conselheira Mariana Al Assal. Isto posto, o tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru foi Deferido gerando a Resolução 38/CONPRESP/2018, com a seguinte observação: favorável aos seguintes itens do mapa da minuta: 1,5,6,7,8, sem área envoltória. Após os procedimentos referentes ao tombamento, o processo deverá retornar ao DPH para análise dos acervos.

---


[46] Reprodução do croqui de perímetro de tombamento sugerido, de 16/02/2018, anexo à folha 751 do processo.







PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO



NORTE

**Legenda**

- Perímetro do Tombamento
- /// Área verde tombada

1. Portal da Penitenciária e Alameda
2. Casa do administrador
3. Escola de Agentes Penitenciários
4. Penitenciária do Estado  
projeto do escritório de Ramos de Azevedo
5. Pavilhões da Casa de Detenção
6. Muralha
7. Estrutura remanescente da Penitenciária do Estado
8. Prisão Albergue

■ Área envoltória altura máxima 15m

**DPH** DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

**Tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru**

RES 38/CONPRES/2018

MAPA/ FOLHA

ESCALA: sem escala

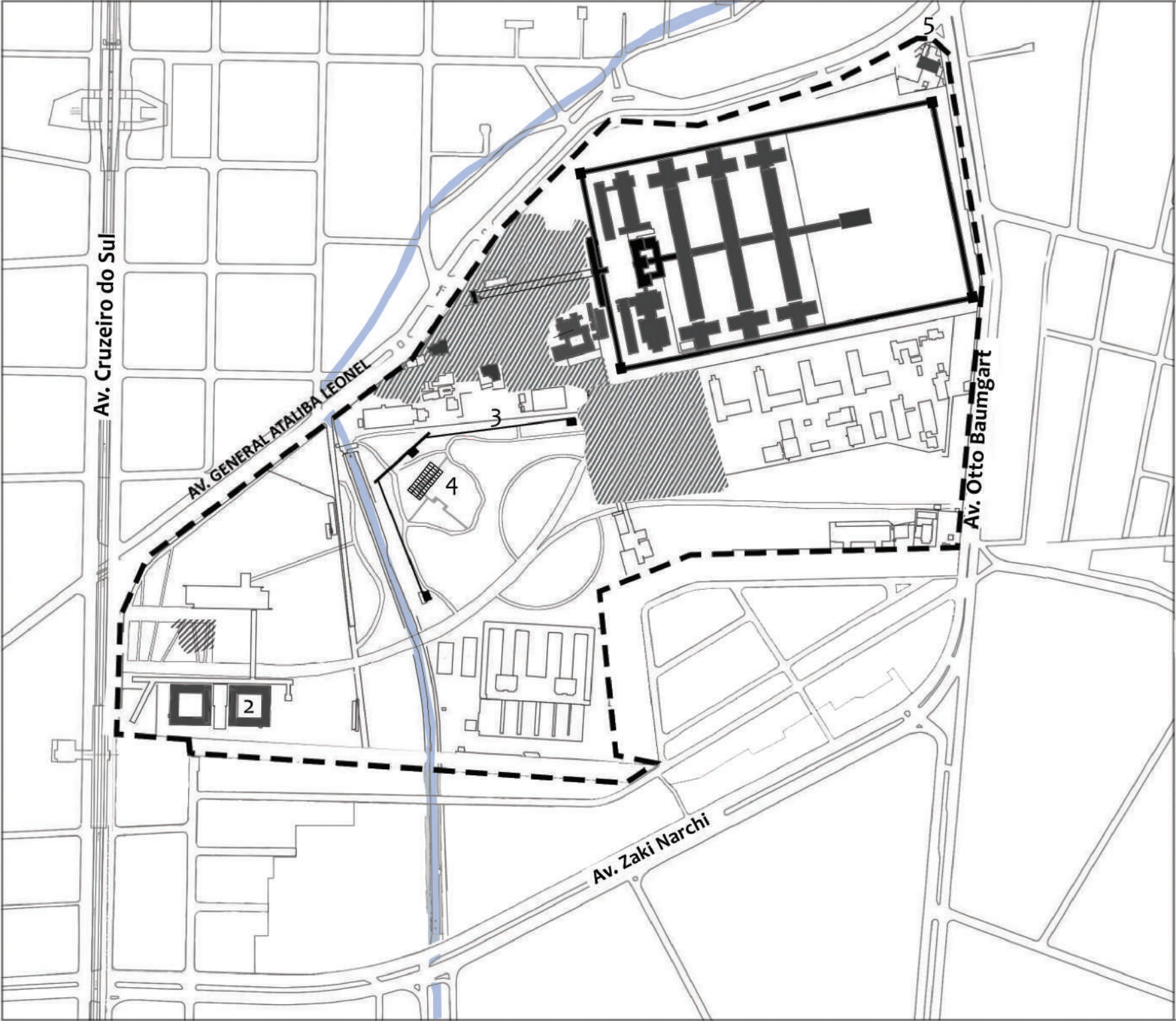
DATA 16/02/2018

**MAPA**

Arquiteto: Mauro Pereira de Paula Junior  
Mapa: Cecília Neves Kappler Vaz

Fonte base mapa: Geosampa / MDC





**Mapa Minuta de Tombamento 2018**

- 1. Portal da Penitenciária e Alameda
- 2. Pavilhões da Casa de Detenção
- 3. Remanescentes da Muralha da Penitenciária do Estado
- 4. Estrutura remanescente da Penitenciária do Estado
- 5. Prisão Albergue

- Corrego Carajás
- Área verde tombada
- Perímetro do Tombamento

Escala: sem escala  
Data: 08/05/2022  
Base: MDC/ Geosampa/ Mapa Res38/CONPRES/2018

[47] Mapa correspondente à resolução de tombamento 38/ CONPRES/2018, aprovada em 2018, excluindo de seu escopo o conjunto da Penitenciária do Estado.



Não fica claro, a partir da leitura das atas e documentos no processo, o motivo da remoção do edifício da Penitenciária do Estado do escopo do tombamento. Em entrevista com o arquiteto Mauro Pereira de Paula Júnior, um dos responsáveis pela abertura do processo e presente no momento da 667ª Reunião Extraordinária, relatou-se que, realmente, não foi oferecida qualquer justificativa para essa alteração - deixando margem apenas para cogitação sobre questões administrativas, jurídicas ou políticas que envolvem a Penitenciária do Estado.

As circunstâncias atípicas do momento da votação, entretanto, são registradas tanto na ata da 708ª Reunião Extraordinária, de 27 de janeiro de 2020, quanto nas manifestações escritas em decorrência desse primeiro tombamento deferido, de autoria dos membros conselheiros contrários à resolução votada.

Por evento de um decreto colocado pela Câmara Municipal, que estipulava uma data limite para conclusão de todos os processos de abertura de tombamento efetuados até 22 de agosto de 2018 - limite que se aproximava - um grande volume de processos precisou ser analisado em um período curto de tempo. Essa sobrecarga certamente interferiu no resultado da votação, que culminou na resolução 38/CONPRESP/2018, de 01 de novembro de 2018.

Os conselheiros contrários à resolução, entretanto, foram insistentes em manifestar suas angústias e preocupações em cartas, que se mostram importantes no entendimento do contexto da presente definição. Segundo carta do arquiteto Mauro Pereira, do DPH:

[...] Ao nos debruçarmos sobre a questão nos deparamos com a seguinte situação: o elemento fundamental deste tombamento, singular em todos os aspectos estudados (histórico, urbano, arquitetônico), único em termos no Brasil, quíça no mundo, que se encontra íntegro e em pleno funcionamento não está entre os elementos a serem preservados. Que pese todo o respeito que sempre dispensamos a este Conselho Municipal de Preservação. O que está colocado é algo como reconhecer/preservar a muralha e deixar o castelo ao destino.

Este nunca foi o propósito do CONPRESP e sua trajetória demonstra isso; o que nos faz levantar a hipótese de uma análise pressionada pelo prazo estipulado pela Câmara Municipal e sem o necessário tempo para estabelecimento e apreciação pelos

senhores Conselheiros.

É importante recapitular que esta votação ocorreu na última data estipulada pela Câmara Municipal de São Paulo e grafada no Plano Diretor da Cidade para conclusão de todos os processos de abertura de tombamentos efetivados até a data de 22/03/2018. Este trabalho exigiu grande esforço da equipe do DPH para atingir esta meta. Entretanto, diante da demanda de propostas de tombamento a serem analisadas e votadas, o CONPRESP nas últimas reuniões se reuniu em período integral, fato inédito em sua existência. Entretanto, este esforço vitorioso do Conselho acabou por exigir apresentações muito sucintas que podem ter prejudicado o pleno entendimento da relevância de alguns dos objetos estudados.

Este pode ter sido o caso do Complexo Penitenciário do Carandiru, cuja apresentação foi sumária e uma das últimas da segunda parte (período vespertino) da reunião que decidiu pelo tombamento.

Diante desta inusitada e delicada situação, que traz em si o risco de perdermos irreversivelmente esta “cidadela prisional” que em seu tempo atendeu aos mais atualizados conceitos prisionais internacionalmente definidos, projetada e executada por um dos mais importantes escritórios de arquitetura do século passado, ainda hoje é um referencial urbano inquestionável, venho respeitosamente, solicitar apreciação dos senhores Diretores do DPH e do Presidente do CONPRESP em relação à pertinência de, em caráter excepcional, providenciar uma reavaliação deste tombamento, agora sem as pressões relativas ao prazo para definição, mas com o tempo para aprofundamento que uma obra desta importância e magnitude requer [...]

Em 18 de novembro de 2018, foi protocolado, por solicitação da arquiteta Mirthes Ivany Soares Baffi, um recurso contra a Resolução 38/CONPRESP/2018, para a ampliação dos elementos tombados, nos termos do artigo 15 da lei 10.032/85.

Art. 15 - Efetiva-se o tombamento, objeto de Resolução do Conselho; por Ato do Secretário Municipal de Cultura, publicado no Diário Oficial do Município, do qual caberá, no prazo de quinze dias, contestação, junto ao CONPRESP, por qualquer pessoa física ou jurídica. Parágrafo único. Examinadas as contestações pelo Conselho, este opinará pela manutenção ou não do tombamento. Em caso de manutenção, será a resolução homologada pelo Prefeito, e lavada para inscrição no respectivo livro de tombo.



A votação do recurso para alteração da minuta foi realizada em 17 de fevereiro de 2020, em ocasião da 709ª Reunião Extraordinária. Por unanimidade de votos dos conselheiros presentes, o recurso apresentado, com proposta de ampliação dos elementos arquitetônicos protegidos e contra a primeira decisão do CONPRESP pelo tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru por meio da Resolução 38/CONPRESP/2018, foi deferido.

O Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP, no uso de suas atribuições legais e nos termos da Lei nº10.032 de 27 de dezembro de 1985, e alterações de acordo com a decisão dos Conselheiros presentes a 667ª e 709ª Reuniões, realizadas em 19 de março de 2018 e 17 de fevereiro de 2020, respectivamente e

Considerando que o Complexo Penitenciário do Carandiru **é fundamental para a preservação da história prisional do Brasil, ocupando lugar de destaque nessa trajetória**

Considerando que a Penitenciária do Estado, verdadeira cidadela para reclusos, foi ponto de partida para a constituição do Complexo Penitenciário do Carandiru e marcou época por se constituir no registro físico da aplicação das mais modernas teorias para a regeneração de prisioneiros do início do século passado, integrando um sistema de instituições destinadas ao saneamento e controle mental.

Considerando que inserido no Complexo Penitenciário do Carandiru foi implantada a primeira Prisão Albergue, cujo edifício resistiu ao tempo e hoje abriga o presídio da Polícia;

Considerando a indissociável relação entre os vários elementos construídos e naturais que constituem o Complexo Penitenciário do Carandiru;

Considerando a contribuição do conceituado Samuel das Neves e daqueles que participaram do Escritório Técnico Ramos de Azevedo, inclusive o próprio, na proposta e execução da Penitenciária do Estado na década de 1920, que resultou em um conjunto de edifícios executados com esmero, solidez e qualidade no acabamento/ ornamentação semelhante ao destinado a edifícios como o da Eletrotécnica, que pertenceu à Escola Politécnica da USP e hoje abriga o Arquivo Histórico Municipal/DPH/PMSP;

Considerando que os “generosos cubos”, os pavilhões da Casa de Detenção, são referências urbanas há mais de meio século e representam para a população paulistana e brasileira a memória histórica, triste, mas não menos importante, conhecida

como o “massacre do Carandiru”, e que tem a função de perpetuar às gerações futuras o resultado desastroso desta ação do homem e contribuir para que não se repita;

Considerando o valor cultural, especialmente histórico, arquitetônico e de referencial urbano do Complexo Penitenciário do Carandiru, onde se destacam o conjunto arquitetônico da Penitenciária do Estado, os dois Pavilhões remanescentes da antiga Casa de Detenção e a Mata Atlântica;

Considerando que o Bairro de Santana carece de áreas livres arborizadas da mesma grandeza daquela tratada no presente estudo e que a preservação dos remanescentes significativos do Complexo Penitenciário do Carandiru agrega um diferencial histórico indissociável para o **novo papel de caráter sociocultural e esportivo pretendido para este espaço numa ação preventiva a Regeneração;**

Considerando o contido no Processo Administrativo nº 1997-0.125-758-8 e

Considerando o provimento da contestação na 709ª Reunião Extraordinária de 17/02/2020 com **ampliação dos elementos protegidos**

Resolve:

Artigo 1º - Tombar o Complexo Penitenciário do Carandiru constituído pelo Conjunto Arquitetônico da Penitenciária do Estado, Edifício da Escola de Formação de Agentes Penitenciários e antigas Residências do Administrador (em sua configuração na década de 1920), pelo antigo Edifício da Prisão Albergue (atual Prisão da Polícia), pelos dois Pavilhões e obras civis remanescentes da Casa de Detenção (em sua configuração na década de 1950) e pela Mata Atlântica, na dimensão remanescente de sua configuração na década de 1920, localizado na confluência das Avenidas Cruzeiro do Sul com General Ataliba Leonel e Zaki Narchi, no Bairro de Santana (Setor 304 - Quadra 009 - Lotes 0001-4 e 0002-2 do Cadastro de Contribuintes da Secretaria Municipal da Fazenda), conforme consta do mapa que acompanha a presente resolução.

Parágrafo único - No perímetro tombado está localizado o Parque Estadual da Juventude, onde os bens que não estão expressamente citados no caput não estão incluídos no tombamento.

Artigo 2º - Qualquer projeto ou intervenção no conjunto arquitetônico tombado deverá ser submetido à prévia análise e manifestação do DPH/CONPRESP;

Artigo 3º - Para efeito da aplicação desta Resolução, ficam definidas abaixo as diretrizes para intervenções no Conjunto Arquitetônico e no lote descrito no artigo 1º



Parágrafo Primeiro: As propostas para implantação de novos edifícios ou qualquer obra civil na área livre do Conjunto Pavilhonar da Penitenciária do Estado não poderão prejudicar a leitura, ambiência e harmonia do conjunto tombado e deverão contar com prévia anuência do DPH/CONPRESP.

Parágrafo Segundo: Os elementos inseridos posteriormente às décadas citadas no artigo 1º serão considerados expúrios e provisórios, devendo-se prever no momento do restauro a remoção dos mesmos.

Nível de Preservação Integral - preservação das características arquitetônicas e dos elementos que as compõem, como materiais de revestimentos, desenhos de caixilharia, coberturas (estrutura e telhas), demais componentes arquitetônicos e metodologia construtiva.

1. Muro da Penitenciária do Estado e Torres de Controle (década de 1920);

2. Portal da Penitenciária do Estado, sito à avenida Gal. Ataliba Leonel;

3. Edifício da Administração Penitenciária do Estado;

4. Estruturas remanescentes do Complexo Penitenciário do Carandiru (remanescentes de muralha e estrutura em concreto, atual pergolado);

Nível de preservação parcial - Preservação das características externas, ambiência e partes ou elementos internos.

5. Pavilhões da Penitenciária do Estado, Cozinha, Lavanderia, Oficinas, sistema de circulação (corredor), Cine-Teatro e demais edifícios intramuros;

- Preservação das características arquitetônicas externas originais e partes ou elementos internos tais como: a circulação entre os mesmos (corredores), escadarias (guarda-corpos, pisos, soleiras), um exemplar de cela, etc.

6. Residências extramuros;

- Preservação das características arquitetônicas externas originais, circulação vertical e acabamentos especiais

característicos do momento da construção do edifício.

7. Edifício da Escola de Agentes Penitenciários;

- Preservação das características arquitetônicas externas originais, circulação vertical e acabamentos especiais característicos do momento da construção do edifício.

8. Pavilhões da Casa de Detenção, atuais Escolas Técnicas ETECs de Artes e Parque da Juventude;

- Preservação das características arquitetônicas externas originais, tais como fachadas, cobertura, envasaduras e acabamentos especiais característicos do momento da construção do edifício.

9. Antigo Edifício da Prisão Albergue;

- Preservação das características arquitetônicas externas originais, tais como fachadas, cobertura, envasaduras e acabamentos especiais característicos do momento da construção do edifício.

Nível de preservação Ambiental: Preservação da ambiência e/ou geometria da circulação:

10. Alamedas onde se distribuem as Residências extramuros e o edifício da Escola de Agentes Penitenciários;

- Deverão ter seus elementos arbóreos preservados integralmente ou substituídos ao final de seu ciclo de vida, por novos elementos da mesma espécie ou espécie semelhantes em termos paisagísticos.

11. Área de Bosqueamento Adensado:

- Deverá ter seus elementos arbóreos preservados integralmente, preferencialmente sem manejo humano.

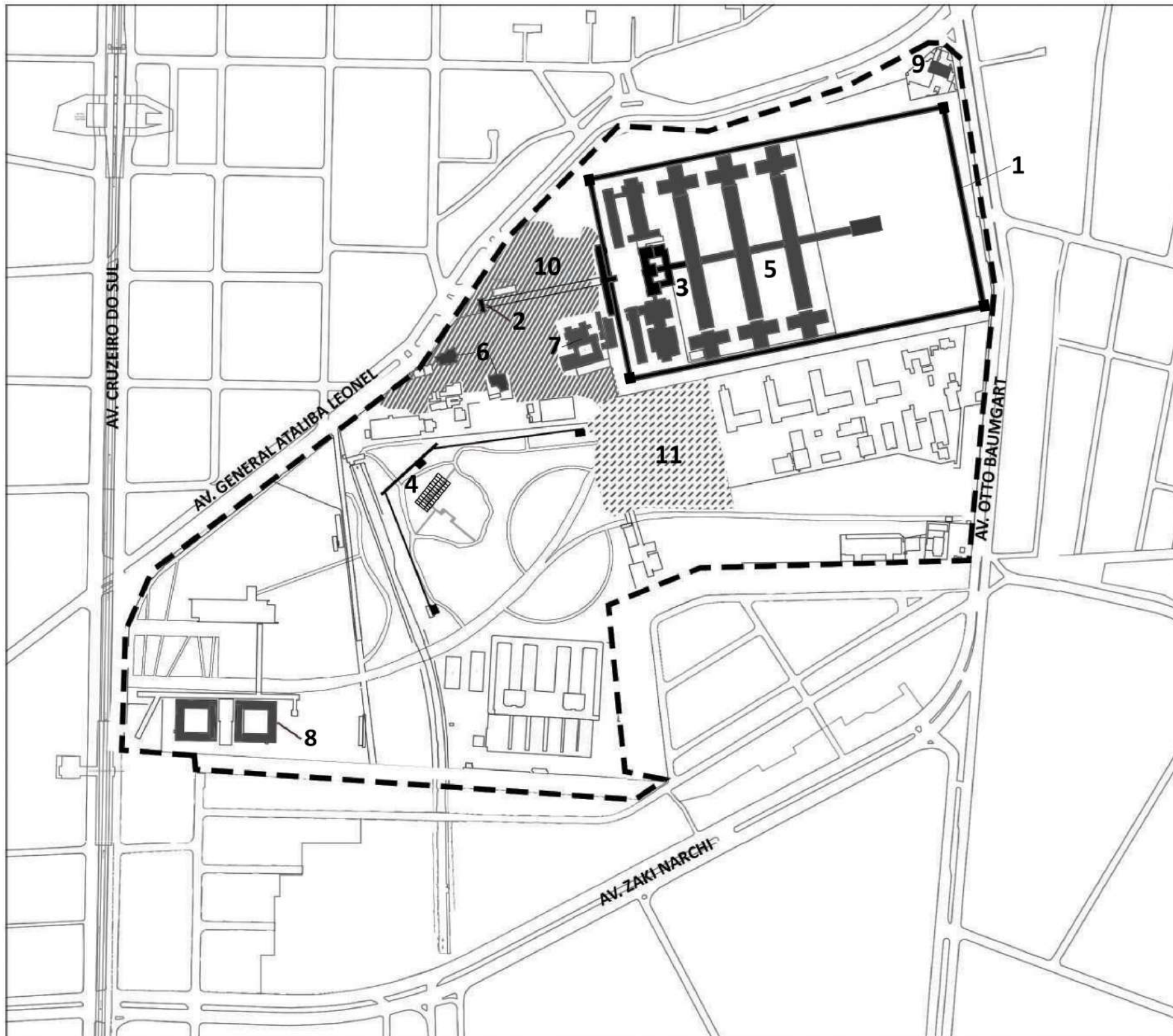
Artigo 4º- Não serão admitidos desdobros nos lotes definidos no artigo 1º da presente Resolução;

Artigo 5º - Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação, no Diário Oficial da Cidade, revogadas as disposições em contrário.

---

[48] Mapa final da Resolução 38/CONPRESP/2018, com a adição dos bens associados à Penitenciária do Estado a partir de recurso deferido em 2020.





PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO



### Legenda

--- Perímetro do Tombamento

■ Elementos Tombados (Proteção integral):

1. Muro e Torres de controle e acesso
2. Portal da Penitenciária
3. Edifício da Administração
4. Estrutura remanescente do Complexo

■ Elementos Tombados (Proteção parcial):

5. Pavilhões e demais edifícios intramuros
6. Residências extramuros
7. Edifício da Escola de Agentes Penitenciários
8. Pavilhões da Casa de Detenção
9. Antigo Edifício da Prisão Albergue

Preservação ambiental:

/// 10. Alamedas

/// 11. Área de bosqueamento adensado

**DPH** DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

**Tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru**

RES 38/CONPRES/2018

MAPA/ FOLHA

ESCALA sem escala

DATA 20/01/2020

**MAPA**

Arquiteto: Mauro Pereira de Paula Junior

Mapa : Cecília Neves Kappler Vaz

Marina Chagas Brandão

Fonte base mapa: Geosampa / MDC



\*\*\*

Em reportagem do dia 07 de agosto de 2019, para o jornal “O Estado do Minas”, o então presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), Carlos Augusto Mattei Faggin, declarou: “Eu tive uma briga longa em um dos meus mandatos porque o Alckmin resolveu demolir os pavilhões do Carandiru. Lutei muito, não consegui, para que fosse preservado como o nosso holocausto. Isso foi apagado”.

Com isso, levantou-se o questionamento acerca da abertura de processo de tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru também a nível estadual. Em consulta ao CONDEPHAAT, descobriu-se existir um Dossiê Preliminar, nº 00816/02, consultado na Unidade de Preservação de Patrimônio Histórico (UPPH), localizada na Rua Mauá, 51.

Houve uma solicitação de tombamento, realizada em 14 de abril de 2002, pelo “Movimento Pró-Carandiru, composto por moradores da zona norte, a fim de garantir que na área fosse implantado um “parque semelhante ao Parque do Ibirapuera, porém voltado à região Norte da cidade e contando com a preservação dos edifícios projetados pelo importante engenheiro Ramos de Azevedo”.

A solicitação, entretanto, se transformou em um processo de tombamento, sendo arquivada pelas seguintes razões, descritas em documento de 22 de maio de 2005:

- As edificações de interesse estão, em princípio, salvas guardadas pela ação do CONPRESP;
- a abertura do Processo de Tombamento para análise mais circunstanciada da área impediria em seu transcurso qualquer alteração da área, sem a devida autorização deste Condephaat, acarretando por ora possíveis atrasos nos projetos em curso na área.

O arquivamento foi oficialmente deliberado em 30 de julho de 2012.

[49] Guichê nº 00816/02, consulta efetuada no dia 06 de abril de 2022. Acervo pessoal.

SECRETARIA DA CULTURA

CONDEPHAAT

SOLICITAÇÃO DE TOMBAMENTO

GUICHÊ N.º 00816  
21968

INTERESSADO : JOÃO VENCESLAU PIRES DOS SANTOS E OUTROS

DATA - 09/05/2002

DESCRIÇÃO - ESTUDO DE TOMBAMENTO DO COMPLEXO PENITENCIÁRIO DO CARANDIRU, SITUADO NA AV. ZACHI NARCHI, AV. CRUZEIRO DO SUL E AV. GAL. ATALIBA LEONEL - CAPITAL.

PROPRIETÁRIO

LOCALIZAÇÃO - CAPITAL





[50] Fachada do edifício do Museu Penitenciário Paulista, localizado na Av. Zaki Narchi, 1207. Acervo pessoal.

## 2. O Museu Penitenciário Paulista e a memória institucional

Nós vivemos em um período que se caracteriza pela exacerbação da memória, pela multiplicação de instituições, como arquivos, bibliotecas, museus e parques botânicos e zoológicos; por práticas cotidianas que fazem das coleções de objetos seus objetos de desejos; por jogos familiares em que álbuns, fotografias e imagens passam a ser suportes de lembranças; por políticas preservacionistas que cada vez mais se associam à indústria do turismo. Mas se algo foge à regra, neste quadro, e de forma exemplar, são as prisões. Delas nada se quer guardar. (SANTOS, 2013)

O tombamento, como um ato administrativo do poder público, atua como um instrumento de preservação legal do bem de interesse e representa um interesse institucional de patrimonialização. No Brasil, apesar das práticas de proteção patrimonial se circunscrevem, majoritariamente, a esse instrumento, existem outras ações - institucionais ou não - comprometidas com a preservação do patrimônio e perpetuação da memória, a partir de outros discursos.

O Museu Penitenciário Paulista foi criado a partir do Decreto nº10.733, de 11 de dezembro de 1939, como um braço do Serviço de Biotipologia Criminal. Derivou de uma demanda fruto da dinâmica de ressocialização dos detentos através da arte, preconizada no início do século pela Penitenciária do Estado, quando se produziram uma série de telas - organizadas para exposição em uma espécie de showroom.

Em 1963, o Museu Penitenciário Paulista foi reestruturado pelo então Departamento dos Institutos Penais do Estado (DIPE), a partir do Decreto nº42.446 de 9 de setembro de 1963, e sua administração foi, desde então, competência de diversos órgãos até que, em 1993, passou

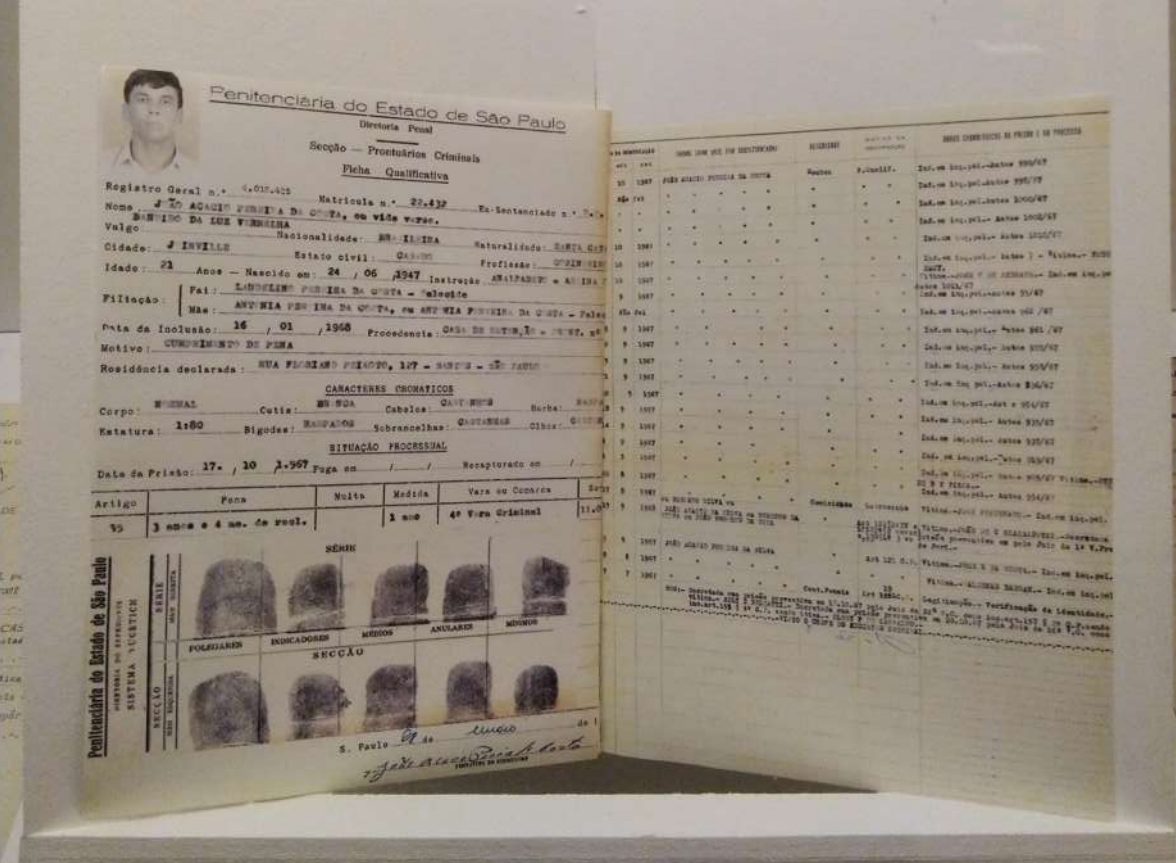




[51] *Códigos vivos em corpos aprisionados* expõe o papel da tatuagem dentro do universo carcerário. Acervo pessoal.

a ser de responsabilidade da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), criada nesse mesmo ano.

Atrás de um muro de alvenaria branca, cuja textura dos tijolos se revela através da fina camada de tinta, se lê *Museu Penitenciário*, em letras de forma em tinta vermelha, na Av. Zaki Narchi, 1207. Um edifício azul, já bastante desgastado pela ação do tempo, é o depósito de um acervo único, muito rico, que guarda documentos de valor inestimável da história prisional nacional.



[52] Ficha de matrícula de João Acácio Pereira da Costa, conhecido como o *Bandido da Luz Vermelha*. Acervo pessoal.

Sua missão é ser um espaço aberto ao público em geral, capaz de propiciar a reflexão sobre a história penitenciária e a pena. Sua função social é possibilitar a abordagem de enfoques temáticos que evidenciem as amplas ramificações da relação indivíduo-sociedade sob o ponto de vista da pena. Seu campo de atuação é a compreensão de uma estética que reflete a cultura prisional. Portanto, por meio de sua missão, de sua função social, e de seu campo de atuação, bem como, da análise temporal da cultura prisional, torna-se um equipamento público onde pode ser possível compreender a história da evolução da pena.



Desejamos colaborar, por meio deste instrumento de comunicação, no esclarecimento da sociedade sobre a função e o sentido do Sistema Penitenciário, assim como valorizar o trabalho do servidor penal, contribuindo para deixá-lo orgulhoso da própria função.

De todas as ações típicas ao Estado, nada é mais forte que apenar e cercear a liberdade de um indivíduo. A decorrência disso é um modo de viver, uma cultura própria ao ser humano encarcerado. Apresentamos aqui este universo que também guarda uma riqueza humana que deve ser conhecida.

(Texto extraído do Museu Penitenciário, exposto no painel da sala de recepção.)

Anterior à entrada do edifício, uma série de painéis resgata pequenos fragmentos da história penal ocidental. Com breves biografias e explicações das contribuições de teóricos do meio penal - como Jeremy Bertham e Cesare Beccaria - os painéis estabelecem uma relação direta com os pensamentos e mentalidade contemporâneas à criação da Penitenciária do Estado, evidenciando o estreito vínculo entre as duas instituições.

Adentrando o edifício, à direita da pequena e simples sala de recepção está a entrada do espaço expositivo.

[53] Cordas produzidas no interior da Casa de Detenção, a partir de materiais diversos, para a fuga dos detentos. Acervo pessoal.







A primeira exibição, restrita a uma sala, dedica-se à tatuagem como forma de expressão e como código dentro da cultura penitenciária. Por ser bastante sucinta, apresenta um fragmento do cotidiano carcerário sem aprofundar reflexões e funciona mais na chave de uma curiosidade. Não ficou claro se aquela exibição seria de caráter permanente, mas certamente parecia ser a adição mais recente do museu.

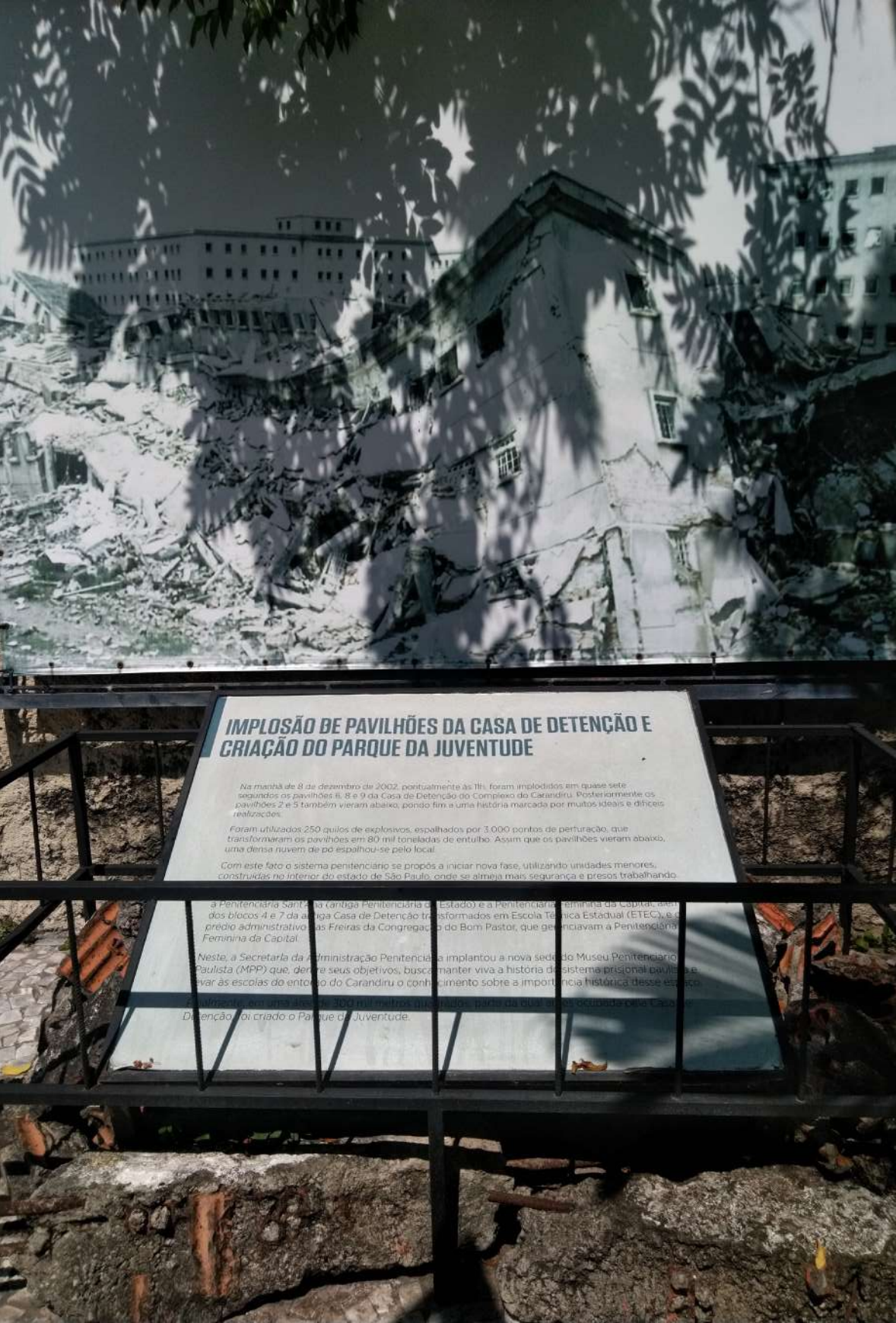
O próximo espaço se dedica ao Serviço de Biotipologia - de maneira bastante mórbida - como exposto no capítulo anterior, e, prosseguindo, alcança-se o grande salão, que se divide em diversas temáticas.

De maneira geral, a própria distribuição física dos objetos evidencia uma linha de raciocínio que opõe uma suposta excelência nos serviços prestados pelo Estado - destacando a qualidade da Penitenciária, as oportunidades dadas aos encarcerados, todas as provisões que são fornecidas pelo sistema penitenciário a eles - e aquilo que parece colocado como um senso de depravação e perversão dos presos, uma vontade inata de burlar o sistema - um estereótipo de malandro.

De um lado, uma série de quadros produzidos por detentos da Penitenciária do Estado, no início do século, de inspiração nas Belas Artes; do outro, facas grosseiras, uma corda de fuga produzida a partir de pedaços de pano e um sistema improvisado de produção da chamada *Maria-Louca*, uma aguardente fabricada nas Casas de Detenção.

[54] Parte externa da exibição dedicada à arquitetura prisional, à progressão das penas e aos diferentes tipos de instituições penais. Acervo pessoal.





Mesmo contendo uma coleção de objetos da Penitenciária e da Casa de Detenção e um rico acervo, o Museu Penitenciário pouco atua em favor da humanização dos detentos e menos ainda incentiva a reflexão acerca do nosso sistema penal. O foco é dado para a “excelência” das instituições carcerárias, o avanço das abordagens de “ressocialização” e até a qualidade das instalações, todos integrantes de um discurso institucionalizado em que os próprios agentes de produção daquele espaço - os encarcerados - não tem voz.

Ao sair do edifício, o espaço expositivo continua. Um corredor se dedica ao histórico do Complexo Penitenciário, iniciando-se com a trajetória, desde a Penitenciária do Estado até a Casa de Detenção, com linhas do tempo e alguns poucos parágrafos sobre a geografia humana desses edifícios. O Massacre do Carandiru ganha algumas poucas linhas, caracterizado como um simples *motim* de presos.

De forma geral podemos dizer que os objetos do cárcere são apresentados como manifestações de astúcia e exibidos como uma simples curiosidade alegórica, ou em celebração do exótico para o deleite dos visitantes. Propostas esvaziadas de reflexão a respeito da vida no cárcere e das necessidades que motivaram a criação de tais objetos, sobre suas condições de feitura. Tais narrativas não promovem a reflexão a respeito dos problemas ligados a prisão na atualidade, não estabelecem pontes entre o visitante e a realidade prisional, colocam esta como algo à parte, uma realidade exterior que não o sensibiliza porque a ele não pertence. (BORGES, 2018)

[55] Sob o painel que trata da implosão dos pavilhões, reside uma pilha de escombros - ditos ser de uma das edificações - completamente descontextualizada e esvaziada de significados. Acervo pessoal.

- Agora, com a desativação, parece que também vão derrubar o Pavilhão 9.

Na realidade, se fosse analisar ao pé da letra, ele não deveria ser implodido, custou uma fortuna pra reformar e, atualmente, é o melhor pavilhão, aquele que está em melhor situação.

José Francisco dos Santos, Chiquinho, antigo Diretor de Patrimônio da Casa de Detenção | *Aqui Dentro: Páginas de uma memória: Carandiru*



[56] Grafite no edifício da ETEC Parque da Juventude (antigo pavilhão 07). *Fim ao cárcere e à opressão.* Acervo pessoal.







### 3. O Espaço Memória Carandiru e o cotidiano carcerário

Na minha saída de dentro da cela, foi colocada uma metralhadora na minha cabeça e naquele instante eu fiz uma reflexão: “Oh Deus, receba a minha alma e meu espírito!”, e quando o gatilho ia ser puxado, um oficial chegou e falou: “Chega!”. A metralhadora saiu da minha cabeça e eu saí arrastando pela galeria, pela água e pelo óleo, porque a galeria tava cheia de óleo, e quando cheguei em outra parte da gaiola me colocaram no paredão de novo pra matar, eu e mais alguns amigos.

E escutei uma rajada de balas e procurei as perfurações no meu corpo e não encontrei as perfurações. Só vi os companheiros caídos e eu com vida e um deles gritou: “Você aí, Zé, levanta!”. Levantei e quando fui descer as escadas me jogaram no elevador de novo, só que eu passei direto, desci as escadas. Alí os cachorros estavam avançando, os PMs batendo no rosto, nos órgãos genitais. Cheguei até o pátio, que seria como um campo de concentração, todo mundo nu, um atrás do outro. A chuva veio logo após para aliviar a nossa alma, e entre aquela chuva muitas bombas de gás. [...] nós superamos essa etapa, mas a tortura psicológica - um estresse que arrasta-nos para nosso ser - tá marcado no nosso corpo, não tem como tirar. Tá na veia o sofrimento, e esperamos que um dia isso tudo venha a ser esclarecido, porque até agora não houve um esclarecimento cabal. Mas nós estamos embasados numa lei aqui na Terra, a Lei é pra ser cumprida e não está sendo cumprida. (Pastor Adeir, ex-detento, para Sophia Bisilliat e Andre Carramante em *Aqui Dentro*)

---

[57] Interior da ETEC Parque da Juventude, antigo pavilhão 7, que abriga o Espaço Memória Carandiru. Acervo pessoal.



## SISTEMA CARCERÁRIO



Ao lado, o pintor e desenhista Lenno mostra seus trabalhos; no centro, painel feito por presos



Detento ao lado de painéis pintados em uma cela do Pavilhão 8 por Lenno, condenado por triplo homicídio

## Atriz caça talentos entre os presos da Detenção

Sophia Bisilliat anota pedidos de detentos e incentiva artistas na Casa de Detenção

MARCELO GODOY

Todo preso tem um pedido. Eles param cada visitante e contam seus problemas. São sempre os mesmos: a falta de advogado e de contato com a família, a lentidão da Justiça, a desesperança. Pedem uma oportunidade, uma chance. A atriz Sophia Bisilliat, de 37 anos, escuta cada um e diz o que pode e o que não é possível atender. Mesmo assim, anota tudo em um caderno. Sophia não é uma simples visita: ela trabalha voluntariamente na Casa de Detenção de São Paulo, no Carandiru. Sua tarefa é descobrir talentos aprisionados.

"Ela é firmeza, sem palavra", diz Claudinei José dos Santos, o Claudinho, do conjunto de hip hop Reação em Cadeia. Chamar alguém de sem palavra é elogiar na prisão. Significa que não há nada, nenhuma palavra que desabone essa pessoa. Claudinho é o primeiro a abordar Sophia no Pavilhão 8. Pergunta quando vão gravar seu disco. "Já tenho 25 músicas." Canta um trecho de uma delas e faz um pedido. Sophia anota.

A atriz circula sozinha com um alicate verde, um caderno e uma caneta. "Não tenho pena de ninguém, mas respeito quem está aqui e sou respeitada." Ela recebe a ajuda de presos e funcionários para encontrar talentos. Entre os detentos que colaboram está José Antônio Ricardo, 36 anos, o Primo. Ele é uma figura importante na organização da cadeia, pois faz parte do grupo que regula as disputas internas entre presos na Detenção. "Não deixamos ocorrer brigas, intrigas entre os pavilhões e preconceitos." Como circula por toda a prisão, Primo sabe quase tudo o que se passa. "Tem pessoas boas aqui."

**Pintor** - Do pátio, Sophia sobe as escadarias do Pavilhão 8 atrás de outro talento. José Helene da Silva, o Lenno. Pintor, ele é responsável pelos painéis desenhados nos muros do pavilhão. Também pintou quadros nas paredes de quatro celas. Mas sua especialidade é desenhar em cartolina com caneta esferográfica. "Uso o papel que envolve as marmitas dos presos."

Lenno divide a cela com dois outros presos, no 2º piso do pavilhão. Está condenado a mais de 20 anos por um triplo homicídio, mas Sophia não sabia. Ela nunca perguntou a cada um fez para estar na cadeia. "Eu sei que aqui não é um parque de diversão", explica a atriz. Os desenhos de Lenno são guardados ao lado da cama do pintor, a única no chão



O grupo de samba Bola Mais Um, no pátio do Pavilhão 7: CD deve ser lançado até o fim do ano

### "É muito duro trabalhar aqui, mas não vou parar"

A ajuda da mãe e de uma amiga e o pouco que ela ainda ganha como atriz são as fontes do dinheiro que Sophia Bisilliat recebe para fazer o seu trabalho voluntário na Casa de Detenção de São Paulo. Para recomendar-lo com os presos há dois anos, ela praticamente abandonou a profissão. A tarefa não era nova, pois de 1983 a 1988 ela participava da montagem de peças teatrais com presos da Detenção e da Penitenciária Feminina de Tremembé.

A mãe de Sophia, Maureen, é uma fotógrafa que recebeu prêmios internacionais. "Ela acredita muito no meu trabalho", diz a filha, que não revela a quem é a amiga que a ajuda. Durante dez anos, a atriz esteve longe das prisões. Teve dois filhos e, depois de criados, voltou. Primeiro, deu aulas de teatro aos rapazes da Unidade Imigrantes da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem).

O trabalho na Febem não durou muito. Um dia Sophia foi impedida de entrar na unidade pelos funcionários. Depois de reuniões com a direção do órgão, decidiu abandonar a Febem. "Sempre me respeitaram, mas não havia mais condições." De lá, decidiu voltar à Detenção. Pediu autorização à Secretaria da

Administração Penitenciária e recebeu-a. Queria formar um novo grupo de teatro e assim foi no começo.

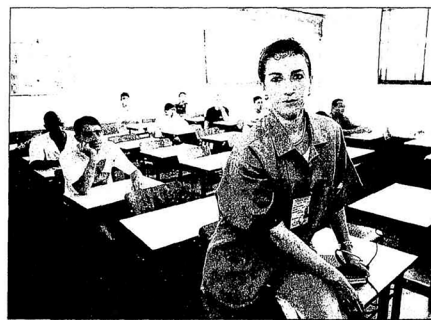
Depois, Sophia abandonou o teatro e com a ajuda de um funcionário da prisão, Valdemar Gonçalves, passou a organizar o desfile de moda das travestis no Pavilhão 6 da Detenção e a procurar pintores e músicos. "Tive ainda o apoio das direções do presídio e da secretaria e da Vara de Execuções Criminais."

**Pães e livros** - O mais novo projeto de Sophia é a construção de uma padaria-escola na Detenção e de uma biblioteca e videoteca para os sete pavilhões.

A atriz está atrás de doações para o projeto, pois não há verba do governo disponível para realizá-lo. Ela deseja aproveitar o espaço vago da antiga cozinha central da Detenção, no Pavilhão 6, para as edificações. "Ainda não tenho o dinheiro, mas vou conseguir."

A maquete da padaria está pronta e foi feita por um preso do Pavilhão 7. O plano é formar 60 padarias a cada 3 meses. O projeto da biblioteca é ter 15 mil volumes de textos variados e não só de livros jurídicos, os que mais interessam aos presos. "É muito duro trabalhar aqui, mas não vou parar." (M.G.)

**ELA QUER CONSTRUIR PADARIA NA DETENÇÃO**



A atriz e voluntária Sophia Bisilliat: "Respeito quem está aqui e sou respeitada"



O compositor Gilson de Souza trabalha com o grupo Sentimento Sublime: "Ela (Sophia) dá uma força para a gente"

também tem um pedido: precisa de um empresário.

Todos os membros do grupo estão no Pavilhão 7, o mesmo onde ficam os componentes da banda que, por enquanto, obtém o maior sucesso entre os assessorados por Sophia na casa: a banda de rap 509-E - número da cela onde vivem Afro X e Drexter, os rappers do grupo. Eles gravaram um CD pelo selo Atração, braço da Warner Music, e saem da prisão para fazer shows. Ao lado dos grupos Detentos do Rap, Conexão Carandiru e Comunidade Carandiru, o 509-E é um dos maiores representantes da música do cárcere, movimento responsável pela mudança musical ocorrida nas cadeias paulistas. Sophia ajudou-os a obter gravadora e autorização do juiz para os shows. Também divulgou o grupo, do qual acabou se tornando uma espécie de empresária.

Antes de sair da Detenção, Sophia ainda passa no Pavilhão 2. Encontra o compositor Gilson de Souza, o mesmo por causa de uma condenação por estelionato. Autor de sambas, ele trabalha com um grupo do Pavilhão 9, o Sentimento Sublime. "Ela dá uma força para a gente." A atriz deixa a área de rização da Justiça para sair da cadeia. "Antes dela, a gente só ouvia promessa", afirma Reginaldo dos Santos Cunha Carinieli, o Turco. O Bola Mais Um

compor um livro. "Agora estou escrevendo um livro só meu." Por último, Sophia visita o grupo de presos que mais sucesso obtém até agora, o dos travestis. No presídio sempre existiu música, que ficava confinada aos muros da casa. Agora, grupos de rap, samba e até bandas evangélicas estão gravando discos e fazendo sucesso.

**Música** - "Nós já tínhamos o grupo havia três anos quando conhecemos a Sophia", diz José Henrique, o Zé Negro, do conjunto de samba Bola Mais Um.

[58] Reportagem do dia 08 de outubro de 2000 do jornal O Estado de São Paulo mostrando o trabalho de Sophia Bisilliat na Casa de Detenção.

O Espaço Memória Carandiru se localiza no interior da ETEC Parque da Juventude, em um dos antigos pavilhões da Casa de Detenção - o Pavilhão 4 -, que sofreu a intervenção projetual do escritório Aflalo e Gasperini.

Constituiu-se por meio do Decreto 52.112, de 2007, oficializado por José Serra, então governador do Estado de São Paulo e, desde janeiro de 2011, está sob jurisdição da Secretaria do Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia que encarregou sua guarda ao Centro Paula Souza. A administração do espaço é realizada pelo Curso Técnico de Museologia, que se encarrega da missão de manter vivas as memórias dos moradores da Casa de Detenção.

Por conta da Pandemia, as visitas eram esporádicas e a responsável pelo curso de Museologia, ministrado na instituição, acompanhou o pequeno grupo de pessoas. Foi dada uma breve explicação de como o Espaço Memória Carandiru surgiu, de sua integração com a ETEC e com o Parque da Juventude, e de sua importância como uma forma de passar a diante as narrativas das pessoas e do cotidiano dentro da Casa de Detenção Flaminio Favero.

Grande parte dos registros fotográficos do acervo são de autoria de Maureen Bisilliat que, nas décadas de 80 e 90, se fez bastante presente dentro da Casa de Detenção. Posteriormente, sua filha, Sophia Bisilliat, juntamente com colegas, implantou os projetos voluntários denominados *Teatro no Presídio* e *Talentos Aprisionados*, oferecendo cursos de teatro, dança, e de outras artes entre 1981 e 2000. Parte desses registros, acompanhado de um compilado de relatos dos moradores da Casa de Detenção, foram cristalizados na obra *Aqui Dentro: Páginas de uma memória: Carandiru*.

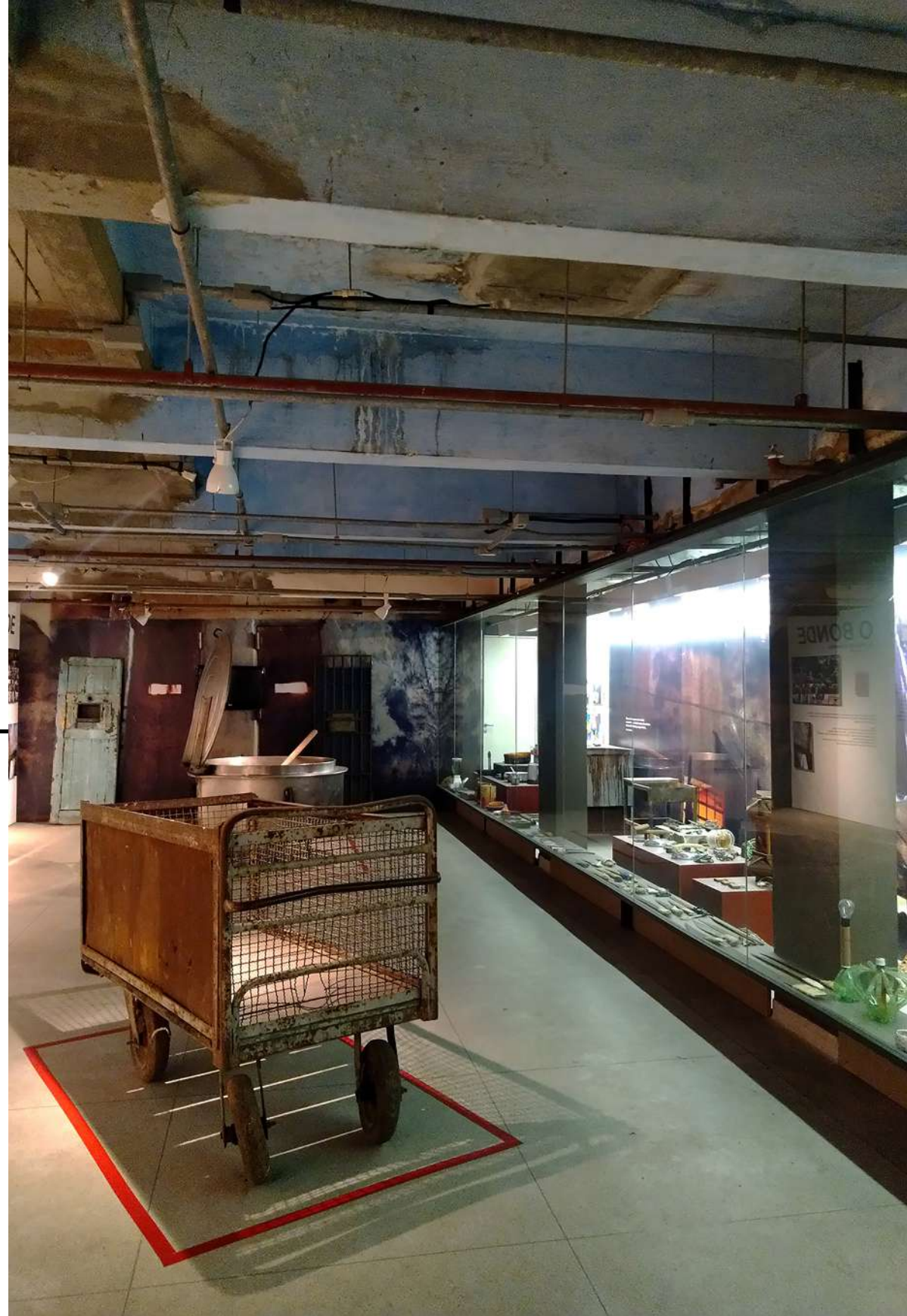


Diferentemente do Museu Penitenciário, o foco é dado não à Instituição, mas ao cotidiano e à produção dentro da Casa de Detenção. Os objetos expostos frequentemente são acompanhados de uma história que os introduz dentro daquele universo.

Existe também um cuidado na contextualização do espaço expositivo como um dos antigos pavilhões, tratando-se sim de uma das edificações da Casa de Detenção, mas um setor dedicado à enfermaria, com toda a carga histórica e emocional implícita. A responsável explicou que, como parte da missão política e educacional do Centro Paula Souza, os alunos são, logo na primeira semana, informados sobre onde estudam e sobre o que representa aquele espaço, tornando-os também agentes de preservação da memória e do patrimônio carcerário.

Todo o espaço é elaborado e organizado pelos alunos do curso de museologia, e tem o intuito de focar na produção e na criatividade dentro da Casa de Detenção, e, como frente à ausência e à privação, as pessoas são capazes de grande engenhosidade.

[59] Interior do Espaço Memória Carandiru, onde são expostos uma série de objetos cujo objetivo é representar a engenhosidade dos moradores da Casa de Detenção. São expostos ferramentas do cotidiano e objetos produzidos em planos de fuga, arquitetados a partir de componentes improvisados. O forro da sala, exposto, é o original da Casa de Detenção.





Na visitação, a responsável relatou que muitos egressos do sistema visitam o espaço. “Alguns querem esquecer. Mas todos definitivamente têm a passagem pela Casa de Detenção como um marco em suas vidas. Ficaram marcados.”

Ainda assim, alguns discursos parecem mais estereotipar que humanizar, de alguma forma. No espaço, existe um carrinho central, com caixas de plástico brancas, translúcidas, empilhadas para roupas sujas. A pilha de caixas nada mais foi do que um plano de fuga fracassado: recortada em seu interior, abrigaria uma pessoa, de pé e assim, quando fossem removidas para lavagem, permitiriam a fuga de um indivíduo - o plano falhou, uma vez que o dia escolhido para a fuga foi ensolarado, e a silhueta do homem através das caixas deu o sinal para a apreensão do carrinho.

Em certos momentos, talvez, o potencial do local não se cumpra em sua totalidade, mas o espaço físico, com o forro original da Casa de Detenção exposto, evoca uma atmosfera reflexiva. É, sobretudo, um espaço voltado à educação.

Existe uma beleza em saber que os próprios alunos da ETEC, interessados e comprometidos, propagam as memórias daqueles objetos, da instituição, das tragédias, mas também das pessoas, do ritmo e das práticas daquele cotidiano. E, diferentemente, do Museu Penitenciário, os próprios agentes dessa história, os egressos do sistema penitenciário, buscam e são consultados acerca daquele espaço.

[60] Reprodução do interior de uma cela da Casa de Detenção, configurado pelos alunos do curso de Museologia da ETEC. Acervo pessoal.





#### 4. Direitos humanos, patrimônios prisionais e memorialização do cárcere

Uma memória material de índole social (inclusive politicamente legitimada) tem o potencial de alcançar a população em seu conjunto, de marcar presença na paisagem, produzindo emoções e sensações que desafiam a falta de imaginação. Mas cuidado: os objetos em si mesmos não guardam a memória; pelo contrário, são seus disparadores. Levando em conta essa premissa, consideramos que os espaços para a memória devem funcionar como imagens agentes que permitam nosso envolvimento com as histórias passadas, ainda que não sejam as nossas, mas as de outras gerações (pós-memórias). Devem construir uma narrativa [...] e exigir um compromisso moral efetivo para que seus horrores não voltem a se repetir. Nesse sentido, os lugares de memória devem transformar-nos em depositários vivos de uma memória que não pode ser apagada . (SOARES E CUREAU, 2015)

As políticas públicas de patrimônio são seletivas e, portanto, permeadas por uma série de intenções que atravessam interesses - políticos, econômicos, administrativos, sociais - diversos, constituindo-se como um campo de intensas disputas simbólicas (SOARES, CUREAU, 2015).

A Constituição Federal de 1988 define, como direito fundamental, o direito à cultura - que se relaciona, de maneira intrínseca, ao patrimônio. Mas a existência dessa Lei não garante, necessariamente, seu cumprimento imediato. As políticas públicas patrimoniais, nesse sentido - ao mobilizarem uma série de recursos, agentes e suportes normativos - atuam como um elo institucional, assegurando o cumprimento desses direitos fundamentais e atuando como um instrumento articulador do desenvolvimento, da democracia e da participação social (SOARES, CUREAU, 2015).

De acordo com as diretrizes estabelecidas pelo direito internacional, é responsabilidade do Estado investigar e reconhecer violações aos direitos humanos. Com o emprego de recursos e ferramentas investigativas, cabe a ele apurar, de maneira imparcial, esses eventos a fim de se determinar a verdade, responsabilizar os culpados e indenizar as vítimas. Especialmente quando se cometem crimes contra a humanidade - imprescritíveis e inaniestáveis -, não são cabíveis ao Estado alegações de isenção de responsabilidade penal (IDDH, 2014).

Denomina-se *Direito à Verdade* aquele conferido às vítimas e seus familiares de conhecer o ocorrido: os fatos, as causas e circunstâncias que levaram ao episódio, e a identidade dos envolvidos. Extrapolando a dimensão individual, é também direito do coletivo conhecer o passado e a memória histórica (IDDH, 2014).

É nesse contexto que reside a importância de se preservar e sinalizar os espaços onde ocorreram essas grandes violações aos direitos humanos, criando lugares de memória que atuam como ferramentas de reconstituição e reflexão acerca do ocorrido, atuando em favor da reparação e da propagação de informações. São, ao mesmo tempo, uma evidência dos erros cometidos no passado pelo Estado, um símbolo de retratação para vítimas desses crimes e uma espécie de pacto de comprometimento da sociedade com a não repetição dessas atrocidades (IDDH, 2015).

Os lugares de Memória [...] são espaços para recuperar, repensar e transmitir certos fatos traumáticos do passado, e podem funcionar como suportes ou propagadores de memória coletiva. São lugares que buscam transformar certas marcas a fim de evocar memórias e torná-las inteligíveis ao situá-las no contexto de um relato mais amplo. (IPPDH, 2014)

A transformação de um espaço em local de memória, portanto, implica um trabalho em cima desses locais, a fim de proporcionar os mecanismos adequados para a apreensão e conhecimento acerca de uma verdade devidamente contextualizada. É necessária a compreensão da profundidade dessas marcas dentro de um panorama mais amplo, não apenas como resultado de um evento inusitado ou aleatório (IDDH, 2014).

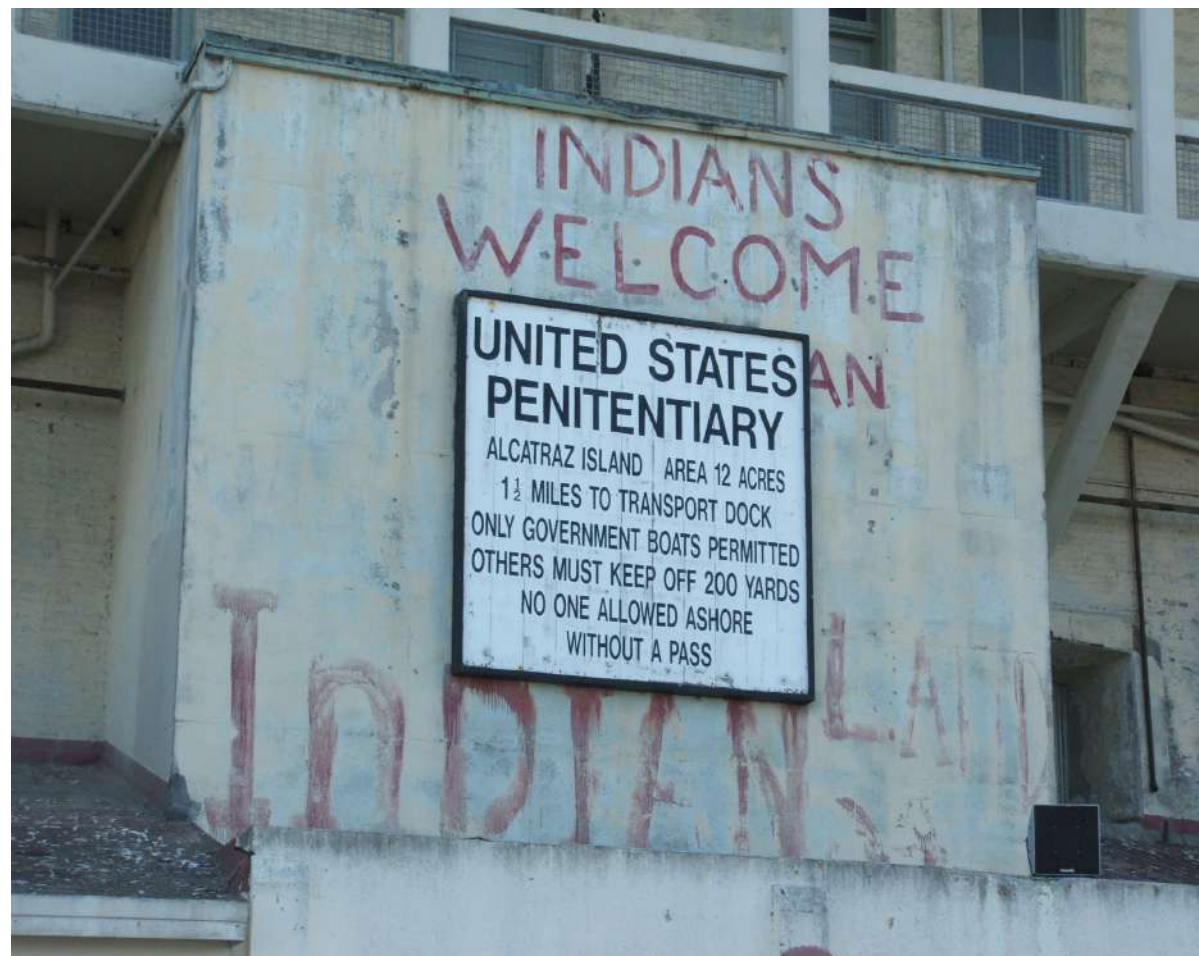


Destruir, apagar ou descontextualizar esses locais é, portanto, violar o direito à verdade, desrespeitando a memória das vítimas e seus familiares, isentando o Estado da sua responsabilidade, e privando a sociedade do conhecimento acerca de seu processo histórico.

No Brasil, um dos grandes catalisadores da discussão acerca das memórias difíceis veio em favor da preservação de lugares de memória associados à ditadura militar. O edifício da atual Estação Pinacoteca - onde funcionou o DEOPS (Departamento de Ordem Política e Social) - tombado em 1999 -, o portal remanescente do Presídio Tiradentes - tombado em 1985 - e o conjunto do DOI-CODI - tombado em 2014 - são os grandes representantes dos sítios de memória da ditadura, tendo sido alvo de importantes estudos no campo (CYMBALISTA, 2019; NEVES, 2018).

No capítulo seguinte será abordado o processo de transformação do Complexo Penitenciário do Carandiru no Parque da Juventude e de que maneiras - sendo elas efetivas ou não - o espaço é impregnado das memórias dolorosas. A transformação da área em Parque parece ter sido um desejo comum aos moradores, aos órgãos administrativos e aos patrimoniais. Mas quais outras possibilidades poderiam ter sido exploradas e como outras unidades prisionais desativadas lidaram com essa questão?

Quando nos voltamos a casos específicos, obviamente, cada localidade carrega diferentes processos históricos, diferentes contextos político-econômicos e, sobretudo, diferentes relações com o patrimônio cultural - fatores que devem ser considerados e ponderados. Entretanto, o olhar para além do objeto dessa pesquisa, em direção a outros patrimônios prisionais, auxilia no entendimento e na reflexão das nossas relações com a memória e com o patrimônio prisional.



Nenhum país pode se orgulhar de ter construído prisões. Sob a perspectiva histórica atual, toda prisão foi desumana. Até mesmo aquelas consideradas “modernas” ou “mais humanizadas” ao seu tempo, são hoje apenas quadros de um passado cruel.

Cláudio Amaral | Prisões desativadas, museus e memória carcerária

[61] Foto de uma placa sobre vestígios da ocupação indígena na prisão de Alcatraz, ocorrida na década de 70.



Os Estados Unidos são o país com a maior população carcerária em números absolutos - superior a 2 milhões de detentos (*World Prison Brief*, 2021) - e possuem diversas unidades prisionais desativadas, transformadas em museus e pontos turísticos (AMARAL, 2016).

Dentre elas, a Prisão Federal de Alcatraz é um dos casos mais notórios. Localizada na baía de São Francisco, no estado da Califórnia, oferece uma série de passeios - noturnos e diurnos -, com valor mínimo de ingresso de \$49.00/adulto. É visitado por milhares de pessoas todos os anos, atraídas pela curiosidade e pela fama do local - cenário de lendas, histórias e filmes de grande apelo popular.

Do momento da sua fundação, em 1850, Alcatraz foi, originalmente, uma base militar. Posteriormente convertida em Prisão Federal, sob posse do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, funcionou durante 29 anos até seu fechamento, em 21 de março de 1963.

Em 1969, um grupo de nativos norte-americanos ocupou a ilha de Alcatraz, em busca dos direitos políticos plenos a eles negados, e ali permaneceram durante dois anos. Foi o nascimento de um movimento político que existe até os dias atuais, mas é um evento pouco explorado pelos roteiros turísticos mais tradicionais e pela mídia convencional.

De maneira geral, é difícil deixar de problematizar o turismo em Alcatraz, da forma como é. O sofrimento parece amenizado pela espetacularização das grandes fugas e pela forma como a angústia e a morte são consumidas como uma experiência turística, com pouca ou nenhuma correlação desse passado com a atualidade (STRANGE, KEMPA, 2003).

---

[63] Detentos caminhando em direção ao pátio de recreação. Acervo do Golden Gate National Recreational Area, GGNRA, Park Archives, GOGA-3264.



Golden Gate NRA, Park Archives, Col. Werner E. Michel Photographs, GOGA-3390-022

[62] Foto aérea da Ilha de Alcatraz, 1950. Acervo do Golden Gate National Recreational Area, GGNRA, Park Archives, GOGA-3390-022.



Golden Gate NRA, Park Archives, Carl Sunstrom Alcatraz Collection, GOGA-3264





[64] Crianças indígenas brincando em um equipamento do Departamento de Justiça abandonado em Alcatraz, 1970. Autor: Ilka Hartmann

[...] Há uma tensão entre a realidade prisional e as narrativas constituídas para seduzir o público. Nos Estados Unidos, por exemplo, país que lidera o ranking mundial em número de presos, as tentativas de usar os espaços de memória prisional para criticar e humanizar o sistema penal caminham simultaneamente com estratégias caricatas de espetacularização (como atrações assombradas em dias de *Halloween*), que contribuem para a ausência de reflexão e esvaziamento de sentidos. (BORGES, SANTOS, 2020)



[65] *Não Desistiremos.* Jovens indígenas momentos antes da sua remoção de Alcatraz, em 1971. À esquerda, Oohosis, um Cri, do Canadá. À direita, Peggy, uma Sioux de Montana. Autor: Ilka Hartmann



*Robben Island* também é um exemplar de destaque, pensando, tratando-se de sua história recente. Localizada na Baía de Table, na Cidade do Cabo, foi palco de graves violações aos direitos humanos, servindo como cárcere dos presos políticos que lutavam contra o Apartheid - e recebendo, em razão disso, apenas homens negros (AMARAL, 2016).

A partir de seu fechamento, em 1996, foi já transformada em museu, em 1997, declarado patrimônio histórico nacional e eleito Patrimônio Mundial da Unesco. *Robben Island* continuou sendo um símbolo da perseguição contra os militantes pela liberdade na África do Sul (STRANGE, KEMPA, 2003).

[66] *Robben Island*,  
portal de entrada  
Autor: Francesco  
Bandarin Copyright: ©  
Unesco.



É, assim como Alcatraz, amplamente visitada, e o roteiro foca no período do Apartheid e no cotidiano dos homens encarcerados no local. Alguns dos próprios guias turísticos da ilha foram presos políticos na *Robben Island*, sendo eles os próprios mobilizadores da memória do local (AMARAL, 2016). Na página oficial da instituição, é possível assistir aos relatos e histórias de alguns dos ex-presos políticos da Penitenciária, que compartilham suas vivências e seu cotidiano na época do encarceramento.

[...] Assim que vim para a prisão, fui educado sobre a consciência negra com os líderes que eu conheci aqui em Robben Island, do Movimento da Consciência Negra. Então, na prisão foi um tempo bom para refletir acerca da ideologia, o que significa. Me educou muito quando vim para a prisão porque eu pude conhecer pessoas como eles nesse lugar. Estávamos, na verdade, liderando campanhas na prisão [...] (Vusumsi Ncogo, ex- preso político 1978-1990 - memória oral do Museu Robben Island)

[67] *Robben Island*,  
interior das celas.  
Autor: Tui De Roy  
Copyright: © OUR  
PLACE The World  
Heritage Collection





No Brasil, o interesse pelo denominado patrimônio prisional foi, durante muito tempo, restrito à dimensão arquitetônica e muito vinculado às heranças coloniais e imperiais (RAHHAL, 2020; BORGES, 2017). Apenas nas últimas décadas a discussão do patrimônio carcerário se expandiu, abarcando também a complexidade da dimensão imaterial e se voltando à preservação da memória dos encarcerados, às suas práticas cotidianas, objetos e rotinas (BORGES, 2017).

Além dos patrimônios prisionais imediatamente associados à ditadura militar - como o DOPS, DOI-CODI e Presídio Tiradentes - no Brasil são também marcantes os casos de antigas unidades prisionais que agora integram parques naturais. No caso da Ilha Grande, por exemplo, que abrigou a Colônia Correccional de Dois Rios (CCDR) - instalada em 1894 - e a Penitenciária Cândido Mendes - desativada em 1994 - associa-se o turismo diretamente ao patrimônio ecológico (BORGES, SANTOS, 2019).

Posteriormente às desativações, os edifícios prisionais foram negligenciados, e muitos vestígios e documentações presentes na própria arquitetura desapareceram. No Museu do Cárcere - localizado em edifícios do antigo Instituto Penal Cândido Mendes -, os muros, que carregavam um enorme valor simbólico, foram demolidos (BORGES, SANTOS, 2019).

Outro aspecto, que é compartilhado pelos museus penitenciários - incluindo aqui o Museu Penitenciário Paulista - é a desvalorização de registros escritos pelos indivíduos encarcerados (BORGES, SANTOS, 2019). Aqui, ainda, é possível expandir essa carência: falta abertura e incentivo da participação dos internos na elaboração desses espaços.

Os grandes desafios das novas práticas de patrimônio prisionais residem na reflexão sobre o sistema penal e sobre como as políticas penais empregadas mais contribuem com os ciclos de violência e de desumanização do que de fato com a ressocialização dos encarcerados. “A manutenção das prisões vale-se da crença difundida de que o mal está contido no seu interior, o que permite que aqueles que estão em liberdade se identifiquem com o bem, reforçando estereótipos e preconceitos” (BORGES, SANTOS, 2020).

É de conhecimento comum a condição das unidades prisionais no Brasil. Segundo o SISDEPEN - a plataforma de estatísticas do sistema penitenciário brasileiro do Departamento Penitenciário Nacional - em 2022, existem 674.163 presos em celas físicas, com uma população carcerária total de 815.165.

Em relatório produzido pelo Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da Universidade de São Paulo, *Situação carcerária no Brasil: persistências autoritárias e recrudescimento punitivo*, para compor o Relatório de Direitos Humanos no Brasil:

Em 2015, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu um Estado de Coisas Inconstitucional (ECI) no sistema carcerário brasileiro, ao indicar a ocorrência de “violação generalizada de direitos fundamentais dos presos no tocante à dignidade, higidez física e integridade psíquica”. Na mesma declaração, o STF registrou ainda que as “penas privativas de liberdade aplicadas nos presídios converter-se-iam em penas cruéis e desumanas”, ao violar “dispositivos constitucionais”, normas internacionais reconhecedoras dos direitos dos presos e normas infraconstitucionais como a Lei de Execução Penal (LEP 7.210/1984) e a Lei Complementar (LC 79/1994). (DIAS, 2021)

Sobretudo, décadas após a implosão do último pavilhão da Casa de Detenção - um espetáculo midiático à parte, que se propôs à simbolizar uma nova era para o sistema penal - as violações, arbitrariedades e privações continuam presentes no cotidiano prisional. São ainda muitos os Carandirus.

Nessa seara, a memória pública relacionada aos presos e às prisões comuns nos leva a outros contornos, ou seja, a jovens negros ou mestiços, pobres, com pouca ou nenhuma escolaridade, analfabetos, sem acesso à imprensa, à justiça, ou aos espaços de participação política, que são lembrados pela sociedade extramuros quando a violência das rebeliões invade os telejornais (BORGES, SANTOS, 2020).



*Um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado.*

Emilia Viotti da Costa



-- Quando nós fomos fazer o PJ, a ideia era um parque memorial de uma prisão. E eu me recusava a fazer um parque memorial de uma prisão.

- Por que?

- Porque eu achava que parque era liberdade. Nós estamos realmente liberando uma área para o gozo da população. Então, tanto eu não queria que fosse um memorial de prisão que, quando eu cheguei, que tinha que fazer as quadras esportivas, uma área que era só de quadras esportivas... e quando eu fui desenhar as quadras esportivas eu disse “sem alambrados”[...]

Rosa Kliass | o portal Arquitetura e Urbanismo Para Todos do CAU/BR

## o parque da juventude

---

### um sonho de liberdade, entre a lembrança e o esquecimento

Como apontado no capítulo anterior, muito se discutiu acerca dos possíveis destinos da área do Complexo Penitenciário do Carandiru. Para além da desativação da Casa de Detenção, levando o problema carcerário para longe dos olhos do bairro, são introduzidas novas preocupações relativas à criação de um grande vazio urbano - vazio esse marcado pelo fracasso do poder público e pela memória de um trauma. Quais usos dar a um espaço anteriormente alheio às dinâmicas do entorno, completamente isolado, e agora estigmatizado pela tragédia de um Massacre?

O concurso do Parque, a contratação da equipe eleita como vencedora, o remanejamento dos detentos, a desativação da Casa de Detenção e o processo de tombamento pelo CONPRESP ocorreram simultaneamente e foram eventos interconectados, que sofreram influência mútua.

O Parque da Juventude é um dos locais mais frequentados da Zona Norte de São Paulo, principalmente aos fins de semana, quando famílias vão para fazer piqueniques, adolescentes ensaiam elaboradas coreografias de dança, fotógrafos realizam ensaios sobre os passadiços e amigos disputam cestas no basquete.



Durante a semana, a dinâmica é um pouco diferente: os alunos da ETEC, em seus turnos, são importantes agentes do espaço. Sempre há pessoas em cada um dos bancos espalhados pelo parque, descansando para retomar o ritmo cotidiano. Adultos passeiam com seus cães e pais realizam seu exercício diário, esperando o horário de buscar seus filhos na escola. Um ou outro aluno decide estar com preguiça de ir à aula e fica pelo parque. Conversando com amigos, aproveitando um momento de despreocupação.

No setor oeste, mais próximo à Av. Cruzeiro do Sul, muitas pessoas em situação de rua encontram lugares para descansar, sentar com tranquilidade - mas apenas durante os horários de funcionamento, já que um gradil não previsto no projeto original circunda todo o perímetro do lote.

Durante entrevista com o arquiteto Mauro Pereira - um dos responsáveis pela abertura do processo de tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru -, ao questioná-lo sobre os significados que a demolição da Casa de Detenção e de outros elementos associados representaram dentro de uma dinâmica de apagamento, e a forma como o Parque contribuiu para o discurso de apaziaguamento de um conflito não solucionado, ele me disse: “O Parque tem sua história, o Parque está escrevendo sua história...o parque também é um movimento contrário”.

Evidentemente, o Parque da Juventude é um elemento complexo, que deve ser entendido em suas diversas camadas. É impossível pensá-lo fora do contexto e do território em que está inserido, em diálogo com todos os outros elementos do Complexo, sob pena de não se compreender a total dimensão do conjunto.

Este capítulo se dedica ao estudo do Parque, desde o concurso que o originou até o produto final, permeando as mudanças sofridas pelo projeto ganhador ao longo de sua execução. Por fim, propõe reflexões a partir de um breve questionário, aplicado a alguns usuários do Parque da Juventude, na tentativa de se investigar as permanências - ou não - da memória da Casa de Detenção no imaginário dos frequentadores do parque.

## 1. A Reurbanização da Área do Carandiru: Concurso Nacional de Plano Diretor

As inscrições para o concurso público de proposta de Plano Diretor de Uso e Ocupação da Área e Edificações do Complexo Penitenciário do Carandiru foram abertas em 27 de novembro de 1998, promovidas pela Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/SP) e o Instituto de Engenharia (IE).

O objetivo do concurso era a escolha de um projeto para uma intervenção em escala urbana - contendo diretrizes urbanísticas de ocupação da área e de instalações do Complexo Penitenciário do Carandiru, caracterizadas como um Plano Diretor para o local (SAP, 1998).

O concurso propunha a promoção de usos públicos e institucionais para a área, com a criação de um parque, dedicado a atividades culturais, esportivas e de lazer. A SAP, no momento do concurso, disponibilizou uma série de materiais gráficos, premissas e diretrizes necessárias para a elaboração das propostas (LODI, 2008, p.71).

Tendo em vista o objetivo de transformação completa da área e a desativação total do Complexo Penitenciário - dando fim às discussões que se perpetuam desde a década de 1980 (LODI, 2008, p. 70) - decretou-se a criação de novas unidades prisionais com entrega prevista para 1999: 12 pelo Programa do Governo Federal, 9 pelo Programa da Secretaria de Segurança e outras 3 unidades semi-abertas (SAP, 1998).





**Legenda**  
**Complexo Penitenciário do Carandiru (2000)**

- 1 Entrada da Casa de Detenção
- 2 Pavilhão 02
- 3 Divinéia
- 4 Pavilhão 04
- 5 Pavilhão 05
- 6 Pavilhão 06
- 7 Pavilhão 07
- 8 Pavilhão 08
- 9 Pavilhão 09
- 10 Muralha da Casa de Detenção
- 11 Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário
- 12 Centro de Observação Criminológica (Centro de Classificação e Triagem)
- 13 Secretaria de Assistência Penitenciária
- 14 Presídio Feminino de Santana (antiga Penitenciária do Estado)
- 15 Penitenciária Feminina da Capital
- 16 Escola de formação de agentes penitenciários (ACADEPEN)
- 17 Casas do Administrador

- Cobertura vegetal (remanescentes Mata Atlântica)
- Córrego Carajás
- Z8-003
- Z2
- Z8-057
- Z4-009

Escala: sem escala  
 Data: 08/05/2022  
 Base: MDC/ Geosampa/ Mapa Res38/CONPRE-SP/2018



[68] Mapa do Complexo Penitenciário do Carandiru, em 2000.

A área de intervenção era composta por 42,7 ha, e continha, na época, um conjunto de Edifícios dedicados à Segurança Pública:

1. Casa de Detenção Flaminio Favero: Com aproximadamente 6,5 há e 70.000m<sup>2</sup> construídos, além de 3,5ha adjacentes destinados à expansão da Detenção – cuja construção foi interrompida após o Massacre;
2. Penitenciária do Estado: com 66.000m<sup>2</sup> de área construída, no momento abrigando a Penitenciária Feminina de Santana;
3. Penitenciária Feminina da Capital: com 7.700m<sup>2</sup> de área construída;
4. Instituto de Classificação e Triagem: com 360 celas individuais, destinado a abrigar os sentenciados até sua transferência para o estabelecimento penal onde cumpriam sua sentença;
5. Unidade de Isolamento de Doenças Infecto-Contagiosas do Hospital da Penitenciária do Estado;
6. Academia Penitenciária (Acadepen): Dedicado a realização de cursos pelos funcionários do setor de Segurança e também local do antigo Museu Penitenciário;
7. Casas do Administrador e dos diretores da antiga Penitenciária do Estado; (SAP, 1998)

Dentre as premissas principais estabelecidas pelo edital, destaca-se a transformação da Casa de Detenção em um centro de formação profissional - onde seriam oferecidos diversos cursos de capacitação - e a restauração dos demais edifícios - incluindo o da Penitenciária do Estado - para atividades de lazer, educação e cultura (FIGUEIRÔA, 2014).

O programa de necessidades do concurso previa a reforma e conservação de quatro dos pavilhões da Casa de Detenção (e, conseqüentemente, a demolição dos pavilhões 8 e 9), a manutenção de parte do edifício da Penitenciária do Estado – administração e o primeiro pavilhão -, a reforma e uso da antiga Casa do Diretor (na época, a ACADEPEN) e a preservação de parte das muralhas da Penitenciária do Estado. O restante, como resultado, deveria ser demolido integralmente (LODI, 2008, p. 72)

Para os pavilhões remanescentes da Casa de Detenção, o edital determinava a formulação de uma “Universidade do Trabalho” (SAP, 1998) - com uma programação específica; para as demais edificações, os

usos ficariam a critério das propostas apresentadas. Caso julgassem necessário, os concorrentes poderiam também propor a construção de novos edifícios (LODI, 2008, p.72-73).

Para os pavilhões remanescentes da Casa de Detenção, a SAP pretende que seja implantado um Centro de Estudos e Ensino voltado ao tema do trabalho e que abrange: atividades de requalificação de mão de obra, pesquisas e discussões relacionadas à questão do emprego e programas de reinserção de mão de obra no mercado de trabalho, uma “verdadeira Universidade do Trabalho”, na expressão do secretário da Administração Penitenciária (SAP, 1998, p.8)

Para essa transformação dos pavilhões no *maior centro de aprendizado profissional da América do Sul*, foi também estabelecido um programa de usos específicos, que contava com cursos diversos, descritos em documentos da SAP e categorizados da seguinte maneira:

- Instituto de formação e reciclagem para o conhecimento industrial: cursos para ferramenteiros, caldeiraria, gráfica, tecelagem, marcenaria, montagem de maquinário, instrumentação do meio ambiente, técnicos ferroviários, qualificação para indústrias (calçados, química, automotiva).
- Instituto de formação e reciclagem para o conhecimento da construção civil: formação de mestres de obra, pedreiros e serventes, serralheiros, carpinteiros, azulejistas, armadores, eletricitas, encanadores, telhadistas, almoxarife e apontadores.
- Instituto de formação e reciclagem para o conhecimento de prestação de serviços em geral: cursos para reparo de eletrodomésticos, mecânicos de automóveis, desentupimento de tubulação, antenista, técnicos diversos - de elevadores, de intercomunicadores, de portaria eletrônica, de luminárias, de aparelhos de ar condicionado, de torneiras e de chuveiros elétricos, de trincos, de fechaduras, de alarmes e de outros dispositivos.
- Instituto de artes, teatro e circo: formação em música, canto, dança, pintura, desenho, gravura, escultura, vídeo, cinema e artesanato;



- Museu com espaço de café/lanchonete, biblioteca, espaço cultural de usos múltiplos, salas de recreação e de jogos de salão, serviços de apoio aos usuários;
- Instituto de formação e reciclagem para o conhecimento científico: formações em análises laboratoriais, próteses ortopédicas, próteses odontológicas, instrumentos e instrumentação, ótica, informática, fisioterapia, monitores de programas de saúde, aparelhos auditivos; (LODI, 2008, p. 75)

Referente à integração do projeto ao entorno, as propostas deveriam levar em consideração o equacionamento do tráfego local, com novos sistemas de circulação internos e áreas de estacionamento para veículos que dessem conta da nova demanda criada por um Parque desse porte (LODI, 2008, p.73).

Apesar das reivindicações do edital pela criação de um parque, não são apresentadas solicitações específicas quanto ao plano paisagístico. Eram requeridos apenas a preservação da área de Mata Atlântica remanescente e a retificação do Córrego dos Carajás, com instalação de infraestrutura de esgoto (LODI, 2008, 74).

No Concurso de Reurbanização do Carandiru, foram, ao total, apresentadas 58 propostas de intervenção para a área (FIGUEIRÔA, 2014), e o resultado foi dado em abril de 1999.

Em terceiro lugar, ficou a equipe de Mauro Biselli. O projeto propôs a manutenção de quatro dos pavilhões da Casa de Detenção, uma categorização do programa em faixas, além de criar um prolongamento dentro do lote da Av. Dr Zuquim, separando os pavilhões do restante da área, mas criando uma nova relação do lote com a cidade.

Em segundo lugar, ficou o projeto do arquiteto Paulo Bastos, que apresentou uma série de características em comum com o projeto ganhador. Foram também mantidos os pavilhões da Casa de Detenção - dedicando um deles a um Memorial do Carandiru - e uma parte significativa das estruturas edificadas da Penitenciária do Estado. A porção central seria dedicada a uma área livre e de contemplação, com a presença de um lago e um mirante adjacente.

Por fim, a comissão elegeu o projeto de Roberto Aflalo como o vencedor do concurso de reurbanização da área do Carandiru, condecorando-o por sua clareza e simplicidade ao atender as demandas estabelecidas pelo edital.

# Concurso definirá futuro do Carandiru

*Governo e entidades civis assinaram termo de cooperação para discutir destino do complexo*

PAULA PEREIRA

O governo do Estado assinou ontem um termo de cooperação com representantes de entidades civis para iniciar a discussão sobre o futuro do Complexo do Carandiru, na zona norte. Até o fim do mês, um concurso nacional deve ser lançado para que se elejam as melhores sugestões de reutilização do terreno de 100 mil metros quadrados, que hoje abriga 7,2 mil presos.

“A destinação da área deve ser definida pela população”, disse o governador em exercício, Geraldo Alckmin. Com a transferência de presos condenados para os novos presídios inaugurados pelo governo, a Casa de

Detenção deve ser desativada até o ano que vem. Um convênio com o governo federal está permitindo a construção de 24 unidades prisionais com 20 mil vagas no Estado. A transferência gradual dos presos para os três presídios já inaugurados começou há duas semanas.

**Universidade** – A proposta do governo estadual é transformar o Carandiru na Universidade do Trabalho, um centro profissionalizante para mão-de-obra especializada com conjunto poliesportivo, anfiteatro e espaço cultural. “Respeitaremos o zoneamento e destinação originais, que prevêem o uso da área por prédios de administração pública”, explicou o secretário da Administra-

ção Penitenciária, João Benedito de Azevedo Marques.

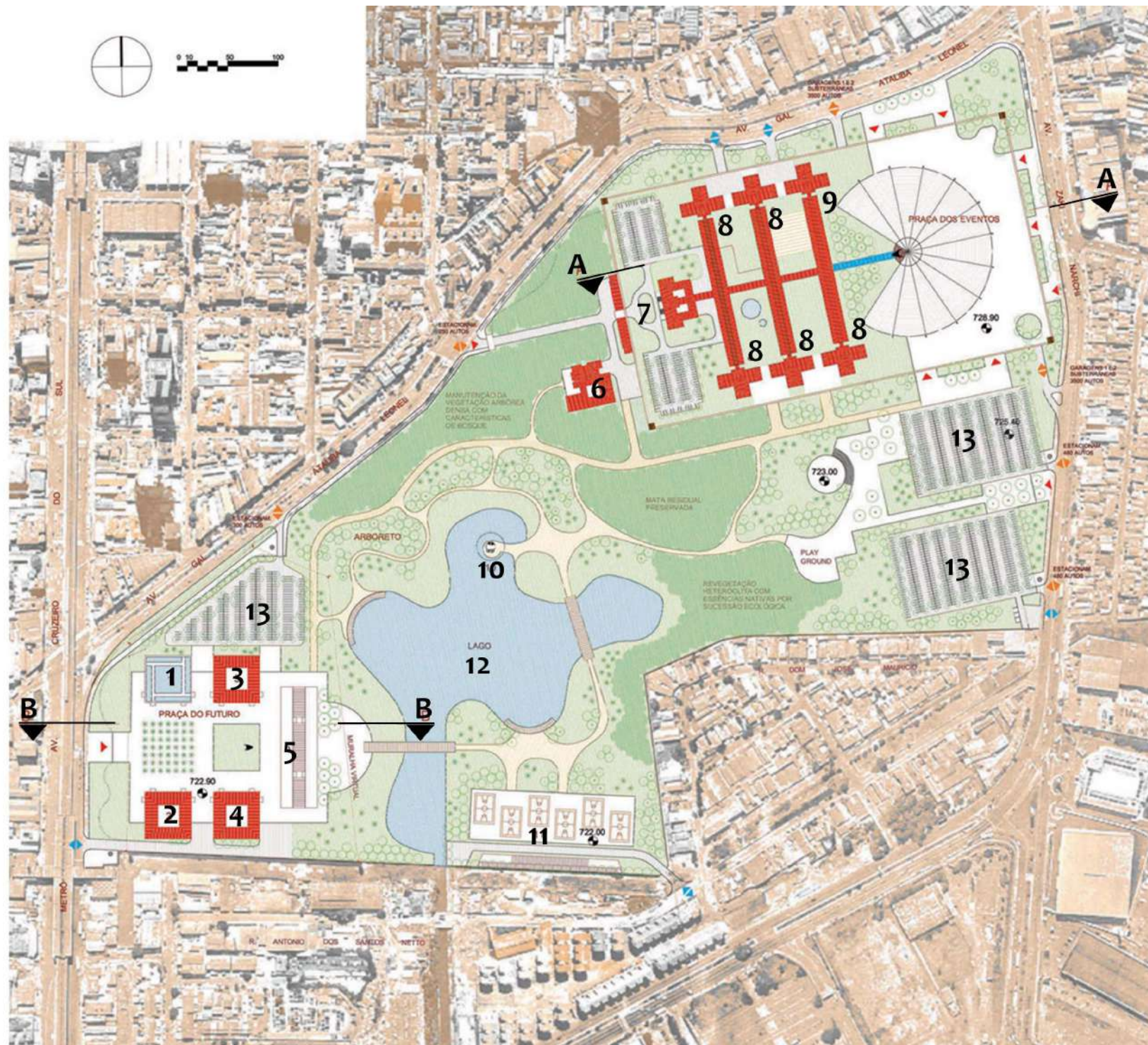
“Dessa forma não será necessária a intervenção da Câmara Municipal para autorizar qualquer mudança.” A limitação de uso da área deverá ser respeitada pelos participantes do concurso a ser promovido pelo Instituto de Engenharia (IE) e Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB).

“Não poderia haver alteração da destinação, por exemplo, para a exploração imobiliária ou comercial”, destacou o presidente do IE, Cláudio Amaury Dall’Acqua. “Propusemos pelo menos dois debates com a população para avaliar qual a melhor alternativa para o Carandiru”, observou o presidente do IAB, Pedro Cury.

**G**OVERNO  
QUER FAZER  
UNIVERSIDADE  
DO TRABALHO

[69] Reportagem do jornal O Estado de São Paulo, do dia 02 de setembro de 1998, sobre o concurso para a área do Carandiru.





**Legenda**  
**Projeto para área do**  
**Carandiru - Paulo Bastos**

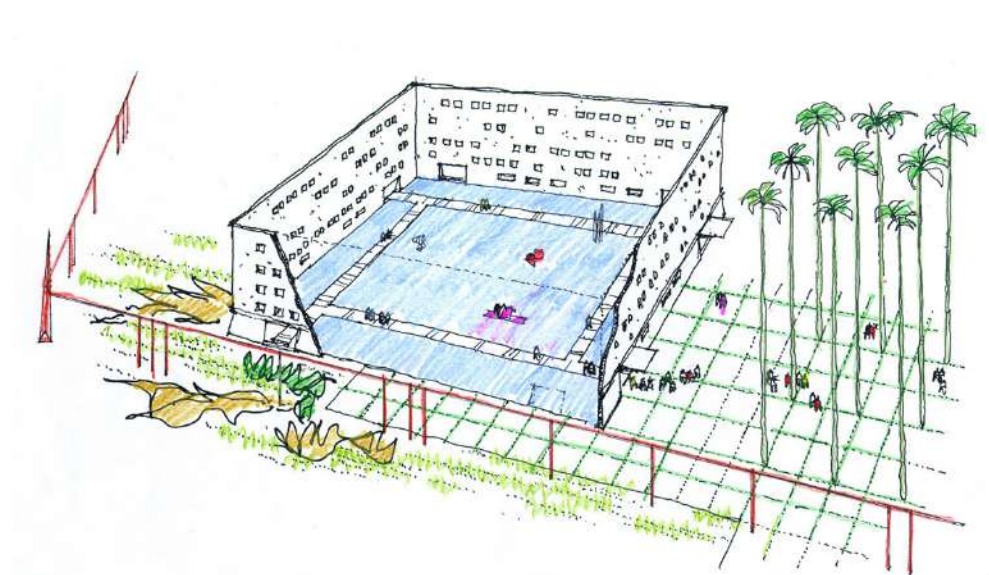
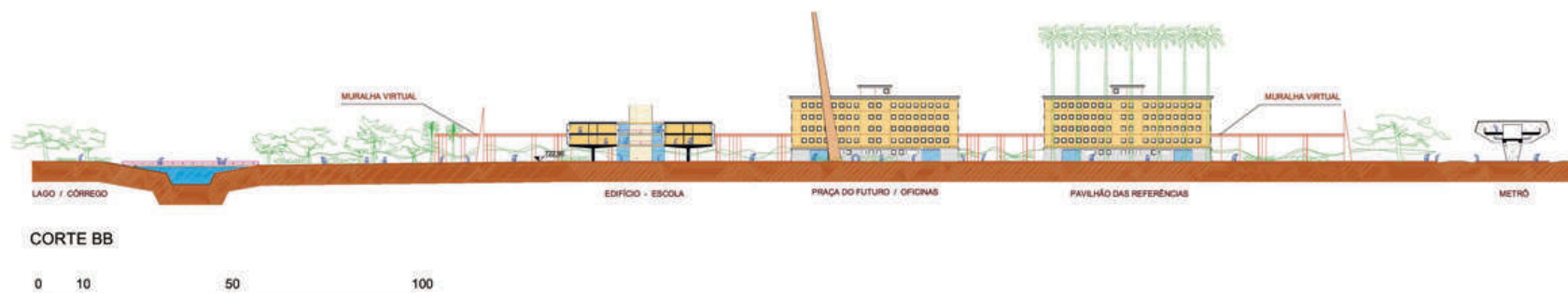
- 1 Memorial
- 2 Pavilhão das Referências
- 3 Pavilhão das Oficinas 1
- 4 Pavilhão das Oficinas 2
- 5 Edifício Escola
- 6 Administração do Parque/  
Centro de Monitoria e  
Educação Ambiental
- 7 Recepção/ Administração  
Hotel-Escola
- 8 Hotel-Escola
- 9 Centro de Convenções
- 10 Mirante
- 11 Conjunto esportivo
- 12 Lago
- 13 Estacionamentos

[70] Plano diretor  
do projeto de Paulo  
Bastos para a área do  
Carandiru.





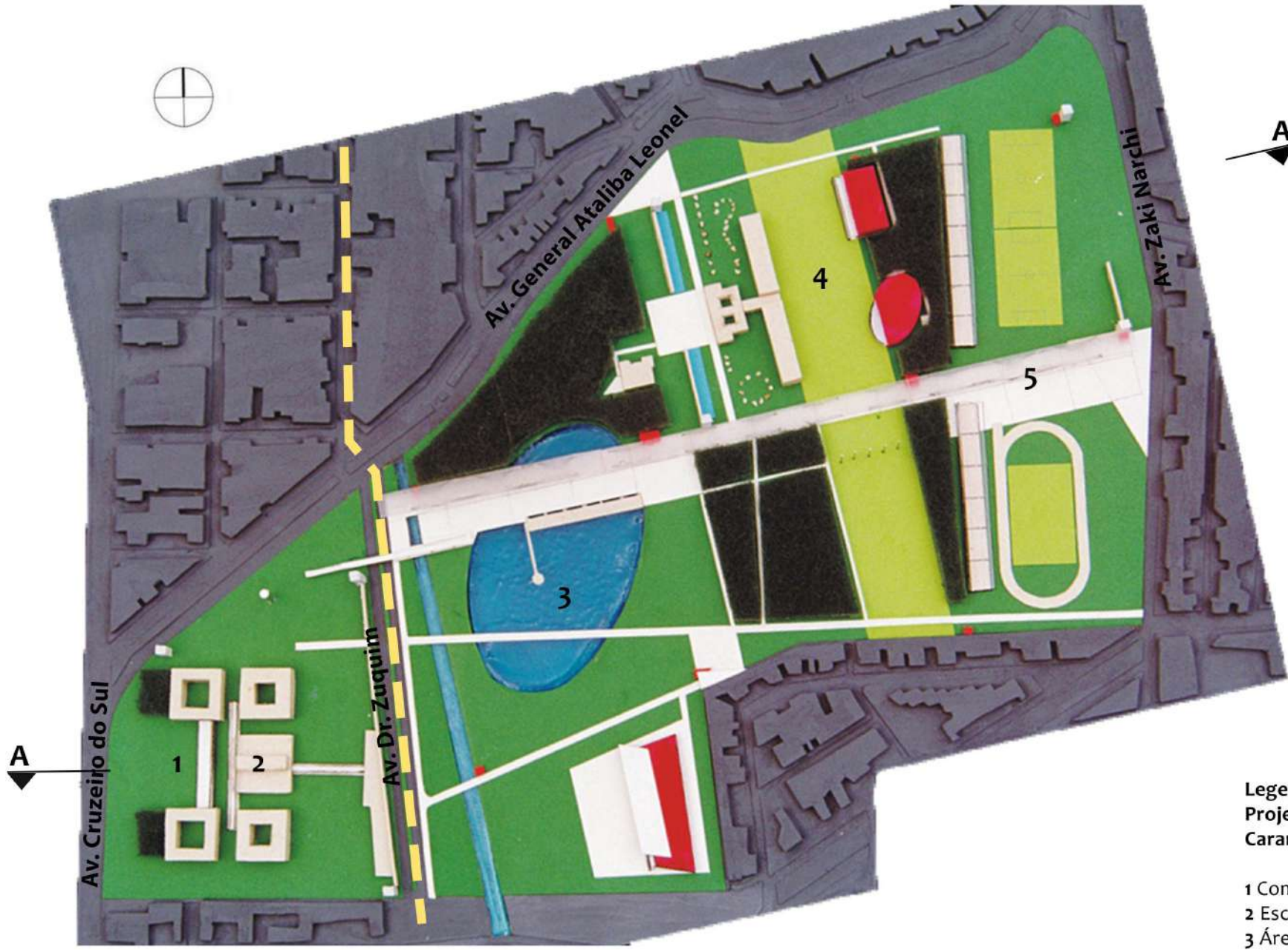
[71] Croqui do projeto de Paulo Bastos para a área do Carandiru. Destaque para o marco de aço que origina uma cobertura translúcida na praça de eventos.



[72] Pavilhão dedicado ao Memorial do Carandiru, localizado próximo à Av. Cruzeiro do Sul.

[73] Cortes do projeto de Paulo Bastos, nas áreas do Centro de Convenções e dos pavilhões. Dos três primeiros colocados, é o único projeto que prevê usos subterrâneos.





[74] Maquete do projeto de Mario Biselli para a área do Carandiru, categorizando o programa em faixas.

**Legenda**  
Projeto para área do Carandiru - Mauro Biselli

- 1 Comunidade
- 2 Escolas
- 3 Área Recreativa
- 4 Faixa Cultural
- 5 Faixa Esportiva

**Ficha técnica**

Projeto: 1998  
 Tipologia: Institucional  
 Localização: São Paulo, São Paulo  
 Área construída: -  
 Área terreno: -

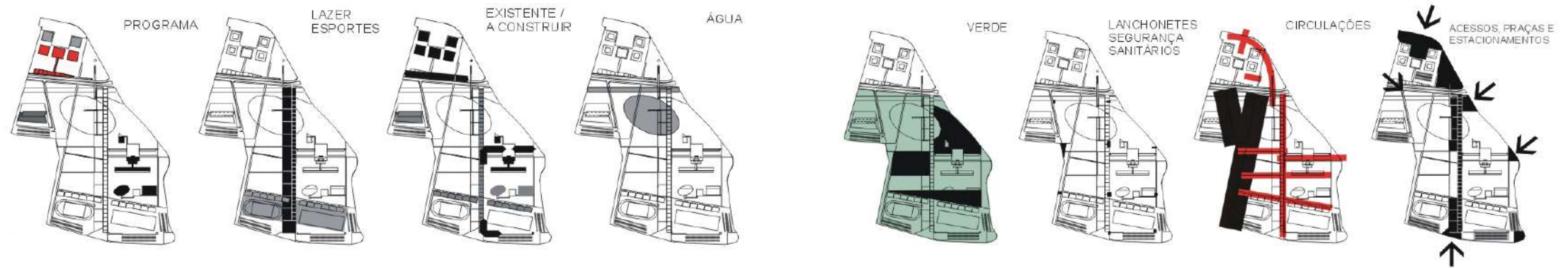
**Autores**

Mario Biselli  
 Artur Katchborian

**Colaboradores**

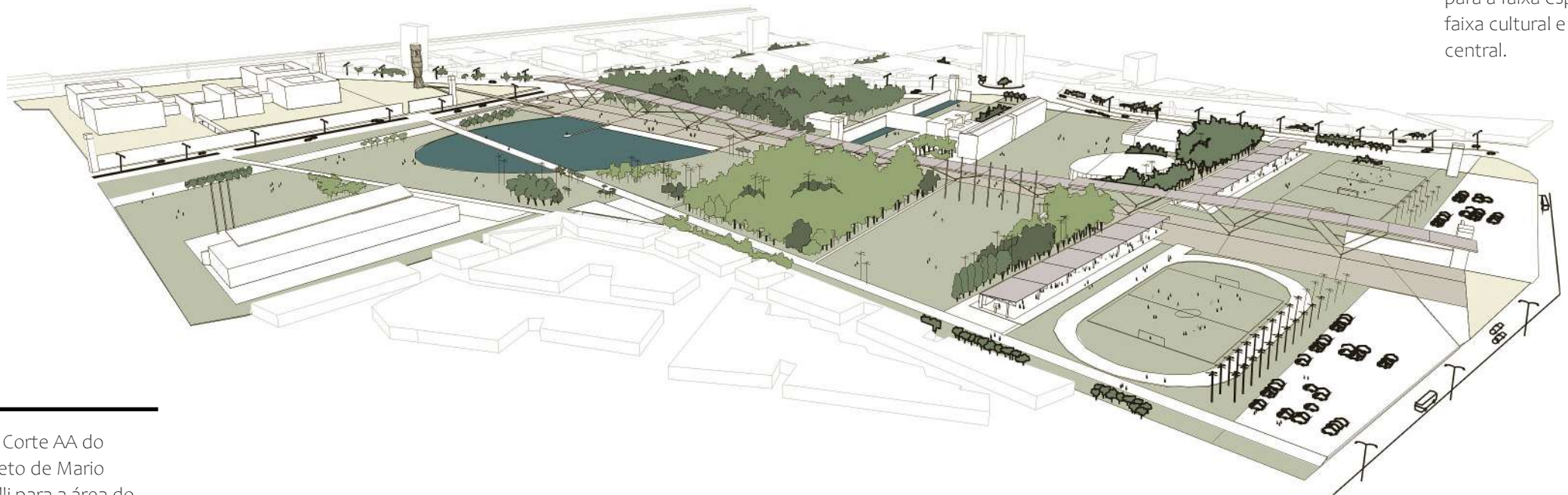
Cristiana Gonçalves Pereira Rodrigues  
 Leandro Alegria Pereira  
 Luciano Cerosimo  
 Leon Richard Benkler  
 Andresa Gomes





[75] Diagrama do projeto de Mario Biselli para a área do Carandiru.

[76] Perspectiva do projeto de Mario Biselli para a área do Carandiru, com vista para a faixa esportiva, faixa cultural e lago central.



[77] Corte AA do projeto de Mario Biselli para a área do Carandiru.





C4 - O ESTADO DE SÃO PAULO

CIDADES  
URBANISMO

TERÇA-FEIRA, 6 DE JULHO DE 1999

# Carandiru será centro de cultura e integração

Projeto vencedor fará do complexo uma área de atividades culturais e profissionalizantes

MARCUS LOPES

Transformar uma área marcada pela exclusão social e por tragédias, como o massacre de 111 presos em 1992, num local de integração e valorização do homem. Esse é o objetivo principal do projeto vencedor do Concurso Nacional de Plano Diretor e Reurbanização da Área do Carandiru, promovido pela Secretaria Estadual da Administração Penitenciária e o Instituto dos Arquitetos do Brasil.

O plano, elaborado pela equipe do arquiteto Roberto Aflalo Filho, prevê tornar o Complexo do Carandiru em um grande parque e centro de atividades culturais, profissionalizantes e de cursos destinados à população.

O empreendimento, orçado em R\$ 140 milhões, propõe a transformação dos 427 mil metros quadrados do complexo. Enquanto parte das edificações será demolida para dar lugar a uma área verde de cerca de 380 mil metros quadrados, outra será reformada para o desenvolvimento de atividades culturais e profissionais.

Na área da Casa de Detenção, os pavilhões não serão mais conhecidos por números, mas por temas: Criança, Cultura, Convivência, Natureza e Esportes. No das Profissões, por exemplo, serão desenvolvidos programas de iniciação e desenvolvimento profissional.

Parceria - "Não adianta fazer um desenho bonito quando o importante é concretizar uma boa ideia para a região e tornar o espaço viável, preservando seu uso institucional", diz Aflalo Filho. Antes de levar a ideia para a prancheta, ele entrou em contato com entidades como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e o Serviço Social da Indústria (Sesi). "Fizemos uma par-

ceria para harmonizar o projeto arquitetônico e o objetivo institucional do novo espaço." Ele lembra que uma das propostas do governo estadual é que o novo complexo seja ocupado por atividades ligadas à inserção de profissionais no mercado.

Por exigência do governo, o Pavilhão 9, palco do massacre de 1992, será demolido. No lugar, será proposta a construção de um teatro com capacidade para mil pessoas.

Museu - Mas a história do presídio não será esquecida. Haverá um espaço para a construção do Museu do Carandiru. Também será preservada a Penitenciária do Estado, projetada pelo escritório do arquiteto Ramos de Azevedo, no início do século. Deverão ser preservadas todas as atuais torres de observação dos muros.

Uma das grandes preocupações do arquiteto refere-se ao parque, que ocupará a maior parte do complexo e deve tornar-se um dos principais da cidade.

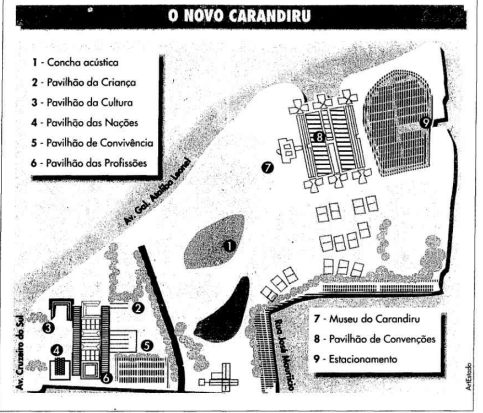
Além da expansão da atual área verde, um pedaço original de mata atlântica entre a Casa de Detenção e a Penitenciária do Estado, foram projetados um bulevar, um lago e uma concha acústica. A área do presídio feminino dará lugar a um estacionamento com 800 vagas.

"Será um espaço fantástico para uma região carente em áreas verdes", diz Aflalo Filho. O público que frequentará o espaço, porém, deve ser maior do que a população da região, na visão do arquiteto. "É um local próximo ao centro e com uma estação de metrô na porta, o que permitirá fácil acesso de todos os locais da cidade."

Os moradores esperam que as mudanças sejam concretizadas o mais rápido possível. "Vamos dar o apoio necessário para que o projeto saia do papel", diz o vice-presidente do Conselho Comunitário da região administrativa de Santana-Tremembé, Wojciech Jezewski. "Será o começo de um tratamento decente para toda a região da várzea do Rio Tietê."



Montagem por computador da área, já com o novo complexo: plano orçado em R\$ 140 milhões



## Obras dependem da transferência dos presidiários

Mudança deveria ocorrer até fim do ano, mas ainda faltam presídios

O resultado do Concurso Nacional de Plano Diretor e Reurbanização da Área do Carandiru será anunciado oficialmente, durante solenidade marcada para o dia 28. O local ainda não foi definido, mas o mais provável é que o evento seja realizado na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil. A concretização do plano, porém, ainda não tem data definida. É que tudo depende da desativação do Complexo Penitenciário do Carandiru.

Ontem, o secretário estadual de Administração Penitenciária, João Benedito de Azevedo Marques, admitiu que a transferência total dos 7 mil presos que ainda estão no Carandiru não deve ser concretizada até o fim do ano, como previa o governo estadual.

"A criminalidade e o número de prisões cresceram muito", justificou o secretário. Ele lembrou que o governo trabalhava com a expectativa de que o número de detentos no Estado permanecesse na faixa de 60 mil. "Hoje, porém, nós temos uma população carcerária de cerca de 80 mil", salientou Marques.

O projeto, segundo o secretário, deverá ser executado assim que forem construídas novas unidades penitenciárias. O governo estadual espera obter recursos federais para a construção de novos presídios, que teriam capacidade total de cerca de 7 mil presos. Além disso, seriam erguidas duas novas prisões femininas, para atender à demanda atualmente absorvida pelo Carandiru.

O secretário-geral do Instituto dos Arquitetos do Brasil, José Geraldo Martins de Oliveira, destaca a importância do empreendimento para a cidade. "A região tem uma carência muito grande de áreas verdes." (ML)

## 2. Plano Diretor - Parque Carandiru - Centro de Valorização do Homem

Penso que foi a simplicidade e a clareza. O objeto era transformar o local em um grande parque, preservando o patrimônio arquitetônico significativo como sugerido no edital, com a manutenção de parte desse patrimônio, no caso do Concurso, envolvendo a quadra toda, com permanência de alguns edifícios. A nossa proposta era bastante simples, com manutenção de dois grandes núcleos construídos ligados por um sistema de circulação de pedestres dentro de um parque. Em um destes núcleos, projetamos uma área institucional, com um programa desenvolvido com SESC e SENAC, por serem entidades com maior sucesso no desenvolvimento das questões educacionais, de promoção cultural e são reais referências. Pensamos nessas instituições para desenvolver programas e parcerias para ocupação imediata do espaço, com ações contínuas para não ser um edifício sem utilização, ou seja, nós quisemos criar hardware e software já no Concurso. Assim, tivemos essa parceria, eles nos forneceram os programas de requisitos e está na prancha no Concurso. No outro polo construído, o da Penitenciária do Estado, prédios mais longos, propusemos Centro de Exposições. São programas que combinam com o parque: com uma área pública, para usos institucionais, com acesso ao metrô; e essa clareza e simplicidade venceram o Concurso. (Roberto Aflalo Filho, In. LODI, 2008, p.253-256)

O projeto vencedor, denominado *Plano Diretor - Parque Carandiru - Centro de Valorização do Homem* tinha como objetivo *devolver* a área do Complexo Penitenciário para a cidade, *redisponibilizando-a* para usufruto da população. O redesenho da área foi realizado levando em conta a sua localização privilegiada, delimitada por grandes avenidas e próxima a importantes sistemas de transporte coletivo (LODI, 2008, p.73).

Os acessos foram previstos a partir das avenidas Gal. Ataliba Leonel e Av. Zaki Narchi - estratégia, na época, bastante elogiada pela comissão de avaliação (LODI, 2008, p.73). Internamente, todo o desenho viário foi reelaborado, criando novas e importantes conexões com o entorno. Para os automóveis, foram criados três bolsões com 1930 vagas - sujeitos à verticalização, como uma forma de poupar áreas verdes (LODI, 2008, p.73).

[78] Reportagem do acervo do jornal O Estado de São Paulo, do dia 06 de julho de 1999, sobre o vencedor do concurso de reurbanização do Carandiru.



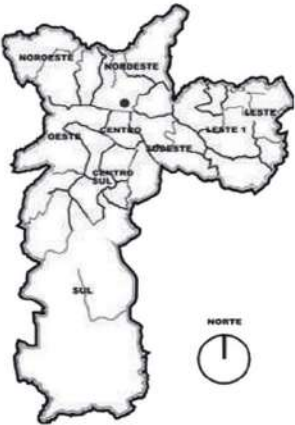
Ficha técnica do concurso Reurbanização da área do Carandiru: Concurso Nacional de Plano Diretor (LODI, 2008)

Promotores	Organização	Coordenação	Comissão Julgadora	Trabalhos entregues	Premiações	Menções Honrosas
Governo do Estado de São Paulo - Secretaria de Assistência Penitenciária (SAP).	Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) , Instituto de Engenharia (IE).	Arquitetos Wilson Edson Jorge, José Geraldo M. de Oliveira.	Adilson Costa Macedo, Candido Malta Campos Filho, Roberto Day, Rubens Anauate, Sidonio Marcio Alves Porto.	58	1º Roberto Aflalo Filho 2º Paulo de Mello Bastos 3º Mauro Biselli	Arq. Bruno Roberto Padovano, Arq. Carlos M. Teixeira e Oscar Viana Vaz, Arq. Ana Lucia Jardim Castro, Arq. Edilson da Silva Guimarães Filho, Arq. Lílían de Almeida Dal Pian, Arq. Roberto Rolnik Cardoso, Arq. Ubyrajara Gonçalves Gillioli, Arq. Leandro Medrano, Arq. Marcos de Azevedo Acayaba.

Projeto vencedor nº57 - Plano Diretor – Parque Carandiru – Centro de Valorização do Homem

Coordenação	Equipe	Consultores
Arq. Roberto Aflalo Filho	Gian Carlos Gasperini, Luiz Felipe Aflalo Herman, Marcelo Aflalo, Rosa Grena Kliass, Maria Cecília Aflalo, Raquel Altman, Adriana Friedmann, Clara Nori Sato, Fernando Bernardo Prandi.	Senac: Luiz Fernando Salgado (Diretor Regional), Maria Pilar Farré Senai: Fabio Aidar (Diretor Regional), Mario Eugenio Onofre, Erivelto Busto Garcia, Luiz Wilson Pina





- Legenda**
- Plano diretor - Centro de valorização do homem**
- 1 Praça central
  - 2 Pavilhão da Cultura
  - 3 Pavilhão das Nações
  - 4 Pavilhão da Criança
  - 5 Pavilhão da Convivência
  - 6 Pavilhão das Profissões
  - 7 Teatro
  - 8 Playground
  - 9 Pavilhão da Administração
  - 10 Pavilhão da Natureza
  - 11 Quadras
  - 12 Pavilhão e área de esportes
  - 13 Concha acústica

- Novos plantios
- Cobertura vegetal (remanescentes da Mata Atlântica)
- Córrego Carajás
- Estacionamentos
- Áreas cobertas
- Passarelas
- Edificações

Escala: sem escala  
Data: 10/06/2022  
Base: MDC/ Geosampa/ Mapa Res38/CONPRES/2018



[79] Plano geral do projeto vencedor do concurso, propondo o aproveitamento de diversas edificações existentes.

Os objetivos do projeto envolviam a criação de um novo polo cultural e educacional, capaz de oferecer não apenas atividades recreativas, mas também formação profissional - qualificando e promovendo a inserção de mão-de-obra no mercado e promovendo a inclusão social:

1. Oferecer à cidade um centro sócio-cultural e educacional modelo, de sensibilização, formação, criação e vivências, voltado para a inclusão social, promoção e valorização humana, através de cursos, atividades e eventos nas áreas de educação, esporte, lazer, cultura, ciência, tecnologia e das relações do homem com a natureza e com o meio ambiente;
2. Promover programas para a preparação, qualificação, requalificação e atualização profissional, no sentido de ampliar as possibilidades de inserção e reinserção de mão de obra (jovens e adultos) no mercado, por meio da valorização da força de trabalho, elemento essencial para o exercício pleno da cidadania;
3. Criar um espaço de interação, reflexão, compreensão e memória do homem sobre si mesmo, sobre suas relações com a natureza, com os outros homens e os objetivos por eles produzidos;
4. Despertar interesse e a viabilidade da implantação do parque quer por instituições de Formação para o Trabalho (comércio, serviços e indústria), Formação Cultural, Artística e Esportiva, Fundações, ONG's, Universidades e Empresas que já vêm desenvolvendo programas afins, quer por outras que atraídas pelas propostas apresentadas, venham a se engajar através de financiamentos ou parcerias;
5. Promover programas integrados de uso das instalações para treinamento prático e atualização profissional, por meio de acordos entre as instituições gerenciadoras das diversas frentes deste complexo sociocultural e educacional;
6. Oferecer instalações, equipamentos e uma programação de cursos, eventos e atividades que tenham como proposta a inclusão, o respeito e a adequação, em especial, às crianças, ao idoso e aos portadores de deficiências. (LODI, 2008)

A maior parte das intervenções foi prevista sobre os edifícios pré-existentes, com um volume mínimo de novas construções - estabelecendo diálogo com as pré-existências e ressignificando as relações entre as edificações (LODI, 2008).

No setor Oeste, propôs-se, a partir da Av. Cruzeiro do Sul, uma circulação interna ortogonal seguindo os edifícios existentes (antigos pavilhões da Casa de Detenção), em direção ao Córrego dos Carajás. Passando a ponte, no setor Leste, a circulação assumia uma configuração orgânica e curvilínea, com um eixo central concentrando os

equipamentos externos do parque – como concha acústica, quiosque e lago (LODI, 2008).

Para além da área do Complexo Penitenciário, foi também proposto a extensão de um eixo verde ao longo do Córrego do Carajás e em direção ao rio Tietê, indo de encontro com a Praça Masiach Now - criando um Parque linear além do Carandiru (LODI, 2008).

O programa proposto oferecia uma ampla diversidade de equipamentos e propunha novas dinâmicas para a área, um núcleo socio-cultural comparável ao Parque do Ibirapuera.

[80] Plano geral do vencedor, retirado das pranchas do concurso (LODI, 2008, p.54). A peça apresenta uma comparação entre as áreas do novo Parque proposto e do Ibirapuera.





Em seu Trabalho Final de Graduação, Lodi traz uma detalhada descrição do programa, aqui sumarizado e simplificado:

Projeto vencedor nº57 - Plano Diretor – Parque Carandiru – Centro de Valorização do Homem

Pavilhão da Cultura	Pavilhão das Nações	Pavilhão da Criança	Pavilhão da Convivência	Pavilhão das Profissões	Teatro	Playground
Centro de formação, produção, criação cultural; Centro de Difusão Cultural.	Espaços Consulares, áreas expositivas, salas de aula.	Proposto para abrigar o Museu da Criança, o Centro Cultural da Criança, a Creche e Pré-Escola Modelo.	Recreação e secretaria; Central de informações do Parque do Carandiru e informações turísticas da Cidade de São Paulo e do Brasil.	Museu da indústria e do Comércio; Central de informações e orientação pra o trabalho; Centro de Educação para o Trabalho – Comércio e Serviços; Centro de Educação para o Trabalho – Indústria; Programa de reconversão e requalificação profissional para desempregados ou em risco de desligamento.	Teatro central com 800 lugares	
Pavilhão da Administração	Pavilhão de Convenções	Pavilhão e Área de Esportes		Equipamentos externos		
Administração do parque; Museu de Memória do Carandiru.	Espaço para exposições, feiras, bailes, grandes eventos e congressos; centro de convenções para congressos científicos e culturais; auditório (850 lugares);	Museu do esporte; Centro de Formação e Reabilitação Esportiva		Área para piquenique; concha acústica; ciclovía e via de patinação; pista de cooper; pista de skate e <i>Half-pipe</i> ; viveiro para mudas; pista para triciclos e bicicletas infantis; lago; fonte – sprinkler para banho; sanitário-fraldário- bebedouros; jardim japonês; posto de correios; telefones públicos; caixas eletrônicos; quiosques de café – lanches – pipoca; banca de jornal; cestos de lixo seletivo; mapa com complexo em escala reduzida, no chão, com indicação de todas as áreas e pavilhões; incinerador do lixo gerado no parque; pequena usina de reciclagem de vidro.		



O júri responsável pela avaliação dos projetos concedeu parecer favorável à proposta da equipe do Arq. Roberto Aflalo Filho, ressaltando sua adequação à proposta do concurso, clareza e simplicidade apresentadas.

O paisagismo foi, particularmente, muito elogiado pela criação de novas visuais. A integração à malha urbana foi considerada muito eficaz e a reforma e reutilização de grande parte dos edifícios existentes – com poucas novas construções – também contribuíram com a escolha (LODI, 2008, p. 89).

Do momento da premiação até o início da construção do parque, decorreu-se um longo processo, permeado também por mudanças políticas, de equipe e de prioridades. O concurso realizou-se em 1998, no governo Mario Covas, mas a viabilização do projeto e a sua construção foi realizada no governo Geraldo Alckmin, sucedido por José Serra – de mesmo partido. O arquiteto Roberto Aflalo Filho, em entrevista, comenta:

Muitos anos. O arquiteto Paulo Bastos, o segundo colocado do concurso, inconformado com o resultado, passou anos fazendo campanha do seu projeto, produzindo peças gráficas, e sistematicamente apresentando o seu trabalho. Quando nós éramos convidados pela câmara dos Vereadores ou outra instituição para apresentar os projetos, ele também o fazia como se o Concurso não tivesse sido realizado.[...] Havia uma certa pressão ou uma intenção de grupos políticos com os quais ele tinha afinidade, propondo um projeto conjunto. [...]. Foram alguns anos e a Secretaria de Administração Penitenciária, promotora do Concurso, ao longo do processo, mudou de preocupação: problema de superlotação. As penitenciárias construídas para desativar o Carandiru já estavam com lotação esgotada e o Secretário da época, havia saído de cena. Não havia mais interesse, a Secretaria não se pronunciava. As comunidades da Zona Norte faziam manifestos querendo o projeto implantado. Ocorreu uma série de rebeliões no Carandiru, complicando, principalmente, a Casa de Detenção. Politicamente, o Governador Geraldo Alckmin (o concurso começou na gestão Mario Covas, mas quem propôs foi o seu vice, na época), que tem todo o mérito do processo do Concurso do Carandiru, resolveu dar uma

solução para o impasse. Curiosamente, no próprio governo, as Secretarias que assumiram o Carandiru e seus problemas analisavam alternativas do que fazer, desconsiderando o Concurso realizado e o processo de licitação pública ocorrido. Após muita expectativa e incertezas, fomos convocados para uma reunião no Palácio do Governo, na presença de pessoas influentes, para avaliação e aconselhamentos e concluíram que deveríamos executar o projeto. Foi feita a contratação. (Roberto Aflalo Filho, *In*. LODI, 2008, p.253-256)





### 3. O Parque da Juventude

Houve muita dúvida com relação a preservar ou não os edifícios da Casa de Detenção. Para alguns, a reforma era inviável, por onerar mais do que uma nova construção e o argumento de custo foi mais forte. Para nós, a frequência do local para usos institucionais seriam importantes complementos para o programa que pela proximidade da estação do metrô, criaria uma sinergia com todo o conjunto. [...] Em princípio, a ideia era a demolição de todos os prédios do último setor para a construção de novos. Ao apresentar essa ideia a público, o Governador demonstrou contrariedade, talvez devido a manifestações de Associações de Bairros ou Promotoria Pública em defesa da preservação de bens públicos e apoio à reforma. Assim, retomou-se a ideia de reformar os edifícios, com modificações no contrato: em duas etapas, com redução de edificações, com área de apoio e administração, áreas de vestiários e lanchonetes no setor esportivo; proposta de andar nos passadiços das muralhas. Fixada a ideia em manter os edifícios, fechamos o contrato para desenvolver o projeto de reforma dos quatro deles, sendo um para Cultura, outro FATEC, Saúde. [...] Após esta fase, chegou-se à conclusão de que necessitaria demolir outros dois edifícios. Começamos a simular quais seriam demolidos e optamos pela manutenção dos dois juntos ao bairro. Do contrário, teríamos as altas tensões fazendo parte da paisagem do parque. Ao retirarmos os dois edifícios que faziam o outro lado, a praça perderia seus limites. [...] Firmamos o acordo. Com o processo em atividade, discussão de honorários, mudança de Governo, ou seja, seu segundo mandato, mudança na equipe que quis apertar os valores orçamentários. Honorários colocados em questão, propusemos para a CPOS a possibilidade de eles ficarem com a parte dos projetos complementares e o escritório, com os mais especializados.[...] (Roberto Aflalo Filho, In. LODI, 2008, p.253-256)

[81] Acesso do Parque a partir da Av. Cruzeiro do Sul, com os dois edifícios da ETEC à direita. Acervo pessoal.



Entre o *Plano Diretor - Parque Carandiru - Centro de Valorização do Homem* e o projeto executado - o Parque da Juventude - muitas mudanças ocorreram. A Penitenciária Feminina da Capital e o Presídio Feminino de Santana nunca foram desativados. Dos antigos pavilhões da Casa de Detenção, apenas dois foram mantidos e transformados em ETECs. O Teatro, Playground e os outros diversos Pavilhões não foram concretizados, e uma parcela extensa do programa inicialmente previsto foi eliminada.

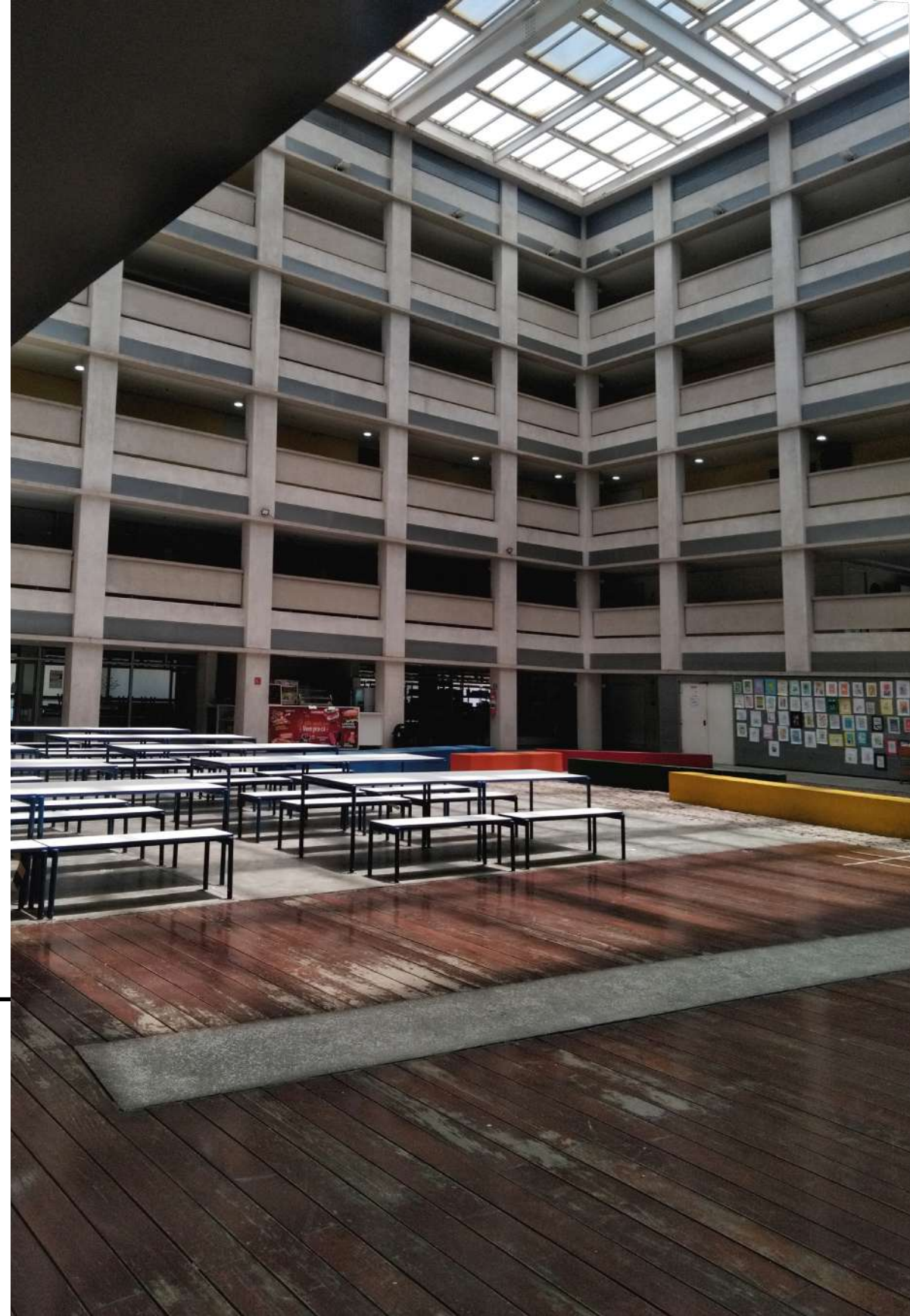
Preliminarmente projetado para ocupar 42,7 hectares, o atual Parque da Juventude se estende por apenas 27 hectares, dividindo-se em três áreas: institucional, esportiva e central. A setorização do Parque fez não apenas parte do partido projetual, mas refletiu também as diferentes fases de implantação estabelecidas para viabilizar a sua construção (FIGUEIRÔA, 2014)

O primeiro setor inaugurado foi o complexo esportivo, aberto a público em 2003 e contando com aproximadamente 35.000 m<sup>2</sup>, seguido pelo setor central, inaugurado em setembro de 2004, com 90.000 m<sup>2</sup>, e, por fim, o setor institucional, entregue em 2007 (FIGUEIRÔA, 2014).

Com a remodelação e adaptação do projeto às novas limitações que se apresentaram, foram reconsideradas as relações das pré-existências - principalmente no que se refere aos recursos naturais, como o córrego do Carajás os trechos remanescente de Mata Atlântica - para adequação dos setores. A zonificação também foi elaborada para refletir o perfil de seus usuários (FIGUEIRÔA, 2014).

---

[82] Interior da ETEC Parque da Juventude, antigo pavilhão 7, que abriga o *Espaço Memória Carandiru*. Acervo pessoal.





Conforme o *Plano Diretor* anteriormente proposto, os acessos principais ao Parque se dão via setor institucional, a partir da Av. Cruzeiro do Sul, próximo à estação Carandiru da linha azul do Metrô. Nas proximidades, foram acomodados os edifícios das ETECs - sob responsabilidade do Centro Paula Souza - e a Biblioteca de São Paulo (FIGUEIRÔA, 2014).

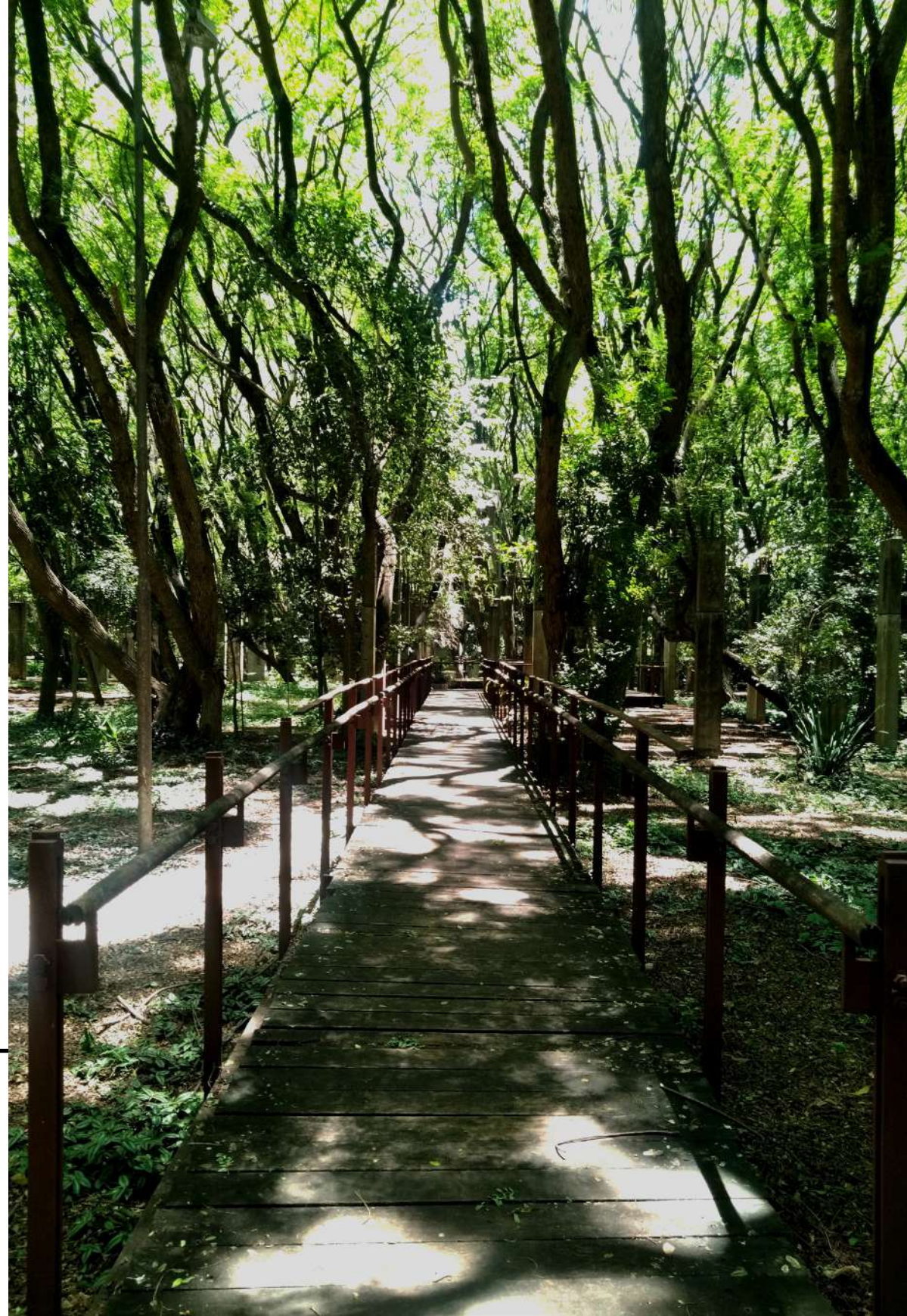
Os pavilhões receberam novos reforços estruturais, grandes escadas metálicas, painéis pré-moldados, novos caixilhos e brises metálicos. O vão central dos dois edifícios foi transformado em um átrio coberto por vidros laminados aplicados sobre perfis de alumínio tubulares. Os caixilhos foram instalados sobre uma estrutura metálica produzida com perfis de aço (REVISTA PROJETO, 2006).

A transição entre a zona institucional - de intenso fluxo de pessoas - e o setor esportivo é feita pela porção central, demarcada pelo córrego Carajás. Nesse trecho, toda a topografia natural do terreno foi alterada, rompendo a planicidade, e concebendo uma ampla área livre para os usuários do parque (FIGUEIRÔA, 2014). O intuito inicial era a utilização de entulho e resíduos da demolição dos edifícios do complexo para formação dos morros, mas, dados outros usos para esses resíduos, foi necessário adquirir terra para execução dessa etapa (REVISTA PROJETO, 2009).

O setor central corresponde a área com maior densidade vegetal, com grandes massas arbóreas e extensos gramados (CALLIARI, 2017). Premiado pela Bienal de Arquitetura de Quito, em 2004, seu projeto paisagístico, de autoria da arquiteta Rosa Grena Kliass, integra trechos de mata nativa e oferece usos diversificados.

---

[83] Deck entre remanescentes de um edifício nunca finalizado, construído para expandir a Casa de Detenção. Acervo pessoal.







Em meio a um bosque de tipuanas, se encontram remanescentes de obras de um segundo conjunto da Casa de Detenção, que não foram finalizadas, e trechos de muralha da antiga Penitenciária do Estado. Com o planejamento da desativação da Casa de Detenção, as obras foram interrompidas e algumas estruturas completamente demolidas. Entretanto, parte das que permaneceram, como lajes, colunas e vigas, foram incorporadas ao projeto paisagístico do Parque (CALLIARI, 2017), criando um jardim natural contemporâneo (FIGUEIRÔA, 2014).

Mantidas no estado de conservação em que se encontravam no momento da construção do Parque, as ruínas exercem uma forte carga simbólica (FIGUEIRÔA, 2014), e atuam como elementos importantes no imaginário dos usuários do Parque. A preservação e assimilação desses elementos, como “testemunhos históricos” foram demandas do júri do concurso (LODI, 2008), apresentadas no parecer da avaliação final.

As ruínas da muralha da Penitenciária receberam escadas de aço que permitem a caminhada, a quase 7 metros de altura, pela borda do setor central (FIGUEIRÔA, 2014). Com uma vista privilegiada, a experiência de se poder transitar no nível da copa das árvores é um tanto inusitada, mas muito interessante, permitindo uma vista privilegiada do parque (ainda que parcialmente obstruída pelos galhos das árvores).

Já as ruínas da Detenção receberam decks elevados, a 30cm das lajes pré-existentes, com corrimão em aço corten, que formam um passeio por entre a vegetação densa (CALLIARI, 2007).

Tanto o passadiço, formado pela muralha, quanto os pórticos abandonados funcionam como elementos que recontam a expansão do Complexo Penitenciário do Carandiru, desde a Penitenciária do Estado até a decadência da Casa de Detenção, com o abandono das estruturas nos anos noventa, dada a repercussão do episódio do Massacre (FIGUEIRÔA, 2014).

[84] Deck entre pórticos remanescentes de um edifício nunca finalizado da Casa de Detenção. Acervo pessoal.



[85] Quadras poliesportivas e os alambrados, dispostos em planos paralelos. Ao fundo, muro que divide o Parque da Penitenciária Feminina da Capital - da qual nota-se apenas a caixa d'água. Acervo pessoal.







Paradoxalmente, por não se tratarem de uma estrutura finalizada - e, portanto, nunca de fato utilizada ou habitada - ,mas sim de estruturas nunca concluídas, os pórticos forjam, de certa forma, esse imaginário de uma ruína (FIGUEIRÔA, 2014). Um lugar que, apesar de abandonado e deixado às intempéries, nunca foi, de fato, habitado e utilizado, apesar de ser capaz de despertar curiosidade e originar conjecturas sobre o passado.

O terceiro setor, na parte mais longilínea da área, corresponde ao setor esportivo, delimitado pelo muro cego da Penitenciária Feminina - antiga Penitenciária do Estado. A desativação da unidade prisional feminina, prevista inicialmente mas nunca executada, fez com que a parte dedicada às quadras, pistas de patinação e skate e de jogos fosse compactada (FIGUEIRÔA, 2014). Atualmente, o Parque conta com dez quadras poliesportivas, pista de skate, área para vestiário, sanitários e lanchonete - os três últimos, segundo relatos coletados em visita de campo, interditados há algum tempo.

No Parque, além das ruínas, conta com um monumento, doado pela fundação Mario Covas, denominado *Sonho de Liberdade*, que marca a localização do antigo Pavilhão 9, no setor institucional. Além dele, há também o *Marco da Paz*, contribuição da Associação Comercial de São Paulo em 2011. Ambas as peças, que aludem ao Massacre do Carandiru e às violações de direitos humanos ocorridas no local, entretanto, mostram-se descontextualizadas, não contribuindo para qualquer tipo de reflexão mais profunda.

---

[86] Detalhe dos alambrados das quadras. Acervo pessoal.



#### 4. Memórias do Carandiru

**- O que você acha do Parque da Juventude?**

- No geral, é um bom espaço, que conseguiu cobrir a história perfeitamente. Ninguém mais se recorda, muito pouco. Realmente, o espaço de estudo ali é perfeito, mas conseguiu o objetivo. (Antônio, 43, Educador Social)

Um dos grandes questionamentos levantados ao início deste trabalho foi o quanto o Parque da Juventude é capaz - ou não - de evocar ou perpetuar memórias do Complexo Penitenciário, mais especificamente, da Casa de Detenção.

Assim como o senhor Antônio, que me concedeu a entrevista acima, sempre tive a impressão de que toda a estrutura do Parque foi projetada para apagar, ou, no mínimo, apaziguar os eventos ali sucedidos - tanto a negligência do Estado com a população carcerária, quanto a morte das 111 pessoas em decorrência do Massacre do Carandiru.

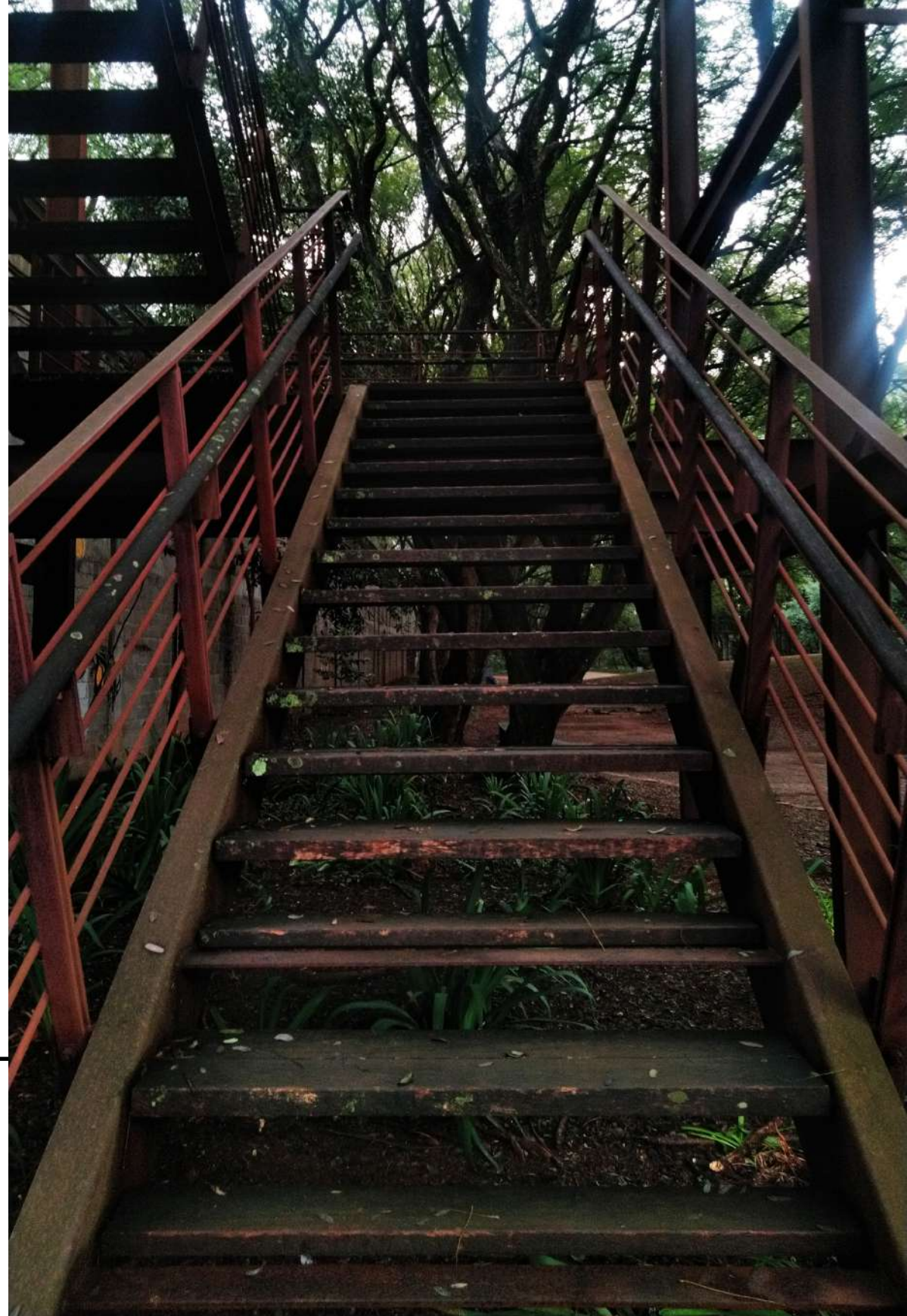
Mesmo com a manutenção de dois dos pavilhões da Casa de Detenção e, na presença das ruínas - ainda que nunca habitadas - , a falta de qualquer contextualização, explicação e indicações claras torna muito mais difícil a mobilização de memórias e reflexões sobre o Carandiru.

Portanto, na tentativa de avaliar a forma como o Parque da Juventude e a Casa de Detenção povoam o imaginário dos usuários do Parque, pensou-se a aplicação de um breve questionário em campo, realizado de maneira presencial, ao longo de 4 dias diferentes.

Tendo em vista uma maior fluidez na comunicação, todas as entrevistas foram gravadas, com o auxílio de um aplicativo de voz. Foram registradas, por fim, 61 entrevistas - número considerado razoável, dadas as condições de realização do trabalho.

---

[87] Escada de aço corten, com degraus de madeira, que dá acesso à passarela - antiga muralha da Penitenciária do Estado.





A primeira parte do questionário foi composta por questões objetivas, no intuito de entender o perfil de cada entrevistado (idade, onde mora, profissão) para, ao fim, estabelecer um perfil geral da amostragem.

A segunda parte do questionário, mesclando questões objetivas e subjetivas, visava mobilizar memórias e impressões do Parque da Juventude. As perguntas subjetivas foram elaboradas de maneira a não limitar o entrevistado e permitir o registro de quaisquer reflexões, pensamentos e sentimentos suscitados naquele momento.



[88] Passeio sobre remanescentes da muralha da Penitenciária do Estado. Acervo pessoal.

[89] Corte do projeto do escritório Rosa Grena Kliass da escada e passarela da muralha da Penitenciária do Estado. Rosa Grena Kliass (autora); José Luiz Brenna (co-autor); Alessandra da Silva, Gláucia Pinheiro e Mauren Oliveira (colaboradoras).







Considerando o segundo bloco do questionário, a primeira pergunta *O que te vem à mente quando pensa no Parque da Juventude?* procurava avaliar se o usuário relacionava o espaço do parque espontaneamente à Casa de Detenção. A questão *O que te vem à mente quando pensa na palavra Carandiru?* procurava avaliar se o usuário relacionava o nome Carandiru com a Casa de Detenção, ou se, com o tempo decorrido desde a sua desativação, o Parque - ou até mesmo a estação de metrô - seriam capazes de sobrepujar essa lembrança.

Com a questão objetiva *Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?* o objetivo era avaliar se a lembrança do complexo prisional ainda existe, ou se foi apagada após os quase vinte anos da sua demolição.

A segunda questão objetiva *Você Sabia que aqui existe a Penitenciária Feminina?* tinha como intuito quantificar a porcentagem de entrevistados que conhecem a existência da Penitenciária Feminina - antiga Penitenciária do Estado - e se o espaço criado ali dentro do Parque, de alguma maneira, enublaria essa percepção.

E, por fim, *O que você acha do Parque da Juventude?* visava registrar as impressões gerais dos usuários, um equacionamento final das reflexões levantadas pelas perguntas anteriores.

---

[90] Pórticos e passeio sobre Deck de madeira por entre as tipuanas. Acervo pessoal.



# Parque vai funcionar 24 horas

Na área da antiga Casa de Detenção será possível praticar skate e outros esportes até de madrugada

**CARANDIRU**  
Camilla Haddad

Que tal uma aula de hidroginástica madrugada adentro? Ou manobras radicais em uma pista de skate durante toda a noite? Propostas como essas estarão disponíveis, a partir do dia 10 de outubro, em três parques da capital que vão funcionar 24 horas por dia. Na zona norte, a medida vai atingir o Parque da Juventude.

O projeto é uma iniciativa da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer e foi batizado de "Noite Esportiva". Segundo Carlos Roque, assessor de Gabinete da secretaria, os espaços públicos que passarão a abrir durante a noite são o Parque da Juventude, na zona norte; o Parque Fontes do Ipiranga, na zona sul; e o Conjunto Desportivo Baby Barioni, na zona oeste.

Serão oferecidas atividades de acordo com a infra-estrutura de cada parque. No Baby Barioni, por exemplo, haverá aulas de hidroginástica, pois o local já possui piscinas. No caso do Parque da Juventude (que funciona na área totalmente desativada da antiga Casa de Detenção), a população poderá usar a pista de skate ou jogar bola ou basquete em uma das dez quadras disponíveis.

Roque explicou que a iniciativa inclui um convênio com organizações não-governamentais que vão disponibilizar os funcionários. "No total, cada parque terá dois professores de educação física, uma estagiária e uma assistente social."

**SEGURANÇA**  
Em relação à segurança, Roque afirmou que o serviço será reforçado em 25%. Cada parque possui, em média, nove viaturas. "Isso sem contar as rondas da Polícia Militar, que serão mais intensas", disse o assessor de Gabinete. A ideia de abrir os parques à noite partiu do governador Geraldo Alckmin (PSDB) que, durante suas viagens para fora do Brasil observou a experiência de outros países.



**APOIO** - Mudança do horário começa no dia 10 de outubro: espaço público terá 2 professores de educação física e uma assistente social

"O governador pediu para a nossa secretaria estudar o projeto. Organizamos tudo isso há dois meses", disse Roque. Ele explicou que o principal objetivo do "Noite Esportiva" é, na verdade, reduzir a violência entre os jovens. "Muitos não têm o que fazer à noite e também não possuem dinheiro para sair. Por isso estamos oferecendo alternativas de lazer nesse período."

Atualmente, o Conjunto Desportivo Baby Barioni fica aberto até 1 hora; o Parque da Juventude e o Parque Estadual Fontes do Ipiranga, até as 22 horas. Para participar das atividades, não será preciso preencher nenhum cadastro, exceto para as aulas de hidroginástica - nesse caso, é preciso reservar a vaga e fazer um exame médico detalhado.



**PAZ GARANTIDA** - Segurança será reforçada e ONGs adotarão áreas

## EVENTO

### No dia 25, haverá Mutirão da Juventude

**VERDE:** Será montado na área verde do Parque da Juventude um palco com grandes atrações musicais, aula aberta de ginástica, apresentação de grupos de teatro e de dança. Confira abaixo outras atrações:

● **SKATE:** apresentação dos alunos da Escola de Skate de SP.

● **STREETBALL:** Exibição comandada pelo técnico da equipe de Santana de Parnaíba. Clínica e palestra com o americano Deng Style.

● **CAMINHADA:** Saídas do estacionamento da subprefeitura, com chegada às 9 horas no parque.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

## Questionário Parque da Juventude

Nome:

Data: 17/05/2022

Idade:

Sexo:

- ☐ Até 14 anos
- ☐ 15 - 19
- ☐ 20-29
- ☐ 30-39
- ☐ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

Escolaridade:

Profissão:

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo

Onde nasceu:

Onde mora:

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☐ 1-2 vezes por semana
- ☐ 3+ vezes por semana
- ☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no "Parque da Juventude"?

O que te vem à mente quando pensa na palavra "Carandiru"?

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☐ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

[91] Reportagem de 16 de setembro de 2005 do acervo do Jornal *O Estado de São Paulo*. Inicialmente, o Parque da Juventude estaria aberto ao público 24h, mas alegando problemas de segurança, a administração do Parque limitou o horário de funcionamento das 6h às 19h.

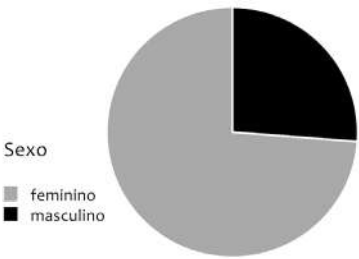
[92] Modelo de questionário aplicado.



4.1. Perfil dos entrevistados

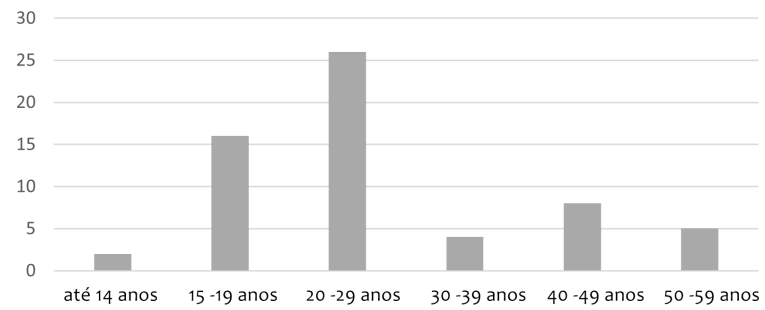
Para as questões objetivas, é importante considerar que o perfil dos entrevistados não necessariamente reflete o perfil dos usuários do Parque, visto que o questionário foi aplicado em relativamente poucas pessoas e conduzido por um único entrevistador - sendo, portanto, suscetível a viés.

[93] Sexo: 26% dos entrevistados são do sexo feminino e 74% do sexo masculino.



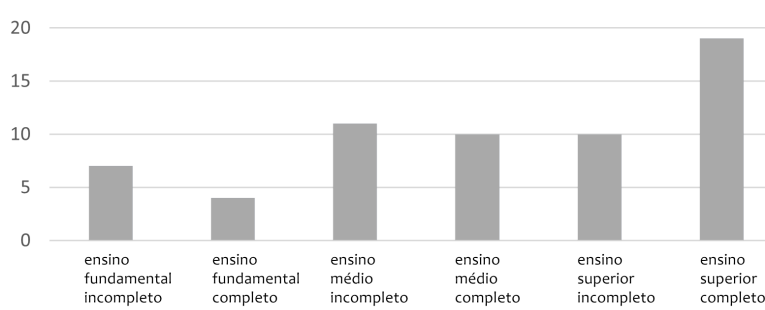
[94] Faixa etária: 3% dos entrevistados tinham até 14 anos; 26% entre 15-19 anos; 43% entre 20-29 anos; 7% entre 30-39 anos; 13% entre 40-49 anos e 8% entre 50-59 anos.

Faixa Etária

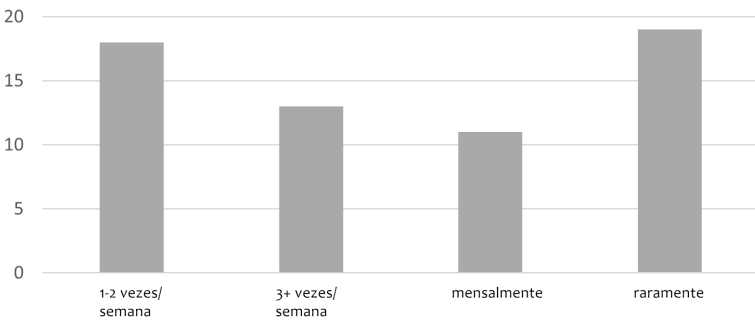


[95] Escolaridade: 12% apresentaram ensino fundamental incompleto; 7% ensino fundamental completo; 18% ensino médio incompleto; 16% ensino médio completo; 16% ensino superior incompleto e 31% ensino superior completo.

Escolaridade



Frequência



[96] Frequência: 30% declararam ir ao Parque 1-2 vezes por semana; 21% declararam ir mais de 3 vezes por semana; 18% declararam ir mensalmente e 31% declararam ir raramente ao Parque.

Foram, em sua maioria, entrevistados homens, entre 20 e 29 anos. Majoritariamente, apresentavam nível superior completo, mas o grau de escolaridade variou bastante entre os entrevistados. Interessantemente, relativo à frequência, muitos entrevistados relatavam estar visitando o Parque pela primeira vez.

4.2. O que te vem à mente quando pensa no Parque da Juventude?

Com essa pergunta, o intuito era saber se, sem qualquer menção anterior, o entrevistado mobilizaria a lembrança da Casa de Detenção, relacionando espontaneamente o Parque à memória do Carandiru.

Associa Parque à Casa de Detenção?

■ sim  
■ não



[97] PJ e Casa de Detenção: 11% citaram a Casa de Detenção quando perguntados acerca das lembranças evocadas pelo Parque da Juventude.



A maioria dos entrevistados (89%) não mencionou, em primeiro momento, aspectos referentes à Casa de Detenção ou ao Massacre do Carandiru. A maioria manifestou bastante satisfação com o espaço, elogiando as quadras, reforçando a importância da conexão com a natureza ou afirmando utilizar o espaço para atividades de lazer.

- Vejo sol, grama, espaço pra correr, pras crianças correrem, andarem de bicicleta. É liberdade.

Outra parcela, menor, compartilhou memórias afetivas com esse espaço, revelando vínculos pessoais:

- Pra mim, tem muitas lembranças. Estudei aqui na ETEC, tenho muitas memórias, sou muito apegada.

- Penso no nosso primeiro encontro, que foi aqui.

O esporte também aparece como um aspecto muito positivo, muitos dos entrevistados usam com frequência as quadras, e comentam também um desejo de que houvesse mais delas, porque são muito disputadas. Outros andam de skate nas pistas, fazem caminhadas ou andam de bicicletas.

[98] O Peregrino, monumento doado pelo governo de Castilla y León, Espanha, para homenagear as pessoas que percorrem o Caminho de Santiago de Compostela. Acervo pessoal.





Muitos dos entrevistados foram abordados a caminho do trabalho, ou de algum outro compromisso, o que é interessante ser considerado. Anteriormente ao Parque, para se chegar da Av. Zaki Narchi até a Av. Otto Baumgart, era necessário fazer a volta em todo o lote. O Parque criou novas dinâmicas de circulação e novas possibilidades de trajeto.

- Só venho aqui visitar minha filha, que está detida na prisão. Esse parque aqui é bem conhecido. Pessoal de São Paulo fala muito bem daqui.

Da parcela que associou espontaneamente o Parque da Juventude à Casa de Detenção, alguns consideram o Parque como algo positivo, algo que seria capaz de solucionar e superar o conflito, mesmo com algum resquício de negatividade:

- Eu sei da história dele, da questão do presídio. Achei legal a ideia de terem revitalizado a área, terem construído as escolas, a biblioteca. Eu falei é um *plus* até morar aqui perto. Eu penso em área verde para esporte e atividade física.

- Primeiro vem a ETEC, que é onde eu estudo. Depois vem um lugar que eu posso vir pra passear, pra fazer piquenique, um lugar teoricamente tranquilo. Mas tem pontos específicos que ainda tem uma energia bem pesada.

[99] Monumento doado pela fundação Mario Covas, em homenagem aos 15 anos da morte do ex-governador. Denominado *Sonho de Liberdade*, marca a localização do antigo Pavilhão 9. Acervo pessoal.

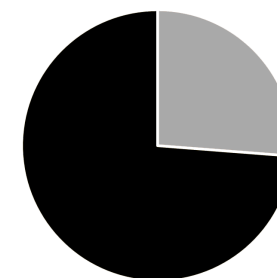




### 4.3. O que te vem a mente quando pensa na palavra *Carandiru* ?

- Os mortos que estão aqui enterrados.
- A cadeia. E a morte.
- Tristeza, né. Porque meu pai também já foi preso aqui. É, só que foi bem depois do Massacre.
- Lá da matança, morei em Caçapava e a gente ouvia falar. Mataram 111 detentos. Massacre, né. O Massacre do Carandiru.
- Estava comentando agora com o rapaz que trabalha comigo aqui. Que estamos passando sobre o sangue das pessoas que foram assassinadas por aquela chacina que ocorreu, se não me engano, em 92. Então tem muitas coisas ruins, poucas boas.
- A prisão que tinha. É uma daquelas coisas que você só sabe.

Em resposta a essa pergunta, a maioria dos entrevistados associou a palavra *Carandiru* à Casa de Detenção, ao Massacre ou às vítimas, demonstrando sempre pesar e constrangimento.



Associa *Carandiru* à Casa de Detenção?

■ sim  
■ não

[100] Monumento *Marco da Paz*. Acervo pessoal.

[101] Associação *Carandiru* e Casa da Detenção: 26% não associaram e 74% fizeram essa associação.

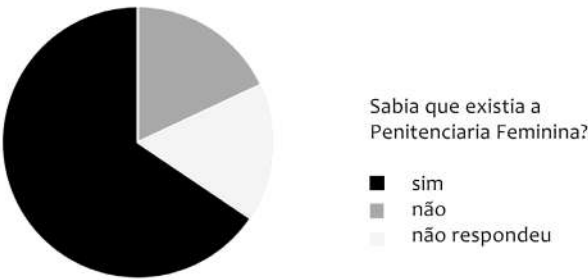


A maioria das pessoas que não realizaram essa associação ou tinham menos de 20 anos ou nasceram em outros países e haviam se mudado recentemente para o Brasil.

Alguns dos jovens que realizaram essa associação relataram a forma como souberam dos eventos da Casa de Detenção, revelando a forma como essas memórias se perpetuam nos relatos orais e no universo da cultura.

- Que no Carandiru, que na cadeia “revirou”. As mortes, que morreu todo mundo. Eu era pequeno, minha mãe que me contou isso daí.
- A catástrofe do Carandiru. Vi mais pela internet.
- Aí já é meio complicado, meio triste. Meu pai é militar, a gente passou perto aqui, aí eu perguntei e ele me contou a história.
- O Filme.
- Já vem o sistema prisional mais conhecido, depois do filme. E ficou bem marcado, através da tragédia que aconteceu, depois do Massacre. Ficou bem marcado pro povo brasileiro. Uma mancha de sangue na questão social.

4.4. A Penitenciária Feminina



[102] Em resposta à pergunta, 66% revelaram saber da existência da Penitenciária Feminina, 18% desconheciam essa informação. Para 16% dos entrevistados, essa pergunta não foi realizada.

No primeiro momento, o questionário foi aplicado em 11 pessoas como um teste, para avaliar a dinâmica das entrevistas e a necessidade de se elaborar novas questões.

Ao longo dessa primeira tentativa, surgiu o questionamento acerca de como a imagem do Parque seria capaz de enublar o seu entorno - principalmente quando esse entorno é indesejável.

A pergunta *Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?* não foi, portanto, feita para os 11 primeiros entrevistados, o que se explica pela parcela *Não respondido* do gráfico.

4.5. O que você acha do Parque da Juventude?

Por fim, para registrar a impressão geral dos usuários, equacionando ou não a Casa de Detenção nas respostas, foi perguntado ao entrevistado qual o parecer geral acerca do espaço.

A maioria registrou opiniões favoráveis, mas algumas nuances se destacaram. Alguns declararam apresentar ainda sentimentos negativos com relação ao lugar, mesmo gostando do parque:

- Gosto bastante, mas ainda sinto uma energiazinha meio pesada, pelas coisas que aconteceram.
- O ambiente hoje é extremamente agradável. Só uma questão energética que eu sinto algumas coisas pesadas aqui. Não me sinto bem em alguns ambientes aqui, principalmente indo mais à fundo no Parque.

Esse último entrevistado, ao mencionar esse desconforto, apontou a origem desse sentimento: o setor central do Parque, em direção às ruínas e à vegetação mais densa. Apesar de nunca terem sido concluídas as edificações destinadas à expansão da Casa de Detenção - e, portanto, nunca habitadas ou utilizadas -, é notável o papel que exercem nesse imaginário dos usuários e o impacto que possuem nas suas percepções.



Nesse sentido, a falta de indicações claras sobre o passado e a falta de contextualização das remanescências pode contribuir para uma estigmatização do espaço. Ao invés de destinar uma área à memória da dor e do trauma, um espaço claro de reflexão - e até de luto -, a falta de indicações precisas sobre esse passado fortifica uma atmosfera de confusão, dificultando a compreensão do espaço como produto das relações entre passado e presente. Cria-se uma narrativa de ficção, descolada da realidade.

-Achei legal. Quando eu vim aqui, pensei que ia ter mais coisas do Carandiru mesmo. Mas aí percebi que foi tudo modificado.

Em contrapartida, um dos entrevistados expressou seu desejo de que qualquer vestígio material do passado fosse eliminado, expressando grande dor na lembrança de conhecidos que foram vítimas do Massacre:

- Bacana. O espaço é legal, tirando os dois prédios que não foram derrubados (da Detenção). Eu acho que tinha que derrubar tudo e tirar a Penitenciária. É uma coisa minha. Porque tive pessoas aqui, amigos da minha família, que tiveram aqui e junto com a coisa que aconteceu, não estão mais aqui com a gente.

## 5. O elefante na sala: precisamos falar sobre o Carandiru

Do momento da escolha de um projeto vencedor para o Concurso Nacional de Ideias para o Carandiru até a construção do Parque da Juventude, muitos foram os elementos de tensão que culminaram na execução de um projeto significativamente diferente da proposta original.

Entretanto, mesmo com uma radical redução no programa primário, o Parque da Juventude se consolidou como um importante equipamento para a Zona Norte da cidade de São Paulo, sendo amplamente frequentado.

Os novos usos da área foram alvo de extensos elogios pela comunidade, que clamava pela saída das unidades prisionais do interior do bairro para dar espaço a um parque. E o Parque da Juventude, espaço premiado, se constituiu como um pacificador para o conflito nunca resolvido: uma área maculada, palco de um Massacre e de inúmeras violações contra os direitos humanos, agora se torna um espaço de estudo, de lazer e de esporte, a favor das futuras gerações.

- Eu gosto. É muito bom. Eu acho que é uma forma de pegar uma tragédia que acontecer e tentar reverter, de certa forma. Um dia, foi um lugar de muita tristeza, talvez de uma injustiça; agora, uma nova oportunidade, um recomeço. Mas a gente não se esquece.

- Aí tem uma energia pesada. Que morreu muita gente. Mas a melhor coisa que eles poderiam ter feito aqui é um parque. É muito legal.



Durante o levantamento bibliográfico para elaboração desse capítulo, frases como *devolver* ou *redisponibilizar a área para a população* foram recorrentes - no edital do concurso, nas propostas apresentadas, em reportagens e em outros documentos. Então, uma instituição voltada à ressocialização exerce um papel fundamental para a sociedade? Não se trata de um serviço a favor da população? Ou são um depósito dos indesejados? Os encarcerados não pertencem a nossa sociedade?

A impressão deixada é a de que se considera um *desperdício* dedicar uma parcela da cidade com a Casa de Detenção e as Penitenciárias: são programas que deveriam ser implantados longe dos grandes centros, cujas áreas ocupadas deveriam ser devolvidas à cidade e à população merecedora.

É evidente que as violações aos direitos humanos ocorrem diariamente em estabelecimentos penais, mas removê-los da vista e do cotidiano, permite com que o problema seja endereçado sempre ao outro.

A demolição quase integral da Casa de Detenção e de outras edificações associadas, a falta de informativos e de indicações precisas sobre remanescentes materiais e a descontextualização dos monumentos e de outros marcos do passado - além de representar um desejo de apagamento - contribuem para uma evocação, de maneira confusa, das memórias da Casa de Detenção.

A falta de indicativos claros do passado, a ausência de uma área dedicada à memória da dor e do trauma, ou de um espaço claro de reflexão e de luto, dificulta a compreensão do espaço como produto das relações entre passado e presente. E, a partir disso, abre-se margem para uma narrativa de ficção, que resulta na estigmatização e na fetichização do espaço - tido, para muitos, como *assombrado*.

Como resultados, o Parque é, em maior ou menor escala, associado a uma negatividade, um espaço capaz de evocar sensações ruins - atribuídas, até mesmo, a áreas nunca destinadas ao presídio ou à Detenção.

**Sensitiva visita parque construído no lugar do Carandiru**  
182.497 visualizações · 16 de fev. de 2017 · O repórter Igor Duarte acompanhou Márcia Fernandes durante um passeio pelo Parque da Juventude, na zona norte de São Paulo. A sensitiva analisa as energias do local, que já abrigou o Complexo Penitenciário do Carandiru, e garante que almas habitam a área.  
Confira mais em: [www.redetv.com.br](http://www.redetv.com.br)  
Mostrar menos

 3,7 mil

 Não gostei

 Compartilhar

 Clipe

 Salvar

...

 RedeTV   
12,8 mi de inscritos

**INSCREVER-SE**

Comentários  
291

 Eu não acreditava, até o dia que fui nesse parque aí, vi 2 pessoas que sumiram do... >



como assim tem gente que não conhece sobre oq aconteceu no Carandiru?kk

04-06 Respondi

Piace al creator

 6667



eu só tinha ouvido falar um pouco, tem casos q são esquecidos com o tempo, se vc ñ pesquisar, ñ irá saber

04-06 Respondi

 111



minha filha, em 1992 eu nem pensava em nascer

04-06 Respondi

 87

[103] Vídeo na plataforma *Youtube* reportagem da RedeTV no Parque da Juventude, com participação de uma *Sensitiva* revela o estigma que esse espaço carrega.

[104] Comentários de um vídeo da plataforma *Tiktok*, com mais de 511.000 de curtidas, sobre o Massacre do Carandiru.

Os nascidos anteriormente ao Massacre e à demolição e desativação da unidade prisional recordam o passado, mas poucos tem essas memórias evocadas graças ao espaço do Parque e às remanescências materiais.

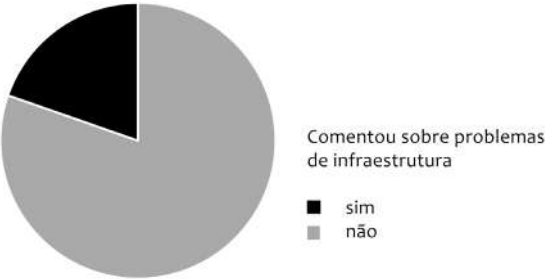
Já para os indivíduos nascidos pouco antes ou depois da desativação e demolição da Casa de Detenção, é interessante notar que o conhecimento do fato é consequência de relatos de parentes, amigos ou conhecidos, de buscas pela internet, e de produtos de audiovisual.



A cultura, nesse sentido - através dos programas de TV, músicas, reportagens, podcasts, redes sociais, filmes, séries e documentários - atua como um agente importante, mantendo viva a memória do Carandiru. Recentemente, com a popularização do gênero do *True Crime*, o Massacre do Carandiru foi tópico de alguns podcasts - como o *Modus Operandi* (ep. 100), *The Crime Brasil* (ep. 23) e *In Casu* (temporada 03, ep. 05) - que, de alguma forma, reavivam as discussões sobre o papel da pena e da ressocialização, sobre a impunidade dos responsáveis e sobre a negligência do Estado no tratamento dos encarcerados.

Durante as entrevistas, alguns usuários mencionaram problemas referentes à infraestrutura e à segurança dentro do Parque. Foram relatadas insatisfações quanto à administração, necessidade de manutenção em equipamentos e instalações e demanda por novas quadras.

[103] Dos entrevistados, 20% relatou incômodo com problemas de infraestrutura do Parque da Juventude.



[104] Ao longo do questionário, 17,2% das pessoas relatou questões de segurança no Parque da Juventude, com a ocorrência de assaltos e furtos.



Apesar das menções acerca da violência, nenhum dos entrevistados relatou ter sido vítima de assaltos ou furtos no Parque. Existiria, então, um estigma associado à área, cujas raízes são a Detenção? Ou seria de fato um local com elevadas ocorrências de delitos?

Segundo pesquisa, a área parece ter enfrentado ondas de assaltos e furtos ao longo dos anos - que, inclusive, foram a justificativa da redução do horário de funcionamento do Parque da Juventude. Entretanto, tais ocorrências não necessariamente eliminam a hipótese de um preconceito originado na pré-existência.

### Casos de furtos aumentam 25% na região de Etec da Zona Norte de SP e alunos se preocupam

Número de ocorrências passou de 1.984, em 2018, para 2.480, em 2019.

Por Felipe Guedes, Bom Dia SP — São Paulo  
08/10/2019 08h26 · Atualizado há 2 anos



[105] Reportagem do G1 do dia 08/10/2019, sobre o aumento dos furtos próximos à ETEC Parque da Juventude.

02/08/2016 13h58 · Atualizado em: 02/08/2016 14h11

### Imagens mostram assalto no Parque da Juventude, na Zona Norte de SP

Frequentadores relatam assaltos e arrastões com pessoas armadas à noite. Parque reduziu horário de funcionamento e fechará às 19h.

[106] Reportagem do G1 do dia 02/08/2016, sobre assaltos no Parque da Juventude.



#### Bom para assaltos

Avaliação sobre Parque da Juventude

●●●●● Publicada 18 de julho de 2016

Rio de Janeiro, RJ  
3 7

Fui na esperança de um dia tranquilo, porém descobri que o parque possui ladrões passeando armados tranquilamente sem nada ser feito contra.

Fiquem longe e procurem um parque seguro, pois esse não possui segurança alguma.

Data da experiência: julho de 2016

Peça informações para André P sobre Parque da Juventude.

7 Obrigado

Esta avaliação representa a opinião subjetiva de um membro do programa TripAdvisor e não da TripAdvisor LLC.

Veja todas as 177 avaliações

[107] Avaliação deixada por um visitante no site *TripAdvisor*, relatando sua experiência.





#### Sensação de insegurança

ago de 2019 • Família

Muitos noios. O parque é bem bonito um gramado impecável. Mas não me senti segura. Fui em um domingo. Quando estávamos indo embora chegou uma va da polícia. Mesmo assim, não voltarei lá. Uma pena. Um parque plano, mas não gostei.

Feito em 20 de agosto de 2019

Esta avaliação representa a opinião subjetiva de um membro da TripAdvisor, e não da TripAdvisor LLC.

[108] Avaliação deixada por uma visitante na plataforma *TripAdvisor*. A sensação de insegurança relatada está diretamente associada a um preconceito. O que ela considera um *nóia*?

No equacionamento, o Parque da Juventude - da forma como ele se encontra - advoga a favor de um apagamento da tragédia. Entretanto, a sua existência não é, em si, um impeditivo: poderiam ser introduzidos elementos e ações em favor da preservação das memórias da Casa de Detenção.

A transformação do Parque em um lugar de memória implica a realização de um trabalho em cima desse espaço, a fim de proporcionar as ferramentas adequadas para a apreensão e para o conhecimento acerca da verdade. A sua contextualização dentro eventos é essencial, para que a profundidade das marcas ali deixadas seja compreendida dentro de um processo mais amplo e não apenas fruto de um evento accidental.

A presença de um espaço memorial, uma melhor sinalização dos vestígios materiais - indicando, precisamente, o que são e o papel de cada um deles na construção dessa história - e a implantação de políticas públicas e de ações em favor da perpetuação da memória dos acontecimentos seriam medidas contundentes para suscitar reflexões mais profundas acerca do sistema penal e sobre como as políticas penais empregadas mais contribuem com os ciclos de violência e de desumanização do que de fato com a ressocialização dos encarcerados.

O tombamento se constituiu como um ato simbólico importante, considerando seu deferimento em 2019, posterior à conclusão e consolidação do Parque. A decisão, portanto, não decorreu da necessidade de impedir transformações na área, mas sim de reconhecer a sua importância histórica como um conjunto.

Entretanto, a preservação do espaço material não é, sozinha, capaz de explorar a extensão dos significados imbuídos ou o potencial reflexivo e pedagógico do Complexo Penitenciário do Carandiru. São necessárias ações coordenadas em cima desse bem, de preservação e de memorialização, para que haja a possibilidade de apreensão e de compreensão do espaço como um complexo, composto por camadas diversas, que se relacionam e continuam a produzir novos significados.







## referências bibliográficas

---

### **Livros, artigos científicos, teses e trabalhos de conclusão**

AMARAL, Cláudio do Prado. Prisões desativadas, museus e memória carcerária. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 113, p. 289-334, 2016.

BIANCHINI, Douglas Alves. Do Carandiru ao Parque da Juventude: reconstrução da paisagem Urbana. Tese de doutorado: Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

BORGES, Viviane Trindade. Carandiru: os usos da memória de um massacre. *Revista Tempo & Argumento*, Florianópolis, v.8, n. 19, p. 04 -33. Set/dez, 2016.

BORGES, Viviane Trindade. O Patrimônio cultural e as prisões: apagamentos e silenciamentos. *História: Questões e Debates*, Curitiba, v.65, n. 1, p. 285 -303. Jan/Jun, 2017.

BORGES, Viviane Trindade. Memória pública e patrimônio prisional: questões do tempo presente. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 310 -332, jan./mar. 2018.

BORGES, Viviane, SANTOS, Myrian Sepúlveda. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p 237-240.



BORGES, Viviane Trindade; SANTOS, Myrian Sepúlveda. O patrimônio prisional: estética do sofrimento, fetiche e reflexão. *Todas as Artes*, v. 2, n. 1, 2019.

CALLIARI, Mauro. O Parque da Juventude: o poder da ressignificação. Disponível em < <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/14.162/5213?page=3>>. Acesso em 19 abr 2022.

CAMPOS, C. M., Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Ed. Senac, 1995.

CHIES, Luiz Antônio Bogo. As prisões em São Paulo: 1822-1940. SALLA, Fernando. *Sociologias*: Porto Alegre, n.11, p.328-342, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222004000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em Abr 2021.

CORDEIRO, Suzann. Arquitetura penitenciária: a evolução do espaço inimigo. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 059.11, Vitruvius, abr. 2005 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/480>

CYMBALISTA, Renato; FELDMAN, Sarah; KÜHL, Beatriz Mugayar. *Patrimônio Cultural: Memória e Intervenções Urbanas*. São Paulo: Annablume, 2017.

CYMBALISTA, Renato. *Guia dos lugares difíceis de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2019.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. Situação carcerária no Brasil: persistências autoritárias e recrudescimento punitivo. *Relatório de Direitos Humanos no Brasil (NEV-USP)*. São Paulo: 2021. Disponível em < [https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2021/11/2021-11\\_TextoNEV-RelatorioDH\\_CamilaNunesDias.pdf](https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2021/11/2021-11_TextoNEV-RelatorioDH_CamilaNunesDias.pdf)>. Acesso em 11 mai 2022

DOLFF-BONEKÄMPER, Gabi. Sites of memories and sites of discord: Historic Monuments as a medium for discussing conflict in Europe. In: *Forward Planning: the function of cultural heritage in changing Europe*. Experts' contribution. Council of Europe Publishing, 2001.

DOLFF-BONEKÄMPER, Gabi. Sites of hurtful memories. *The Getty Conservation Institute Newsletter*, vol. 17 ner. 2. Los Angeles, 2002, p. 4-10. Disponível em <[https://www.getty.edu/conservation/publications\\_resources/newsletters/17\\_2/feature.html](https://www.getty.edu/conservation/publications_resources/newsletters/17_2/feature.html)>

ENGBRUCH, Werner; SANTIS, Bruno Moraes Di. A evolução histórica do sistema prisional e a Penitenciária do Estado de São Paulo. 2012. *Revista Liberdades*. Disponível em: < [https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F174595%2Fmod\\_resource%2Fcontent%2F1%2F1.%20A%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20hist%C3%B3rica%20do%20sistema%20prisional%20e%20a%20Penitenci%C3%A1ria%20do%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F174595%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2F1.%20A%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20hist%C3%B3rica%20do%20sistema%20prisional%20e%20a%20Penitenci%C3%A1ria%20do%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.pdf)>. Acesso em abr 2021.

FAIR, Helen e ROY, Walmsley. *World Prison Brief: World Prison Population List*. Institute for Crime & Justice Policy Research (ICPR). 13th ed.

FERREIRA, Luisa M. A.; MACHADO, Marta R. de A.; MACHADO, Maíra Rocha. Massacre do Carandiru: vinte anos sem responsabilização. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 94, p. 05-29, Nov. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_rtttext&pid=S010133002012000300001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_rtttext&pid=S010133002012000300001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em abr 2021.

SILVA, Aline de Figueirôa.. *El Parque de la Juventud en São Paulo y el paisajismo contemporáneo en Brasil. Arquitectura y espacio urbano: Memorias del futuro*. 1ed. Bogotá: Fundación Rogelio Salmona: Alcaldía Mayor de Bogotá D.C., 2014, v. 1, p. 194-199.

GUMIERI, Júlia. Lugares de Memória: Um passeio pelos Conceitos. In: *Curso Lugares de Memória e Direitos Humanos no Brasil*, 01 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/h?v=17Q0EHwbUTI&list=PLzQwpBwa0vdGXdxjvHsk9z9M0cODvYTOK&index=8>>

HATUKA, Tali. A obsessão com a memória: o que isso faz conosco e com as nossas cidades?. In: CYMBALISTA, Renato; FELDMAN, Sarah; KÜHL, Beatriz Mugayar. *Patrimônio Cultural: Memória e Intervenções Urbanas*. São



Paulo: Annablume, 2017.

INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM DIREITOS HUMANOS DO MERCOSUL (IPPDH). Princípios Fundamentais para as políticas públicas sobre lugares de memória. Mercosul, 2012. Disponível em: < [https://www.ippdh.mercosur.int/wp-content/uploads/2014/11/Sitios\\_de\\_memoria\\_FINAL\\_PR\\_INTERACTIVO.pdf](https://www.ippdh.mercosur.int/wp-content/uploads/2014/11/Sitios_de_memoria_FINAL_PR_INTERACTIVO.pdf)>

LADD, Brian. The Ghosts of Berlin: Confronting German History in the urban landscape. University Chicago Press, 1998, p. 11

LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de. The social role of the penitentiary space. 2005. 169 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.

LODI, Letícia Takeda. O Concurso Público no Projeto Urbanístico: São Paulo, 1998 -2004. Orientador: Bruno Roberto Padovano. 2008. 256 fl. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MACDONALD, Sharon. Difficult Heritage: Negotiating the Nazi past in Nuremberg and beyond. Nova York: Routledge, 2009.

MASSMANN, Débora. Versões controversas na leitura de arquivos: o Museu Penitenciário Paulista. Vol. 24. Campinas, SP: Revista RUA, 2018.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônios Sombrios (difíceis) In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p 245-248

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Ouro Preto, Minas Gerais, 2009.

MENESES, Ulpiano. A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcances

na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: Patrimônio: atualizando o debate. São Paulo: 9.SR/IPHAN, 2006, p. 33-76

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, v. 1, p. 25-39, 2009.

NEVES, Deborah Regina Leal. A persistência do passado: patrimônios e memoriais da ditadura em São Paulo e Buenos Aires. São Paulo: Alameda, 2018.

PEDROSO, Regina Célia. Abaixo os direitos humanos! A história do massacre de cento e onze presos na Casa de Detenção de São Paulo. Revista Liberdades. Publicação Oficial do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, n. 9. Jan./abr., 2012.

RODRIGUES, Cristiana Gonçalves Pereira. Concursos Públicos Urbanos 1989 -1994: Projetos de Fragmentos da Cidade. Orientador: Antônio Cláudio M. L. Moreira. 2007. 214 fl. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Planejamento Urbano e Regional, Departamento de Projeto, Universidade de São Paulo, 2007.

RAHHAL, Daniela. “Uma reflexão sobre a importância do patrimônio carcerário como herança cultural brasileira.” Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina Vol. 25 n.3, 2020, p.531-536.

ROLNIK, Raquel; BOLAFFI, Gabriel. Cada um no seu lugar; sao paulo inicio da industrializacao: geografia do poder. 1981.Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

ROLNIK, R. . São Paulo, início da industrialização: o espaço é político . In: Lúcio Kowarick. (Org.). As Lutas Sociais e a Cidade. São Paulo: Paz e Terra / UNRISD, 1988, Referências adicionais: Brasil/Português; Meio de divulgação: Impresso.

SALLA, Fernando. As Prisões no Brasil, 1822 – 1940. Annablume: São Paulo, 1999.



SÃO PAULO. Secretaria do Estado de Cultura. Resolução No38/CONPRESP/2018. Disponível em: [http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/doflash/prototipo/2020/Fevereiro/19/cidade/pdf/pg\\_0013.pdf](http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/doflash/prototipo/2020/Fevereiro/19/cidade/pdf/pg_0013.pdf)

SANTOS, Myrian Sepulveda dos. RUÍNAS E TESTEMUNHOS: o lembrar através de marcas do passado. Revista de Ciências Sociais, n. 39, Outubro de 2013, pp. 221-239

SOARES, Inês Virginia Prado e CUREAU, Sandra. Bens Culturais e Direitos Humanos. Edições Sesc: São Paulo. 2015.

Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. Divisão de Preservação. Seção Técnica de Levantamentos e Pesquisa. Histórico da Penitenciária do Estado. São Paulo, 2005

SEGAWA, Hugo. Construção de Ordens: um aspecto da arquitetura no Brasil, 1808-1930. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

SILVA, Leonardo Marques. Santana e as margens do Tietê: as ligações físicas entre o bairro e a cidade (1865 a 1942). Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História)

SIMÕES Junior, José Geraldo. “Os primeiros projetos para o Vale do Anhangabaú e a origem do urbanismo paulistano”; “A realização dos melhoramentos na região do Anhangabaú” In: \_\_\_\_\_, Anhangabaú. História e urbanismo. São Paulo: Senac, 2004, p. 82-135 e p. 137-164.

SISDEPEN. Departamento Penitenciário Nacional. Disponível em < <https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen>>. Acesso em 10 abr 2022

STRANGE, Carolyn; KEMPA, Michael. Shades of dark tourism: Alcatraz and Robben Island. Annals of tourism research, v. 30, n. 2, p. 386-405, 2003.

THIESEN, I. Informação, memória e espaço prisional no rio de janeiro. Data Grama Zero, v. 4, n. 1, 2003

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. O bairro de Santana. São Paulo: DPH, 1971.

VARELLA, Dráuzio. Estação Carandiru. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

‘Não admito interferência de ninguém no Condephaat’, diz presidente do conselho. O Estado de Minas. Disponível em < [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/08/07/interna\\_nacional,1075587/nao-admito-interferencia-de-ninguem-no-condephaat-diz-presidente-do.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/08/07/interna_nacional,1075587/nao-admito-interferencia-de-ninguem-no-condephaat-diz-presidente-do.shtml)>. Acesso em 10 de abr 2022.

## Documentos sonoros e audiovisuais

509-E, AUGUSTO, Cristian de Souza (Afro-X). Carta à Sociedade. In: Provérbios 13. Atracção: São Paulo, 2000.

MANO A MANO. Entrevistado: Dráuzio Varella. Entrevistador: Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown). Spotify Studios, 02 set 2021. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/0hqJC3rffbN03SwSNWFHGX>. Acesso em 22 dez 2021.

A Questão Humanitária - Museu Penitenciário Paulista. Disponível em < [youtube.com/watch?v=4bAtakuIVYQ&t=30s](https://www.youtube.com/watch?v=4bAtakuIVYQ&t=30s)>. Acesso em 02 de mai 2022

MODUS OPERANDI: #100 - O Massacre do Carandiru. Locução: Marina Bonafé e Carolina Moreira. Entrevistado: Dráuzio Varella. 30 dez 2021. Disponível em: < <https://www.modusoperandipodcast.com/episodios/ep100-massacredocarandiru>>

IN CASU: O Massacre do Carandiru. Locução: Bruno Gentile. dez 2020. Disponível em < <https://open.spotify.com/episode/3gC8BujhWIPyENP6E82Nr3>>

THE CRIME BRASIL: O Massacre do Carandiru: o



fim da prisão modelo. Locução: Thayná Bavaresco. Disponível em: < <https://open.spotify.com/episode/3gC8BujhWiPyENP6E82Nr3>>.

NEVES, Deborah Regina Leal. Lugares de Memória e Patrimônio Cultura. In: Curso Lugares de Memória e Direitos Humanos no Brasil, 18 de junho de 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=TbyejAZFYow>>

RACIONAIS MC'S, PRADO, Jocenir, Diário de um detento. In: Sobrevivendo ao inferno. São Paulo: Cosa Nostra: 1997.

### Fontes de pesquisa

SÃO PAULO. Processo CONPRESP 1997-0.125.758-8 Tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico, 1997

Resolução n38/CONPRESP/2018. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2018w.

Dossiê Preliminar, nº 00816/02. CONDEPHAAT. São Paulo: Secretaria de Cultura, 2002.

### Índice de imagens

[01] Trecho do jornal A Província de São Paulo do dia 05 de maio de 1888. Acervo do jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18880505-3929-nac-0001-999-1-not>> . Acesso em 22 dec 2021.

[02] Reprodução da Planta Geral da Capital de São Paulo, feita sob a direção do Dr. Gomes Cardim, - Intendente de Obras, em 1987. Biblioteca Digital Luso – Brasileira. Disponível em <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart71701/cart71701.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart71701/cart71701.jpg)>. Acesso em 22 dec 2021.

[03] Comitiva do Imperador Dom Pedro II passa pela Ponte

Grande, em 1865. Foto: Militão Augusto de Azevedo. Acervo O Estado de São Paulo. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-ponte-grande,10992,0.html>>. Acesso em 20 dec 2021.

[04] Clube de Regatas de São Paulo. Foto: Guilherme Gaensly | Acervo do Museu Paulista da USP. Disponível em <[https://pt.wikibooks.org/wiki/As\\_fotografias\\_de\\_Guilherme\\_Gaensly\\_no\\_acervo\\_do\\_Museu\\_Paulista/Rio\\_Tiet%C3%AA,\\_Clube\\_de\\_Regatas\\_\(1\)](https://pt.wikibooks.org/wiki/As_fotografias_de_Guilherme_Gaensly_no_acervo_do_Museu_Paulista/Rio_Tiet%C3%AA,_Clube_de_Regatas_(1))>. Acesso em 16 dec 2021.

[05] Jornal O Estado de São Paulo de 07 de julho de 1909 noticia a implementação da Nova Penitenciária no bairro de Santana, Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/publicados/1909/07/07/g/19090707-11166-nac-0007-999-7-not-ppkkaa.jpg>>. Acesso em 22 dec 2021.

[06] Cartão postal da prisão de Fresnes. Acervo do Musée d'histoire de la justice, des crimes et des peines, da coleção de Christian Carlier. Disponível em <<https://criminocorpus.org/en/visites/en-prison/documents-relatifs-a-l-histor/cartes-postales-de-fresnes/>>. Acesso em 19 dec. 2021.

[07] Trecho da reportagem de capa do Estado de São Paulo, de 13 de maio de 1911 sobre a inauguração da nova Penitenciária. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/publicados/1911/05/13/g/19110513-11837-nac-0001-999-1-not-kapewaa.jpg>>. Acesso em 21 dec 2021.

[08] Mapa Topográfico do Municipio de São Paulo | SARA Brasil, folha 37, 1930. Disponível em <[http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx)>. Acesso em 23 dec 2021.

[09] Elevação de um dos pavilhões da Penitenciária do Estado, obtida no acervo do Museu Penitenciário Paulista. Disponível em < <https://saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>>. Acesso em 23 dec. 2021.

[10] Planta da Penitenciária do Estado publicada no jornal O Estado de São Paulo em 13 de maio de 1911. Disponível em < <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1911/05/13/g/19110513-11837-nac-0003-999-3->



not-wepewaa.jpg>. Acesso em 23 dec 2021.

[11] Fotografia do interior dos pavilhões, com os corredores das celas. < <https://saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>>. Acesso em 23 dec. 2021.

[12] Ateliê de artes da Penitenciária, acervo do Museu Penitenciário Paulista. < <https://saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>>. Acesso em 23 dec. 2021.

[13] Interior da cela da Penitenciária. Acervo do Museu Penitenciário Paulista. < <https://saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>>. Acesso em 23 dec. 2021.

[14] Enfermaria da Penitenciária do Estado. Acervo do Museu Penitenciário Paulista. < <https://saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>>. Acesso em 23 dec. 2021.

[15] Alfaiataria da Penitenciária do Estado, acervo do Museu Penitenciário Paulista. < <https://saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>>. Acesso em 23 dec. 2021.

[16] Reportagem de 30 de julho de 1933, acervo do jornal O Estado de São Paulo. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19330730-19558-nac-0001-999-1-not/busca/Impress%C3%B5es+Penitenciaria>>. Acesso em 25 dec 2021.

[17] Reportagem de 07 de agosto de 1951, acervo do jornal O Estado de São Paulo. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19560807-24927-nac-0005-999-5-not>>. Acesso em 23 dec 2021.

[18] Manchete de 07 de agosto de 1956, acervo do jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19560807-24927-nac-0005-999-5-not>>. Acesso em 23 dec. 2021.

[19] Reportagem de 04 de dezembro de 1959, acervo do jornal O Estado de São Paulo. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19591204-25951-nac-0012-999-12-not/busca/Problema+Penitenci%C3%A1rio>>. Acesso em 25 dec 2021.

[20] Reportagem de 09 de maio de 1956, acervo do jornal O Estado de São Paulo. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19560509-24850-nac-0014-999-14-not/busca/transfereencia+presos+Carandiru>>. Acesso em 27 dec 2021.

[21] Imagem aérea dos anos 2000 do perímetro do Complexo Penitenciário do Carandiru (SMDU/Geosampa). Disponível em: <[http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx)>. Acesso em 27 nov 2021

[22] Imagem aérea dos anos 2000 do perímetro do Complexo Penitenciário do Carandiru (SMDU/Geosampa). Disponível em: <[http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx)>. Acesso em 27 nov 2021.

[23] Imagem do interior de uma das celas da Casa de Detenção, a casa. Autora: Maureen Bisilliat. Disponível em: < <http://www.etecpj.com.br/memoria/foto/fotografia/M08.jpg>>. Acesso em 19 mai 2022.

[24] Imagem dos corredores e parte externa de uma das celas do pavilhão 5. Autor: Andreas Heiniger. Disponível em: < <http://www.etecpj.com.br/memoria/foto/fotografia/fotoAndreas051.jpg>>. Acesso em 19 mai 2022.

[25] Fotografia tirada em uma das inúmeras partidas de futebol dentro da Casa de Detenção. Autor: João Wainer. Disponível em < <http://www.etecpj.com.br/memoria/foto/fotografia/scan-001.jpg>>. Acesso em 19 mai 2022.

[26] Reportagem de capa de 04 de outubro de 1992, do jornal Diário Popular, anunciando a morte oficial de 111 pessoas. Disponível em < <http://jornalguardado.blogspot.com/1992/10/1992-o-massacre-do-carandiru.html>>. Acesso em 10 nov 2021.

[27] Capa do caderno Cidades de 05 de outubro de 1992, acervo do jornal O Estado de São Paulo. Disponível em < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19921005-36146-nac-0017-cid-1-not>>. Acesso em 10 nov 2021.

[28] Reportagem do Jornal do Brasil de 04 de outubro de 1992, Disponível em < <https://e-professorjulio.webnode>.



com.br/\_files/200000151-06fdb08f1d/carandiru-jornal-do-brasil.png>. Acesso em 10 nov 2021.

[29] Reportagem de capa de 04 de dezembro de 1992, acervo do jornal Folha de São Paulo. Disponível em < <https://acervo.folha.com.br//leitor.do?numero=11836&anchor=4928065> >. Acesso em 10 nov 2021.

[30] Placa do Pavilhão 9 da Casa de Detenção Flamínio Favero, exposta no Museu Penitenciário Paulista. Acervo pessoal.

[31] Reportagem de 18 de julho de 2005, acervo do jornal O Estado de São Paulo. Disponível em < <https://acervo.estadao.com.br/publicados/2005/07/18/g/20050718-40816-nac-28-cid-c4-not-hwgkawq.jpg> >. Acesso em 10 nov 2021

[32] Grafite no exterior da ETEC Parque da Juventude, em menção à rua 10. Acervo pessoal.

[33] Reportagem de 02 de outubro de 2002, acervo do O Estado de São Paulo. Disponível em < <https://acervo.estadao.com.br/publicados/2002/10/02/g/20021002-39796-spo-47-cd2-d10-not-qphkxpx.jpg> >. Acesso em 20 abr 2022.

[34] Reportagem de 02 de outubro de 2002, acervo do O Estado de São Paulo. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/publicados/2002/10/02/g/20021002-39796-spo-47-cd2-d10-not-qphkxpx.jpg>>. Acesso em 20 abr 2022.

[35] Imagem da fachada do edifício da Penitenciária do Estado, contida na Exposição de Motivos do processo 1997-0.125.758.8.

[36] Reportagem do dia 15 de setembro de 2019, acervo do jornal Folha de São Paulo.

[37] Reportagem do dia 24 de março de 2020, do Diário do Rio. Disponível em < <https://diariodorio.com/marcelo-biaro-novo-carandiru-sera-em-bangu/> >. Acesso em 9 mai 2022.

[38] Imagem aérea do perímetro de tombamento estabelecido pelo Decreto no38/CONPRESP/2018, em 2019. Fonte: Google Earth.

[39] Mapa da resolução no38/CONPRESP/2018 de tombamento do Complexo Penitenciário do Carandiru. Disponível em: <[http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/nav\\_v5/index.asp?c=1&e=20200306&p=1](http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/nav_v5/index.asp?c=1&e=20200306&p=1)>. Acesso em 06 abr 2022.

[40] Reportagem do Jornal Folha de São Paulo, de 25 de junho de 1996. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/publicados/1996/06/25/g/19960625-37505-nac-0029-cid-c9-not-kxgsqsp.jpg>>. Acesso em 06 abr 2022.

[41] Reportagem do Jornal Gazeta da Zona Norte anexada ao processo, cuja data é indeterminada.

[42] Reportagem do Jornal Folha de São Paulo, de 14 de outubro de 1997. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/or.o?numero=13672&anchor=4891818&origem=busca&originURL=&pd=27e7fc1e3807574bf3b4a99bdc5634b4>>. Acesso em 06 abr 2022.

[43] Reportagem do Jornal Folha de São Paulo, de 17 de julho de 2005. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=16505&anchor=5331353&origem=busca&originURL=&pd=ced18deede5cea0a5f4b7e386ca1bcf6>>. Acesso em 06 abr 2021.

[44] Reportagem do dia 21 de setembro de 2002, retirada do acervo do Jornal O Estado de São Paulo. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20020921-39785-nac-54-cd2-d2-not>>. Acesso em 06 abr 2022.

[45] Mapa da área do Complexo Penitenciário no início do ano 2000. Base: Google Earth e Mapa final da Resolução 38/CONPRESP/2018.

[46] Reprodução do croqui de perímetro de tombamento sugerido, de 16/02/2018, anexo à folha 751 do processo. Base: Resolução 38/CONPRESP/2018.

[47] Mapa correspondente à resolução de tombamento 38/CONPRESP/2018, aprovada em 2018, . Base: Resolução 38/CONPRESP/2018.

[48] Mapa final da Resolução 38/CONPRESP/2018, com a adição dos bens associados à Penitenciária do Estado



a partir de recurso deferido em 2020. Disponível em: <[http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/nav\\_v5/index.asp?c=1&e=20200306&p=1](http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/nav_v5/index.asp?c=1&e=20200306&p=1)>. Acesso em 06 abr 2022.

[49] Guichê nº 00816/02, consulta efetuada no dia 06 de abril de 2022. Acervo pessoal.

[50] Fachada do edifício do Museu Penitenciário Paulista, localizado na Av. Zaki Narchi, 1207. Acervo pessoal.

[51] Códigos vivos em corpos aprisionados expõe o papel da tatuagem dentro do universo carcerário. Acervo pessoal.

[52] Ficha de matrícula de João Acácio Pereira da Costa, conhecido como o Bandido da Luz Vermelha. Acervo pessoal.

[53] Cordas produzidas no interior da Casa de Detenção, a partir de materiais diversos, para a fuga dos detentos. Acervo pessoal.

[54] Parte externa da exibição dedicada à arquitetura prisional, à progressão das penas e aos diferentes tipos de instituições penais. Acervo pessoal.

[55] Sob o painel que trata da implosão dos pavilhões, reside uma pilha de escombros ditos ser de uma das edificações, completamente descontextualizados e vazios de significado. Acervo pessoal.

[56] Grafite no edifício da ETEC Parque da Juventude (antigo pavilhão 07). Fim ao cárcere e à opressão. Acervo pessoal.

[57] Interior da ETEC Parque da Juventude, antigo pavilhão 7, que abriga o Espaço Memória Carandiru. Acervo pessoal.

[58] Reportagem do dia 08 de outubro de 2000 do jornal O Estado de São Paulo mostrando o trabalho de Sophia Bisilliat na Casa de Detenção. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/publicados/2002/10/02/g/20021002-39796-spo-47-cd2-d10-not-qphkxpx.jpg>>. Acesso em 10 abr 2022.

[59] Interior do Espaço Memória Carandiru. Acervo pessoal.

[60] Reprodução do interior de uma cela da Casa de Detenção, configurado pelos alunos do curso de Museologia da ETEC. Acervo pessoal.

[61] Foto de uma placa sobre vestígios da ocupação indígena na prisão de Alcatraz, ocorrida na década de 70. Disponível em <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Occupation\\_d%27Alcatraz#/media/Fichier:Alcatraz\\_Island\\_01\\_Prison\\_sign.jpg](https://fr.wikipedia.org/wiki/Occupation_d%27Alcatraz#/media/Fichier:Alcatraz_Island_01_Prison_sign.jpg)>. Acesso em 23 abr 2022.

[62] Detentos caminhando em direção ao pátio de recreação. Acervo do Golden Gate National Recreational Area, GGNRA, Park Archives, GOGA-3264. <<https://www.nps.gov/media/photo/gallery-item.htm?pg=431309&id=1D169D25-E71F-C931-FD1909B00AA89EA6&gid=8E9E3257-155D-4519-3E625AA172220D4D>>. Acesso em 23 abr. 2022.

[63] Foto aérea da Ilha de Alcatraz, 1950. Acervo do Golden Gate National Recreational Area, GGNRA, Park Archives, GOGA-3390-022. Disponível em: <<https://www.nps.gov/media/photo/gallery-item.htm?pg=431309&id=FB063F07-155D-4519-3E6F6774009C9029&gid=8E9E3257-155D-4519-3E625AA172220D4D>>. Acesso em 23 abr. 2022.

[64] Crianças indígenas brincando em um equipamento do Departamento de Justiça abandonado em Alcatraz, 1970. Autor: Ilka Hartmann. Disponível em: <<https://medium.com/@brookpete/photographing-the-indian-occupation-of-alcatraz-an-interview-with-ilka-hartmann-6bf-b4a722e1e>>. Acesso em 23 abr de 2022.

[65] Não Desistiremos. Jovens indígenas momentos antes da sua remoção de Alcatraz, em 1971. À esquerda, Oohosis, um Cri, do Canadá. À direita, Peggy, uma Sioux de Montana. Autor: Ilka Hartmann. Disponível em: <<https://medium.com/@brookpete/photographing-the-indian-occupation-of-alcatraz-an-interview-with-ilka-hartmann-6bf-b4a722e1e>>. Acesso em 23 abr de 2022.

[66] Robben Island, portal de entrada Autor: Francesco Bandarin Copyright: © Unesco. Disponível em <<https://>>



commons.wikimedia.org/wiki/File:Robben\_Island-113362.jpg>. Acesso em 23 abr 2022.

[67] Robben Island, interior das celas. Autor: Tui De Roy  
Copyright: © OUR PLACE The World Heritage Collection.  
Disponível em <[whc.unesco.org/en/documents/130076](http://whc.unesco.org/en/documents/130076)>.  
Acesso em 23 abr 2022.numero=13672&anchor=4891818&-  
origem=busca&originURL=&pd=27e7fc1e3807574bf-  
3b4a99bdc5634b4>. Acesso em 06 abr 2022.

[68] Mapa do Complexo Penitenciário do Carandiru, em 2000. Base: Google Earth e Mapa final da Resolução 38/CONPRESP/2018.

[69] Reportagem do jornal O Estado de São Paulo, do dia 02 de setembro de 1998, sobre o concurso para a área do Carandiru. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19980902-38305-nac-0022-cid-c6-not/busca/Concurso+Carandiru>>. Acesso em 03 jul 2022.

[70] Plano diretor do projeto de Paulo Bastos para a área do Carandiru. Disponível em <<http://www.arquitetopaulobastos.com.br/projeto.php?id=4>>. Acesso em 01 jul 2022.

[71] Croqui do projeto de Paulo Bastos para a área do Carandiru. Destaque para o marco de aço que origina uma cobertura translúcida na praça de eventos. Disponível em <<http://www.arquitetopaulobastos.com.br/projeto.php?id=4>>. Acesso em 01 jul 2022.

[72] Pavilhão dedicado ao Memorial do Carandiru, localizado próximo à Av. Cruzeiro do Sul. Disponível em <<http://www.arquitetopaulobastos.com.br/projeto.php?id=4>>. Acesso em 01 jul 2022.

[73] Cortes do projeto de Paulo Bastos, nas áreas do Centro de Convenções e dos pavilhões. Dos três primeiros colocados, é o único projeto que prevê usos subterrâneos. Disponível em <<http://www.arquitetopaulobastos.com.br/projeto.php?id=4>>. Acesso em 01 jul 2022.

[74] Maquete do projeto de Mario Biselli para a área do Carandiru, categorizando o programa em faixas. Cortesia do escritório Biselli Katchborian Arquitetos Associados.

[75] Diagrama do projeto de Mario Biselli para a área do Carandiru. Cortesia do escritório Biselli Katchborian Arquitetos Associados.

[76] Perspectiva do projeto de Mario Biselli para a área do Carandiru, com vista para a faixa esportiva, faixa cultural e lago central. Cortesia do escritório Biselli Katchborian Arquitetos Associados.

[77] Corte AA do projeto de Mario Biselli para a área do Carandiru. Cortesia do escritório Biselli Katchborian Arquitetos Associados.

[78] Reportagem do acervo do jornal O Estado de São Paulo, do dia 06 de julho de 1999, sobre o vencedor do concurso de reurbanização do Carandiru. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19990706-38612-spo-0020-cid-c4-not/busca/Carandiru>>. Acesso em 03 jul 2022.

[79] Plano geral do projeto vencedor do concurso, propondo o aproveitamento de diversas edificações existentes. Base: Google Earth e Mapa final da Resolução 38/CONPRESP/2018.

[80] Plano geral do vencedor, retirado das pranchas do concurso (LODI, 2008, p.54). A peça apresenta uma comparação entre as áreas do novo Parque proposto e do Ibirapuera. Disponível em <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-29032010-151630/publico/Diss\\_Leticia\\_Takeda\\_Lodi.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-29032010-151630/publico/Diss_Leticia_Takeda_Lodi.pdf)>. Acesso em 20 mai 2022.

[81] Acesso do Parque a partir da Av. Cruzeiro do Sul, com os dois edifícios da ETEC à direita. Acervo pessoal.

[82] Interior da ETEC Parque da Juventude, antigo pavilhão 7, que abriga o Espaço Memória Carandiru. Acervo pessoal.

[83] Deck entre reminiscências de um edifício nunca finalizado, construído para expandir a Casa de Detenção. Acervo pessoal.

[84] Deck entre pórticos remanescentes de um edifício nunca



finalizado da Casa de Detenção. Acervo pessoal.

[85] Quadras poliesportivas e os alambrados, dispostos em planos paralelos. Ao fundo, muro que divide o Parque da Penitenciária Feminina da Capital - da qual nota-se apenas a caixa d'água. Acervo pessoal.

[86] Detalhe dos alambrados das quadras. Acervo pessoal.

[87] Escada de aço corten, com degraus de madeira, que dá acesso à passarela - antiga muralha da Penitenciária do Estado.

[88] Passeio sobre remanescentes da muralha da Penitenciária do Estado. Acervo pessoal.

[89] Corte do projeto do escritório Rosa Grena Kliass da escada e passarela da muralha da Penitenciária do Estado. Rosa Grena Kliass (autora); José Luiz Brenna (co-autor); Alessandra da Silva, Gláucia Pinheiro e Mauren Oliveira (colaboradoras). Disponível em < <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/14.162/5213?page=3>>. Acesso em 19 abr 2022.

[90] Pórticos e passeio sobre Deck de madeira por entre as tipuanas. Acervo pessoal.

[91] Reportagem de 16 de setembro de 2005 do acervo do Jornal O Estado de São Paulo. Inicialmente, o Parque da Juventude estaria aberto ao público 24h, mas alegando problemas de segurança, a administração do Parque limitou o horário de funcionamento das 6h às 19h. Disponível em < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20050916-40876-spo-79-szn-zn6-not/busca/Parque+Juventude>>. Acesso em 03 jul. 2022.

[92] Modelo de questionário aplicado.

[93] Sexo: 26% dos entrevistados são do sexo feminino e 74% do sexo masculino

[94] Faixa etária: 3% dos entrevistados tinham até 14 anos; 26% entre 15-19 anos; 43% entre 20-29 anos; 7% entre 30-39 anos; 13% entre 40-49 anos e 8% entre 50-59 anos.

[95] Escolaridade: 12% apresentaram ensino fundamental incompleto; 7% ensino fundamental completo; 18% ensino médio incompleto; 16% ensino médio completo; 16% ensino superior incompleto e 31% ensino superior completo.

[96] Frequência: 30% declararam ir ao Parque 1-2 vezes por semana; 21% declararam ir mais de 3 vezes por semana; 18% declararam ir mensalmente e 31% declararam ir raramente ao Parque.

[97] PJ e Casa de Detenção: 11% citaram a Casa de Detenção quando perguntados acerca das lembranças evocadas pelo Parque da Juventude.

[98] O Peregrino, monumento doado pelo governo de Castilla y León, Espanha, para homenagear as pessoas que percorrem o Caminho de Santiago de Compostela. Acervo pessoal.

[99] Monumento doado pela fundação Mario Covas, em homenagem aos 15 anos da morte do ex-governador. Denominado Sonho de Liberdade, marca a localização do antigo Pavilhão 9. A homenagem ao Acervo pessoal.

[100] Monumento Marco da Paz. Acervo pessoal.

[101] Associação “Carandiru” e Casa da Detenção: 26% não associaram e 74% fizeram essa associação.

[102] Em resposta à pergunta, 66% revelaram saber da existência da Penitenciária Feminina, 18% desconheciam essa informação. Para 16% dos entrevistados, essa pergunta não foi realizada.

[103] Vídeo na plataforma Youtube reportagem da RedeTV no Parque da Juventude, com participação de uma Sensitiva revela o estigma que esse espaço carrega. Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=8\\_uo4tsRG9U](https://www.youtube.com/watch?v=8_uo4tsRG9U)>. Acesso em 03 jul. 2022.

[104] Comentários de um vídeo da plataforma Tiktok, com mais de 511.000 de curtidas, sobre o Massacre do Carandiru. Disponível em: < <https://vm.tiktok.com/ZMNS5Uk9Q/?k=1>>. Acesso em 03 jul. 2022.



[105] Dos entrevistados, 20% relatou incômodo com problemas de infraestrutura do Parque da Juventude.

[106] Ao longo do questionário, 17,2% das pessoas relatou questões de segurança no Parque da Juventude, com a ocorrência de assaltos e furtos.

[107] Reportagem do G1 do dia 08/10/2019, sobre o aumento dos furtos próximos à ETEC Parque da Juventude. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/10/08/casos-de-furtos-aumentam-25percent-na-regiao-de-etec-da-zona-norte-de-sp-e-alunos-se-preocupam.ghml>>. Acesso em 03 jul. 2022.

[108] Reportagem do G1 do dia 02/08/2016, sobre assaltos no Parque da Juventude. Disponível em < <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/imagens-mostram-assalto-no-parque-da-juventude.html>>. Acesso em 03 jul. 2022.

[109] Avaliação deixada pelo usuário André no site TripAdvisor, relatando sua experiência. Disponível em < [https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303631-d6109586-r393740617-Parque\\_da\\_Juventude-Sao\\_Paulo\\_State\\_of\\_Sao\\_Paulo.html](https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303631-d6109586-r393740617-Parque_da_Juventude-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html)>. Acesso em 03 jul. 2022.

[110] Avaliação deixada pela usuária Rose651 na plataforma TripAdvisor. A sensação de insegurança relatada está diretamente associada a um preconceito. O que ela considera um *nóia*?. Disponível em < [https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303631-d6109586-r701233563-Parque\\_da\\_Juventude-Sao\\_Paulo\\_State\\_of\\_Sao\\_Paulo.html](https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303631-d6109586-r701233563-Parque_da_Juventude-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html)>. Acesso em 03 jul. 2022.









caderno de anexos

---

questionários





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Chaves

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☒ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☒ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Funcionário Público

Onde nasceu: Muriaé, MG

Onde mora: Tucuruvi, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

O passado foi triste. Eu morava aqui, e quando morava, odiava isso aqui, não gostava não, não sei porque. [...] Um belo dia falei, não vou tocar aqui em casa não, tá chato. Vim pra cá, trouxe o violão e fiquei tocando o dia inteiro.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Tem o lado ruim e o lado bom, mas pra mim é paz, amor, felicidade. Toda a felicidade da minha vida foi aqui.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

É o melhor lugar que existe aqui, na Zona Norte. Eu fico tocando violão aqui. Pra mim Santana é o coração.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Daniel

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Secretário

Onde nasceu: Jardim Brasil, São Paulo

Onde mora: Jardim Brasil, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Sword Play.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

A prisão que foi aqui, o evento do Carandiru. É porque eu gosto de história.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Um movimento um pouco estranho, mais tarde. O clima fica meio estranho. Mas não espírito! Gente viva! Gente morta não iria me roubar (risos).





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Ana

Data: 12/06/2022

Idade:

Sexo:

- ☐ Até 14 anos
- ☐ 15 – 19
- ☐ 20-29
- ☒ 30-39
- ☐ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

- ☒ Feminino
- ☐ Masculino

Escolaridade:

Profissão: Agente de Saúde

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☒ Ensino superior completo

Onde nasceu: São Luís, MA

Onde mora: Jaçana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☐ 3+ vezes por semana
- ☐ 1-2 vezes por semana
- ☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Lazer.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Lembra o presídio, né?

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu gosto, pra desestressar um pouco, curtir um ar livre.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Luís Fernando

Data: 12/06/2022

Idade:

Sexo:

- ☐ Até 14 anos
- ☒ 15 – 19
- ☐ 20-29
- ☐ 30-39
- ☐ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

- ☐ Feminino
- ☒ Masculino

Escolaridade:

Profissão: Estudante

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☒ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo

Onde nasceu: Belém, São Paulo

Onde mora: Brás, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☐ 3+ vezes por semana
- ☐ 1-2 vezes por semana
- ☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Penso em bebidas, porque tenho uns colegas da escola que se juntam para beber aqui, por isso associo com isso (risos).

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

O clube (de desbravadores)

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☒ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Sou de um clube de desbravadores, então venho com frequência. Acho agradável. Também venho aqui jogar bola, vôlei.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Maria Clara

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☒ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante

Onde nasceu: Centro, São Paulo

Onde mora: Zona Norte, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Primeiramente, vem assalto, porque é algo que muita gente tem falado, então fica na cabeça. Mas também lembro de quando eu vinha quando era criança.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

A prisão que tinha. É uma daquelas coisas que você só sabe.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Sempre que eu vim, nunca tive do que reclamar. Mas acho que sim, têm algumas coisas que poderiam ser melhoradas no visual.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Danillo

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Assistente comercial

Onde nasceu: Vila Ede, São Paulo

Onde mora: Vila Ede, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Lazer, descontração.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Aí é tristeza.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu gosto. É muito bom. Eu acho que é uma forma de pegar uma tragédia que acontecer e tentar reverter, de certa forma. Um dia, foi um lugar de muita tristeza, talvez de uma injustiça; agora, uma nova oportunidade, um recomeço. Mas a gente não se esquece.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Dionísio

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Administrador

Onde nasceu: Zona Oeste, São Paulo

Onde mora: Santana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Proximidade da minha casa.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Me remete ao presídio.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu gosto, tem possibilidade de praticar várias atividades. Caminhada, tem as quadras...



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Matheus

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Quadrinista

Onde nasceu: Vila Zilda, São Paulo

Onde mora: Vila Zilda, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Rolezinho romântico.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

A prisão. Minha irmã deve ter me contado, porque estudava aqui quando era mais nova.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu gosto. Queria que tivesse mais natureza, acho que existe muita quadra (risos).





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

**Nome:** Maria Eduarda

**Data:** 12/06/2022

**Idade:**

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

**Sexo:**

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

**Escolaridade:**

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☒ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

**Profissão:** Telemarketing

**Onde nasceu:** Vila Maria, São Paulo

**Onde mora:** Vila Maria, São Paulo

**Com que frequência vem ao Parque da Juventude?**

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☒ Mensalmente

**O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?**

Penso no nosso primeiro encontro, que foi aqui.

**O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?**

A catástrofe do Carandiru. Vi mais pela internet.

**Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?** ☒ Sim ☐ Não

**Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?** ☒ Sim ☐ Não

**O que você acha do Parque da Juventude?**

Eu gosto. Principalmente daquela parte onde tem o resto do presídio.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

**Nome:** José

**Data:** 12/06/2022

**Idade:**

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☒ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

**Sexo:**

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

**Escolaridade:**

- ☒ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

**Profissão:** Costureiro

**Onde nasceu:** Cajamarca, Peru

**Onde mora:** Armênia, São Paulo

**Com que frequência vem ao Parque da Juventude?**

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

**O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?**

Muito lindo. Muito gostoso. Muito verde. Muito divertido. Tenho uma filha no Peru e quero trazê-la aqui. Para que veja tudo isso.

**O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?**

O que é isso?

**Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?** ☐ Sim ☒ Não

**Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?** ☐ Sim ☒ Não

**O que você acha do Parque da Juventude?**

Gosto bastante. Muito lindo. Muito divertido.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Edinaldo

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Psicanalista

Onde nasceu: Niterói, RJ

Onde mora: Niterói, RJ

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Os parques, não apenas da minha cidade, mas de todo o Brasil, deveriam ter este como inspiração. Tão grande a magnitude, conservação e segurança. É um lugar que me faz pensar nos parques da Alemanha, que tem bastante infraestrutura.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Não só o nome do bairro, mas da estação de metrô, me remetem a uma catástrofe. Mostrou como é colapsante o sistema carcerário do Brasil, que não ressocializa ninguém. O problema do Brasil é esquecer da sua história.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

O terminal está bem aqui próximo, e, ao sair da estação, fica bem diante desse nome (Carandiru). Ele vai inevitavelmente se lembrar do que aconteceu. Não sei se seria uma boa ideia modificar o nome da estação. É uma forma de superar a crise. Aqui poderia ser feito algo. Aqui está sendo feita uma propaganda muito negativa, de um Massacre.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Wallace

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Analista Financeiro

Onde nasceu: Guarulhos, SP

Onde mora: Guarulhos, SP

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Diversão, descanso, esporte.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Essa é também uma das coisas que eu pensaria, né? Fico pensando como era aqui.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho legal. Só acho que deveria ter ponto de água, segurança. Antigamente tinha mais. Agora tem bem pouco.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Renata

Data: 12/06/2022

Idade:

Sexo:

- ☐ Até 14 anos
- ☐ 15 – 19
- ☐ 20-29
- ☐ 30-39
- ☒ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

- ☒ Feminino
- ☐ Masculino

Escolaridade:

Profissão: Advogada

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☒ Ensino superior completo

Onde nasceu: Vila Formosa, São Paulo

Onde mora: Tucuruvi, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☐ 3+ vezes por semana
- ☒ 1-2 vezes por semana
- ☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Vejo sol, grama, espaço pra correr, pras crianças correrem, andarem de bicicleta. É liberdade.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Infelizmente, lembro ainda do que ocorreu. De infelizmente termos perdido tantas vidas aqui. Então a gente fica triste nessa parte. E a gente gostaria de ver mais alegria por aqui. Porque infelizmente traz um pouco daquela lembrança, porque é muito vazio.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu gosto do espaço, mas acho que falta um pouco mais de cuidado, em relação a tudo. Ali, por exemplo, tem um lugar que tem um buraco. Precisa de um pouco mais de segurança também.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Isabella

Data: 12/06/2022

Idade:

Sexo:

- ☐ Até 14 anos
- ☒ 15 – 19
- ☐ 20-29
- ☐ 30-39
- ☐ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

- ☒ Feminino
- ☐ Masculino

Escolaridade:

Profissão: Aprendizagem em mercado

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☒ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo

Onde nasceu: Guarulhos, SP

Onde mora: Jaçanã, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☐ 3+ vezes por semana
- ☐ 1-2 vezes por semana
- ☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Gosto, porque aqui acho calmo. É legal para ter conexão com pessoas, natureza. Os animaisinhos que passam por aqui são muito bonitinhos. É bom, dá uma paz.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Aí já é meio complicado, meio triste. Meu pai é militar, a gente passou perto aqui, aí eu perguntei e ele me contou a história.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu gosto.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Ariane

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Gestora ambiental

Onde nasceu: Zona Norte, São Paulo

Onde mora: Zona Norte, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Penso que é muito preto e branco ainda. Falta muito verde. Me lembra muito a criminalidade também, que é muito perigoso.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Aí vem o presídio. Aí tem uma energia pesada. Que morreu muita gente. Mas a melhor coisa que eles poderiam ter feito aqui é um parque. É muito legal.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu gosto. A melhor coisa que poderiam ter feito aqui. Acho que falta um pouquinho de segurança e de manutenção, mas ele tá bem melhor já. Hoje vim depois de vários anos e gostei.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Débora

Data: 10/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Enfermagem

Onde nasceu: Vila Nova Cachoeirinha, São Paulo

Onde mora: Santana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Sol, passear, andar com o cachorro, aproveitar.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Presos.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho um parque muito bom. Pra todas as idades, criança, idoso, cachorro.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Nai

Data: 10/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☒ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Professor de inglês

Onde nasceu: Kuwait

Onde mora: Parada Inglesa, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Que tem que reformar.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Um pouco perigoso, para aquele lado (aponta para o lado do metrô).

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☐ Sim ☒ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

É bom para respirar, para ter paz. Precisa de umas reformas. E o presídio dá uma negatividade.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Johnny

Data: 10/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☒ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Soldador

Onde nasceu: Franco da Rocha

Onde mora: Santana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Lugar de descanso, lazer, que você pode se desconectar do caos metropolitano. Tem árvore, quadra pra fazer esporte, se conectar com a natureza, ouvir o som dos pássaros. Entrar em paz de espírito, acho um lugar bacana.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Já vem o sistema prisional mais conhecido, depois do filme. E ficou bem marcado, através da tragédia que aconteceu, depois do Massacre. Ficou bem marcado pro povo brasileiro. Uma mancha de sangue na questão social.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☒ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu não conhecida, vai fazer uma semana que conheci. Sempre tive uns amigos que falavam vamos no Parque da Juventude”. Mas a parte que eu conheço é a parte da educação, com a biblioteca, né, e a parte do esporte.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Paulo

Data: 10/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☒ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Barbeiro

Onde nasceu: Uruguaiana, Rio Grande do Sul

Onde mora: Santana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Ando de skate, uso bastante, de manhã e à tarde.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

To aqui há 12 meses, fiquei sabendo aqui do Massacre. Quem me contou foram os colegas skatistas.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☐ Sim ☒ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☒ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho muito bom, quadra de futebol, de tênis. Muito *daora*.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Felipe

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☒ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante

Onde nasceu: Pompéia, São Paulo

Onde mora: Pirituba, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Não gosto muito das quadras. Trocaram o aro do basquete e esse aro não é muito bom.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Perigo, por causa dos assaltos.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Gosto do Parque porque gosto da galera que vem jogar.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Felipe

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Analista

Onde nasceu: Arujá, São Paulo

Onde mora: Parada Inglesa, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Esportes.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

É. Vem o Massacre.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Precisa melhorar. Os equipamentos de esportes.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Daniel

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☒ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante

Onde nasceu: Vila Madeiros, São Paulo

Onde mora: Vila Madeiros, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Bastante esporte.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Penso em metrô, não sei.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☐ Sim ☒ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho bem legal. Só acho que deveria ter mais uma quadra de vôlei, porque aqui divide bastante.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Leandro

Data: 11/06/2022

Idade:

Sexo:

- ☐ Até 14 anos
- ☐ 15 – 19
- ☐ 20-29
- ☐ 30-39
- ☒ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

- ☐ Feminino
- ☒ Masculino

Escolaridade:

Profissão: Advogado

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☒ Ensino superior completo

Onde nasceu: Casa Verde, São Paulo

Onde mora: Vila Guilherme, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☒ 3+ vezes por semana
- ☐ 1-2 vezes por semana
- ☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Venho aqui pra ter segurança, um pouco de paz. Para distrair um pouco mesmo.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

É, ele tem uma história. Eu conheço, já na época que eu estudava, fazia faculdade de direito, acabei fazendo um estágio aqui. Era triste.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Ele é bonito, mas deixa a desejar em algumas coisas. Bebedouro, você só tem 01. Que nem, agora estou no caminho pra casa. Então agora ou eu não consigo beber água, ou tomo na rua.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Daniel

Data: 11/06/2022

Idade:

Sexo:

- ☐ Até 14 anos
- ☐ 15 – 19
- ☒ 20-29
- ☐ 30-39
- ☐ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

- ☐ Feminino
- ☒ Masculino

Escolaridade:

Profissão: Cozinheiro

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☒ Ensino superior completo

Onde nasceu: Campinas, SP

Onde mora: Jabaquara, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☒ 3+ vezes por semana
- ☐ 1-2 vezes por semana
- ☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Um lugar bonito, com bastante jovens. Um lugar pra se divertir, ficar tranquilo.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

É, é uma palavra mais pesada. Vem sofrimento, ódio, um pouquinho de coisas ruins.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho o Parque organizado. Falta um pouquinho de segurança, tem bastante furto, roubo. Então falta um pouco disso. Mas tirando isso, é um Parque bastante organizado.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Eduardo

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☒ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante

Onde nasceu: Guarulhos, SP

Onde mora: Guarulhos, SP

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Vim aqui para jogar.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Veio de primeira reforma.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?

☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?

☐ Sim ☒ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Como o resto de São Paulo, acho que está precisando de um pouco mais de cuidado.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Rivaldo

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☒ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☒ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estivador

Onde nasceu: Recife, PE

Onde mora: Santos, SP

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Só venho aqui visitar minha filha, que está detida na prisão. Esse parque aqui é bem conhecido. Pessoal de São Paulo fala muito bem daqui.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Só tristeza, viu?

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?

☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?

☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho o Parque bom. Bem seguro. Nunca ouvi ninguém falar mal desse parque.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Paula

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Assistente financeira

Onde nasceu: Zona Norte, São Paulo

Onde mora: Guarulhos, SP

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Real.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

São pontos negativos.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho que aqui falta segurança, vem diversas pessoas e a gente sabe que aqui é perigoso.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Gabriel

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☒ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estagiário na Câmara Municipal  
(Administrativo)

Onde nasceu: Zona Sul, São Paulo

Onde mora: Cambuci, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Esporte, andar de skate, jogar vôlei.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

É meio estranho, lembro de um caranguejo, não sei o porquê.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☐ Sim ☒ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☒ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho um Parque muito bonito, é bom de ficar, é bom de andar, é relaxante.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Natanael

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☒ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Montador

Onde nasceu: Piripiri, PI

Onde mora: Itaim Paulista, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Lazer, diversão.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Carandiru é prisão, daí não dá.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?

☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?

☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho legal. Mas só de passagem mesmo.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Carolina

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Gestão Ambiental

Onde nasceu: Sapopemba, São Paulo

Onde mora: Sapopemba, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Vários jovens.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Os acontecimentos, a prisão.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?

☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?

☐ Sim ☒ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Bem legal, bem espaçoso. Estava até comentando com meu namorado - é que agora está chovendo - mas imagino as pessoas correndo, brincando.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Gustavo

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☒ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☒ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante

Onde nasceu: Itaquera, São Paulo

Onde mora: Santana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Às vezes eu venho jogar ali no computador. Antes eu ia lá na ETEC, jogar lá, aí quando termino, volto pra Zaki e fico lá brincando.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Andar de metrô. Caminho.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?

- ☐ Sim ☒ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?

- ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Gosto, venho jogar bola, brincar. Ir lá pra quadra.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Felipe

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Militar

Onde nasceu: Vila Medeiros, São Paulo

Onde mora: Vila Medeiros, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Vejo a grande variedade de esportes, um lugar para relaxar, para se exercitar, de tudo.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Penso no Parque, mas também no evento que ocorreu aqui, que foi o Massacre do Carandiru

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?

- ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?

- ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho uma localidade boa, tem os dois presídios aqui do lado, mas acho que não afeta em nada. Acho um bom ponto, no centro de tudo, então acho bem benéfico.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

**Nome:** Felipe Augusto

**Data:** 11/06/2022

**Idade:**

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☒ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

**Sexo:**

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

**Escolaridade:**

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

**Profissão:** Servidor Público

**Onde nasceu:** Belo Horizonte, MG

**Onde mora:** Santana, São Paulo

**Com que frequência vem ao Parque da Juventude?**

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

**O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?**

Um lugar agradável de poder passear.

**O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?**

É um bairro bom, conheço aqui há muito tempo. Ainda tem um certo saudosismo, porque aqui começou o SBT. Então o Carandiru remete muito a isso. Sei da Casa de Detenção, mas isso não tira a beleza do Parque

**Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?** ☒ Sim ☐ Não

**Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?** ☒ Sim ☐ Não

**O que você acha do Parque da Juventude?**

É um parque muito bom sim.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

**Nome:** Allan

**Data:** 11/06/2022

**Idade:**

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☒ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

**Sexo:**

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

**Escolaridade:**

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

**Profissão:** Assistente de logística

**Onde nasceu:** Zona Leste, São Paulo

**Onde mora:** Zona Leste, São Paulo

**Com que frequência vem ao Parque da Juventude?**

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

**O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?**

Jovens.

**O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?**

Presídio e estação de metrô.

**Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?** ☒ Sim ☐ Não

**Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?** ☒ Sim ☐ Não

**O que você acha do Parque da Juventude?**

Vim aqui poucas vezes, mas acho um Parque bacana. Está sempre cheio, já joguei tênis aqui também.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Giovanna

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante

Onde nasceu: Pompéia, São Paulo

Onde mora: Pompéia, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Não faço ideia(risos). Mas vim ver meu namorado jogando bola (risos).

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Metrô.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Estou achando ótimo.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Renan

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☒ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Ajudante de motorista

Onde nasceu: Freguesia do Ó, São Paulo

Onde mora: Zona Leste, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Uma coisa de jovens, mas também de terceira idade. Uma coisa para todos. Mas talvez o nome não diga muito sobre isso.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Estava comentando agora com o rapaz que trabalha comigo aqui. Que estamos passando sobre o sangue das pessoas que foram assassinadas por aquela chacina que ocorreu, se não me engano, em 92. Então tem muitas coisas ruins, poucas boas.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

No geral, pra criançada, pra molecada de 15, 16 anos, eles veem aqui como uma boa opção esportiva, ou pra estudar.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Gabriel

Data: 11/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☒ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Atendente de restaurante

Onde nasceu: Jardim Fontalis, São Paulo

Onde mora: Vila Guilherme, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Tirar um lazer, distrair um pouco.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Lembro da cadeia, da Detenção.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu acho um Parque bem bom, quem quiser aproveitar, trazer os filhos. Passa polícia, viatura, direto.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Heitor

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☒ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Autônomo

Onde nasceu: Carandiru, São Paulo

Onde mora: Carandiru, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Lazer.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

História.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Olha, eu venho pouco agora, mas usei ele bastante.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Nayra

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☒ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Autônoma

Onde nasceu: Santana, São Paulo

Onde mora: Carandiru, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Passeio.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

A história toda que teve.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Tranquilo, contato com a natureza. Para mim é perfeito.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Wellington

Data: 12/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☒ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Analista de sistemas

Onde nasceu: Guarulhos, SP

Onde mora: Santana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Verde.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Presídio.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Um parque bem cuidado.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Renata

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante

Onde nasceu: Piracicaba

Onde mora: São Paulo, Cambuci

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Primeiro vem a ETEC, que é onde eu estudo. Depois vem um lugar que eu posso vir pra passear, pra fazer piquenique, um lugar teoricamente tranquilo. Mas tem pontos específicos que ainda tem uma energia bem pesada.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Primeiro me vem a prisão, óbvio. E depois o Parque.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Gosto bastante. Falam que é muito perigoso e tal, mas eu não acho tudo isso. É um lugar tranquilo.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Antônio

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☒ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Educador Social

Onde nasceu: Viçosa, Minas Gerais

Onde mora: Limão, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Carandiru. Presídio.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Os mortos que estão aqui enterrados.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

No geral, é um bom espaço, que conseguiu cobrir a história perfeitamente. Ninguém mais se recorda, muito pouco. Realmente, o espaço de estudo ali é perfeito, mas conseguiu o objetivo.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Moacir

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☒ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☒ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Autônomo

Onde nasceu: Adamantina, São Paulo.

Onde mora: Liberdade, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Descansar, tirar um pouco daquele “centrão” lá.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

A cadeira. E a morte

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Foi bom, sempre passo aqui porque pego o ônibus para Americana e metrô também. Mas é bom. Tira um pouco da cabeça do povo as coisas ruins. As vidas ruins.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Alex

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☒ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Desempregado

Onde nasceu: São Paulo

Onde mora: Zona Norte

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Só ficar em paz mesmo.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Tristeza, né. Porque meu pai também já foi preso aqui. É, só que foi bem depois do Massacre.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Aqui é bonito, bem espaçoso.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Lucas

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Profissional de TI

Onde nasceu: Osasco

Onde mora: Santana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Eu sei da história dele, da questão do presídio. Achei legal a ideia de terem revitalizado a área, terem construído as escolas, a biblioteca. Eu falei é um “plus” até morar aqui perto. Eu penso em área verde para esporte e atividade física.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Lembro do massacre.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

É minha primeira vez aqui. Até o momento, to gostando. Do plantio das árvores, do planejamento da entrada.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Ana

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☒ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Funcionária pública

Onde nasceu: São Paulo

Onde mora: Vila Maria, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Presídio. Meu pai trabalhou aqui (na Casa de Detenção, foi diretor).

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Filme.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Olha, falta muita coisa. Teria que ter mais estrutura. Pelo pouco que eu vi - não fui muito pra lá, então não sei - mas acho que precisa de mais árvores. Falta um pouco de tudo. Mais atividades. É um espaço enorme, né, que poderia ser melhor utilizado.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Yuri

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☒ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Professor de TI

Onde nasceu: São Paulo

Onde mora: Pirituba, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Perigo. Por conta dos assaltos. Ele era, até algum tempo atrás, o parque mais assaltado de São Paulo.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Tragédia. Não traz coisas boas.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?

☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?

☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

O ambiente hoje é extremamente agradável. Só uma questão energética que eu sinto algumas coisas pesadas aqui. Não me sinto bem em alguns ambientes aqui, principalmente indo mais à fundo no Parque.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Pedro Henrique

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante da ETEC

Onde nasceu: Guarulhos

Onde mora: Guarulhos

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Penso nas quadras. No futebol. Nos esportes e tal.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Prisão, massacre e tals.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?

☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?

☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho o Parque legal, gosto de vir. Dar um passeio. Intervalo não, porque eles não deixam mais a gente sair no intervalo. Só o pessoal da ETEC de artes.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Gabriel

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☒ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☒ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante

Onde nasceu: São Paulo

Onde mora: Carandiru, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

É muito daora porque a gente vem aqui ficar jogando no computador.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Que no Carandiru, que na cadeira “revirou”. As mortes, que morreu todo mundo. Eu era pequeno, minha mãe que me contou isso daí.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

O parque mudou bem. Porque antes era muito desorganizado aqui. E agora mudou e agora pode vir qualquer gente pra cá brincar.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Luciene

Data: 17/05/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☒ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☒ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Auxiliar de limpeza

Onde nasceu: Natal, Rio Grande do Norte

Onde mora: Jardim Fontalis, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Olha, como eu já trabalhei aqui, eu gosto. Lembra os velhos tempos.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Ah, Carandiru já foi pesado, né? Foi um lugar triste.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Ah, eu gosto. Acho bonito. Um lugar tranquilo. Eu gosto.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Leonardo

Data: 10/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☒ Ensino superior completo

Profissão: Professor

Onde nasceu: Tremembé, São Paulo

Onde mora: Guarulhos

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Está mais vazio. Estudei aqui quando era mais novo e ele era mais cheio... hoje em dia parece mais vazio... era tão cheio isso daqui.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Sei que tem as histórias não muito “legais”. Da última vez que eu vim, encontrei um rapaz, ele foi ex-presidiário daqui, e ele falou que ficou arrepiado [...]. Fazia não sei quantos anos que ele não pisava aqui. Uma coisa não muito legal de se lembrar, mas ao mesmo tempo, se pensar nisso, acaba não vindo e acaba não aproveitando esse espaço.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho um espaço legal, que muita gente deveria aproveitar mais. Ali as vezes acontecem algumas coisas, alguns assaltos, infelizmente, mas é um espaço muito legal. É um espaço nostálgico, meu primo andou de skate aqui, meu irmão brincou muito aqui.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Marcos

Data: 10/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☒ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☒ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Vigia

Onde nasceu: Vila Maria, São Paulo

Onde mora: Santana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Deveria melhorar um pouco mais. Antes era melhor. Hoje, essa administração não está fazendo muita coisa não. Está deixando as coisas quebrarem e não conserta. O banheiro aqui está trancado há mais de 2 meses. E é um banheiro enorme.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Lá da matança, morei em Caçapava e a gente ouvia falar. Mataram 111 detentos. Massacre né. O Massacre do Carandiru.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu gosto. Venho todos os dias aqui pra respirar, conversar com meus amigos. A gente confraterniza. Porque eu estou desempregado, ele também, o outro também, então a gente se encontra, bebe uma bebida - não usa droga - e fica compartilhando. A gente podia ficar lá no albergue, mas é muita conversa que não me agrada.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Albert

Data: 10/06/2022

Idade:

Sexo:

- ☐ Até 14 anos
- ☒ 15 – 19
- ☐ 20-29
- ☐ 30-39
- ☐ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

- ☐ Feminino
- ☒ Masculino

Escolaridade:

Profissão: Estudante

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☒ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo

Onde nasceu: Bolívia

Onde mora: Vila Maria, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente
- ☐ 3+ vezes por semana
- ☐ 1-2 vezes por semana
- ☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Um lugar mais livre, sabe? Um lugar mais aberto, eu vim pra relaxar.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Penso em um caranguejo.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☐ Sim ☒ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☒ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Gostei. Bonito, mais aberto. Já fui em outros parques, mas esse gostei. Vou vir com mais frequência.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Cibele

Data: 10/06/2022

Idade:

Sexo:

- ☐ Até 14 anos
- ☒ 15 – 19
- ☐ 20-29
- ☐ 30-39
- ☐ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

- ☒ Feminino
- ☐ Masculino

Escolaridade:

Profissão: Estudante

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☒ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo

Onde nasceu: Jardim Antártica, São Paulo

Onde mora: Jardim Antártica, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☐ 3+ vezes por semana
- ☒ 1-2 vezes por semana
- ☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Esporte.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Metrô.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu gosto, vim aqui para gravar uns vídeos. Hoje, vim fazer um trabalho de escola com o pessoal aqui.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Sara

Data: 10/06/2021

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☒ Feminino  
☐ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Vendedora

Onde nasceu: Tucuruvi, São Paulo

Onde mora:

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Pra mim, tem muitas lembranças. Estudei aqui na ETEC, tenho muitas memórias, sou muito apegada.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Massacre do Carandiru

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Gosto bastante, mas ainda sinto uma energiazinha meio pesada, pelas coisas que aconteceram.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

Nome: Danillo

Data: 10/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☒ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☒ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

Profissão: Cobrança

Onde nasceu: Santa Isabel, São Paulo

Onde mora: Barueri

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☒ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Eu não sou daqui, então, um parque (risos).

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Me lembra comida.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☐ Sim ☒ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Eu acho o Parque bonito.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Alexandre

Data: 10/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos
- ☒ 15 – 19
- ☐ 20-29
- ☐ 30-39
- ☐ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino
- ☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☒ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo

Profissão: Estudante

Onde nasceu: Mandaqui, São Paulo

Onde mora: Canindé, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☒ 3+ vezes por semana
- ☐ 1-2 vezes por semana
- ☒ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Vôlei. Amo vôlei.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Me lembra o presídio, que tinha aqui antigamente. Porque eu sei da história. Como sou da região, sei da história. Inclusive, já vi o filme.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

Acho um Parque bem legal, mas acho que falta segurança. Acho que isso que falta no Parque. Olha a situação do Parque, cadê os seguranças nas partes escuras?



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

Questionário Parque da Juventude

Nome: Kevin

Data: 10/06/2022

Idade:

- ☐ Até 14 anos
- ☐ 15 – 19
- ☒ 20-29
- ☐ 30-39
- ☐ 40-49
- ☐ 50-59
- ☐ 60 anos +

Sexo:

- ☐ Feminino
- ☒ Masculino

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☒ Ensino superior completo

Profissão: Enfermeiro

Onde nasceu: Bogotá, Colombia

Onde mora: Santana, São Paulo

Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente
- ☒ 3+ vezes por semana
- ☐ 1-2 vezes por semana
- ☐ Mensalmente

O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Deporte.

O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Antigo Cárcere.

Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção? ☒ Sim ☐ Não

Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina? ☒ Sim ☐ Não

O que você acha do Parque da Juventude?

É um parque aberto a la gente, la respiración , a naturaleza.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

**Nome:** Paulo Roberto

**Data:** 10/06/2022

#### Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☒ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

#### Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

#### Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☒ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☐ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

**Profissão:** Auxiliar de cozinha e de cabelereiro

**Onde nasceu:** Dracena, São Paulo.

**Onde mora:** Santana, São Paulo

#### Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☐ Raramente  
☒ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

#### O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Pra mim, é super bom, muito “legal”.

#### O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Penso no passado, por causa da cadeia.

**Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?** ☒ Sim ☐ Não

**Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?** ☒ Sim ☐ Não

#### O que você acha do Parque da Juventude?

Acho muito bom. Senta aqui uma galerinha, conversa, não dá trabalho pra ninguém.



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

**Nome:** Ricardo

**Data:** 10/06/2022

#### Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☐ 20-29  
☐ 30-39  
☒ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

#### Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

#### Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☒ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

**Profissão:** Serralheiro

**Onde nasceu:** Casa Verde, São Paulo.

**Onde mora:** Santana, São Paulo.

#### Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

#### O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

Os presidiários.

#### O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

Os falecidos.

**Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?** ☒ Sim ☐ Não

**Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?** ☒ Sim ☐ Não

#### O que você acha do Parque da Juventude?

Bacana. O espaço é legal, tirando os dois prédios que não foram derrubados (da Detenção). Eu acho que tinha que derrubar tudo e tirar a Penitenciária. É uma coisa minha. Porque tive pessoas aqui, amigos da minha família, que tiveram aqui e junto com a coisa que aconteceu, não estão mais aqui com a gente.





Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

### Questionário Parque da Juventude

**Nome:** Alisson

**Data:** 10/06/2022

#### Idade:

- ☐ Até 14 anos  
☐ 15 – 19  
☒ 20-29  
☐ 30-39  
☐ 40-49  
☐ 50-59  
☐ 60 anos +

#### Sexo:

- ☐ Feminino  
☒ Masculino

#### Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto  
☐ Ensino fundamental completo  
☐ Ensino médio incompleto  
☒ Ensino médio completo  
☐ Ensino superior incompleto  
☐ Ensino superior completo

**Profissão:** Auxiliar de estoque

**Onde nasceu:** Liberdade, São Paulo

**Onde mora:** Cidade Tiradentes, São Paulo

#### Com que frequência vem ao Parque da Juventude?

- ☒ Raramente  
☐ 3+ vezes por semana  
☐ 1-2 vezes por semana  
☐ Mensalmente

#### O que te vem à mente quando pensa no “Parque da Juventude”?

No Carandiru.

#### O que te vem à mente quando pensa na palavra “Carandiru”?

No presídio.

#### Você sabia que aqui existiu a Casa de Detenção?

- ☒ Sim  
☐ Não

#### Você sabia que aqui ainda existe uma Penitenciária Feminina?

- ☐ Sim  
☒ Não

#### O que você acha do Parque da Juventude?

Achei legal. Quando eu vim aqui, pensei que ia ter mais coisas do Carandiru mesmo. Mas aí percebi que foi tudo modificado.



